



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES

“EDUCAR PARA A VIDA E NÃO PARA A ESCOLA”:
A EDUCAÇÃO DESEJADA NOS CONGRESSOS INTERNACIONAIS
DE SURDOS ENTRE 1889 E 1900



VITÓRIA

2023



Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES

**“EDUCAR PARA A VIDA E NÃO PARA A ESCOLA”:
A EDUCAÇÃO DESEJADA NOS CONGRESSOS INTERNACIONAIS
DE SURDOS ENTRE 1889 E 1900**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado

VITÓRIA

2023



Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

R696" Rodrigues, José Raimundo, 1971-
"Educar para a vida e não para a escola" : a educação desejada
nos congressos internacionais de surdos entre 1889 e 1900 /
José Raimundo Rodrigues. - 2023.
320 f. : il.

Orientadora: Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado .
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Surdos - Educação. 2. Surdos - Congressos (século XIX).
3. Resistência. 4. Educação bilíngue. 5. Surdos - Protagonistas. I.
, Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES

“EDUCAR PARA A VIDA E NÃO PARA A ESCOLA!: A
EDUCAÇÃO DESEJADA NOS CONGRESSOS
INTERNACIONAIS DE SURDOS ENTRE 1889 E 1900”

Tese apresentada ao Curso de
Doutorado em Educação da
Universidade Federal do Espírito
Santo como requisito parcial para
obtenção do Grau de Doutor em
Educação.

Aprovada em 17 de março de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Hiran Pinel
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Keila Cardoso Teixeira
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Pedro Henrique Witches
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Patrícia Luíza Ferreira Rezende-Curione
Instituto Nacional de Educação de Surdos

Professora Doutora Márcia Lise Lunardi Lazzarin
Universidade Federal de Santa Maria

Professora Doutora Eliane Telles De Bruim Vieira
SEDU/PMV

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação/CE/UFES - Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória-ES
Telefone: (27) 4009-2547/4009-2549 (fax) / E-mail: ppge@ufes@yahoo.com.br



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Ata da sessão da defesa de Tese do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, do discente **José Raimundo Rodrigues**, candidato ao título de Doutor em Educação, com defesa realizada às 14 horas do dia 17 de março do ano dois mil e vinte e três, presencial e remotamente por meio de videoconferência, conforme recomendado pela Portaria Normativa 03/2020 da PRPPG. A presidente da Banca, Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado, apresentou os demais membros da comissão examinadora, constituídos pelos Doutores: Hiran Pinel, Keila Cardoso Teixeira, Pedro Henrique Witchs, Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione, Márcia Lise Lunardi Lazzarin e Eliane Telles De Bruim Vieira. Em seguida, cedeu a palavra ao candidato que em trinta minutos apresentou sua Tese intitulada "EDUCAR PARA A VIDA E NÃO PARA A ESCOLA!: A EDUCAÇÃO DESEJADA NOS CONGRESSOS INTERNACIONAIS DE SURDOS ENTRE 1889 E 1900". Terminada a apresentação do aluno, a presidente retomou a palavra e a cedeu aos membros da Comissão Examinadora, um a um, para procederem à arguição. A presidente convidou a Comissão Examinadora a se reunir em separado para deliberação. Ao final, a Comissão Examinadora retornou e a presidente informou aos presentes que a Tese foi **APROVADA**. A Presidente alertou que o aprovado somente terá direito ao título de Doutor após o cumprimento de todas as obrigações Curriculares e Regimentais do PPGE e da homologação do resultado da defesa pelo Colegiado Acadêmico. Então, deu por encerrada a sessão da qual se lavra a presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora.

Vitória, 17 de março de 2023.

Professora Doutora Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Hiran Pinel
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Keila Cardoso Teixeira
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Pedro Henrique Witchs
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione
Instituto Nacional de Educação de Surdos

Professora Doutora Márcia Lise Lunardi Lazzarin
Universidade Federal de Santa Maria

Professora Doutora Eliane Telles De Bruim Vieira
SEDU/PMV

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação/CE/UFES - Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória-ES
Telefone: (27) 4009-2547/4009-2549 (fax) / E-mail: ppgeufes@yahoo.com.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

REGISTRO DE JULGAMENTO DA TESE DO CANDIDATO AO GRAU DE DOUTOR PELO PPGE/UFES.

A Comissão Examinadora da Tese de Doutorado intitulada **“EDUCAR PARA A VIDA E NÃO PARA A ESCOLA!: A EDUCAÇÃO DESEJADA NOS CONGRESSOS INTERNACIONAIS DE SURDOS ENTRE 1889 E 1900”**, elaborada por **José Raimundo Rodrigues**, candidato ao Grau de Doutor em Educação, recomendou, após apresentação da Tese, realizada no dia 17 de março de 2023, que o mesmo seja (assinale um dos itens abaixo):

(x) Aprovado

() Reprovado

Os membros da Comissão deverão indicar a natureza de sua decisão através de sua assinatura na coluna apropriada que segue:

Aprovada

Reprovada

Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado

Hiran Pinel

Keila Cardoso Teixeira

Pedro Henrique Witches

Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione

Márcia Lise Lunardi Lazzarin

Eliane Telles De Bruim Vieira

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação/CE/UFES - Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória-ES
Telefone: (27) 4009-2547/4009-2549 (fax) / E-mail: ppgeufes@yahoo.com.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por LUCYENNE MATOS DA COSTA VIEIRA MACHADO - SIAPE 2613722 Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN Em 23/03/2023 às 09:35

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/674833?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por PEDRO HENRIQUE WITCHS - SIAPE 3039633 Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN Em 24/03/2023 às 09:48

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/675891?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por KEILA CARDOSO TEIXEIRA - SIAPE 1817251 Departamento de Linguagens, Cultura e Educação - DLCE/CE Em 24/03/2023 às 11:58

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/676133?tipoArquivo=O>

ASSINATURA

Documento original assinado eletronicamente, conforme MP 2200-2/2001, art. 10, § 2º, por:

HIRAN PINEL

CIDADÃO

assinado em 24/03/2023 16:06:51 -03:00



INFORMAÇÕES DO DOCUMENTO

Documento capturado em 24/03/2023 16:06:51 (HORÁRIO DE BRASÍLIA - UTC-3)

por HIRAN PINEL (CIDADÃO)

Valor Legal: ORIGINAL | Natureza: DOCUMENTO NATO-DIGITAL

A disponibilidade do documento pode ser conferida pelo link: <https://e-docs.es.gov.br/d/2023-29430H>

ASSINATURA

Documento original assinado eletronicamente, conforme MP 2200-2/2001, art. 10, § 2º, por:

ELIANE TELLES DE BRUIM VIEIRA

CIDADÃO

assinado em 28/03/2023 11:50:15 -03:00



INFORMAÇÕES DO DOCUMENTO

Documento capturado em 28/03/2023 11:50:15 (HORÁRIO DE BRASÍLIA - UTC-3)

por ELIANE TELLES DE BRUIM VIEIRA (CIDADÃO)

Valor Legal: ORIGINAL | Natureza: DOCUMENTO NATO-DIGITAL

A disponibilidade do documento pode ser conferida pelo link: <https://e-docs.es.gov.br/d/2023-0C8LF7>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
WAGNER DOS SANTOS - SIAPE 2374772
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/CE
Em 28/03/2023 às 18:17

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/679038?tipoArquivo=O>

*No porão seres mais lentos se agitam, menos apressados,
mais misteriosos
(BACHELARD, 2003, p. 209).*

*A escrita consiste essencialmente em empreender uma tarefa
graças à qual e ao final da qual poderei, para mim mesmo,
encontrar alguma coisa que não tinha visto inicialmente
(FOUCAULT, 2016, p. 49).*

*Aos surdos e às surdas do mundo inteiro...
Aos que se enredam na contação de histórias e descobrem,
na companhia dos porões, uma fecunda umidade...
Aos que constroem casas, mesmo sabendo-se nômades...
Aos que deixam rastros de si, dos outros, do mundo...*

BRINDES DE GRATIDÃO À VIDA E AOS VIVENTES!

Um brinde à escorpiana Lucyenne que me aceitou em mais essa empreitada, descendo comigo aos porões, escavando histórias que se fazem novas e nos renovam. A ela, vida e saúde! Somente quem acredita no desconhecido e acolhe o caos da vida pode saborear os frutos do imprevisível. Lu, quanta loucura que virou essa nossa vida! Quanta produção e nela novos jeitos de sermos quem somos em constante movimento. Obrigado por des-orientar-me! Viva la “Histórica”!

Uma saudação de gratidão aos meus companheiros do GIPLES, pelas partilhas fecundas e pelos ensaios ousados de outras formas de se dizer a história da educação de surdos. De modo muito particular, novamente, Eliane Vieira, pelas partilhas, amizade, comensalidades, cumplicidades, troca de experiências. E Katiúscia Olmo, pelas desventuras como amigos de doutorado. Viva o GIPLES!

Aos professores do PPGE-UFES pela grandeza da sabedoria que se espraia na simplicidade, na responsabilidade e compromisso com cada encontro. Viva, de modo particular, os e as docentes da linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos!

Aos funcionários do PPGE-UFES por serem companheiros das nossas lutas! Com vocês algumas demandas se tornam mais leves. Viva Diogo, Quézia, Roberta e Marulza! À estagiária Isamara, por todo apoio com os equipamentos. Vocês tornam esse espaço ainda mais maravilhoso!

Aos colegas de doutorado da Turma D 17 do PPGE-UFES. Que nossas produções alimentem esperanças! E, jamais nos esqueçamos, somos os que viveram os créditos no auge da pandemia do COVID-19. Viva a turma que muito desejou a queda do inominável!

Um brinde aos professores e professoras que se dispuseram a acompanhar-me, avaliando esse texto, fazendo-o ainda mais vivo. Pedro Witchs, continue a nos provocar! Hiran Pinel, incentive-nos a arriscar pronunciar sobre os fenômenos e sendo no mundo. Keila Cardoso, inspire-nos a buscar novas linhas de fuga. Esse texto é também parte de vocês que me acompanharam desde os exames de

qualificação! Viva quem se dispõe a pensar com o outro! À Patrícia Luíza Ferreira Rezende-Curione e Márcia Lise Lunardi Lazzarin, minha gratidão pela disponibilidade em participar dessa etapa final e se tornarem sábias interlocutoras dessa escrita. Viva a coragem dessa docência resistente cuja potência se explicita na colaboração com outro! À Eliane Telles de Bruim Vieira, o sincero abraço de agradecimento por acolher a proposta de debutar como avaliadora em minha defesa! Que juntos ousemos mais!

A quem trabalha na escola onde atuo; particularmente, Vanessa e Cristiane, que compartilharam minhas agruras e sorrisos ao fazer-me pesquisador-trabalhador. Que a compreensão a mim dispensada seja fortalecimento para outros empreendimentos em prol de nosso Arthurzinho! Na pessoa de Geovânia, agradeço a todos os professores e profissionais da EMEF ACS. Viva a EMEF Arthur da Costa e Silva! À Rúbia, Sani e Terezinha, equipe gestora da EMEF Suzete Cuendet, sempre solícitas em me auxiliar no ano de 2021. Que encontremos sempre formas de colaborar uns com os outros!

Ao pesquisador Dr. Leandro Calbente Câmara, que generosamente cedeu-me o acesso ao seu drive com os diversos documentos dos congressos. Que essa sua abertura ao desconhecido frutifique em inusitadas alegrias! Viva a partilha de fontes históricas!

Aos destemidos Jairo Barbosa Moreira, Fabrice Bertin, Maria Clara Zordan Júlio e Rémi Semblat, que mediaram o meu acesso a alguns documentos do Institut National des Jeunes Sourds de Paris. Ao casal, Gabriel e Eliézer Xavier, por conseguirem o livro de Brill nos EUA. Viva quem se disponibiliza a pesquisar com outro!

À Sarah Miglioli da Cunha Alves, bibliotecária do Instituto Nacional de Educação de Surdos, que mediou o acesso a um raro documento, incrivelmente disponível em apenas duas bibliotecas: Gallaudet e Institut de Paris. Viva a persistência acadêmica e as parcerias!

Uma saudação especial a quem brotou como amiga na minha história, convidando-me a banquetes surdos prenhes de muita vitalidade. Aline

Lage, continuemos em nossas imersões e diálogos! Você é sempre uma inspiração à pesquisa! Um viva às viagens de nossas conversas!

Um brinde a Ana Karyne Loureiro. Sua amizade e cuidados renovam as forças e impulsionam novas aventuras. Essa Ana que dá sabor e faz de qualquer evento um banquete de amizade. Que você, generosidade em pessoa, colha os frutos do amor plantado!

À Fernanda, Scheila, Luciana e João Gabriel, um brinde à amizade que nos familiariza, abrindo espaços para conversas, desabafos, fofocas, conspirações! Viva a amizade!

Um brinde, agora com café, a Elisabeth Guesnier, a quem eu devo todo o meu conhecimento de Francês, permitindo abrir um novo horizonte de pesquisa. Particularmente, aqui, agradeço pelos resumos em Inglês e Francês. Nossa amizade é motivo de constante alegria!

Um brinde aos que mais de perto vivenciaram comigo essa escrita da tese. Viva Romeu, Vitória, Bonnye, Hanna e Mag! Viva o amor em todas as suas formas! Viva a paciência de cada tempo compartilhado com os textos!

Um brinde de gratidão a todas e a todos os intérpretes que, ao longo dessa minha presença junto aos surdos, mediaram nossas partilhas de forma extremamente ética e profissional. Que as línguas se desdobrem por suas mãos!

Um caloroso brinde a todas as surdas e surdos que fazem de suas vidas uma arte resistente e protagonizam novas possibilidades de educação. No brinde a vocês, o brinde a todos os surdos e surdas do passado. Viva o protagonismo surdo!

RESUMO

A partir de uma abordagem foucaultiana, servindo-se, particularmente, dos conceitos ferramentas de resistência e contracondutas, a tese apresenta uma análise acerca da educação desejada pelos surdos e expressa discursivamente nos congressos internacionais por eles organizados no final do século XIX. Trata-se de uma pesquisa documental que tomou como *corpus* de análise os relatórios dos eventos de Paris (1889), Chicago (1893), Genebra (1896), Dijon (1898) e Paris (1900) - Seção dos surdos. A pesquisa tem como **objetivo geral**: Compreender como a educação, discursivamente proposta nos congressos internacionais de surdos no final do século XIX, se constituiu como resistência/contraconduta. Os **objetivos específicos** são: a) analisar os documentos dos congressos promovidos por surdos como arquivos e monumentos enquanto produção oficial dos anseios em relação à educação de surdos; b) investigar como discursivamente a educação dos surdos se prolifera nos documentos dos congressos de surdos; c) problematizar como nos documentos se explicitam resistências/contracondutas dos surdos diante da educação que lhes era ofertada. A análise do material que compôs o arquivo e a série pesquisada permitiu problematizar a narrativa tradicional acerca da história da educação de surdos pós-Milão (1880) e inventar uma história outra em que o protagonismo surdo é destacado. A discursividade que perpassa as reuniões e debates, apresenta uma comunidade surda educada, ativa e engajada que, para além, da oposição acerca dos métodos, expressava uma compreensão de educação. Diante disso, defende-se a tese que a pesquisa histórica acerca da educação que os surdos, discursivamente, manifestaram ao longo dos congressos do final do século XIX, sugere um “educar para a vida” como busca de conhecimento que os formasse integralmente, reexistindo ao ensino escolar vigente. A contribuição para a área de educação e, especificamente, para a história da educação de surdos se dá por propiciar uma análise de como os surdos conceberam uma proposta de educação frente àquela que os seus professores ouvintes, apoiados pelos governos de cada país, implementaram e que era bastante focada na oralização. Desta forma, ao se retomar os textos dos eventos organizados por surdos e ainda não traduzidos para Língua Portuguesa, torna acessíveis registros que têm claras ressonâncias para nosso tempo, de modo particular, no que se refere à educação.

PALAVRAS-CHAVE: Congressos de surdos; Educação de surdos; Resistência; Contraconduta; Protagonismos surdos.

ABSTRACT

This thesis is based on a Foucauldian approach utilizing the author's concepts of tools of resistance and counter-conducts. It presents an analysis of the kind of education the deaf wished for themselves, and how this was expressed discursively in the international congresses they organized in the late nineteenth century. It is a documentary research whose corpus of analysis consists of the reports of the Paris (1889), Chicago (1893), Geneva (1896), Dijon (1898) and Paris (1900) congresses - Section of the deaf community. **The general objective** is: to understand how education, discursively proposed in the international congresses of deaf people in the late nineteenth century, was considered as resistance/counter-conduct. **The specific objectives are:** a) to analyze the documents of the congresses produced by the deaf, such as archives and monuments, as the official version of their own desires in terms of deaf education; b) to investigate how documents on deaf education, discursively speaking, proliferated during the congresses of the deaf; c) to discuss how the documents explicitly show the resistance and counter-conducts of the deaf before the kind of education they were offered at that time. The analysis of the material contained in the archives of the series under research allowed us to problematize the traditional narrative about the history of deaf education after the 1880 Milan Congress, as well as fashion a different history protagonised by the deaf themselves. The discursiveness that permeates the meetings and debates also depicts an educated, active, and engaged deaf community who, beyond oppositions concerning methods, had a good understanding of education. Therefore, we defend the thesis that historical research on the education the deaf discursively claimed throughout their congresses of the late nineteenth century suggests an "education for life", a quest for a knowledge that would provide them with an integral formation and make them "re-exist" in the school system. The contribution of the present work to the area of education and, more specifically, to the history of deaf education is to provide an analysis of how the deaf conceived their education in a way that was different from that proposed by their hearing teachers, too much focused on oralisation, that was supported and implemented by the governments of each country then. Thus, the study of material, that had not yet been translated into Portuguese language, concerning events organized by the deaf, gives access to records that strike a resounding echo today, particularly, regarding education.

KEYWORDS: Congresses of the Deaf; Deaf Education; Resistance; Counter-conduct; Deaf Protagonism.

RÉSUMÉ

A partir d'une approche foucauldienne et en se servant notamment des concepts d'outils de résistance et de contre-conduites, cette thèse présente une analyse de l'éducation souhaitée par les sourds et la manière dont elle s'est exprimée discursivement dans les congrès internationaux organisés par ces derniers, à la fin du XIXe siècle. Il s'agit d'une recherche documentaire prenant comme corpus d'analyse les rapports des congrès de Paris (1889), Chicago (1893), Genève (1896), Dijon (1898) et Paris (1900) - Section des sourds. **L'objectif général** de la recherche est de comprendre comment l'éducation, proposée discursivement dans les congrès internationaux de sourds à la fin du XIXe siècle, s'est constituée en résistance/contre-conduite. **Les objectifs spécifiques** visent à: a) analyser les documents des congrès promus par les sourds, tels qu'archives et monuments, en tant que production officielle de leurs désirs concernant leur propre éducation; b) étudier comment l'éducation des sourds s'est propagée discursivement dans les documents des congrès de sourds; c) problématiser comment les résistances et contre-conduites des sourds se manifestent explicitement dans les documents face à l'éducation qui leur était proposée. L'analyse du matériel provenant des archives et des séries étudiées nous a permis de problématiser le récit traditionnel sur l'histoire de l'éducation des sourds après le Congrès International de Milan (1880) et d'inventer une histoire différente dans laquelle le protagonisme des sourds est mis en avant. La discursivité imprégnant les réunions et les débats présente une communauté sourde éduquée, active et engagée, et qui, au-delà des oppositions sur les méthodes, possédait une bonne compréhension de l'éducation. Par conséquent, nous défendons la thèse selon laquelle la recherche historique sur l'éducation que les sourds revendiquaient discursivement au cours des congrès de la fin du XIXe siècle, suggère une "éducation pour la vie", c'est-à-dire une quête de connaissances qui les formerait intégralement, et les ferait réexister dans l'éducation scolaire en vigueur. La contribution de ce travail au domaine de l'éducation et, plus particulièrement, à l'histoire de l'éducation des sourds est de fournir une analyse de la façon dont ceux-ci conçurent une proposition d'éducation différente de celle, très axée sur l'oralisation, que leurs enseignants entendants, soutenus par les gouvernements de chaque pays, avaient mis en oeuvre. Ainsi, la lecture de textes (non-traduits en portugais jusqu'à ce jour) concernant les événements organisés par les sourds eux-mêmes nous permet d'accéder à des documents ayant une résonance évidente à notre époque, en particulier, pour ce qui est de l'éducation.

MOTS-CLÉS: Congrès des sourds; éducation des sourds; résistance; contre-conduite; protagonisme des sourds.

RESUMO EM LIBRAS

<https://youtu.be/p8ly-Qbb54w>



LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Série analisada	p. 41
Quadro 2: Cronologias da história da educação de surdos	p. 68
Quadro 3: Participantes da Seção de Surdos - Congresso de Paris - 1900	p. 84
Quadro 4: Temáticas tratadas nas Seções de Ouvintes e de Surdos	p. 87
Quadro 5: Participantes do Congresso de Paris - 1889	p. 141
Quadro 6: Participantes do Congresso de Chicago - 1893	p. 167
Quadro 7: Situação da Escolas para surdos na “América” (Canadá e EUA) - 1893	p. 181
Quadro 8: Participantes do Congresso de Genebra - 1896	p. 217

LISTA DE FIGURAS¹

Figura 1: Linha cronológica dos congressos	p. 34
Figura 2: A série de pesquisa	p. 38
Figura 3: Exemplar de <i>A ordem do discurso</i>	p. 72
Figura 4: Cartão de Michel Foucault	p. 72
Figura 5: Postal da Exposição Universal de Paris - 1900	p. 130
Figura 6: Cartão de Carvalho a Cândido Jucá	p. 130
Figura 7: Foto panorâmica da Exposição Universal de Paris - 1900	p. 131
Figura 8: Comitiva americana	p. 142
Figura 9: Postal de Paris adaptado	p. 167
Figura 10: Foto dos participantes do Congresso Internacional de Paris - 1889	p. 167
Figura 11: Postal da Exposição Universal de Chicago adaptado	p. 214
Figura 12: Foto do pavilhão industrial da Exposição Universal de Chicago	p. 214
Figura 13: Cartaz da Exposição Universal de Genebra	p. 252

¹ As cartas que compõem a capa de cada capítulo foram criadas por mim. Embora sejam verossímeis, são apenas um flerte com literatura e arte.

Figura 14: Exposição Nacional de Genebra 1896	p. 253
Figura 15: Participantes do Congresso de Genebra - 1896	p. 253
Figura 16: Postal da Fonte de Moisés adaptado	p. 276
Figura 17: Programa da Exposição de Dijon	p. 277
Figura 18: Mapa conceitual	p. 292
Figura 19: Linha cronológica da história da educação de surdos	p. 295
Figura 20: Graduados e ex-estudantes do <i>College Gallaudet</i> no Congresso Internacional de 1904	p. 307

SUMÁRIO

UM CONVITE: APROXIMAR-SE CURIOSAMENTE DE UMA NOVA PORTA E ARRISCAR-SE A NOVOS APRENDIZADOS.....	24
--	-----------

CAPÍTULO 1 - DOS PROCESSOS INICIAIS DE UMA TESE: UM DAR-SE A DES-COBRIR-SE DESDE OS PORÕES	28
---	-----------

1.1 Um recuo à minha constituição desde o porão da infância.....	29
1.2 A pergunta-síntese da tese: a porção que me cabe dos porões.....	36
1.3 Sobre os usos das ferramentas e outros procedimentos de caráter metodológico: o meu movimentar-se nos porões.....	42
1.4 Das questões iniciais de onde emergiu o problema de pesquisa: o hoje que me fez ir aos porões.....	54
1.5 Revisão bibliográfica: olhando como outros desceram aos porões.....	60
1.5.1 <i>Yves Bernard e uma monumental pesquisa sobre a educação de surdos.....</i>	<i>61</i>
1.5.2 <i>Harlan Lane: uma anatomia do preconceito e a anatomia do preconceito.....</i>	<i>64</i>
1.5.3 <i>Yann Cantin: um surdo militante que sugere uma releitura da história da educação de surdos.....</i>	<i>66</i>
1.5.4 <i>Richard Brill e uma história dos congressos de professores de surdos.....</i>	<i>69</i>
1.6 Para dar outros encaminhamentos acerca destes porões.....	70

CAPÍTULO 2 - CONGRESSO INTERNACIONAL PARA O ESTUDO DAS QUESTÕES DE ASSISTÊNCIA E DE EDUCAÇÃO DOS SURDOS-MUDOS - PARIS - 1900.....	73
--	-----------

2.1. O documento: essa coisa que crio para canibalizar.....	74
2.2 As correspondências: quando as cartas nos permitem falar.....	79
2.3 Os participantes: quando falo de quem não conheço.....	83
2.4 As sessões da Seção dos Surdos: para além das palavras.....	85
2.4.1 <i>Sessão de Abertura: um encontro de encruzilhadas.....</i>	<i>90</i>
2.4.2 <i>Terceira Sessão: início da apresentação de armas contra o método oral puro</i>	<i>92</i>
2.4.3 <i>Quarta Sessão: uma educação que rompesse com a artificialidade.....</i>	<i>98</i>
2.4.4 <i>Quinta Sessão: a vida como destino de todo ato de educar.....</i>	<i>104</i>
2.4.5 <i>Sexta Sessão: a busca de encaminhamentos.....</i>	<i>117</i>
2.4.6 <i>Sétima sessão: os surdos e o mundo do trabalho até as portas se abrirem ..</i>	<i>120</i>

2.5 As festividades: os banquetes, os passeios e os piquenique.....	125
2.6 Deixar Paris (1900) para empreender outros movimentos.....	127
CAPÍTULO 3 - CONGRESSO INTERNACIONAL DE SURDOS-MUDOS - PARIS - 1889.....	132
3.1 Nove anos após Milão, mas centenário de l'Épée: quando se redescobre a força do comemorar.....	133
3.2 O documento em seu des-aparecimento: quando um texto nos conduz e quando sabemos quem o conduziu	134
3.3 Outros textos que brotam no texto: as correspondências sobre o evento, sua publicidade e outros textos que se convidam à conversa.....	136
3.4 As personagens de uma história a ser inventada: quando nos faltam nomes e sobram sobrenomes	140
3.5 O programado e o realizado: o registro de um evento.....	145
3.5.1 Abertura do Congresso: para não se falar de educação.....	146
3.5.2 Segunda Sessão: falar sobre trabalho é falar sobre educação.....	151
3.5.3 Terceira Sessão: família e educação.....	155
3.5.4 Quarta Sessão: os surdos num mundo de leis	156
3.6 Os encontros livres, os passeios, os banquetes e a despedida: a comensalidade surda e um sabor de irmandade que rompe fronteiras.....	160
3.7 Reações ao Congresso.....	163
3.8 Uma apreciação para avançarmos noutro (in)cômodo da casa dos congressos	164
CAPÍTULO 4 - CONGRESSO INTERNACIONAL DE SURDOS-MUDOS - CHICAGO - 1893.....	168
4.1 Respirar os ares da América.....	169
4.2 Os documentos e seus autores: quando selecionamos e ainda nos sobra.....	170
4.3 Os documentos dentro do documento: um buraco sem fundo em meio a águas plácidas	171
4.4 Uma multidão de surdos: uma só nação reunida na América.....	172
4.5 Um evento de pequena duração, mas de uma robustez invejável.....	173
4.5.1 <i>A situação social dos surdos-mudos</i>	175
4.5.2 <i>A percepção de um mundo em ebulição: a temática industrial e profissional.</i>	177
4.5.2.1 <i>Carreiras e profissões</i>	178
4.5.2.2 <i>O estado da educação dos surdos-mudos ou o método oral após experiência prática</i>	181

4.5.2.3	<i>A necessidade de escolas técnicas para os surdos</i>	198
4.5.2.4	<i>A educação física dos surdos-mudos</i>	201
4.5.2.5	<i>A educação superior dos surdos-mudos e seus resultados indiretos</i>	203
4.5.2.6	<i>A educação artística dos surdos-mudos</i>	204
4.5.2.7	<i>Os trabalhos da Comissão Real da Grã Bretanha</i>	205
4.5.2.8	<i>O termo "caridade" aplicado às nossas escolas e outros preconceitos relacionados aos surdos</i>	207
4.6	Quando chega a hora de deliberar	208
4.7	Um banquete e um piquenique: comensalidades surdas	210
4.8	Para arriscar entrar noutra sala.....	211
 CAPÍTULO 5 - CONGRESSO INTERNACIONAL DE SURDOS-MUDOS - GENEBRA - 1896.....		215
5.1	Para além da França.....	216
5.2	O documento: um texto com marcas surdas	217
5.3	Os participantes: novos desconhecidos	222
5.4	As sessões: debates para desmascarar uma história mal (bem)contada	225
5.4.1	<i>Primeira Sessão: o método em questão</i>	225
5.4.2	<i>Segunda Sessão: desmascarar Milão e seus seguidores</i>	232
5.4.3	<i>Terceira Sessão: uma educação para além do que já fora dado</i>	236
5.4.4	<i>Quarta Sessão: surdos educadores a romper com pretensas científicidades</i> 237	
5.4.5	<i>Quinta Sessão: da matemática ao amor ao trabalho</i>	242
5.5	As deliberações: para que os congressos produzissem efeitos.....	243
5.6	Os banquetes: a vida e seus temperos diferentes.....	249
5.7	Retrospectar para prospectar uma última sala	250
 CAPÍTULO 6 - CONGRESSO INTERNACIONAL DE SURDOS-MUDOS - DIJON - 1898		254
6.1	Um evento esquecido, aquecido e incendiário	255
6.2	O documento: quando os conflitos podem entrar para a história	256
6.3	Os participantes: quando o interior se posiciona	259
6.4	As sessões: os debates acalorados e os pensamentos divergentes	260
6.4.1	<i>Primeira Sessão: um mau início, um bom tropeço, um olhar do interior</i>	261

6.4.2 Segunda Sessão: um pedido pelo método oral puro	265
6.5 A cerimônia religiosa, a fotografia e o passeio pelo museu	270
6.6. O banquete: os brindes como ocasião de proclamar os desejos	271
6.7 A visita à Exposição Universal de Dijon	272
6.8 Para se deixar acender com Dijon.....	273
CAPÍTULO 7 - DISCURSIVIDADES EDUCACIONAIS DOS CONGRESSOS DE SURDOS: RETICÊNCIAS, COINCIDÊNCIAS, INCIDÊNCIAS, REEXISTÊNCIAS	277
7.1 Discursividades educacionais: uma constelação temática	278
7.1.1 A questão dos métodos para além das oposições	282
7.1.2 Professores surdos: os luminares do passado para reacender um presente .	284
7.1.3 Os conteúdos escolares: um currículo para além da escola	286
7.1.4 As famílias, os casamentos entre surdos: a educação em outros espaços....	288
7.1.5 O associativismo surdo: quando a língua nos une	289
7.2 Os congressos internacionais de surdos: quando o presente encontra vínculos com o passado educacional	292
POR SE CHEGAR AO FIM, DÁ-SE NOVO INÍCIO: OUTRAS JANELAS SE ABREM DESDE O SÓTÃO...	296
a) Autoavaliação do percurso de pesquisa.....	297
b) Prospecções desde o sótão da casa.....	299
REFERÊNCIAS	307
a) Fontes primárias	307
b) Outras obras	309
ANEXO.....	318

UM CONVITE: APROXIMAR-SE CURIOSAMENTE DE UMA NOVA PORTA E ARRISCAR-SE A NOVOS APRENDIZADOS...

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2000, p. 55).

[...] a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz. Somente os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. Ao devaneio pertencem os valores que marcam o homem em sua profundidade. O devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização. Ele desfruta diretamente seu ser. Então, os lugares... onde se vê o devaneio se reconstituem por si mesmos num novo devaneio. É justamente porque as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios que as moradias do passado são em nós imperecíveis (BACHELARD, 2003, p. 201).

Como a educação de surdos, discursivamente proposta nos congressos internacionais de surdos, entre 1889 e 1900, se constitui como um desejo dos surdos? Esta é, de forma sintética, a questão que me moveu nesse projeto de pesquisa. Na sua aparente concisão encontram-se inúmeros questionamentos que, nos últimos anos, têm consumido parte de meu tempo, lançando-me em buscas inesperadas. Fiz-me um perguntador sobre a história da educação de surdos...

Veiga-Neto (2012), servindo-se da proposta bachelardiana nos incita: *É preciso ir aos porões*. Bachelard, em *A poética do espaço* (2003), reflete sobre os sentidos da casa e, com uma sensibilidade fenomenológica, vai nos colocando em contato com suas partes, seus cômodos, sua vida. A casa é um ser vivo. A casa exige trânsito entre andar intermediário, o sótão e o porão. Afinal, a casa também pode ser compreendida na sua polissemia como lugar de família, ambiente da intimidade. Talvez, esteja aí, de maneira concisa o próprio exercício de pesquisa acadêmica: um trânsito entre os andares da casa na busca por refletir a questão que me impulsionava...

Na grande casa da história da educação de surdos, parece existir um porão pouco conhecido. A temática dos congressos organizados por surdos no século XIX, particularmente a partir de 1889 e início do século XX parece-me empoeirada,

desfazendo-se como alguns dos documentos que registraram tais eventos. Descer a esse porão e revirar, em meio a tantas outras coisas, os textos dos congressos é um exercício inusitado. Afinal, na narrativa predominante acerca da história da educação de surdos, pouco ou quase nada se sabe sobre os congressos organizados pelos próprios surdos e como neles é manifestado um desejo de educação, apesar das propostas dos ouvintes sobre como deveriam ser educados. Os surdos também desejavam ser educados...

A vida habita nesse porão, no sentido de que o que lá podemos encontrar não é um material morto, desprovido de sentidos. Sequer este material existe antes que eu o encontre, o delimite, o nomeie e o constitua para meus fins. Apesar disso, ousou dizer que habitam muitas vidas sob a aparente escuridão, ou seja, uma multiplicidade de personagens emerge quando mergulhamos no porão e nos damos conta dos saberes daquelas colunas, vigas, pois

O historiador tem o compromisso em atravessar o rio da morte, tem um compromisso com os mortos, em trazê-los novamente a vida, para que suas ideias, suas ações, seus gestos continuem repercutindo no presente, instaurando um diálogo tenso e diferencial com o tempo e os vivos que somos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 254).

A presente pesquisa está organizada em oito movimentos. No primeiro, procuro situar a pesquisa no contexto de minha trajetória acadêmica, na sua relação com a revisão bibliográfica, na perspectiva teórico-metodológica adotada, formalizando a pergunta que guiou a pesquisa. Do segundo ao sexto movimentos convido a experimentarem comigo um pouco daquilo que vivi ao descer aos porões e manusear e ser manuseado pelos textos dos congressos internacionais organizados pelos surdos entre 1889 e 1900. O desejo era de ir até 1937, mas a abundância de dados fez-me parar. O sétimo movimento sintetiza o que foi assimilado, organizando os elementos da análise de dados. Por fim, no oitavo movimento, apresento as considerações que encerram essa tese, mas que são portas ou janelas que se abrem para outras pesquisas. Caminhos para mim e para outros...

Não estranhe se, nesse texto, a escrita oscilar entre as primeiras pessoas do plural e do singular. Neste texto há muitos que me acompanham e com os quais tenho compartilhado intuições, percepções, dúvidas, leituras, fazendo-me uma pessoa abensonhada. Para além dos vivos há uma multidão de surdos e surdas falecidos que passaram a me acompanhar. Seus nomes, suas falas registradas nas atas, aquilo que

eu pude imaginar sobre seus corpos são também sinais dessas presenças do interior do texto que falam de um além das páginas. Esses muitos que em mim habitam exigem, por vezes, que *eu escrevamos* de outra forma. Também você, que agora me lê, sabe que também me habita e vai adentrando nesse nós-eu...

Tampouco se deixe perturbar por uma escrita reticente. O que não completo é apenas uma forma de chamar você para conversar. E longas conversas poderiam nascer nessas reticências, quer seja com você ou com aqueles outros do além páginas. A escrita em reticências é a minha “e-vasão” do texto, é meu desejo por companhia, é minha forma de viajar no tempo. Três pontos paralelamente alinhados podem ser metáfora de tudo que se desalinha, de tudo que nos escapa, de tudo o que nos deixa estupefatos...

Ah, também não se irrite se, por acaso, achar-me muito brincalhão, de pregar peças com minhas artes, de deixar você em dúvida sobre algum documento. Eu os pari com a reta intenção de demonstrar que eles são sempre criações, frutos de uma imaginação, concretização de algo que já desapareceu, mas que ressurge em mim como possibilidade. O início e o final de cada capítulo trazem peças verossímeis, ainda que não documentos históricos. São a expressão dos documentos que eu gostaria de ter encontrado...

Espero que o conjunto do texto explicita a defesa da tese de que *a pesquisa histórica acerca da educação que os surdos, discursivamente, manifestaram ao longo dos congressos do final do século XIX, sugere um “educar para a vida”, como busca de conhecimento que formasse o surdo integralmente, reexistindo a um ensino escolar vigente*. Desta maneira, essa outra narrativa histórica aponta para o desejo por educação que escapa à simples querela pelos métodos, rompe com a destinação ao mundo do trabalho, para se tornar um exercício que possibilitasse ao surdo viver com dignidade desde a infância até à velhice, apresentando uma comunidade surda ativa, engajada nas lutas e organizada. Não se desejava a garantia de um acesso à escola, mas sim a uma vida que poderia ser melhor graças a um outro tipo de saber escolar...

O presente texto quer ser, tão somente, mais uma porta aberta para que, juntos, possamos adentrar nos porões e arriscar nossas vidas naquilo que pode ser colocado em suspenso. E, se ora tomo você pela mão e conduzo por essas linhas, é para que juntos desçamos as escadas e nos entrincheiremos sobre papéis tão antigos que,

labirinticamente, nos devolvem ao nosso tempo. E que ao soltar nossas mãos esse texto continue a nos vincular...

Aos que me tocarem, lerem, violentarem...

Eis-me aqui nessa fragilidade. Sou corpo entregue, porém, jamais inerte!

Sou fruto de desejos, nem sempre claros, por vezes, escusos...

Sou texto e guardo, conservo e sirvo a vós outros aquilo que de mim fizeram, na carne, que me cortaram com tinta e tipos, com linhas e costuras, formando cisuras...

Sou inscrição fadada ao esquecimento, ao abandono num canto, ao silêncio frio do tempo...

Sou registro destinado a criar expectativas nunca plenamente satisfetãs...

Sou esse papel que poderia ter sido queimado e, talvez, ainda brevemente o seja...

Sou essa marca, que alguém batizou de documento para inserir-me em séries e pincar-me, cotejar-me e intercambiar-me a seu bel prazer...

Sou uma irrupção de um momento, mas o que dele conservo são apenas ventos, são pequenas peças que a você caberá gerar histórias...

Sou anúncio e denúncia de apagamentos diversos, não trazendo em minhas vísceras a infima parte do que foi vivido...

Sou apelo a um consumo de vinho e queijo, deixando-me marcar, manchar e mancar pela tintura roxa e o riso frouxo, empapando-me pelos dedos trêmulos e gordurosos...

Sou essa coisa criada para criar tantas outras e, por fim, não dar-me como verdade, nada provar a não ser que permaneço aberta e disposta a incendiar...

CAPÍTULO 1

DOS PROCESSOS INICIAIS DE UMA TESE: UM DAR-SE A DES-COBRIR-SE DESDE OS PORÕES

Acorda Zé o “munho” tá moendo pedra o milho acabou antes da hora quantas horas mãe não quero levantar deixa eu dormir me ajuda menino eu não vou descer lá sozinha vem pegá a lamparina cadê o fósforo na descida tem lodo vem devagar tá muito escuro o barulho das águas do córrego pareciam uma cachoeira era o silêncio da noite que tudo intensifica fui descendo e temendo a escuridão entre os pés de laranja eu pensava ver vultos criava olhos que nos acompanhavam e um arrepio de medo sempre me invadia a lamparina pouco iluminava naquele caminho que era mais conhecido pelos pés que pelos olhos numa memória de corpo acostumado a descer e subir chegamos ao porão cadê as chaves abre o cadeado e novo breu e nova ameaça de que os habitantes daquele lugar avançassem contra nós e a luz trêmula da lamparina torna gigantes as sombras que provocamos temo olhar na direção delas ache o saco de milho do Sr. Deca e põe na balança nove quilos de fubá é o que temos que tirar amanhã fecha aí e mais uns passos no escuro e chegamos ao moinho que roía pedra sobre pedra como a vida a roer-nos subi e despejei o milho de repente o som se modifica e de novo começa a sair aquele fubá fino resultado de tanto sofrimento fechamos o moinho e na passarela de madeira sobre a água que move o rodíz fui tomado de que as águas não mais voltavam pois estavam destinadas ao mar como eu estava destinado a “porçonizar” voltamos para a cama e dormi o sono infantil com seus fantasmas sem me preocupar deixando a outros a tarefa de pontuar-me...

[...] o saber não é feito para consolar: ele decepçiona, inquieta, secciona, fere (FOUCAULT, 2000c, p. 255).

Para o porão também encontraremos, sem dúvida, utilidade. Nós o racionalizaremos enumerando suas comodidades. Mas ele é em primeiro lugar o ser obscuro da casa, o ser que participa das potências subterrâneas. Sonhando com ele, concordamos com a irracionalidade das profundezas (BACHELARD, 2003, p. 209)

1.1 Um recuo à minha constituição desde o porão da infância

Em que momento conheci - tive ciência, percebi intencionalidade - que estava a conhecer o mundo? Conhecer parece ser algo intuitivo, natural; todavia, ao longo da história de cada um de nós, constitui-se como um ato voluntário, intencional, uma postura sedenta de saber acerca de... E um sem fim de possibilidades se nos apresentam como labirintos, afrontando nossa pretensão de onisciência. Conhecemos no “cadinho” de nossa vida, neste crisol que depositamos o parco saber que intentamos reter...

Neste memorial procuro retomar partes de meu processo de conhecimento, de colocar-me, curiosamente perturbado, no mundo, pois, se retrocedo à minha infância,

é porque considero que naquela etapa vivi situações indelévels. Tento restringir meu olhar ao aspecto acadêmico, mas cioso de que houve muito a conhecer fora dos espaços escolares e que minha casa, no interior mineiro, com seus seis cômodos sobre dois porões, arremessou-me precocemente na “perguntação”. Era uma casa velha que continha numa das paredes a inscrição de sua reforma: junho de 1969. Uma casa sem sótão, mas que ousou contra argumentar com Bachelard (2003), nem por isso desprovida de sonhos. Antes de ser nossa morada, nosso ninho no mundo, essa casa fora um ponto comercial à beira de uma estrada rural. A vida é sempre comércio, economia...

Os dois porões teriam sido usados com objetivos distintos: um deles para armazenar alimentos; e outro, cujo acesso se dava por um alçapão bem disfarçado no canto do piso da sala, servia como esconderijo de mercadorias em eventuais fiscalizações. Nós guardávamos de um a tudo naqueles espaços. E eu gostava de habitar ali parte de meus dias. A umidade do porão, o seu silêncio, suas sombras instigantes, o cheiro da madeira dos barrotes do teto misturado com o cheiro da terra. O porão não era cimentado, seu chão batido explicitava em que aquela casa se aprofundava...

No primário, fui assumindo um *modus operandi* cujas sequelas ainda ressinto. Como único aluno filho de pais separados e vivendo em uma comunidade de forte tradição moral católica, esforçava-me por ser o estudante que jamais causaria problemas e, conseqüentemente, evitava, assim, alguma demanda de diálogo da professora com minha mãe. Silvia Maria Augusta, era analfabeta. Nunca assinou o nome, embora o desejasse para relegar ao passado o “Rodrigues” que “des-herdara” do casamento. Os bilhetes e boletins escolares eu mesmo lia para ela. Mas, na sua simplicidade, todos os dias, à luz de uma lamparina, cansada do trabalho na lavoura ou como lavadeira, minha mãe conferia os meus cadernos. E fui, aos poucos, compreendendo que a distinção entre azul e vermelho tinha muita força de expressão...

A entrada no “Ginásio” revelava quão poucos do interior da cidade dariam seqüência aos estudos. Eu estava lá naquela escola imensa e, mais uma vez, minha única estratégia era ser um dos melhores para que ninguém percebesse aquilo que, em mim, eu poderia considerar como um dos piores. O janeiro que antecedeu a minha

sexta série, possivelmente, foi determinante, pois duas gêmeas de uma família vizinha ingressariam no “Ginásio”, e os pais, temendo que elas não correspondessem ao nível de exigência da nova etapa, pediram-me que desse aulas de reforço para as duas meninas. Num dos porões de casa, improvisamos mesa e cadeira, e um pedaço de eucatex servia como quadro. Ali me vi aprendendo-ensinando. Simultaneidade e classificação já estavam bem subjetivadas por mim e no porão...

A graduação em filosofia potencializou minha capacidade de olhar inconformadamente para o mundo. Amei Marx com uma paixão que me fazia desejar ser o novo Moisés, a conduzir o povo escolhido para a terra da abundância. Encerrei o curso com uma monografia medíocre sobre a religião em Marx. Medíocre porque acharam bastante displicente de minha parte questionar a religião numa faculdade católica. Era-me inevitável problematizar, desde Marx, o ópio do povo. Continuei na vida religiosa. O curso de teologia, mais ainda que a filosofia, possibilitou-me dar vazão ao turbilhão de dúvidas que trazia comigo, e que eram um modo de existir. Alhures ficara o menino positivista, mas surgia o homem sacerdotal...

Realizei duas pesquisas acadêmicas na área da Teologia Sistemática. Um mestrado e um doutorado em torno de vocábulos joaninos. Em 2010, depois de um processo bem complexo, rompi com o meu itinerário religioso e tomei a educação como meu novo espaço de atuação. Havia sido professor nos dez anos anteriores, porém em contextos de instituições confessionais. Aos poucos, despi-me de muitas marcas religiosas que, como tatuagem, haviam se afigurado à minha pessoa...

Ingressei na educação pública e insatisfeito com o que via sendo realizado na escola e o que eu fazia enquanto coordenador, estabeleci comigo que necessitava de uma capacitação na área da educação. Surgiu daí o desejo de ingressar no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES (PPGE-UFES). Optei por uma pesquisa na linha de Educação Especial – talvez resquício de religiosidades – e por essa perspectiva desejei problematizar educação, cinema e sexualidade desde a perspectiva dos docentes do Acompanhamento Educacional Especializado. Fiz o processo seletivo para ingresso em 2017, mas fiquei como suplente...

Abril de 2017, graças a uma desistência, fui chamado pelo PPGE-UFES. A vaga era na linha de Educação Especial, mas a orientadora estudava educação de surdos. Numa primeira conversa com a professora Lucyenne, depois de esclarecer

que desconhecia a temática e nem sabia Libras, tendo percebido sua acolhida e aposta em uma possível contribuição minha pela formação em filosofia, embrenho-me na pesquisa. Ano seguinte, no contato com os documentos e na proximidade com a equipe bilíngue da escola, o terreno novo da educação de surdos reaguçou em mim a capacidade de inquirir...

Encontrei-me, então, noutra área de pesquisa, com pessoas e temas que me eram estranhos. Extremamente bem acolhido pelo GIPLES (Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Libras e Educação de Surdos), percebi-me como estrangeiro. E pude cantar com Caetano:

[...] E eu menos a conhecera, mais a amara/ Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela/ A áspera luz laranja contra a quase não luz quase não púrpura/ Do branco das areias e das espumas/ Que era tudo quanto havia então de aurora/ Eu ouço as vozes/ Os dois me dizem/ Num duplo som/ Como que sampleados num sinclavier/ É chegada a hora da reeducação de alguém [...]
O que é uma coisa bela! [...] E eu, menos estrangeiro no lugar que no momento/ Sigo mais sozinho caminhando contra o vento/ E entendo o centro do que estão dizendo/ Aquele cara e aquela/ É um desmascarar/ Singelo grito/ O rei está nú, mas eu desperto porque tudo cala frente ao fato de que o rei é mais bonito nú [...] (CAETANO VELOSO, 1989).

Estrangeiro por não ser usuário de uma das línguas correntes no grupo. Falavam e praticavam uma língua que eu desconhecia e ainda não domino. “O exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente” (SAID, 2003, p. 60). Desde minha condição de exilado, tendo rompido com meu lugar natal e com o lugar que, durante anos, estabeleci como minha “naturalidade”, encontrava-me entre estranhos. Via-me como descontínuo, talvez, procurando restituir-me uma identidade, revelando minha excentricidade...

No final de janeiro de 2018, a professora Lucyenne sugeriu-me estudar as atas do Congresso de Paris, Seção dos Ouvintes. E, talvez, a observação inocente da menção “Seção dos Ouvintes” disparou em mim a questão: “E onde estão as atas da Seção dos Surdos?”. Naquela mesma noite, fiz uma empreitada pela *internet* e encontrei o texto das atas. De imediato traduzi do francês as 20 deliberações dos surdos e compartilhei com Lucyenne. Ganhei passaporte livre e com incentivo para mergulhar naqueles novos/velhos textos...

Iniciei uma imersão em documentos franceses do século XIX. E das perguntas mais banais – algumas inauditas e outras cujas respostas ainda não eram

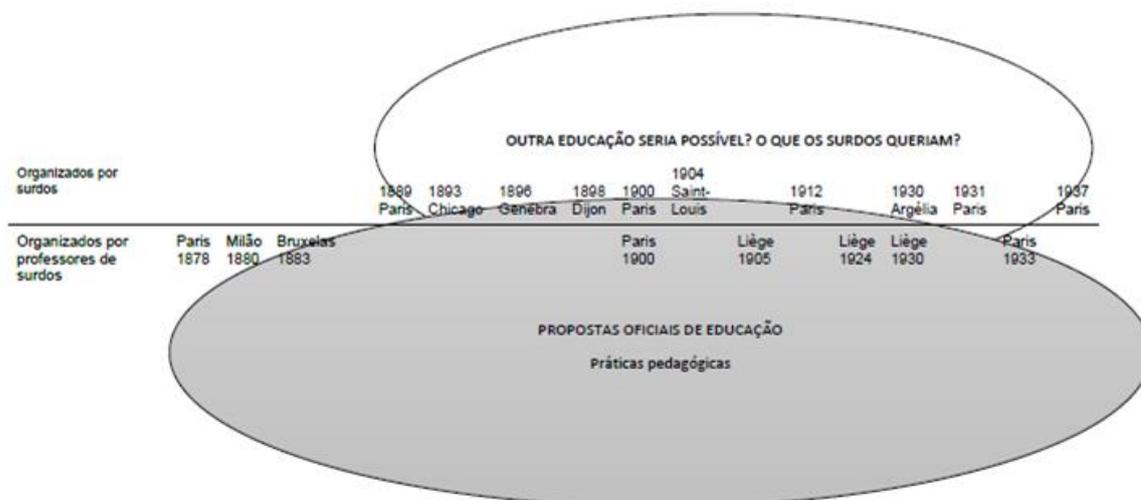
suficientemente fortes – fui me inteirando de uma outra e surpreendente narrativa da história da educação de surdos. Iniciei uma descida aos porões daquela história. Remexi em papéis antigos, pouco conhecidos, alguns, de fato, desconhecidos. Trabalhando com Foucault, senti o quanto a escrita era uma arte e quanto nela eu experimentava uma possibilidade de problematizar sem temores. Mergulhei numa história que não era minha, numa comunidade que desconhecia, numa obscuridade cheia de preciosidades a serem reditas, agora no Brasil...

Tínhamos, até então, o conhecimento de dois congressos sobre educação de surdos (Milão - 1880 e Paris - 1900 - Seção dos Ouvintes) e, depois da descida aos porões, eis que nos deparamos com outros sete eventos, apenas, no final do século XIX (Paris - 1878; Bruxelas - 1883; Paris - 1889; Chicago - 1893; Genebra - 1896; Dijon - 1898; Paris - 1900 - Seção dos surdos). Eram textos a serem lidos, refletidos, traduzidos, popularizados. É um trabalho para duas vidas, mas resta-me parte de uma...

E como se não bastasse, minha veia de habitante de porão levou-me a encontrar também textos dos congressos organizados pelos surdos no século XX. Mais materiais a serem remexidos e divulgados. Uma história que estava lá no fundo dos porões, dos arquivos de bibliotecas e que pode nos trazer muitos questionamentos sobre o que tínhamos dito e escrito sobre a educação de surdos. E minha contribuição com a pesquisa de doutorado é justamente a de problematizar como a educação proposta pelos surdos, nos congressos por eles organizados, é resistência e contraconduta diante da educação que lhes era “im(pro)posta” e “(in)vestida” como mero atributo escolar. Essa hipótese impulsionou-me ao porão...

A seguir apresento a linha cronológica de congressos com seus dois grandes blocos. O visualizar a existência desses congressos é uma provocação à narrativa predominante e sua ênfase em apenas uma dessas reuniões. Milão foi um encontro dentre vários outros e, debruçarmo-nos sobre esses outros, pode ser a oportunidade de uma outra narrativa sobre a história da educação de surdos. A educação pensada por professores ouvintes e tornada oficial permanecia como solo sobre o qual os surdos ousavam propor outras formas de educação. Sempre um desejo outro permeou a vida, mesmo quando subjugada...

Figura 1: Linha cronológica dos congressos



Fonte: Elaborada pelo autor com base nas atas dos congressos

Ao fazer esse retrospecto em que, certamente, “des-velo-me”, “des-cubro-me”, também me perguntei sobre a forma como pesquiso. Sinto-me homem dos porões. Talvez seja essa a regularidade entre as coisas que pesquisei ao longo de minha trajetória. Desde a filosofia, passando pela teologia, eu desejei refletir sobre temas que outros rejeitaram ou que não eram tão apreciados na época. As novas pesquisas na área da educação de surdos confirmam esse meu movimento para trás, esse desejo de escavar, mania de cavoucar num afã de intimidade com o chão, uma aptidão por fazer arqueogenealogias...

Sinto-me marcado por essa linha invisível que remete-me ao passado, ao aparentemente sepultado. Há um prazer nesse movimento, nesse estar no porão. Talvez, sofra de “*perquirerefilia*”. Percebo-me movido por perguntas, privilegiado por uma boa intuição investigativa, aberto e atento ao novo que emerge de tantas folhas velhas, esmaecidas...

Mas retomo a questão que iniciei ao apresentar-me: “como tomei ciência de que estava a conhecer o mundo?” Penso que o perguntar, o inquirir a mim e ao mundo, foi meu jeito de conhecê-lo – que, de formas diferentes, foi se manifestando. Possivelmente, foi com resistências e contracondutas que me fiz perguntador. E, retrospectivamente, vejo que abdiquei da posse da verdade objetiva comprovável; desisti de ser arauto da verdade salvífica de um mundo oprimido; encontro-me como

um perguntador a produzir verdades e perceber as outras verdades deste mundo sem a pretensão de reter o objeto nem de ser o redentor de mim nem do mundo...

E se cada dia eu me sinto mais cheio de dúvidas, não é porque não tenha avançado em direção ao conhecimento, mas porque quanto mais conheço, mais sei-me sem saber. Sei que o conhecimento se dá a mim como inconcluso e, por isso, escapa-me com frequência, diz-me muito, mesmo quando nada fala ou quando me calo. Desço e subo a escada do porão, experiencio o que dele e dela hoje me tocam, perpassam-me e fazem-me também escada e, em parte, porão. E, nesse vai e vem, eis-me a perguntar porque não sou outro se não aquele que expressa em perguntas aquilo que camaleonicamente me constitui...

O meu hoje retoma o passado; nele se deleita, brinca, ri, e, de repente, para com certa sobriedade depondo o olhar sobre o que “fui-sendo-sou” como pessoa que conhece. Não há essência a ser revelada, e, na minha condição de educador, reconheço que “em certo sentido, o mestre é aquele que mantém o homem na infância. Mais ainda, ninguém pode se afirmar como mestre, se sua própria infância, sua própria potência e exposição não são postas em jogo” (MASSCHELEIN, 2003, p. 287). A infância acompanha-me como potência, pondo-me em movimento, deslocando-me de mim; como potência de ser de palavra que “sou-sendo-fui”, permitindo-me traduzir o mundo; como potência de pensamento ou reminiscência que mostra-me o quanto sou também estrangeiro de mim no andar intermediário da casa...

Júlio Aquino também nos coloca em contato com essa perspectiva um tanto diferente de compreender a infância

Infância em estado de hibridez permanente, regida pela gramática de um vitalismo inviolável em suas máximas fragilidade e delicadeza. Infância não como antecâmara do existir, mas como prerrogativa ético-política de quem vive, enquanto vive, porque vive. Infância, em suma, não como lócus originário da experiência humana, mas exatamente como sua força de variação e, quiçá, de reinvenção (AQUINO, 2019, p. 147).

Ainda neste mesmo cenário, Larrosa nos sugere:

O caminho na direção da criança de espírito não é nem memorização nem caminho de retorno, mas, como veremos, uma cuidadosa renovação da palavra e uma tenaz pré-ocupação em dar forma às coisas da natureza e dos homens, em ler o mundo de outra maneira, da qual possa surgir um começar plenamente afirmativo, “formalmente selvagem” (LARROSA, 2017, p. 59).

Esta pesquisa é, pois, o fruto desse corpo que, como grande razão, brinca e se deleita com a pequena razão, permitindo-lhe formular interrogações (NIETZSCHE, 1992). E que, desse jogo vivido no corpo, eu pude colocar-me na pesquisa com meus vínculos mais infantis que ainda me fazem exultar de alegria ante um pequeno achado de um texto, de uma obra, de uma novidade – esse regozijo nada pueril que remexe com minhas entranhas, saídas e entradas. A pesquisa envolveu minhas memórias e afetos, trançando, na rede que sou, as incontáveis pessoas que me compõem e me traçam...

os documentos não falam ou se dirigem apenas a razão, eles não impactam aqueles que os leem apenas através das informações, dos dados a que dão acesso. A relação dos pesquisadores com os documentos, com o arquivo não é apenas da ordem do racional, os documentos emocionam, mexem com a sensibilidade do pesquisador, os documentos se tornam mais ou menos relevantes, se tornam dignos de eleição, de escolha, de seleção, de recolha, de registro e de citação pela emoção que causam no pesquisador, pelo impacto sensível que exercem sobre quem os lê. A ideia de que a relação com o documento é apenas da ordem do racional é uma mitificação (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 83).

Creio que, por aventurar-me no terreno da história, era necessário esse recuo na minha própria jornada como pesquisador. Recuo em que tento retrospectar, com os olhos do presente, as formas discursivas das quais me servi e com as quais produzi conhecimentos. E em que isso se relaciona com a pesquisa em questão? “É preciso submeter a vida a uma pedra de toque para separar exatamente o que é bom do que não é bom no que se faz, no que se vê, no que se é, na maneira de viver” e “a maneira como se vive, a maneira como se viveu, é disso que é preciso dar conta” (FOUCAULT, 2011, p.127; p. 139). Esse voltar-me a mim, em primeiro lugar, ajudou-me a perceber que movimentos fiz e faço quando pesquiso; em segundo, retrospectar também as estratégias que, resistente-contradutadamente, constituem-me, tornando-me vigilante sobre mim; em terceiro, permite ao interlocutor compreender de onde parto ou, quem sabe, de onde nunca saí sem jamais ter sido assumido pelo lugar; por fim, diz já, por antecipação, sobre meus modos de agir ao descer ao porão...

1.2 A pergunta-síntese da tese: a porção que me cabe dos porões

Em meio a tantas coisas nos porões, o que desejo pesquisar num processo historiográfico? Desejo apresentar minha pergunta-síntese. Por ela indico o que me

atravessou e o que deixei, consciente ou não, atravessar-me, o que, para mim, constituiu-se como experiência (LARROSA, 2004). Eis-nos em experiência...

Ao final dos congressos os surdos procuravam sintetizar, a partir de algumas considerações, aquilo que gostariam de deliberar. Atrevo-me aqui a servir-me do estilo das deliberações para estabelecer aquela que foi a pergunta que me conduziu, que direcionou meu olhar, que cerceou, certamente, minha busca, que delimitou meus anseios. A pergunta que se abriu até certo ponto, mas que me condicionou...

Considerando que o período entre o final do século XIX e início do século XX está repleto de congressos internacionais e nacionais, organizados tanto por professores de surdos quanto pelos próprios surdos; que no período de 1878 a 1900 ocorreram congressos promovidos por professores de surdos (Paris - 1878; Milão - 1880; Bruxelas - 1883 e Paris - 1900 - Seção dos Ouvintes) em que, a partir de uma regularidade de práticas se sistematizou uma proposta de educação fortemente assentada sobre o método oral; que estes quatro congressos tiveram como protagonistas professores ouvintes que atuavam em estabelecimentos de educação de surdos, na sua maioria, vinculados a grupos religiosos e havia nestes eventos uma proposta de educação. Considerando que havia, pois, uma educação sempre pensada pelos ouvintes como a melhor para os surdos...

Considerando que no ano de 1889 aconteceu o Primeiro Congresso Internacional, organizado por surdos, tem-se, possivelmente, então, nos eventos internacionais (Paris - 1889; Chicago - 1893; Genebra - 1896; Dijon - 1898 e Paris - 1900 - Seção dos Surdos) uma reação à toda política educacional elaborada por professores ouvintes e destinada aos surdos; que estes eventos foram organizados, principalmente, pelas associações de surdos e funcionavam também como fomento para o surgimento de novas associações em outros países (RODRIGUES, 2018). Considerando que uma história de apagamentos precisa ser lida desde novas narrativas, outras repetições, outras criações...

Considerando que o Congresso de Paris (1900) foi organizado em seções distintas para ouvintes e surdos; que os desencontros que impossibilitaram um diálogo profícuo entre ambas as partes aponta para existência de resistências/contracondutas por parte dos surdos; haja vista que, tanto uma ação pastoral, quanto biopolítica se esforçava por conduzir as suas vidas por uma, cada

vez mais evidente, associação entre pedagogia e medicina (RODRIGUES, 2018)². Considerando que a própria Seção dos Surdos constituiu-se como uma contraconduta...

Considerando que nossa pesquisa se restringe aos documentos dos congressos organizados por surdos no período de 1889, marco do primeiro congresso internacional pós-Milão, e 1900, final do século XIX; que neste arco temporal, assim delimitado, e com o acesso aos relatórios dos eventos, temos elementos suficientes para a pesquisa e nos conservamos dentro de um contexto de certa regularidade discursiva. Considerando no que o desenvolvimento de uma concepção de educação por parte dos surdos se delineaia...

A pergunta-síntese que moveu e demoveu essa pesquisa pode ser delimitada na seguinte forma:

Como a educação de surdos, discursivamente proposta nos congressos internacionais de surdos, entre 1889 e 1900, se constituiu como uma resistência/contraconduta?

Figura 2: A série de pesquisa



Fonte: Elaborada pelo autor com base nas atas dos congressos

² Sobre a relação entre medicina e pedagogia na educação de surdos: RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO, 2021a.

Ensejo, pois, compreender as regras dessas discursividades, ou seja, aquilo que Foucault nomeia como *episteme* de uma época. Veiga-Neto sintetiza essa designação da seguinte maneira:

[...] um conjunto de condições, de princípios, de enunciados e regras que regem sua distribuição, que funcionam como condições de possibilidade para que algo seja pensado numa determinada época. Uma episteme funciona enformando as práticas (discursivas e não-discursivas) e dando sentido a elas; ao mesmo tempo, a episteme funciona também em decorrência de tais práticas (VEIGA-NETO, 2007, p. 96).

A pergunta-síntese funcionou, a bem de uma honestidade acadêmica, como grande disparador de outras questões que me permitiram elaborar e reelaborar perguntas outras. Assim, posso dizer que a pergunta-síntese foi também resultado de um sem fim, mas também um “sem sim” de perguntas que me fiz até circunscrevê-la. Nada é natural. E, justamente, em desnaturalizar também se ratificou a minha postura investigativa. Não se buscavam coerências, mas o que a discursividade poderia me ofertar e eu dela ser capaz de ceifar como fruto com o qual me saciasse, lambuzasse e viciasse e fosse um viço para mim. Por isso, desejei ler textos das atas dos congressos, atento às miudezas, aos ditos que parecem nada dizer para que eu pudesse com eles compor...

Foucault nos recorda que

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

A história, desde a arqueogenealogia foucaultiana, é aquela que repara nos discursos que sustentam os processos. Nas palavras de Foucault, “chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (...)” (FOUCAULT, 2000a, p. 132). O discurso é uma rede de enunciados, jamais se configurando como apenas um conjunto de palavras. E tais enunciados estão dados desde diversos pontos que se intercomunicam e permitem essa teia, que, anônima e historicamente, eivada de determinações no tempo e espaço, define, num dado momento e para um dado grupo, as condições de possibilidade de sua emergência. Acredito que a educação, discursivamente presente nos congressos de surdos, foi também marcada

por enunciados que a torceram e a esticaram, a arrefeceram e a inflamaram, a balizaram e a avalizaram, e, a um só tempo, tornaram possível dizer “educação”...

Ora, por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso é visível; ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres. É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo. Talvez ele seja tão conhecido que se esconde sem cessar; talvez seja como essas transparências familiares que, apesar de nada esconderem em sua espessura, não são apresentadas com clareza total. O nível enunciativo se esboça em sua própria proximidade (FOUCAULT, 2000a, p. 125-126).

Larrosa, ao refletir sobre a leitura da lição, afirma algo que pode ampliar nossa reflexão:

No ler a lição, não se buscam respostas. O que se busca é a pergunta à qual os textos respondem. Ou melhor, a pergunta que os textos abrigam em seu interior, ao tentar respondê-la: a pergunta pela qual os textos se fazem responsáveis. Por isso, a única resposta que se pode buscar na leitura é a responsabilidade pela pergunta. [...] Por isso, a leitura não resolve a questão, mas a reabre, a re-põe e re-ativa, na medida em que nos pede correspondência (LARROSA, 2017, p. 176-177).

Colocada a questão pesquisada, emergiu, então, a reflexão acerca da abordagem teórico-metodológica a ser experienciada ao lidar com o material raro e pouco conhecido dos congressos. Eu pretendi, nesses porões, sujar as mãos, atrever-me a passar páginas que podiam, por sua fragilidade, desfazerem-se entre meus dedos, sentir o cheiro da antiguidade dos livros, inspirar o pó que neles habita apesar de tê-los apenas virtualmente...

Foi necessário definir com que materiais trabalharia. A série com a qual trabalho foi composta por documentos de congressos internacionais de surdos do recorte temporal de 1889 a 1900. Escolho os textos oficiais e um ou outro de relatórios menores. O desejo de ir até 1937 foi abandonado diante da quantidade de material encontrado e suas possibilidades de análise que conduziram-me até a educação desejada pelos surdos. Compor uma série de pesquisa é exercer também o poder delimitar, cortar, fatiar o passado desde meus interesses. E essa série poderia ter sido outra, mas alguns documentos pareciam-me pedir outros e foram assim, de alguma maneira, também guiando-me nas decisões. As escolhas que fiz de documentos mostram apenas o quanto o pesquisador é um “in-tencionador” de provocações...

Quadro 1: Série analisada

CONGRESSO	DOCUMENTO	AUTORES/RELATORES	DISPONÍVEL EM:
1900 PARIS	Seção dos surdos Congrès International pour l'Etude des Questions d'Assistance et d'Education des Sourds-Muets: compte rendu des débats e relations diverses. Paris: Imprimerie d'ouvriers sourds-muets, 1900	Henri Gaillard; Henri Jeanvoine.	https://2-as.org/editions-du-fox/gaillard-henri/164-1900-congres-international-des-sourds-muets-paris.html
	Seção dos ouvintes Congresso Internacional para Estudo das Questões de Educação e de Assistência de Surdos-Mudos. Rio de Janeiro: INES. (Histórica, Vol. 5) ³	Ladreit de Lacharriére; Baguer; Legay; Martha; Renard; Saint-Hilaire	https://www.ines.gov.br/publicacoes
1889 PARIS	Congrès International des Sourds-Muets de 1889. Paris: Association Amicale des Sourds-muets de France, 1890.	Victor-Gomer Chambellan	https://2-as.org/editions-du-fox/chambellan-victor/159-congres-international-des-sourds-muets-de-1889.html
	Report of Professor Draper on the International Congress of Deaf Mutes at Paris. Washington: Government Printing Office, 1890.	Amós G. Draper	https://archive.org/details/gu_reportprofess00drap
1893 CHICAGO	Le Second Congrès International des Sourds-muets - Chicago - 1893. Paris: Association Amicale des Sourds-muets de France, 1893.	Henri Gaillard	https://2-as.org/editions-du-fox/gaillard-henri/160-1893-second-congres-international-des-sourds-muets-chicago-1893.html
	Proceedings of the World's Congress of the Deaf and the Report of the Fourth Convention of the National Association of the Deaf. [s.n.]: Chicago, 1893.	Thomas F. Fox.; Olof Hanson; Robert P. McGregor	https://play.google.com/books/reader?id=ic3GTN69IH4C&pg=GBS.PA8&hl=pt
1896 GENEBRA	Troisième Congrès International des Sourds-Muets - Genève - 1896. Paris: Journal des Sourds-Muets, 1898.	Henri Gaillard	https://2-as.org/editions-du-fox/gaillard-henri/161-1896-troisieme-congres-international-de-sourds-muets.html
1898 DIJON	Le Congrès International des Sourds-muets - Dijon - 1898. Agen: Lithographie Agenaises, 1899.	Joseph Chazal	https://2-as.org/editions-du-fox/chazal-joseph/162-1898-le-congres-international-des-sourds-muets-dijon.html

Fonte: elaborado pelo autor com base nos documentos analisados.

³ Fac-símile em edição bilíngue, permitindo o acesso ao texto original francês.

1.3 Sobre os usos das ferramentas e outros procedimentos de caráter metodológico: o meu “movimentar-me” nos porões

Que abordagem teórica e que percurso metodológico utilizar ao lidar com documentos raros sobre os congressos organizados por surdos? Descer aos porões poderia ser movimento capcioso e desprovido de significado caso ali me instalasse sem intencionalidades. No porão, os “raros” apontavam para outros documentos e tal qual um labirinto havia riscos de perder-me e, encontrar-me, talvez, sem um fio de Ariadne. Servi-me da abordagem foucaultiana para ler e analisar tais documentos e também produzir o registro dessa pesquisa. Nesse movimento conjunto, penso que os conceitos ferramentas sugeridos por Foucault me auxiliaram...

Considerando a realizabilidade da pesquisa, propus como **objetivo geral**: compreender como a educação, discursivamente proposta nos congressos internacionais de surdos no final do século XIX, se constituiu como resistência/contraconduta. E como **objetivos específicos**: a) analisar os documentos dos congressos promovidos por surdos, como arquivos e monumentos, enquanto produção oficial dos anseios em relação à educação de surdos; b) investigar como, discursivamente a educação dos surdos se prolifera nos documentos dos congressos de surdos; c) problematizar como, nos documentos, se explicitam resistências/contracondutas dos surdos diante da educação que lhes era ofertada. Objetivos são direcionamentos e condicionamentos...

A inspiração foucaultiana produziu o desejo de escrever em infiel fidelidade e, por isso, aqui a necessidade de discutir o método nesta abordagem. Os textos foucaultianos nos sugerem certa força da escrita que ultrapassa os limites das intenções iniciais de uma obra. Entretanto, Foucault domina sobejamente o bisturi que corta e recorta, fazendo-nos ver a carne que até sabíamos que estava ali, mas que sequer tínhamos nela nos detido. Foucault, ao comentar sobre suas obras nos afirma que:

todos os meus livros, seja a *Historie de la Folie*, seja este (*Vigiar e Punir*) são, se você quiser, caixinhas de ferramenta. Se as pessoas querem abri-los, se servir dessa frase, daquela idéia, de uma análise como de uma chave de fenda ou uma torquês, para provocar um curto-circuito, desacreditar os sistemas de poder, eventualmente até os mesmos que inspiraram meus livros..., pois tanto melhor" (FOUCAULT *apud* ERIBON, 1990, p. 220).

Como ele mesmo sugere, suas elaborações devem ser tidas como ferramentas úteis para determinadas ações; inúteis ou pouco colaborativas em outras. Desci para o porão com a caixa de ferramentas. Inicialmente, arrisco dizer que algumas delas são essenciais para uma análise investigativa de documentos históricos: *a priori histórico*; arquivo; documento-monumento. E fui mexendo na caixa...

Os textos dos congressos se me apresentam como textos que trazem consigo uma historicidade, pois, enquanto textos oficiais eles me permitem ler uma discursividade. Todavia, poderíamos nos perguntar sobre as discursividades que deles escapam: “E as conversas em sinais durante os banquetes?” “E os olhares e expressões fisionômicas manifestados desde o primeiro momento de encontro?” “E os comentários feitos pelos corredores do evento?”, “E os trechos suprimidos para a publicação final?”. Há outras tantas histórias que não foram contadas!

Contudo, mesmo ao pensar no que não foi contado, também não tenho a pretensão de recontar uma história dos congressos, afinal, como nos recorda Ricouer (2007), os fatos não dormem nos documentos. Mas sinto que é a história presente neles quem dá sustento ao que se constrói nos congressos e seu *a priori* é o conjunto normativo que permitiu uma dada prática discursiva. Movi-me com Foucault em uma inquietação:

[...] inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades (FOUCAULT, 1996, p. 8).

Para Foucault, o *a priori histórico* diz respeito ao conjunto de normas, de regras, que caracterizam uma prática discursiva. Desta forma, não é um *a priori* para além dos acontecimentos, é uma estrutura temporal, pois

essas regras não se impõem do exterior aos elementos que elas correlacionam; estão inseridas no que ligam; e se não se modificam com o menor dentre eles, os modificam, e com eles se transformam em certos limiares decisivos. O *a priori* das positivities não é somente o sistema de uma dispersão temporal; ele próprio é um conjunto transformável (FOUCAULT, 2000a, p. 145).

Considero tais documentos como um arquivo que, conforme Foucault, é algo vivo que me comunica tanto sobre o ato de se conservar vestígios como sobre o poder de colocar em palavras, em novo registro de palavras as palavras ditas, uma dada

experiência, os sinais realizados. O arquivo compreendido em sintonia com o processo arqueológico proposto por Foucault diz respeito a uma reescrita, pois a própria arqueologia não pretende reconstituir um passado e o que foi pensado ao se proferir um discurso. A arqueologia, com Foucault, é movimento que se debruça sobre o discurso:

Em outras palavras, não tenta repetir o que foi dito, reencontrando-o em sua própria identidade. Não pretende se apagar na modéstia ambígua de uma leitura que deixaria voltar, em sua pureza, a luz longínqua, precária, quase extinta da origem. Não é nada além e nada diferente de uma reescrita: isto é, na forma mantida da exterioridade, uma transformação regulada do que já foi escrito. Não é o retorno ao próprio segredo da origem; é a descrição sistemática de um discurso-objeto (FOUCAULT, 2000a, p. 158).

Ricoeur afirma que a arqueologia foucaultiana “atua em quatro frentes: novidade, contradição, comparação, transformação” (RICOEUR, 2007, p. 210). Desta forma, o passo inicial consiste em perceber o original, no sentido daquilo que rompe com o já-dito, com o sedimentado, e depois observar a coerência das ideias e captar as rupturas. E passa-se à comparação como momento interdiscursivo em que visões de mundo coexistem. Por fim, o momento de multiplicar as diferenças e considerar, acima de tudo, uma firme recusa em diminuí-las (RICOEUR, 2007). É a aposta de que o contínuo se forma com as mesmas condições do descontínuo enquanto discursividade...

A História nos possibilita entender o presente como diferença e ao tempo como diferenciador, nos permite perceber que o ser do tempo se diz na diferença. Portanto, uma das tarefas da História é o ensinar e o permitir a construção de maneiras de olhar o mundo, de perceber o social, de entender a temporalidade e a vida humana. A História nos ensina a desnaturalizar, ter um olhar perspectivo, atentar para as diferenças e relativizar nossos valores e pontos de vista (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 255).

Fez parte desse processo um “ir ao arquivo, retirar de lá a forma canônica para deformá-la, para dobrá-la a ponto de devir outra radicalmente distinta, fazer uma forma morrer para acontecer outra [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 51). E minha escrita é tão somente possibilidade de uma outra escrita, cotejada, mastigada, ferida, daqueles textos que em minhas mãos, embora raros e preciosos, são cortados pelo fio amolado que me conduz e seduz. Eu fatiei os textos...

A noção de arquivo proposta por Foucault em *A arqueologia do saber* possibilita-nos o diálogo com os documentos que selecionamos e com aquilo que

neles nos interessava mais diretamente. Foucault retoma essa noção da seguinte forma:

Por arquivo entendo, primeiramente, a massa das coisas ditas em uma cultura, conservadas, valorizadas, reutilizadas, repetidas e transformadas. Em resumo, toda essa massa verbal que foi fabricada pelos homens, investida em suas técnicas e suas instituições, e que é tecida com sua existência e sua história (FOUCAULT, 2014a, p. 52).

Assim, sinto que não sou apenas alguém que lida, mexe, “catuca” arquivos. Sei-me também produtor de arquivos à medida em que trago para a cena aqueles textos e os lanço à mesa para que outros os vejam e com eles se envolvam e revolvam afirmações. Ser “homem do arquivo” — alcunha que carinhosamente recebi da professora Lucyenne e acolhi com regozijo — é situar-se nesse lugar em que o conservar pode ser compartilhado com o transformar. Damo-nos em textos...

Habitar o arquivo implicará, então, o empenho de cartografar os arranjos veridictivos de que se ocuparam nossos antepassados, as polêmicas que os absorveram, as intrigas que os abateram, os quais não cessam de nos enredar, uma vez que pontilham tanto as verdades que refugamos sem pensar, quanto as que insistimos em perpetuar (AQUINO, 2019, p. 145-146).

Por assim dizer, o arquivo que eu produzo também me delimita. Acercio-me de um tempo que não é este do quando escrevo as possíveis abordagens dos documentos. O tempo que está em jogo é constituído de outra natureza; é um tempo de uma narrativa, de uma discursividade, de uma omissão ou escondimento de outras tantas discursividades. Acolho, pois, com Foucault que

A análise do arquivo comporta, pois, uma região privilegiada: ao mesmo tempo próxima de nós, mas diferente de nossa atualidade, trata-se da orla do tempo que cerca nosso presente, que o domina e que o indica em sua alteridade; é aquilo que, fora de nós, nos delimita (FOUCAULT, 2008, p. 148).

Esses documentos gozam de um estatuto, ao meu olhar foucaultiano, que é de documentos-monumentos, ou seja, “um produto da sociedade que o fabricou segundo relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 1990, p. 541). Encontra-se também nessa relação uma compreensão de história. Para Foucault, a história deve abdicar da pretensão de buscar o frescor do passado por meio dos documentos materiais. A história é um exercício...

o trabalho e a utilização de uma materialidade documental (livros, textos, narrações, registros, atas, edifícios, instituições, regulamentos, técnicas, objetos, costumes etc.) que apresenta sempre e em toda a parte, em qualquer sociedade, formas de permanências, quer espontâneas, quer organizadas. O documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, memória; a história é, para uma sociedade, uma certa

maneira de dar status e elaboração à massa documental de que ela não se separa (FOUCAULT, 2000a, p. 7-8).

Foucault herda, de alguma maneira, de Nietzsche a compreensão de que a história precisa estar ligada à vida e aos vivos:

Pensada como ciência pura e tornada soberana, a história seria uma espécie de conclusão da vida e de balanço final para a humanidade. A cultura histórica só é efetivamente algo salutar e frutífero para o futuro em consequência de uma nova e poderosa corrente de vida, do vir a ser de uma nova cultura, por exemplo; portanto, só se ela é dominada e conduzida por uma força mais elevada e não quando ela mesma domina e conduz (NIETZSCHE, 2003, p. 17).

Trago comigo uma concepção de história que deseja dialogar também com aquela concepção de história presente nos documentos. E se eu compreendo a história como essa minha capacidade de “interlocutar” com o passado por meio de pistas que nos foram deixadas, atrevi-me a abraçar esses rastros, sabendo que podiam devanear-se. Com Foucault quis ver as contingências, o mutável, o insignificante, o que de tão conhecido merece ser estranhado. Apeguei-me a uma leitura dos discursos compreendendo-os como forças em contínuo movimento, escapando-me, prendendo-me, exigindo-me, criando reticências...

é o próprio conceito, é o discurso lançado sobre a empiria que a transforma em evidência. Nada é evidente antes de ser evidenciado, ressaltado por alguma forma de nomeação, conceituação ou relato. Os documentos são formas de enunciação e, portanto, de construção de evidências ou de realidades. A realidade não é uma pura materialidade que carregaria em si mesma um sentido a ser revelado ou descoberto, a realidade além de empírica é simbólica, é produto da dotação de sentido trazida pelas várias formas de representação. A realidade não é um antes do conceito, é um conceito (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 25).

Os documentos a serem analisados pertencem ao gênero textual “ata”. Os textos dos relatórios dos congressos promovidos por surdos foram procurados, encontrados e coletados, em sua maioria, através de pesquisas em sites na rede mundial de computadores onde se encontram disponíveis para *download*. Tal procura se deu por vestígios/rastros deixados pelos que me antecederam nas pesquisas. Incontáveis horas de navegação, ora com resultados, ora sem sucesso. Ousaria inverter o poeta português: “viver é preciso, navegar não é preciso!”. Mas, em quase todos os momentos sempre encontrava algo que ajudava, ainda mais, a mostrar a complexidade do que eu desejava pesquisar. Interconexões que se faziam de documentos, e, assim, a coleta assemelha-se a uma rede em que diversos pontos se

comunicam e, até mesmo, exigem-se para sua sustentação. Eu mesmo era puxado pela rede...

Um dado documento torna-se elegível, copiável, reproduzível, citável [...], não apenas porque dadas teorias e metodologias, dadas teses nos movem, mas também, e talvez, principalmente, porque o tal documento nos comove. Faz com que nos movamos em dada direção, nos faz abalar e nos abalam em determinada direção, e nos embalam com dadas sensações e emoções (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 93).

Numa ata se seleciona, se classifica, se prioriza, se valoriza um dado, se ofusca algo constrangedor ou se o declara propositalmente e com anuência da assembleia. A ata não é um escrito que tem somente por finalidade registrar, o mais imparcialmente, um dado evento. Ela é o registro mais que parcial do evento; ela é o texto que oficializa um dado discurso, que faz perdurar por tempos uma narrativa, que concede vida a uma personagem, que rompe os limites do próprio registro. É o texto que lança nomes no esquecimento e inscreve outros na abóbada celeste. É um produto delimitado por desejos, por subjetividades, por um jogo de poder-saber extremamente forte. Atas são atos...

Tenho as atas dos congressos como esses textos marcados por uma complexidade originária e destinados a uma preservação da memória. Todavia, parece-nos, que no caso dos congressos, como aponta a pouca pesquisa sobre o tema, as atas não se perpetuaram na memória dos surdos. E, no caso específico dos surdos e pesquisadores brasileiros, a impressão que temos é a de que esses textos foram eclipsados por Milão (1880). Portanto, desejei compreender como as peculiaridades desses registros me exigiriam domínio das ferramentas foucaultianas e como essas mesmas ferramentas permitiriam-me delinear suas peculiaridades. Percebe-se que é um movimento em que o objeto ditou a ferramenta, mas a ferramenta também condicionou o objeto. Há uma relação...

Uma ata também não está isenta de autoria. Jamais se constitui como fotografia de um evento. Está mais para um desenho da ocasião em que também se manifesta ali um sujeito oficial, público, que se nomeia relator e, ao mesmo tempo, coerente com as exigências de sua função, afirma-se em fidelidade aos fatos. O autor ou autores que assinam os relatórios dos congressos, por mais que tenham sido eleitos para tal função ou, talvez, justamente por isso, carregaram o fardo de traduzir em palavras a efemeridade. Mexemos com textos de um autor acossado por si e pelo possível leitor

que não estava ainda ali ou que esteve no evento e depois aguardava ansiosamente para verificar o registro, mas que também teve, tem ou terá autoria de parte do texto. O autor é sempre mais que o autor...

A função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários "eus" em, simultâneo, a várias posições-sujeitos que diferentes de indivíduos podem ocupar (FOUCAULT, 1992, p. 56-57).

Os autores das atas sequer poderiam imaginar que décadas à frente seriam lidos por um ouvinte de outro continente. As atas dos congressos de surdos são, por sua natureza, uma tradução. São textos que tentam colocar na tipografia um outro texto que foi sinalizado e naquela situação traduzido e registrado por pessoas, possivelmente, intérpretes. Pessoas que, na fugacidade do sinal, que na mínima fração de segundos em que se desfaziam no ar para que uma nova configuração de mãos gerasse novo sinal, capturavam o expresso. Prenderam no papel essa língua que escapa e que não permite facilmente ter apenas um rascunho. As atas são traduções oriundas de rascunhos, de notas estenográficas, de textos previamente escritos, mas que, no calor do evento, talvez tenham sido modificados. As atas foram textos em metamorfose...

As atas são, posteriormente, objeto de revisão pelos surdos que assinaram os relatórios. Tal qual um texto censurado, cotejado, elas se me apresentaram para que eu também as corte, vilipendiando-as porque também sinto-me a "historiografar", também sinto-me autor, também sinto-me um cortador, pois

como toda escrita, um documento de arquivo está aberto a quem quer que saiba ler; ele não tem, portanto, um destinatário designado, diferentemente do testemunho oral, dirigido a um interlocutor preciso; além disso, o documento que dorme nos arquivos é não somente mudo, mas órfão; os testemunhos que encerra desligaram-se dos autores que os "puseram no mundo"; estão submetidos aos cuidados de quem tem competência para interrogá-los e assim defendê-los, prestar-lhes socorro e assistência (RICOEUR, 2007, p. 179).

Porém, ainda não estava a discursividade que procurava. Pois, como Foucault pondera:

Renunciaremos, pois, a ver no discurso um fenômeno de expressão - a tradução verbal de uma síntese realizada em algum outro lugar; nele buscaremos antes um campo de regularidade para diversas posições de

subjetividade. O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos (FOUCAULT, 2000a, p. 61).

Na discursividade das atas há exterioridades e confluências que, talvez, em meio aos arremedos dos surdos, enrede uma trama complexa de inúmeras contradições que, ao fim e ao cabo, escapava aos presentes e, ao mesmo tempo, os possuía. Com Foucault, interessou-me perscrutar esses documentos, escavando neles não uma nova verdade, mas aquilo que eles podem me comunicar sobre a educação de surdos. E, talvez, com as unhas sujas, com as mãos calejadas, eu pude ir compondo certa gênese que foi se desenvolvendo e que ainda tem algo a nos comunicar. Historiar é uma arte...

Como toda atividade artesanal o trabalho do historiador leva-o a sujar as mãos, implica uma relação corpo a corpo, subjetividade a subjetividade, com o seu material de trabalho. O historiador se mistura e sai com as roupas, o corpo e a alma marcados pelo seu material de trabalho, pelos acontecimentos, pelas vidas e ações que vem a pôr em cena. Assim como as mãos e o corpo do artesão, a subjetividade do historiador sai calejada ou cheia de cicatrizes de seus encontros com as vidas humanas, com as lutas, com as ilusões e desilusões daqueles que vieram nos anteceder (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 34).

Considerando que Foucault, apenas didaticamente, pode ser cotejado em três fases⁴, arrisco que essa minha pesquisa tem também seu quinhão ético. Revolvi os textos do passado, capturei-os com meu olhar, acolhi suas palavras, mas também os interpelei num diálogo em que ambos falamos, mas que eles, enquanto fontes que fui constituindo, reverberam em mim e me permitiram dizer deles. Tornei-me intérprete deles...

No porão, transmutado em oficina, possivelmente, outras e outras ferramentas foram exigidas. Com Ricoeur, eu me encontrei no terreno em que também a historiografia é, por sua natureza, uma forma de tradução. “[...] a tarefa do tradutor não vai da palavra à frase, ao texto, ao conjunto cultural, mas ao inverso:

⁴ Didaticamente, costuma-se distinguir três Foucault: Ser-saber; Ser-poder e Ser-consigo. A cada um corresponderia uma ênfase metodológica: arqueologia, genealogia e ética. Cf. VEIGA-NETO, 2007, p. 33-86. Concordamos com Fischer: “Talvez nem devêssemos insistir ir em três fases de Foucault [...] porque penso que os grandes temas de sua produção - os temas do poder, do sujeito e a questão dos saberes e do discurso - estão presentes desde sempre, desde sua História da loucura, desde a pesquisa sobre O nascimento da clínica, desde Vigiar e punir, até os três volumes da História da sexualidade; enfim, dos primeiros até os últimos escritos” (FISCHER, 2012, p. 48, itálico da autora).

impregnando-se por vastas leituras do espírito de uma cultura, o tradutor desce novamente do texto a frase e à palavra” (RICOEUR, 2012, p. 61). Esse meu eu que leu os textos do passado também os subjetivou e deixou neles digitais num exercício de tradutibilidade, de hospitalidade linguística. Fui eu um leitor...

Considerando o jogo de forças, o movimento de saber e poder colocados em constantes deslocamentos, a partir da leitura dos documentos, pareceram-me necessários também os conceitos ferramentas de resistência e contraconduta. Considero que as duas ferramentas se interpenetram e são mais um modo vocabular distinto que formas específicas de se operar investigações. Os surdos não se opunham ao fato de serem considerados educáveis, mas queriam, eles mesmos, manifestar de que forma consideravam possível vivenciar o processo da educação escolarizada. O texto me pediu ferramentas e, como óculos, ao volver novamente meus olhos sobre as páginas, elas me apontavam para outras demandas, outros graus nas lentes. No fundo há conflito entre mim e o texto, nem ele nem eu somos tão dóceis...

Todavia, compartilho desse trabalho que é

insuflar nova vida aos relatos que nos dizem o que era o passado, através do uso da imaginação, da nossa capacidade poética de retramar o que está tramado, redizer o que está dito, rever o que já foi visto, para que estes relatos nos sirvam para demarcar a nossa diferença, sirvam-nos para nos tramarmos, dizermos e vermos de uma outra forma. A História é experiência que se troca com o passado, para melhor distanciá-lo, para que nós possamos ser cada vez mais estranhos a estas vozes e seres que se anunciam do antanho, mais estranhos a nós mesmos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 153).

As fontes com as quais trabalhamos são os documentos dos congressos entre 1889 e 1900, totalizando cinco eventos. Acreditamos que esse conjunto, numa leitura com inspiração foucaultiana nos permitiu delinear como, em meio às diversas discussões — pois os congressos não eram sobre educação apenas —, os surdos explicitaram uma concepção de educação. São estes documentos que tomei para violentar...

Pois como Foucault pondera

[...] entre o conhecimento e as coisas que o conhecimento tem a conhecer não pode haver nenhuma relação de continuidade natural. Só pode haver uma relação de violência, de dominação, de poder e de força, de violação. O conhecimento só pode ser uma violação das coisas a conhecer e não

percepção, reconhecimento, identificação delas ou com elas (FOUCAULT, 1999, p. 18).

Como ocorreram outros congressos organizados por professores de surdos, necessitei averiguar como circulava uma proposta de educação que se refletia ou não na concepção proposta pelos surdos. Desta maneira, tivemos como fontes principais as atas dos eventos de surdos, mas também nos remetíamos, quando necessário, aos registros dos congressos organizados por ouvintes. Reconhecemos assim a devida relevância dos congressos de professores de surdos como provocação, à qual os surdos respondem com suas reuniões. E recordo-me de Foucault:

[...] são movimentos que têm como objetivo outra conduta, isto é: querem ser conduzidos de outro modo, por outros condutores e por outros pastores, para outros objetivos e para outras formas de salvação, por meio de outros procedimentos e outros métodos. São movimentos que também procuram, eventualmente em todo o caso, escapar da conduta dos outros, que procuram definir para cada um a maneira de se conduzir (FOUCAULT, 2008a, p. 256-257).

Ao se pensar em resistências e contracondutas, Foucault sugere compreender o poder capilarizado. Não há um detentor do poder; ele se espalha e nesse jogo, aparentemente contraditório, se sustenta. Daí que as resistências e contracondutas não se constituem como simples enfrentamentos...

[...] o problema central do poder não é o da “servidão voluntária” (como poderíamos desejar ser escravos?): no cerne da relação de poder, “induzindo-a” constantemente, temos a reatividade do querer e a “intransitividade” da liberdade. Mais que de um “antagonismo” essencial, seria melhor falar de uma “agonística”... uma relação que é, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e de luta; trata-se menos de uma oposição termo a termo que os bloqueia um face a outro e, bem mais, de uma provocação permanente (FOUCAULT, 1994, p. 238).

Sem resistência e contraconduta não há poder. Elas não se dão desde fora, mas coetânea e imiscuída a ele. Elas são um ponto de partida que, compreendendo as complexas estratégias, sugerem, até mesmo um esclarecimento acerca do poder:

Gostaria de sugerir uma outra forma de prosseguir em direção a uma nova economia das relações de poder, que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre a teoria e a prática. Ela consiste em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida. Para usar uma outra metáfora, ela consiste em usar esta resistência como um catalisador químico de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados. Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias (FOUCAULT, 1995, p. 234).

Frente ao poder, a pergunta a se fazer não é mais a se ele é bom ou não. É preciso despir-se da moral e compreender as resistências e as contracondutas desde a ordem da luta (CASTRO, 2016). Acerca da luta, vale recordar que Foucault designa parte de sua atenção àquele tipo de luta que se opunha às formas de sujeição, as quais tendem a fazer o sujeito vincular-se consigo mesmo. Sendo assim, como aqueles que desejam fazer visível o que está visível, abre-se possibilidade para se promover outras formas de individualidade. Não precisamos assumir as formas que nos impõem...

E, atualmente, a luta contra as formas de sujeição – contra a submissão da subjetividade – está se tornando cada vez mais importante, a despeito de as lutas contra as formas de dominação e exploração não terem desaparecido. Muito pelo contrário. [...] Sem dúvidas, os mecanismos de sujeição não podem ser estudados fora de sua relação com os mecanismos de exploração e dominação (FOUCAULT, 1995, p. 235-236).

Considero que necessitei aprofundar as noções de Foucault acerca da resistência e contraconduta, compreendendo-as desde um horizonte em que eu também não criasse oposições ou classificações entre os termos. Essas noções, parecem-me, em constante diálogo e interação, apontando para a dinâmica do jogo incessante do poder. E ao lidar com discursividades, concordamos com Foucault que

Não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o discurso dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes (...) Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. ~ preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo" (FOUCAULT, 1977, p. 95-6).

Resistências e contracondutas são modos outros de estar no jogo, são possibilidades inventivas e criativas que se dão a partir deste movimento de perceber-se subjetivado. São as insubmissões até então impensadas, mas ali gestadas e surgidas porque não se desejava tão somente acolher as velhas condutas. Ousa-se arriscar outros modos de condução...

[...] movimento tão específico quanto esse poder pastoral, movimentos específicos que são resistências, insubmissões, algo que poderíamos chamar de revoltas específicas de conduta [...]. São movimentos que têm como objetivo outra conduta, isto é: querer ser conduzido de outro modo, por outros condutores e por outros pastores, para outros objetivos e para outras formas de salvação (FOUCAULT, 2008a, p. 257).

Deparei-me com modos de resistência e contracondutas utópicos e infames (SILVA, 2018), heterotópicos e heterocrônicos. E os saberes tidos, por muitos, como sujeitados reemergiram pela crítica e eles mesmo formaram a crítica...

[...] os “saberes sujeitados” são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos [...] Por “saberes sujeitados”, eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos (FOUCAULT, 2010b, p. 8).

Não estariam nessas emergências outros modos de resistências e contracondutas que problematizam nosso presente? Se descemos aos porões, que saberes são esses que por lá ficaram e vamos trazer, a fim de que por lá não permaneçam?

Por fim, em relação ao percurso metodológico, elaborei um roteiro de análise dos documentos (Anexo) que permitiu a produção de dados. O roteiro foi inspirado no esquema paradigmático proposto por Sánchez Gamboa que “busca recuperar a lógica essencial da pesquisa científica: a relação básica entre uma pergunta (P) e uma resposta (R)” (GAMBOA, 2007, p. 71). Por meio desse roteiro procurei orientar a segunda leitura dos textos, contemplando seus aspectos técnicos, metodológicos, teóricos, epistemológicos e gnosiológicos. Tal roteiro permitiu-me perceber o que se constituía como fratura, ruptura, rasgo, rompimento. O roteiro também contribuiu para a definição dos trechos que necessitei traduzir para usos e abusos no texto da tese, deixando-os colocar-me à prova, pois

Documento não é prova, é provocação, provocação à inteligência e à sensibilidade, provocação à imaginação e ao sonho, provocação à interpretação e à criação, provocação à criação de sentido, provocação aos sentidos e aos desejos. Documento não é prova, é provação, ele coloca à prova a capacidade de quem com ele lida de analisar, pensar, compreender, imaginar, intuir, criar, criticar, desconfiar, argumentar, sentir, se deixar afetar (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 96).

Este roteiro, composto de muitas perguntas, foi tão somente um instrumento, acredito, útil para poder tomar as atas e com elas dialogar. Enquanto roteiro, circunscreveu como também ampliou possibilidades. Ao conhecer a proposta de Gamboa (2007), considerei ser algo que pudesse colocar-me próximo ao estilo das notas infundáveis que Foucault fazia para que delas, depois, eu pudesse dizer algo, abrindo-me aos textos. Não desejava agir como inquisidor diante dos textos. Havia

em mim um desejo de dialogar investigativamente com os documentos. Queria estar ali com aqueles textos e os homens e mulheres que deles me chamavam a diálogos...

1.4 Das questões iniciais de onde emergiu o problema de pesquisa: o hoje que me fez ir aos porões

Como o problema de pesquisa que propus foi se delineando a ponto de se materializar naquela pergunta-síntese e evocar aquele processo teórico-metodológico? Desafiado por esse questionamento procurarei recuperar aquilo que minha memória selecionou. Ela nunca é imparcial! E, tal registro, na escolha de uma linguagem própria da academia, talvez, perca certa densidade do vivido, do experienciado, do que me perpassou. Mas, arrisquemo-nos, porque, muito provavelmente, outros vestígios poderão ser captados neste registro...

Penso/sinto, quem sabe, “pensinto” esta escrita da tese num contexto humano bastante inusitado. O ano de 2020 iniciou-se com alertas, inicialmente tidos por muitos como alarmistas e exagerados, de que seríamos atingidos por uma nova pandemia causada pelo novo agente do coronavírus, o *nCoV-2019* (BRASIL, 2020). Em um curto espaço de tempo passamos dos primeiros casos na China para um mundo afetado por uma síndrome respiratória com alto índice de mortalidade. A Covid-19 colocou em xeque nossa aparente organização e as pretensas onipotências da ciência e da tecnologia, comandadas pela economia neoliberal. O mundo mostrou-se como é: um caos!

O distanciamento físico sugerido pelas lideranças da saúde encontrou forte oposição por parte de muitos, inclusive. A postura negacionista do governo federal minimizava o problema, contribuindo junto com outros fatores, para as quase setecentas mil mortes, apenas no Brasil. Foi nesse clima de tensão, no contexto do distanciamento físico que estudei, que escrevi na tensão do possível imediato morrer — trânsito entre o viver e o estar morto — e no contato com a morte. Os milhares de mortos me acompanhavam. Em cada pessoa que morria, alguns conhecidos e até próximos, uma parte da humanidade se esvaía. E essa pandemia — que não foi a primeira e não será a última — fez-nos rascunhar nossas vidas sob um fio frágil de uma vida nua. Apenas máscaras nos cobriam...

A crise sanitária e econômica que nos encontrávamos fez ecos em mim ao notar que, rapidamente, transitávamos da bio para a necropolítica. Em 2020 morri um pouquinho a cada morte. Mas restava uma aposta. A ciência, que foi, sistematicamente, atacada como inútil especulação que consumia investimentos públicos, tal qual gata borralheira retornou ao salão como Cinderela. Graças a mulheres e homens que dedicaram suas vidas à pesquisa, vimos a esperança ressurgir sob o nome de vacina. E houve também quem não confiasse na vacina...

Todavia, os questionamentos que me lançaram aos porões são anteriores. Concluí a redação de minha dissertação de mestrado em educação no dia 28 de outubro de 2018. Naquela noite vi o primeiro pronunciamento do presidente eleito. Ao lado dele, um intérprete de Libras tornava acessível aos surdos as falas e a oração. Durante a campanha presidencial do segundo turno de 2018 os dois candidatos dialogaram com a comunidade surda. Muitos surdos apoiaram aquele candidato, expressando uma firme confiança em valores bastante duvidosos. O que os teria movido? Que antecedentes recolocavam no jogo político essa força dos surdos? Como se criou esse vínculo entre surdos e a atual figura de liderança nacional? Evito aqui usar a expressão “comunidade surda” por considerar que há infinitas configurações de organização de surdos e não houve jamais uma unanimidade desses surdos em relação a qualquer figura política. Tampouco se deve pensar que ocorreria unanimidade em relação àquele momento...

A posse do presidente em primeiro de janeiro de 2019 foi marcada por um fato, aparentemente, fora do protocolo. A primeira-dama iniciou uma saudação em Libras que levou à comoção os surdos e os simpatizantes de suas causas. O discurso precedeu ao primeiro pronunciamento do presidente e se revestiu de uma ideia de inédita inclusão dos “esquecidos”⁵. Parece-me que, a partir desse momento, intensificou-se, dentre os surdos um novo sentimento de protagonismo. A ideia de que foram parcela da população, pela primeira vez, contemplada dispara a geração de discursos de que havia, portanto, chegado o momento dos surdos e de acolhida de suas lutas. Talvez, uma ingenuidade diante do espetáculo...

⁵ O texto do breve discurso pode ser lido em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-michelle-bolsonaro-em-libras.shtml>.

Inegável o fato de que nesse governo foi dado espaço para que surdos pudessem atuar e não somente serem representados. A inserção de surdos se deu concretamente pela criação de uma Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos no contexto de reorganização da Secretaria de Modalidades Especializadas da Educação. O Decreto 9.465, de 02 de janeiro de 2019, primeiro documento oficial de mandato, previa dez competências de tal diretoria⁶ numa ênfase na proposição “educação bilíngue”. A acolhida do Decreto 9.465/2019 por muitos surdos e a excessiva vinculação do mesmo com um protagonismo surdo — somente possível naquele governo — pareciam-me apagar um histórico de lutas dos surdos no Brasil⁷. Antes de 2019 já existia não só um protagonismo de surdos, mas também muitas políticas atentas às suas realidades...

Recorde-se que um marco dessas lutas — não o inicial nem o único — se deu com o documento *A educação que nós surdos queremos* elaborado pela comunidade surda a partir do pré-congresso do V Congresso Latino Americano de Educação

⁶ Art. 35. À Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos compete: I - planejar, orientar e coordenar, em parceria com os sistemas de ensino voltados às pessoas surdas, com deficiência auditiva ou surdocegueira, e com as instituições representativas desse público, a implementação de políticas de educação bilíngue, que considerem a Língua de Sinais Brasileira (Libras), como primeira língua, e Língua Portuguesa Escrita, como segunda língua; II - fomentar a criação de Escolas Bilíngues de Surdos, em todo o território nacional, com oferta de educação integral, em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino; III - definir e implementar ações de apoio didático, técnico e financeiro ao ensino bilíngue; IV - promover o desenvolvimento de ações para a formação inicial e continuada de profissionais da educação bilíngue; V - planejar e executar ações que visem ao fortalecimento dos Centros de Apoio aos surdos dentro das Escolas Bilíngues, para a formação educacional, elaboração de materiais didáticos bilíngues e interação com a família; VI - promover a transversalidade e a intersectorialidade da educação bilíngue, visando a assegurar o pleno desenvolvimento linguístico-cognitivo e a aprendizagem dos estudantes surdos, surdocegos e deficientes auditivos; VII - formular e implementar políticas que favoreçam o acesso, a permanência e a aprendizagem nas instituições de ensino bilíngue, por meio da integração com setores de cultura, esporte e arte; VIII - promover o acesso a programas de educação linguística precoce e identificação de bebês surdos, por meio de parcerias com órgãos da área da saúde e da assistência social; IX - participar, junto ao Conselho Nacional de Educação, na elaboração de diretrizes voltadas à educação bilíngue de surdos; e X - promover e favorecer a realização de estudos e pesquisas referentes às experiências com e na educação bilíngue de surdos.

⁷ Faz-se necessário recordar uma série de legislações que contemplam, desde as duas últimas décadas, algumas demandas dos surdos: Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000, Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências; Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências; Lei 10.845, de 05 de março de 2004, Institui o Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência, e dá outras providências; Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Regulamenta a Lei nº 10.436; Lei 11.796, de 29 de outubro de 2008, Dispõe sobre o dia nacional dos surdos; Lei 12.319, de 01 de setembro de 2010, Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS; Lei 13.146, de 06 de julho de 2015, Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Bilíngue para surdos, realizado em Porto Alegre, de 20 a 24 de abril de 1999. Podemos, pois, nos perguntar: “Por quê ofuscar essas conquistas com o vislumbre da inaudita ‘educação bilíngue’ proposta no âmbito de um governo claramente excludente e reacionário?” Não seria a atual proposta de “educação bilíngue” uma corolário de um caminho iniciado há muitos anos e que, independente de vínculos governamentais, constituiu-se como concretização de direitos? Ou teria a “educação bilíngue” interesses diversos daquilo que, historicamente, reivindicou-se? Acredito que esse desenvolvimento da luta que, no afã de assegurar o presente, parece desdenhar ou apagar o passado diz respeito à forma como lidamos com a história. Porém, como nos recorda Aquino (2019, p. 121) “O passado será, então, aquilo que dele fizermos no presente. E nada além”. O passado não está dado...

Essa questão da educação bilíngue dos surdos ganhou novo capítulo com o Decreto 10.502, de 30 de setembro de 2020, que instituiu a “Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida”. Reações diversas foram manifestadas ante sua assinatura⁸. A alteração da Política Nacional de Educação Especial não foi uma excrescência. O Decreto 10.502/2020 conformava-se a um contínuo de ações governamentais que visavam a desacreditar a educação pública, gratuita e laica e priorizar os interesses de instituições especializadas de natureza privada. Nas “entre-lei-nhas” há sempre intenções nem sempre tão fáceis de serem captadas. E tal decreto foi revogado em 1º de janeiro de 2023. Sinais de novos tempos...

Em agosto de 2021 um novo capítulo aconteceu com o sancionamento da alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional por meio da Lei 14.191. Em nome do respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, das surdocegas e das deficientes auditivas sinalizantes, assegurou-se legalmente a oferta de educação bilíngue desde a infância. Como se delinea tal educação bilíngue? Que pressupostos a formalizam? Como ela será implementada



⁸ Para alguns, o decreto promoveu o desmantelamento da política nacional de educação especial na perspectiva inclusiva, regredindo em décadas os trabalhos e pesquisas realizados, restaurando um modelo médico-clínico segregacionista apoiado sobre a ilusória liberdade da família em escolher onde seus filhos com deficiência poderão estudar. Para outros, em particular uma parcela da comunidade surda, tal decreto pareceu satisfazer algumas necessidades em relação à educação, conforme se pode compreender pela *Nota de apoio e esclarecimento sobre o decreto da Política Nacional de Educação Especial* emitida pela FENEIS datada de 06 de outubro de 2020.

em cada realidade? Com que meios será subsidiada? O presente chamado “educação bilíngue” pareceu-nos extremamente amorfo⁹...

Toda a euforia acerca dessas conquistas para os surdos incomodavam-me quando me recordava daquilo que comecei a conhecer de outra história da educação de surdos. Desde 2016, o GIPLES tem flertado com documentos da história da educação de surdos no final do século XIX. Nos dois últimos anos as pesquisas se concentraram sobre textos de congressos e no ano de 2020 foi realizada a tradução das Atas oficiais do Congresso de Milão (1880). Pessoalmente, desde 2018, neste contexto, vinha desenvolvendo uma pesquisa histórica em torno dos documentos dos congressos organizados por surdos. Digo “em torno” porque fui aprendendo, nesse movimento no porão, a aproveitar aquilo que numa ou noutra busca cai diante de meus olhos e abre possibilidades de diálogos. E dessa árvore frutuosa caem muitos frutos...

Foi assim, que cheguei às atas oficiais de Milão, e por elas às Atas do Congresso de Lyon (1879) e aos relatórios sobre o evento italiano publicados por Adolphe Franck, Ernest La Rochelle, Edmund Treibel, Dr. Peyron, James Denison e Edward Gallaudet. A minha primeira tradução desses documentos e sua posterior discussão no grupo de pesquisa apontavam para a necessidade de se avançar nas buscas. Tarefa que ensejou outras tantas como a análise da lista de participantes de Milão¹⁰, a qual nos possibilita uma série de análises desde as perspectivas pedagógicas, dos surdos, das práticas. Os surdos sempre protagonizaram lutas, mesmo, ou talvez melhor, principalmente, após Milão. Os atuais protagonismos surdos evocam a necessidade de leitura e compreensão dos documentos do passado para que não apaguemos a memória daqueles que outrora lutaram por causas que permanecem como demandas não satisfeitas. Protagonismos podem também conduzir a apagamentos e mortes de memórias...

Queremos, pois, não sedimentar uma outra verdade, ou mesmo a verdade sobre a história da educação de surdos, mas com Foucault (2003, p. 222-223)

⁹ Sobre a “educação bilíngue”, juntamente com as professoras Regina Maria de Souza e Lucienne Matos da Costa Vieira-Machado, organizamos o dossiê Educação bilíngue de surdos: retrospectivas, práticas e perspectivas, publicado na Revista **ETD - Educação Temática Digital**. cf. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd>

¹⁰ O levantamento por mim realizado acerca dos participantes do Congresso de Milão possibilita uma série de problematizações acerca do que é veiculado sobre o evento.

considerar a verdade como “o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros”. Queremos permitir que os textos do passado nos falem, mas, acima de tudo, queremos falar sobre os textos do passado...

Estamos tratando de regimes de verdades que

consistem, antes, no princípio autenticador dos atos e palavras tidos como legítimos, até que outros discursos tomem seu lugar, reconfigurando não apenas os limites, mas também os limiares do agir humano. Tais regimes referem-se, assim, não às proposições verdadeiras, mas ao conjunto de regras que torna possível proferir e acatar as convenções tidas como verdadeiras em determinado momento (AQUINO, 2019, p. 123).

Os documentos dos congressos organizados por surdos nas duas últimas décadas do século XIX indicam-nos pistas de uma comunidade surda polimorfa, organizada, ciente de direitos, combativa, resistente. Tais textos, possivelmente, por se encontrarem originalmente em língua francesa e, não terem sido traduzidos no Brasil, são desconhecidos, constituindo-se em ricas possibilidades de novas discursividades. O ato de traduzir fez parte essencial dessa pesquisa, instigando-nos a compreender a vitalidade dos textos que, mesmo silenciados durante décadas, podiam emanar suas turbulências e barulhos e nos convocar a novas empreitadas. Eles não são peças de um antiquário a serem contempladas assepticamente, são textos que clamam por leituras para que se preservem e seus fragmentos nos incitem a com eles dialogar. Traduzir é mesmo viver o perigo de dialogar e “des-fazer-se”, não ser mais o mesmo, sendo ainda ele...

Por que no Brasil não se produziu uma reflexão sobre os congressos internacionais de surdos do final do século XIX? Ao longo dos últimos anos essa pergunta tem me acompanhado. A popularização do Congresso de Milão no Brasil fez deste evento um monólito gigantesco e inquestionável, mas curiosamente, não conhecido em seus registros. A “verdade” sobre Milão circula — até mesmo em teses e dissertações — com raras referências aos diversos relatórios do evento¹¹. A redução

¹¹ A publicação, em 2011, de uma tradução pelo INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) com o título *Atas - Congresso de Milão - 1880* induziu a um equívoco, pois o que se encontra ali é tão somente o relatório da secretaria anglofônica coordenada por Arthur Alfred Kinsey (1850-1888), diretor do Diretor do *Ealing Training College* em Londres e membro da Sociedade de Formação de Professores para Surdos e Difusão do Sistema “Alemão”. E por que não se traduziram as atas oficiais redigidas por Fornari? Ou por que não se optou pelos relatórios menores como os de Adolphe Franck e de Ernest La Rochelle? Ou, ainda, pelos registros de Edmund Treibel ou Auguste Houdin? Isso sem mencionar a crônica de Peyron, marcada por uma liberdade apaixonante. Apesar do relatório de Kinsey ter sido

da história da educação de surdos ao popularizado acerca de Milão apaga a complexidade dessa história. Afinal, Milão foi mais e menos do que aquilo que costumamos ler, ouvir, sinalizar, chorar acerca daquele evento...

Os textos disponíveis na rede mundial de computadores encontram-se em francês e suas versões impressas encontram-se em poucas bibliotecas. Importante mencionar o trabalho feito pelo surdo Marc Renard (1953-2016) de digitalização das atas dos congressos até 1900 e sua publicação no site *Editions du Fox*. Não é o simples fato de existir número reduzido de exemplares, mas o próprio fato de que são textos que, por motivos ainda desconhecidos, parecem não ter circulado entre as comunidades surdas e junto aos pesquisadores de educação de surdos. Ou, quem sabe, circularam, pois havia uma rede de comunicação forte entre os institutos e, posteriormente, foram eliminados? Estes textos existem e aguardam por leitores...

1.5 Revisão bibliográfica: olhando como outros desceram aos porões...

Buscas nos bancos de teses e dissertações no Brasil apontavam a quase inexistência de pesquisas sobre os documentos dos congressos organizados pelos surdos. Menciono “quase” porque minha pesquisa de mestrado em educação tratou da Seção dos Surdos do Congresso de Paris (1900) e fez uma breve retrospectiva dos congressos ocorridos nas duas últimas décadas do século XIX. E duas outras pesquisas versaram sobre congressos organizados por professores de surdos. Clarissa das Dores (1993-2022) em sua dissertação *A escolarização de surdos e o congresso de Milão: eclosão da normalização para oralidade* analisou o evento italiano a partir do relatório de Kinsey traduzido pelo INES, portanto, sem realizar estudo de outras fontes. A dissertação de mestrado de Renato Celestino Guedes, *Debate entre caridade e ensino no Congresso de surdos de Paris de 1900 e seus desdobramentos no Brasil no ano de 1920*, defendida em 2019, abordou tão somente a Seção dos

traduzido, pode-se afirmar que, mesmo assim, Milão não é conhecido. Fato bem percebido pela surda historiadora Eliane Vieira em sua pesquisa de doutorado, sobre as regularidades de práticas na educação de surdos. A autora aprofunda a leitura dos vários relatórios, tendo-os como elementos de um mosaico necessário para se compreender Milão (Cf. VIEIRA, 2022). Na mesma perspectiva há a proposta de tese de Katiúscia Olmo que procura problematizar Milão desde seus registros históricos.

Ouvintes do mencionado evento. Estamos, pois, no Brasil, diante de uma carência de pesquisas sobre tais documentos...

Todavia, o mundo, vasto mundo, poderia nos surpreender com outras produções. Considerando hoje a grande divulgação das pesquisas pela rede mundial de computadores, foram feitos levantamentos em sites especializados, como, *Networked Digital Library of Theses and Dissertations* (NDLTD); *Business Source Complete* (EBSCO); *Theses.fr*. A pesquisa foi feita com os seguintes descritores: “deaf congress”; “deaf and dumb congress”; “deaf convention”; “deaf and dumb convention”; “congrès des sourds”; “congrès des sourds-muets”; “congreso de sordos”; “congreso de sordos y mudos”; “congresso dei sordi”; “congresso dei sordomuti” associados ao final do século XIX e início do século XX. Como tal busca não obteve resultados, alguns questionamentos se interpunham: “Também a nível internacional a temática dos congressos organizados por surdos não tem sido pesquisada?”, “A leitura clássica sobre Milão também estaria presente no exterior?”, “Tal vazão de pesquisa sugere certa desvalorização das fontes?”, “Teria ocorrido certo ‘apagamento’ ou suspeição das fontes?”. Havia muito a me questionar...

Encontrei-me com uma proposta que, em relação às fontes, inicialmente, parecia ser inédita. Isso recorda-me a ponderação de Foucault:

Com forma de funcionar parcialmente distinta há as "sociedades de discurso", cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição (FOUCAULT, 1996, p. 39).

Ampliando o processo de busca conseguimos detectar livros, alguns resultados de pesquisas doutorais, que, em seus conteúdos, mencionavam os congressos organizados por surdos, mas não se detinham especificamente sobre eles. Lemos os que nos antecederam para que pudéssemos com eles dialogar...

1.5.1 Yves Bernard e uma monumental pesquisa sobre a educação de surdos

Há um trabalho clássico de Yves Bernard intitulado *L'Esprit des sourds*, resultado de sua tese, defendida em 1999 na Universidade de Paris V, com o título *Approche de la gestualité à l'Institution des Sourds-Muets de Paris aux XVIIIe et XIXe siècles*. Bernard, ao longo de 1360 páginas retoma a história da educação de surdos

em França. Embora não se detenha especificamente em cada congresso, transita por todo o século XIX, mostrando avanços e recuos não só na área da educação de surdos como também suas relações com filosofia, medicina, tecnologia e imprensa. Perguntamo-nos: essa grande obra, no afã de dar conta de uma história, atribuiu aos congressos de surdos um papel secundário na educação de surdos? Possivelmente, a leitura de Bernard descortina horizontes...

As temáticas silenciosas do século XIX: os congressos de surdos-mudos após Milão 1889-1912 é o tema do capítulo XIV da tese de Bernard. Tendo Milão como pano de fundo, Yves Bernard afirma que há uma outra história silenciosa, mas analisa somente três congressos ocorridos em Paris (1889; 1900 e 1912) e o Congresso de Chicago (1893). O autor justifica num dos anexos certa confusão em relação à nomenclatura dos congressos, fato que gera ambiguidades na historiografia desses eventos. Menciona ainda que, de acordo com a bibliografia de Henri Gaillard teria ocorrido outro congresso em Genebra no ano de 1896. Apesar de servir-se de fontes do *Institut National de Jeunes Sourds de Paris*, Bernard não constituiu seu arquivo a partir dos congressos. Não basta estar em Paris para pesquisar, há sempre outros fatores em jogo...

Bernard credita à aproximação entre surdos europeus e “americanos” certo sucesso dos eventos a partir de uma questão dos métodos:

Em Milão, os professores ouvintes franceses converteram-se cegamente aos procedimentos de seus colegas italianos. Em Chicago, os silenciosos franceses tentaram restabelecer as pontes entre um passado glorioso, aquele da gestualidade europeia, e um presente aberto a todas as esperanças, o do método combinado (BERNARD, 1999, p. 1154, tradução nossa).

Esta informação coloca-nos diante daquela situação de uma narrativa que cristalizou no passado uma vivência “gloriosa” dos surdos, mas também aponta para uma abertura a novos desdobramentos. O método combinado não se configuraria nem simplesmente como uma língua de sinais nem como um processo de articulação da voz. Edward Gallaudet era o grande promotor de tal sistema e mostrava sua eficácia na instituição criada por seu pai. Ocorre-nos que essa abertura dos surdos franceses sugere um desejo de retorno a um passado glorioso...

A questão dos métodos ocupa muito da reflexão de Bernard sobre os congressos de surdos. A preocupação com a profissionalização dos surdos e a

realidade de miséria experimentada por muitos fez com que os congressos desdobrassem estudos sobre estes temas. O autor consegue entrelaçar, de forma instigante, a questão dos métodos debatida pelos professores surdos e a crescente onda tecnológica que invadiu a área. Uma vaga que também se baseia em princípios da medicina, gerando adesões...

Com um texto ricamente ilustrado, Bernard pareceu-me focar muito mais nos surdos do que de fato nos eventos. Por mais que forneça informações sobre número de congressistas, liste deliberações — e o faz com certo júbilo em relação àquelas da Seção dos Surdos em Paris (1900) —, como também aponta para alguns dos temas abordados, entendo que Yves Bernard faz em sua tese uma opção muito consistente de escapar da discussão do evento e mostrar a profusão de surdos que atuavam tanto na imprensa quanto nas artes. Possivelmente, esteja em movimento aqui uma maneira de apontar para protagonismos surdos...

Em relação à imprensa surda, a obra de Bernard sugere pistas deixadas pelos surdos através de jornais de pequena, média e grande circulação, principalmente, no território francês. Bernard chama de pistas por notar que muito dessa imprensa teve pouca duração e de alguns desses jornais só nos restaram um ou outro exemplar. Por eles, é possível contemplar aquilo que, posteriormente, Yann Cantin, também mencionará; há uma fragmentação dentro da comunidade surda e divisões internas, algumas relacionadas ao apoio a determinados métodos. Havia surdos que defendiam publicamente a valorização da articulação e consideravam isso um avanço em relação ao uso de sinais (BERNARD, 1999). Uma “com-idade” surda em conflitos...

Mais uma vez experimento que, no contato com essa obra, descobria mais e mais elementos que, embora não se relacionassem diretamente à temática dos congressos de surdos, a atravessam. Uma foto, às vezes, conduz a uma revista, a outro documento. Abri os olhos ao que atravessava os textos para deixar-me ser também perpassado. Compreendo que uma história dos congressos também se faz com elementos que sequer sobre ele falam abertamente...

1.5.2 Harlan Lane: uma anatomia do preconceito e a anatomia do preconceito

Outra obra clássica sobre educação de surdos é *When the Mind Hears: A History of the Deaf* do psicólogo Harlan Lane (1936-2019), publicada em 1985. Lane analisa a história da educação de surdos ao longo do século XIX. Parece-nos que, em parte, a ênfase em alguns aspectos do Congresso de Milão divulgados no Brasil é certo eco de uma possível leitura de segunda ou terceira mão da perspectiva de Lane que procura detalhar as agruras sofridas pelos surdos. É uma perspectiva...

No que nos toca sobre os congressos de surdos, ao longo de seu escrito é possível perceber várias referências a tais eventos, mas, possivelmente, em função da perspectiva dicotômica presente na obra, não se aprofunda sobre o potencial dessas fontes. Inegável que Lane é um dos primeiros a fazer emergir tais documentos a partir de suas pesquisas no Instituto de Paris. Entretanto, como Bernard, Lane não monta seu arquivo nem define sua série de pesquisa com base nas atas dos congressos. Mas com Lane, círculos concêntricos cada vez mais abrangentes foram se abrindo...

Lane afirma que sua obra é uma “anatomia do preconceito” (LANE, 1984, p. XIII), pois trabalha desde a perspectiva de que os surdos foram vítimas de um bem sucedido processo de inculcação do modelo médico-clínico que enfatizava a falta da audição. Tal modelo culminou com a proscrição das línguas de sinais. O prefácio se encerra com a pergunta: “De que crime hediondo os surdos são culpados para que sua linguagem seja proscrita?” (LANE, 1984, p. XVII, tradução nossa). Lane centra seus esforços em retomar a história da educação dos surdos desde os Estados Unidos da América, com a chegada do surdo francês Laurent Clerc (1785-1869). Desde essa perspectiva, Lane escreve a história da educação de surdos até o Congresso de Paris (1900), encerrando o livro com a percepção de que neste evento se dava definitivamente a proscrição dos sinais iniciada em Milão (1880). Em um tom, talvez, pessimista ou impulsionador de lutas, Lane encerra o livro com a afirmação “e o silêncio caiu!” (LANE, 1984, p. 414, tradução nossa). Há silêncios outros a fazer muito barulho...

Ao tratar da questão dos casamentos entre surdos, Lane cita que no Congresso de Chicago, em 1893, foi votada uma deliberação que apoiava o casamento entre surdos e criticava-se os erros de Graham Bell, professor de surdos que via, nestes

casamentos, o risco de uma nova raça surda (LANE, 1984). Lane compreende que “[...] os congressos de surdos foram lançados como reação ao banimento de sua linguagem decretado pelos ouvintes de Milão” (LANE, 1984, p. 404). Assim, o primeiro congresso de Paris, em 1889, por ocasião do centenário de morte do Abade de l’Épée, presidido por Ernest Dusuzeau, expôs a situação dos professores surdos obrigados a se aposentarem pós-Milão. Ao falar do segundo congresso, Chicago (1893), Lane enfatiza o papel desempenhado por Gallaudet na defesa da linguagem de sinais na educação de surdos. Gallaudet e o sistema combinado são um campo a ser explorado...

Sobre a participação das mulheres, Lane afirma, com base em suas pesquisas, que:

[...] os delegados franceses ficaram particularmente chocados e humilhados [...] com a participação de muitas mulheres surdas inteligentes e charmosas, pois mulheres surdas ainda permaneciam internadas na França e não tinham permissão para participar de reuniões sociais ou políticas (LANE, 1984, p. 406, tradução nossa).

Acerca do Congresso de Genebra (1896), Lane comenta que os delegados italianos relataram que a educação de surdos pelo método oral puro tinha gerado pessoas que repetiam palavras como papagaios, não compreendendo o que falavam. Após a votação das deliberações foi escolhida uma comissão para apresentá-las ao embaixador com a esperança de que pudesse intervir em favor dos surdos. Lane não comenta sobre o Congresso de Dijon (1898) e encerra sua fala sobre os congressos de surdos mencionando Paris (1900). Parece-nos que a influência de uma oposição entre Gallaudet e Bell, conhecida nos Estados Unidos da América, subjaz à leitura que Lane fez dos documentos, impedindo-o de valorizar elementos ali presentes que poderiam constituir outra história da educação de surdos. Lane parece ter lido os documentos desde uma perspectiva com a qual não compartilhamos de imediato...

Sendo assim, a leitura de Lane nos colocou num lugar de nova discussão. Se Lane desejava fazer uma anatomia do preconceito, certamente, o conseguiu, mas o fez desde uma constante oposição entre comunidade surda e ouvintes, enfatizando a condição de vítima dos surdos, operando sobre questões que tocam no aspecto emocional dos interlocutores surdos. Entretanto, se, por um lado, essa postura pode fortalecer lutas, por outro, ela colocou para fora do cenário inúmeros surdos protagonistas que ficaram silenciados. Paradoxalmente, parece-me que, Lane, ao

optar por essa leitura gera uma compreensão do preconceito que não contribuiu muito para superá-lo. Se num dado momento histórico tal história fez sentido como cultura surda é preciso se perguntar se uma outra leitura hoje não seria mais condizente com a perspectiva de um protagonismo surdo. A cada tempo uma leitura...

1.5.3 Yann Cantin: um surdo militante que sugere uma releitura da história da educação de surdos

A tese de Yann Cantin (1978-...), *Les Sourds-Muets de la Belle Époque, une communauté en mutation*, defendida na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, analisa a comunidade surda francesa no período de 1870-1914. Apesar de não se deter nos congressos organizados por surdos, Cantin nos oferece um quadro histórico destes eventos. Inclusive, permite perceber que os congressos organizados por surdos antecederam os congressos organizados por professores de surdos, como foi o caso de Milão (1880), sugerindo-nos, diferente de Lane (1984), que os eventos organizados por surdos não são apenas uma reação àqueles organizados por ouvintes. A comunidade surda foi pioneira na organização de congressos...

Cantin define sua pesquisa no campo social da história dos surdos:

O objetivo deste estudo é, portanto, trazer um novo olhar e reflexão sobre a História dos Surdos. Os estudos e pesquisas realizados versam principalmente sobre a questão educacional e tudo o que a ela se aproxima. A história da educação de surdos é uma área de pesquisa intensamente estudada com um grande número de livros e artigos. A escassez de pesquisas na área social baseia-se principalmente na dificuldade de encontrar fontes que nos permitam compreender a estrutura interna desta comunidade tão especial. A constatação da ausência de estudos históricos, no campo da história dos surdos, voltados ao social, no cotidiano, limita as possibilidades de pesquisa e compreensão das decisões associativas inclusive no desejo de preservar a todo custo a língua de sinais (CANTIN, 2015, p. 11, tradução nossa).

Considerando Berthier (1803-1886) como personagem decisivo na formação de uma comunidade surda, Cantin nos indica que há, posteriormente, uma evolução do associativismo dos surdos, transformando tais espaços em oportunidade de socialização, aproximação entre surdos e ocasiões de pertencimento. Ao mencionar os motivos de escolha dos protagonistas surdos que iria abordar, Cantin nos informa que “no entanto, a história das associações de surdos é caótica, complexa, composta de divisões, rivalidades, renúncias e profundas clivagens ideológicas” (CANTIN, 2015,

p. 68, tradução nossa). Para Cantin, a “noétomalalien”, verbo criado por Henri Gaillard para se referir ao ato de se expressar em sinais, seria o elemento de vínculo entre os surdos de hoje com os surdos do passado, especificamente, aqueles da *Belle Époque*. Cantin parece-nos falar muito de um momento atual...

A reflexão de Cantin sobre os congressos de surdos se dá desde uma compreensão desses eventos como locais midiáticos para os surdos, reconhecendo-os como desenvolvimento de uma cooperação internacional. Cantin sugere uma divisão desses eventos da seguinte forma: a) Os primeiros congressos internacionais entre 1872-1889; b) Uma segunda onda com os congressos entre 1893-1898; c) Um declínio da militância surda no congresso de 1900; d) Uma redefinição dos congressos a partir de 1905 (CANTIN, 2015, p. 364). Cantin trabalhou o protagonismo de uma comunidade; interessou-me a discursividade sobre educação de surdos em tais eventos. É, certamente, uma pesquisa que me põe e põe em reflexão...

O autor nos fornece excelentes dados biográficos, recolhidos a partir de fontes documentais, acerca dos surdos daquele período, permitindo identificá-los nos congressos. Mesmo não tendo desenvolvido uma pesquisa de cunho biográfico, considero que a tese de Cantin juntamente com seu livro *Dictionnaire biographique des grands sourds en France: Les Silencieux de France (1450-1920)*, escrito em co-autoria com Angélique Cantin, foram fundamentais para a minha pesquisa. As biografias contribuíram para uma melhor compreensão do posicionamento de alguns surdos nos eventos e a construção de algumas narrativas. Com Cantin, permaneço a me perguntar o porquê de tão pouco interesse da área de educação de surdos em relação aos textos dos congressos? Cantin ainda nos sugeriu repensar uma nova linha do tempo em relação à história dos surdos, rompendo com algumas marcas de vitimização...

Mas o que são linhas do tempo senão o desejo de tornar compreensível o que o tempo nos faz escapar? São linhas que procuram reter por nossa didática aquilo que se deu num tempo-espaco e já não mais acessamos. As linhas do tempo são confluências de histórias que sob um mesmo momento se encontram, dissipam, agregam, rompem, aproximam, dialogam. São linhas quando poderiam ser espirais infinitas partindo de diversos pontos e encontrando-se num grande labirinto...

Penso que a principal contribuição de Yann Cantin para minha pesquisa foi transversal e se concentrou na sua proposta de nova cronologia da história dos surdos. Considerando as observações de Le Goff¹² acerca da divisão da história em fatias, Cantin recordou a tradicional periodização e apresentou a sua proposta. Esquemáticamente as colocamos aqui em paralelo e acrescentamos aquela que parece ter se popularizado no Brasil. Pela didatização de uma história da educação dos surdos, no Brasil, é corrente uma narrativa que se concentra em dois grandes momentos: 1880 e 1965. Assim, curiosamente, a narrativa que tenta valorizar os surdos sobrepõe aos protagonistas surdos um evento organizado por professores de surdos e o estudo de um linguista. E os surdos do passado foram ficando ainda mais no passado, esquecidos, apagados...

Quadro 2: Cronologias da história da educação de surdos

HISTÓRIA DOS SURDOS		
TRADICIONAL	PROPOSTA DE CANTIN	POPULAR NO BRASIL
O encontro (1759)	As origens (antes de 1759)	Antes de 1880 Os surdos utilizavam língua de sinais
A Idade de Ouro (1760-1880)	Estruturação (1759-1834)	
	A emergência (1834-1880)	1880 As línguas de sinais foram proibidas em Milão e passaram a ser praticadas apenas na clandestinidade
Os períodos obscuros (1880-1975)	A era das lutas (1880-1920)	
	A era da negação (1920-1975)	
O despertar dos Surdos (desde 1975)	O despertar dos Surdos (1975-2005)	1965... Despertar surdo a partir dos estudos de Stokoe (1965) e retorno progressivo da língua de sinais (década de 1980)
	A afirmação (depois de 2005)	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de elementos das obras do autor e do seu site <https://noetomalalie.hypotheses.org/479>.

Esta proposta de Cantin sugere-nos outra possibilidade de olhar para a história dos surdos bem mais complexa que a tradicional praticada na Europa. Entretanto, se comparada à popularizada no Brasil, extremamente problematizadora. A história não

¹² LE GOFF, J. **A história deve ser dividida em pedaços?** São Paulo: UNESP, 2020. Para Le Goff, o ato de periodizar a história não é neutro nem está necessariamente vinculado ao fator cronológico. Está em jogo, na periodização, subjetividade e desejo de consenso.

é inocente, nela se mostram arbitrariedades, juízos, cisões que, a despeito do tempo, procuram se justificar.

1.5.4 Richard Brill e uma história dos congressos de professores de surdos

Uma obra que trata especificamente dos congressos organizados por professores de surdos é *International Congresses on Education of the Deaf, an Analytical History, 1878-1980*, de Richard G. Brill. Oriundo de uma família ligada à educação de surdos, ao longo de sua vida, Brill foi professor de surdos, diretor de instituições e presidente do *American Instructors of the Deaf*. Esses dados biográficos colocam-nos diante de um autor ligado a um grupo de professores promotores da oralização dos surdos. O livro publicado em 1984 noticia sobre os vários eventos organizados por professores de surdos e nos permitiu compreender como eles propunham um ideal educacional para este público. Richard Brill oferece uma síntese das discussões de cada evento, informações sobre números de participantes, as resoluções votadas. Compreender o que os professores de surdos propunham ajudou-me a compreender como os surdos se posicionaram nesse jogo em que todos detêm poder. Todos...

A obra nos permitiu fazer uma análise dos congressos organizados por surdos *pari passu* com os organizados pelos professores de surdos, possivelmente evidenciando a complexa trama que os envolveu. Brill menciona um congresso em Chicago nos dias 17, 19, 21 e 24 de julho de 1893. Essa menção traz consigo uma problematização, pois de 18 a 23 de julho daquele ano, também na cidade de Chicago foi realizado um Congresso de Surdos. Parece-me que, similar ao que ocorreu em Paris (1900), professores de surdos e surdos tiveram seus eventos simultâneos. Que articulações podem ter existido para essa conjunção de eventos? Brill ignora a existência dos congressos de surdos de 1889, 1896 e 1898, todavia menciona o de 1900, apresentando, até mesmo, as deliberações. A história é sempre história desde um ponto de vista...

A obra de Brill alarga nosso horizonte em relação aos congressos organizados pelos professores de surdos. Considero que Brill oferece uma visão panorâmica da discursividade dos professores de surdos em relação à educação que organizavam

para os surdos. Conhecer as grades de inteligibilidade presentes em ambos eventos é também um exercício que se complementa, questiona, surpreende...

1.6 Para dar outros encaminhamentos acerca destes porões

Penso que este levantamento inicial me permitiu avançar na pesquisa. Notamos mais uma vez esse vácuo na compreensão da história da educação de surdos, pois, ao não se refletir sobre as iniciativas dos surdos, passou-se para o presente a imagem de uma comunidade passiva, apática e desmobilizada. A quem ainda pode interessar essa narrativa que oculta justamente os surdos? Acreditamos que a insurgência dos textos, que trabalhamos como nossas fontes, tem a potência de auxiliar para que se construam outras narrativas. Temos, portanto, não um protagonismo inaudito do tempo presente, mas uma regularidade protagonista dos surdos...

É preciso notar que está em jogo a própria história da educação de surdos, tal qual tem sido narrada nas últimas décadas no Brasil. “Pode-se mesmo dizer que nada existe em história, já que, aí, tudo depende de tudo, como veremos’, o que quer dizer que as coisas só existem materialmente: existência sem-rostro, ainda não objetivada” (VEYNE, 1998, p. 267). Portanto, ousou dizer que interessou-me mais colocar sobre a mesa elementos que permitam múltiplas narrativas e que esses elementos que eu apresentasse contribuíssem para extrapolar campos de compreensão já saturados. Que sejam como fogos de artifício e que eu contribua nessa pirotecnia...

Como se pode perceber, o pouco interesse pelos congressos organizados pelos surdos gerou a pergunta por seu motivo. Alguns questionamentos podem ser colocados: “É o fato de tais documentos não serem muito conhecidos que tem impedido a pesquisa de tê-los como fontes?”, “As legislações vigentes nos diversos países terão ofuscado o interesse por deixar também divulgado o que os surdos ansearam por décadas?”, “As demandas dos surdos de então não se aproximam das demandas dos atuais?”, “Tudo já terá sido conquistado com o novo protagonismo surdo?”, “O que precisaria ser conhecido sobre esse passado?” e “Há algo a se preservar?”. Ler os textos de pesquisas que tocam nos congressos organizados pelos surdos deixou-me com muitas questões...

A retomada de literatura sugeriu-me a relevância de minha pesquisa para a área, considerando trazer novos conhecimentos a partir dos documentos, bem como popularizar trechos ou a totalidade de alguns deles e também contribuir para uma revitalização nas pesquisas historiográficas sobre educação de surdos. Neste sentido, dois passos foram dados: 1) Disponibilização dos arquivos em francês dos congressos de surdos realizados entre 1889-1900 no Ambiente Virtual de Pesquisa, organizado pelo professor Maurício Cruz do Instituto Nacional de Educação de Surdos; 2) A tradução completa do Congresso Internacional de Surdos-mudos, Paris (1889), a ser publicada como domínio público, sob orientação da professora Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado. Há muito a se publicizar para mais problematizar...

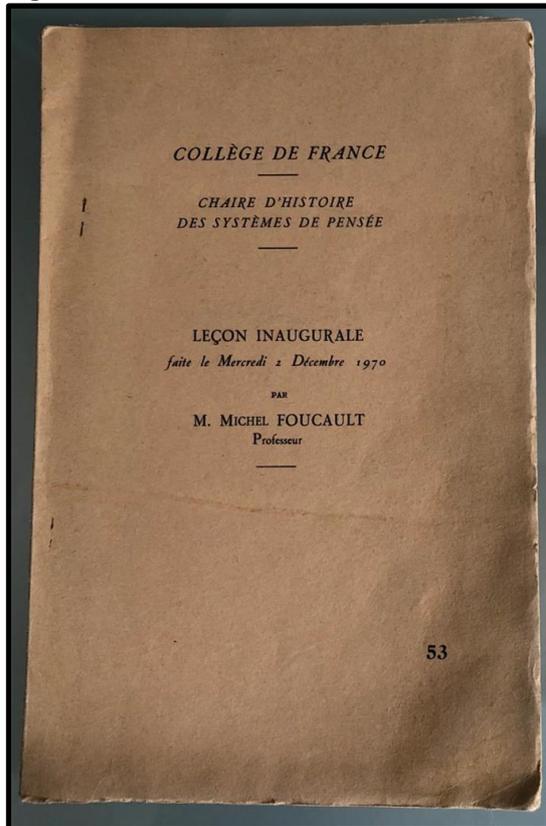
Embora, talvez nos ocupando de um campo que não nos pertence, mas que também não é de posse total de ninguém, constituímo-nos pesquisadores da história. Portanto, vale lembrar aquilo que, possivelmente, é o destino desta tese:

A tarefa do historiador é entregar versões da realidade, reunindo seus fragmentos através do uso da narrativa, o que implica amalgamar a experiência do arquivo e o relato. A dimensão política do ofício do historiador é construir narrativamente versões do passado e entregá-las para o uso público, no presente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 209).

Estava a escolher ferramentas para mexer com minhas fontes. Contudo, tenho apenas dúvidas, inquietações, perturbações. E as ferramentas que pego, algumas pesadas, caem de minhas mãos. Parecem querer fugir de mim. Delas necessito para operar, ainda que não seja cirurgião. Bolsa de ferramentas arrumada a pulso, é preciso abrir o alçapão. Empurro a cômoda pesada que sobre ele dorme e o disfarça naquela sala por onde tantos passaram e nunca por ele desceram. Destampo o alçapão e vejo a escada que me aguarda. Tenho sempre medo delas. Ela parece-me frágil, vou descendo de forma desajeitada, por vezes, com certo tremor nas pernas. Alguns degraus fazem barulho insinuando que, a qualquer momento, podem se romper. A escada é velha. Sua madeira, maltratada pela escuridão e umidade, é prolífera em mofo. Nas mãos um pequeno lampião, apesar de ter na bolsa uma lanterna. Não confio nas pilhas, pois não posso mensurar a sua duração. Faltam três degraus e apoio minhas costas na escada, estendendo o braço para que a luz amarelada ajudasse-me a situar. Respiro, transpiro, conspiro o ato de estar ali no entre lugar. Desço o restante com a mesma hesitação inicial e como criança que deseja

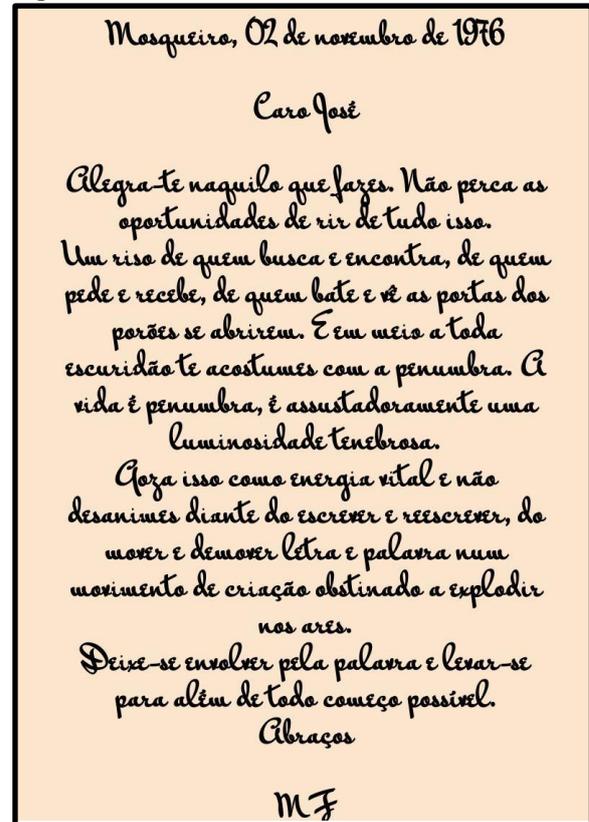
vencer os próprios medos, vou girando lentamente a pecinha que controla a chama do lampião. A luz vai se reduzindo, a escuridão aumentando, inaugurando em meu interior uma ordem do discurso. Carrego comigo o cartão que Foucault me escreveu...

Figura 3: Exemplar de A ordem do discurso



Fonte:
<https://progressivegeographies.com/2019/07/01/foucaults-inaugural-lecture-at-the-college-de-france-lordre-du-discours-comparison-of-the-two-different-versions>

Figura 4: Cartão de Michel Foucault



Fonte: Criação própria.

Caro irmão

Recebi faz poucos minutos uma carta do Delegado Principal para os congressos da Exposição Universal de Paris, Sr. Gariel. Nosso pleito de um congresso foi aceito. Há também um pedido por parte dos professores. Assim, ele solicita com urgência que sejam apresentados os nomes, referências e respectivos endereços dos nossos irmãos que comporão a equipe de organizadores. Tenho em mente alguns nomes e gostaria de compartilhar convosco no fim da tarde de hoje no salão do Le Procope. Uma conversa dessas merece um lugar condizente com a vitória já conquistada. Há imensa alegria em meu interior. "Surdos-mudos do mundo inteiro:

Uni-vos!"

H. Gaillard

09 de maio

CAPÍTULO 2

CONGRESSO INTERNACIONAL PARA O ESTUDO DAS QUESTÕES DE
ASSISTÊNCIA E DE EDUCAÇÃO DOS SURDOS-MUDOS

PARIS – 1900

Estou no interior do porão, meus olhos demoram um pouco a se acostumarem com a penumbra. As narinas se ressentem do ar rarefeito, do cheiro úmido do mofo de uma parede lateral. A garganta começa a coçar e é como se eu tivesse engolido uma lixa, começo a pigarrear. Eis-me ali naquele espaço de desejo, habitando o que me habita. E, depois de alguns poucos passos, começo a remexer uns papéis. Folhas encadernadas em pequenos blocos com costuras feitas à mão. As pontas dos meus dedos, agora ásperas pelo pó, vão deslizando as páginas. Abrindo algumas, pois permaneciam lacradas, virginais. Fragmentos do papel ressequido se depõem em minhas mãos. E passo horas ali absorto pelo papel, conversando com o que perdurou, distraíndo-me com que permanecerá a despeito de mim. Hipnotizado leio, devorando cada pequeno sinal, traço, letra, ponto. Leio, e meu corpo exige que eu pronuncie uma palavra. Não apenas uma, mas milhares, minha garganta arranha para que eu narre...

*[...] meus livros são, para mim, experiências, em um sentido que gostaria o mais pleno possível. Uma experiência é qualquer coisa de que se sai transformado. Se eu tivesse de escrever um livro para comunicar o que já penso, antes de começar a escrevê-lo, não teria jamais a coragem de empreendê-lo. [...] Sou um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar na mesma coisa de antes
(FOUCAULT, 2010a, p. 289-290).*

*Se entretanto pudéssemos restaurar, na própria observação, uma ingenuidade total, isto é, reviver realmente a observação primeira, colocaríamos em ação o complexo de medo e de curiosidade que acompanha toda primeira ação sobre o mundo. Queríamos ver e temos medo de ver. Eis o começo sensível de todo conhecimento. Nesse começo, o interesse ondula, se confunde, volta
(BACHELARD, 2003, p. 269).*

2.1. O documento: essa coisa que crio para canibalizar...

Por que retomar um congresso já pesquisado durante o mestrado? O *Congresso Internacional para o estudo das questões de assistência e de educação dos surdos-mudos* teve lugar em Paris, no período de 06 a 08 de agosto de 1900. Ao descer aos porões, opto por adentrar no primeiro cômodo que conheceria, que foram as atas da Seção dos Surdos do Congresso de Paris - 1900. Por isso, também, quero fazer aqui o meu “re-torno” sobre ele. De alguma forma, foi por Paris (1900) que eu

me constituí úmido no porão; lambuzei-me dessa lama historiográfica ou dessa lava que me fez escrever. Embora não cronologicamente, foi Paris (1900) que antecedeu em mim os demais congressos. Foi este documento que abriu um caminho — talvez, sem volta...

Entendo, mais que outrora, a necessidade de falar sobre a materialidade do documento que manuseio nessa pesquisa. O primeiro texto das atas de Paris (1900) que encontrei estava disponibilizado no site *gallica.bnf.fr* gerenciado pela Biblioteca Nacional da França. Todo o documento foi digitalizado e é possível contemplar as marcas do tempo sobre o texto, o desgaste ou falhas nos tipos utilizados para impressão, o excesso de tinta que borra alguns orifícios de letras. Quase um ano depois encontrei o mesmo texto digitado pela equipe das *Editions du Fox - 2-AS*. Nas citações que faço utilizo o volume mais antigo. Estamos, portanto, com esse mesmo texto em dois modos gráficos que escapam às minhas mãos, ambos na tela do computador...



Por duas vezes utilizei o verbo “encontrar”. Eu buscava informações — sem dúvida isso também é verdade —, mas eu não sabia, ao certo, o que procurava e nem como esse objeto poderia se manifestar a mim. Sendo assim, parte do que fiz foi, consistentemente, exercício de busca, de procura, por uma agulha no palheiro, e fui assistido pela sorte, pela minha atenção aguçada daquele dia, daquele momento, daquela fortuna. Daí o encontro. O texto/livro estava lá, disponível para um grupo imenso de pesquisadores, mas eu fui até ele. Essa massa de folhas hibernava até que alguém a nomeasse como documento...

Canguilhem já percebera tal situação relacionada ao imprevisível da pesquisa, e isso foi fundamental para que Foucault se debruçasse sobre a descontinuidade da história:

De certo ponto de vista, todo juízo científico é um acontecimento. O pesquisador não sabe como encontrará aquilo que ele procura; se não fosse assim, já estaria ali ou visível. Talvez seja a ilusão de uma época, posteriormente refutada, que teria levado a estabelecer um fato, que surgiu onde não se esperava, no final de uma pesquisa, sem dúvida esclarecida pelos erros da anterior, mas inconsciente, então, de seu próprio futuro. Negar essa *événementialisation* seria admitir que só há ciência na exploração de ideias ou fatos e nunca na invenção deles. Mas para além da palavra “sabemos”, há “nem sempre soubemos”. Na sombra dessa negação no passado se dissimula toda a história de uma questão. E essa história deve ser escrita como uma história e não como uma ciência. Como uma aventura, e não como uma exposição (CANGUILHEM, 1994, p. 135-36).

O documento é assinado por Henri Gaillard (1866-1939) e Henri Jeanvoine, respectivamente, Secretário do Programa e Secretário Geral. O texto traz nas primeiras páginas uma síntese das sessões da Seção de Surdos. Depois, segue-se o relatório formal de cada uma das sessões com os respectivos trabalhos apresentados. Quase sempre acontece a exposição de um tema e colhem-se também algumas reações ao que foi apresentado. Dessa forma, temos um vasto material produzido por surdos. O texto ainda traz uma lista dos membros do congresso e notas sobre as festas realizadas. Por fim, as correspondências e anexos com memórias que não foram lidas no congresso ou cuja tradução tardou a ficar pronta. Faz parte desse ofício juntar peças para lidar com o tempo que quase nada espera...

O documento do relatório foi publicado ainda no ano de 1900 pela *Imprimerie d'Ouvriers Sourds-Muets*. Também o texto da Seção dos ouvintes foi publicado pelo mesmo grupo e no mesmo ano. Tal como o evento que foi considerado um só congresso em duas seções, também as publicações, foram propostas como volumes que, de alguma maneira, exigiriam-se mutuamente. Isso é perceptível no registro da reunião do comitê do dia 14 de junho de 1900 (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Acreditava-se que ambas as partes, conhecendo as produções do evento, avançariam num intercâmbio de conhecimentos. Infelizmente, no Brasil, a equipe de tradução do volume da Seção dos Ouvintes não captou essa necessidade...

Em uma reunião de 27 de maio de 1900 temos: “O Sr. Gaillard pede que cuidemos seriamente das traduções, visto que o regulamento geral dos Congressos exige que um relatório sucinto dos debates seja entregue à Administração imediatamente após as sessões” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 287, tradução nossa). Um documento que é uma forma de registrar, um jeito de olhar, um convite a imaginar como foi o evento. O que dele recebemos é o que os dois Henris se dignaram concordar como relevante e merecedor de ser tornado público. O que recebemos é fruto de escolhas, de cuidados, de suturas, de omissões propositais ou não. É fruto de uma mirada sobre algo que já se escapou na evanescência da vida...

Gaillard e Jeanvoine, ao nos deixar um histórico do congresso, permitem-nos flertar com aquele associativismo surdo francês do final do século XIX. Encontra-se aí uma das primeiras iniciativas de se fazer historiografia sobre o Congresso de Paris (1900) e, já antecipo, não uma asséptica, mas cheia de vida, com seus percalços,

avanços, dilemas; apesar do desejo de que servisse à imparcialidade. Gaillard e Jeanvoine nos provocam:

Acreditamos que a melhor forma de relatar como foi organizado o Congresso de Surdos-Mudos, principalmente no que se refere à nossa seção, é publicando os documentos, extratos de atas, cartas trocadas de ambos os lados. Essa é a única forma histórica de fazer com que os esforços do Comitê Organizador, que atuou por três anos, sejam claramente compreendidos. Esta publicação tem a sua importância se quisermos aprofundar os incidentes ocorridos durante os debates, com uma mente imparcial para meditar e concluir (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 273, tradução nossa).

Três extratos de relatórios de associações, datados de 1898, falam sobre a intenção de se realizar um congresso de surdos por ocasião da Exposição Universal de Paris, em 1900. Eles nos fazem recuar ainda dez anos quando uma comunidade surda na França envolveu-se na organização do Primeiro Congresso Internacional. Certamente, estava em jogo uma tradição de congressos de surdos que remontaria à Exposição Universal de Paris de 1889. Os eventos e essas exposições como lugares de conhecimento...

Na sessão de 28 de janeiro de 1898, a *Association Amicale des Sourds-Muets* decidiu por começar a organizar um evento, a exemplo do que fora feito em 1889, mesmo que outros grupos também o fizessem, declarando seu desejo de independência (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). O segundo extrato, de uma reunião da mesma associação, ocorrida em 17 de fevereiro, mostra como havia posições distintas acerca de que grupo deveria se ocupar com o congresso. Temendo a realização de mais de um congresso pelos surdos, decidiu-se pela formação de um comitê, conforme se lê no terceiro extrato da *Fédération des Sociétés Françaises*, de 1º de maio de 1898. Tal situação não fora totalmente dirimida, como se pode acompanhar pela ata da reunião de 28 de maio de 1899, quando Joseph Chazal, representante da *Union Française des Sourds-Muets*, comunica ter também iniciado um processo de realização de um congresso (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Consenso, talvez, seja uma palavra que não caiba nos dicionários de associações e movimentos sociais...

Ainda na parte histórica, Gaillard e Jeanvoine apresentam relatórios de algumas reuniões do comitê organizador. Na primeira reunião, de 26 de novembro de 1898, Jeanvoine, como secretário do grupo, relata o interesse do comitê em ter o apoio do presidente da Câmara dos Deputados, o Sr. Deschanel (GAILLARD; JEANVOINE,

1900). O secretário fala que as primeiras respostas das associações de surdos sugerem que o congresso teria um sucesso sem precedentes e transcreve algumas dessas manifestações. O desejo do congresso encontra uma forte base de apoio...

Há uma esperança de que o Congresso de Paris surta os resultados não alcançados anteriormente:

O Sr. E. Mercier, apoiando o Sr. Desperriers, disse que se os Congressos anteriores nunca deram os resultados esperados, é porque esses Congressos sempre foram organizados apenas pela Associação de Surdos-Mudos de Paris, enquanto o Congresso de 1900 terá a vantagem de ser preparado por várias Sociedades federadas (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 279, tradução nossa).

Outra peça importante no histórico é o registro do documento enviado pelo Comissário Geral da Exposição Universal, Sr. Picard, constituindo oficialmente o comitê de organização do congresso:

Srs. Baguer, Capon, Dr. Castex, Cauchois, Cochefer, Colmet d'Aage, Denis, Desmarest, Desperriers, Dubranle, Dupont, Dusuzeau, Eymard, Firmin-Didot, Frossard, Gaillard, Grosselin, Gaufrés, Genis, Giraud, Goislot (abade), Hamar, Hirsch, Madame viúva Houdin, Jeanvoine, Dr. Ladreit de Lacharrière, Ladreit de Lacharrière (Charles), Larose, Dr. Legay, Lejeune, Lombart, Dr. Martha, Mauduit, Mavré, Merciéca, Mercier (Émile), Mercier (Henri), Muteau, Pereire (Eugène), Dr. Peyron, Rab, Dr. Regnard, Roy, de Saint-Sauveur, Vendrevert (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 283).

Qual a importância deste fragmento? Nele figuram os nomes dos organizadores das duas seções. O Sr. Picard parece ter seguido apenas uma ordem alfabética na disposição dos nomes. Isso faz com que surdos e falantes apareçam misturados. De imediato, chama-nos atenção o fato de termos 06 doutores, mais a viúva de um doutor, em uma lista de 44 nomes. Também o fato de termos apenas um religioso. Estamos em claro trânsito da assistência (religiosa) para a educação...

Segundo Gaillard e Jeanvoine, no dia 03 de julho de 1900, esta comissão teria se reunido com o Sr. Gariel, Delegado principal da Exposição, e definido detalhes, como a confirmação de que se trataria de um só congresso em duas seções, a confirmação das mesas diretoras e a data do evento. O programa do evento já teria sido organizado em uma reunião em 18 de fevereiro e publicado no *Imprimerie Nationale* (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Um programa de 12 páginas que gostaríamos de acessar, pois, certamente, existiam divergências entre os programas dos dois congressos e a educação estaria ali. Um programa que, infelizmente, não consta dos relatórios...

Na carta de 27 de julho de 1899, Gaillard solicita a presença de alguns ouvintes-falantes que saibam sinais, pois percebe que, já nas reuniões entre as duas comissões, devido à desistência de alguns professores do Instituto de Paris, os surdos haviam sido prejudicados (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). A antiga questão dos intérpretes, quase sempre esquecida, mesmo nos tempos atuais tão “acessíveis”. E não faltam exemplos de congressos em que não se têm intérpretes, apesar de se saber que há surdos no público...

O conjunto do registro dessas reuniões coloca-nos num lugar que permite uma visão privilegiada do evento parisiense. Saber do que, oficialmente, foi guardado sobre as reuniões é encontrar pistas sobre o que foi dito e também do que não foi falado ou, se falado, não registrado. Os textos nos sugerem essa comunidade surda francesa envolvida em sérios debates sobre a situação dos surdos e sua expectativa diante de um congresso que apresentava a possibilidade de uma aproximação embativa entre professores ouvintes e surdos. Paris foi se esboçando como ocasião ímpar desse encontro, mas a Seção dos Ouvintes de Paris perpetuaria Milão...

2.2 As correspondências: quando as cartas nos permitem falar

Cartas costumam ser um rico material historiográfico. Quando oficiais, são ainda mais facilmente sequestradas para o papel de provas documentais. Pergunto-me sempre pelas cartas que se apagaram, por aquelas que se perderam, pelas que se mancharam com xícaras de café, pelas que foram confiadas a alguém sob voto de segredo, pelas que foram rasgadas num ímpeto de raiva, pelas que foram destruídas por um desavisado obcecado por limpeza ou organização. Mas tenho apenas as “oficiais”, as selecionadas, as permitidas, as devidamente autorizadas à posteridade. Afinal, “não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos” (FOUCAULT, 1996, p. 35). Esses discursos e suas regras...

Do conjunto das 18 cartas registradas no relatório temos, principalmente, as enviadas por Gaillard ao Sr. Gariel, delegado principal dos congressos. Entre os dois as correspondências versam sobre a organização do comitê, encaminhamentos sobre

ações práticas. Na carta de 16 de maio de 1899, possivelmente uma resposta à carta em que Gaillard sugere os nomes para o comitê, o Sr. Gariel pondera:

Desde o início, as diferenças surgirão: você acha que a Comissão Organizadora só deve compreender surdos-mudos, enquanto certamente acrescentaremos ouvintes-falantes: é impossível admitir que as questões que terão de ser tratadas no Congresso sejam o objeto de trabalho e estudos apenas dos surdos-mudos. As questões da Educação, as da Assistência conduzem a soluções que, quase todas, senão todas, requerem a assistência de ouvintes-falantes que, por isso, devem participar no Congresso e nos trabalhos preparatórios (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 300, tradução nossa).

Gariel, parece-me demonstrar algumas concepções de sua época. Ele rejeita um comitê composto só por surdos, talvez por considerar esses sujeitos, mesmo educados, como sujeitos a serem conduzidos. Sugere que as duas temáticas do evento dependem da opinião de ouvintes, embora não justifique sua opinião. Há, portanto, uma ação de tolher o protagonismo dos surdos e impor, via função de coordenação dos congressos, a presença de ouvintes. Os protagonismos não se constituem de uma vez por todas...

Gaillard, que estava em Stuttgart como delegado francês em um congresso de surdos, respondeu a essa carta e insistiu na necessidade de um evento que pertencesse, de fato, aos surdos:

Mas os surdos-mudos desejam ter seus próprios congressos. Aqui em Stuttgart, é inteiramente organizado por eles; há muitos professores, mas que vieram como simples assistentes e conselheiros. Seria, portanto, uma questão de encontrar uma maneira de permitir que os surdos-mudos discutissem seus interesses em conjunto, para depois facilitar a transmissão e a defesa de suas demandas ao Congresso Internacional para o Estudo de Assuntos de Educação e Assistência. Vejo grandes dificuldades práticas e materiais em realizar a fundação de um grande Congresso mesclado de surdos-mudos e ouvintes. Esses dois Congressos, para honra da França, deveriam ser separados, mas terminados juntos para que todas as decisões fossem tomadas por surdos-mudos, seus professores e seus amigos ouvintes. Tudo isso pode acontecer em três ou quatro dias, ao passo que, se você misturar os dois, pode durar mais de uma semana. Esta é a minha opinião (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 301, tradução nossa).



A carta de Gaillard afirma a existência de um movimento surdo consolidado em território alemão, com um protagonismo dos surdos e uma parceria com falantes. Gaillard considera os debates que se prolongariam indefinidamente caso se misturassem surdos e ouvintes para debater o futuro dos surdos. Todavia, manifesta uma disposição para um momento em comum, uma plenária para que surdos e ouvintes compartilhassem suas reflexões e juntos deliberassem. Gaillard também

compreendia que, nesse jogo desproporcional de forças, os ouvintes detinham sim a legislação...

Uma carta do Dr. Alphonse Martha¹³, de 21 de novembro de 1899, permite pensar que havia uma forte tensão durante a organização do evento:

Venho compartilhar convosco minhas preocupações sobre nosso futuro Congresso. Vós prometestes lutar contra a campanha do jornal italiano; esperava com grande curiosidade o número do seu diário; mas não encontrei nenhum argumento contra o autor italiano; pelo contrário, vós pareceis concordar com ele. Esta divergência de pontos de vista entre as duas seções, ouvinte e surdo-mudo, cria um verdadeiro abismo que compromete o sucesso do próprio Congresso. Portanto, acredito em desistir de tornar o método oral puro uma questão capital. Devemos nos limitar a abordar apenas questões gerais que ambas as Seções, ouvintes e surdos-mudos, podem lidar, questões de assistência, educação, etc. Já podemos ver os perigos desta campanha infeliz, na minha opinião: ela afastou os professores italianos e franceses. Nessas condições, podemos prever que o Congresso será abortado. Espero que esse pequeno mal-entendido acabe e que não corramos mais o risco de afundar, ouvintes e surdos-mudos (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 311, tradução nossa).

Alphonse Martha, que assumira a função de Secretário Geral do Congresso de Surdos (comissão das duas seções), demonstrou certa insatisfação em relação a Gaillard por não ter visto publicada nenhuma manifestação em relação ao artigo italiano. O incidente acerca do artigo italiano, parece-nos tratar do texto de Giulio Ferreri, educador de surdos, que publicara “*Não iremos a Paris*”. Este texto veiculado na revista *Educazione del sordo-muti* dissuadia os professores italianos, afirmando que o congresso reiniciaria os trabalhos já feitos e deliberados em Milão. Uma carta da comissão da Seção dos Ouvintes foi enviada a Ferreri, informando que a intenção do Congresso de Paris era aprofundar e estender o debatido em Milão (LACHARRIÈRE *et al*, 1900). Tantas cartas que poderiam estar em nossas mãos...

Diante disso, temeroso de que o evento fracassasse, Martha sugeriu retirar o método oral puro do ponto principal de discussão. A estratégia seria discutir outros temas sem se deter sobre a questão polêmica. De todo o conjunto de cartas é a primeira vez que, claramente, a questão da educação aparece. As generalidades, recordadas por Martha, são sempre mais condizentes à permanência de algumas

¹³ Médico que atuou como secretário-geral e relator do Congresso de Paris (1900).

práticas. Des-generalizar¹⁴, des-naturalizar, são atitudes esperadas na resistência...

E a resposta de Gaillard a Martha, na carta de 25 de novembro de 1899, foi nessa direção. Temendo romper o fluxo da argumentação gaillardiana, a transcrevo na totalidade:

Eu não compartilho suas preocupações de forma alguma, já que nossa seção recebe grandes massas de membros de todas as partes. O Congresso de 1900 será um sucesso desconhecido na história de nosso pequeno mundo. Acrescento ainda que, no que diz respeito à seção de ouvintes, recebi pessoalmente, por meio de minhas muitas conexões no mundo dos professores, a promessa de que eles virão a Paris. Se houver alguma hesitação, elas não são motivadas por uma alegada campanha contra o Oral Puro, que aliás a massa de professores está longe de apreciar, mas pelo fato de que a Instituição de Paris se recusou a participar da organização do Congresso. No entanto, como a escola de Paris é de certa forma, uma emanção do governo, alguns professores temem repreensões ou a retirada dos subsídios. No entanto, sei com certeza que os professores em Paris concordam conosco quanto à necessidade de revisar ou melhorar o método de ensino. Prometi ao Sr. Ladreit de Lacharrière que lutaríamos contra a campanha de Ferreri. O Sr. Dusuzeau já o fez diante dos 180 convidados do Banquete de Reims, onde havia 50 ouvintes, a maioria dos quais virá ao Congresso. Eu fiz isso aqui. Estou esperando a hora de responder com um artigo. Mas sei, pela viagem que o senhor Hamar acaba de fazer à Itália, que muitos professores italianos, inclusive o ilustre Silvio Monaci, de Gênova, não seguirão Ferreri e os Mestres da Escola de Milão, que infligiram ao ensino de surdos-mudos, o mais fatal dos contratempos; eles virão. E então teremos mestres como Gallaudet, Heldsieck, Tillinghast, tantos outros. O que queremos é discutir livremente, sem medo, com a única evidência da razão e dos fatos. Apenas uma observação. Muitos mestres reclamaram para mim que não receberam nenhum convite de sua seção. Existe um serviço que precisa ser melhorado (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 311-312, tradução nossa).

Gaillard demonstrou uma enorme confiança na participação dos surdos em Paris e sugeriu que possíveis ausências estariam mais ligadas à postura de professores do Instituto de Paris que não aceitaram participar da comissão de organização do evento. Além disso, afirmou como era bem relacionado, inclusive com professores ouvintes, assegurando não estar disposto a fazer nenhum tipo de movimento contrário à Seção dos Ouvintes. Entretanto, desejava um debate livre, posto que também entre os ouvintes havia interesse em se discutir o método oral puro. Desta forma, Gaillard afirmava que o método não saía do tema principal do debate. O final da carta é marcado por uma ironia, ao se mencionar que o Secretário Geral tinha menos contatos com os professores de surdos que Gaillard e a crítica aos serviços

¹⁴ O verbo assim apresentado soa-me mais provocativo que o simples “particularizar”. É preciso analisar quando as generalidades tendem a determinar modos de subjetivação que aviltam para propor um ato resistente de des-generalizar, escancarar aquilo que as generalidades naturalizaram.

prestados. Mais uma cena que permitiu-me sentir o corpo que produz a tese numa gargalhada acintosa...

Gaillard evoca-me a figura do parresiasta:

Na *parrhesía* só pode haver verdade. Onde não houver verdade não há o franco-falar. A *parrhesía* é a transmissão nua, por assim dizer, da própria verdade. A *parrhesía* assegura da maneira mais direta essa *parádoxis*, esse trânsito do discurso verdadeiro de quem já o possui para quem deve recebê-lo, deve dele impregnar-se, deve poder utilizá-lo e deve poder subjetivá-lo (FOUCAULT, 2014, p. 343).

Para os relatores do Congresso de Paris, essas cartas demonstravam, suficientemente, o quanto a organização do evento foi complexa e como foi necessário agir com diplomacia e firmeza. E que, diante das críticas da realização em duas seções, era preciso se recordar que estava em jogo a promoção dos surdos-mudos (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Faz parte das sábias estratégias reconhecer a hora de atacar, mas também a de recuar...

2.3 Os participantes: quando falo de quem não conheço

A grande maioria dos 219 participantes da Seção dos Surdos, possivelmente, permanecerá pouco conhecida¹⁵. Seus nomes foram inscritos em uma lista organizada por nacionalidades. Quase todos têm a referência do país que representam. Um número considerável tem nome e sobrenome. Considerando-se que dados sobre os surdos do passado são, quase sempre, tão exíguos, ler aqueles nomes de surdos e surdas é abrir possibilidades de buscas em outros documentos, em outras fontes, criando outros arquivos. Paris teve uma adesão grandiosa...

O quadro de participantes torna-se um regalo e nos faz contemplar os surdos de diversas partes da Europa e dos Estados Unidos da América a se congregarem. Um sentimento de pertença, possivelmente tocava em cada surdo participante. Ele não era membro apenas de uma nação, ele fazia parte de um povo. Um povo surdo, sempre nômade...

¹⁵ Apenas, a título de comparação, a Seção dos Ouvintes teve 30 delegados oficiais e outros 197 participantes sem direito a voto. Na dissertação fiz uma análise sobre quem eram os participantes da Seção dos Ouvintes, procurando delinear-lhes o perfil. Cf.: RODRIGUES, 2018, p. 117.

Quadro 3: Participantes da Seção de Surdos

NACIONALIDADE	NÚMERO DE DELEGADOS
França	126
Suíça	09
Alemanha	46
Áustria-Hungria	05
Itália	06
Bélgica	04
Dinamarca	11
Suécia e Noruega	05
Rússia	02
Grã-Bretanha	01
Estados Unidos	04
Total	219 participantes

Fonte: Elaborado pelo autor com base em GAILLARD; JEANVOINE, 1900.

Uma das diversas perguntas que a lista não responde é sobre quem seriam os falantes presentes nesse congresso, possivelmente, alguns atuando como intérpretes. A lista também não nos dá informações sobre a vida profissional dessas pessoas, impedindo-nos de avançar em outras análises. Mas são rastros do passado...

Em relação à presença de mulheres, os pronomes de tratamento favorecem à identificação. Surpreende que a única pessoa da Grã-Bretanha seja uma mulher: Jeanne Clyne, da Escócia. Vinte e oito mulheres estão presentes e gostaria de nomeá-las, mesmo que, ao fazê-lo, continue a trazer, na maioria dos casos, uma clara referência aos seus esposos. As francesas: Sra. Gaillard (Louise Walser); Alice Ravier; Morin; Louise Morin; Avocat; Nicole; Anna Lavigne; Elodie Villard; Jeanne Brenner; Besançon; Émilie Pourcelot; Marie Pourcelot; Declercq-Cornille; Pharailde-Debal; Rageat; Vendrevert; Zévort; Desperriers. As suíças: Jeanne de Buren e Henriette de Buren. As alemãs: Adèle Toulouse; Lipgens; Schenck; Bienech Bohlder. A austro húngara Toifi. A belga Van de Vield. As suecas/norueguesas: Ida Klofferskjold; Werner. Que os nomes dessas mulheres – que podem ser de surdas ou

de *codas*¹⁶, de esposas falantes ou, até mesmo de professoras de surdos – possam nos incomodar sobre a forma como fazemos história...

E auxiliados por Foucault compreendemos que

A história, como praticada hoje, não se desvia dos acontecimentos; ao contrário, alarga sem cessar o campo dos mesmos; neles descobre, sem cessar, novas camadas, mais superficiais ou mais profundas; isola sempre novos conjuntos onde eles são, às vezes, numerosos, densos e intercambiáveis, às vezes, raros e decisivos (FOUCAULT, 1996, p. 55).

2.4 As sessões da Seção dos Surdos: para além das palavras...

Essas homófonas heterográficas nos sugerem também a proximidade e a distância. Se na dissertação eu as lia desde uma perspectiva de trânsito do pastorado à biopolítica, e neste conjunto considerava a educação de surdos; nesta tese, interessaram-me as discursividades presentes, as regularidades e irregularidades sobre educação de surdos que se manifestaram ali. Recordando-nos do princípio da descontinuidade,

Não se deve imaginar, percorrendo o mundo e entrelaçando-se em todas as suas formas e acontecimentos, um não-dito ou um impensado que se deveria, enfim, articular ou pensar. Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem (FOUCAULT, 1996, p. 52-53).

Nas sete sessões, num período relativamente curto, os surdos expuseram seus posicionamentos sobre diversos temas. Se aproximarmos as temáticas tratadas na Seção dos Ouvintes com as tratadas na Seção dos Surdos, além da rápida percepção de que, nesta última, há 14 trabalhos a mais e com forte participação francesa, é possível compreender como eram díspares os interesses de cada seção. Seria, no mínimo, complexo reunir os dois grupos num único evento sem divisão de seções. Apesar disso, Paris (1900) parece reverberar em nossos dias...

Um olhar atento sobre a lista de trabalhos permite-nos algumas surpresas. Na Seção dos Ouvintes há a presença de Edward Miner Gallaudet e Edouard Allen Fay, dois árdios opositores ao método oral puro. Há também o texto de Meissonnier, possivelmente, apenas lido, em que discute sobre a anormalidade surda causada pelo

¹⁶ CODA é o siglema de *Children of Deaf Adults*, assumido pela comunidade surda de todo mundo para se referir aos filhos de pais surdos.

método oral puro. Na mesma Seção constatamos também a presença de Marcel Mauduit (1873-1946)¹⁷ (LACHARRIÈRE *et al*, 1900), um surdo oralizado e defensor do método oral puro, forte opositor de Henri Gaillard. A Seção dos Ouvintes é ainda um território a ser melhor explorado...

Talvez cada trabalho apresentado se abra, para nós, como saídas potentes e problematizadoras nesse labirinto batizado de história da educação de surdos. Os textos apresentados pelos participantes ou enviados por outros que, apesar de distantes, desejavam-se fazer “presentes” são invitações a que busquemos mais e mais informações. Ato que nem sempre poderá nos trazer respostas imediatas e fáceis. São textos chamativos...

E, vendo os títulos dos trabalhos, foi-me inevitável compor rostos, estabelecer relações entre o conteúdo e a personalidade de determinados participantes. Personalidade que eu, desde a condição limitante de leitor, imaginei, delineei. E senti o vívido desejo de conhecer aquelas pessoas e poder nos corredores trocar olhares e algumas palavras, obrigando-as a me conduzir por suas vidas, suas histórias, seus pensamentos, suas compreensões do mundo, da vida, dos surdos. Paris foi, certamente, uma aventura única para aqueles surdos...

Reproduzimos aqui um quadro das temáticas das duas seções para, de forma sinóptica, aproximar as reflexões realizadas. Foucault, ao tratar do caráter genealógico, nos alerta que “este concerne à formação efetiva dos discursos, quer no interior dos limites do controle, quer no exterior, quer, a maior parte das vezes, de um lado e de outro da delimitação” (FOUCAULT, 1996, p. 65). Essas duas seções aparentemente, tão próximas, estavam equidistantes o suficiente para não poderem dialogar, apesar dos que em ambas transitavam. Nós ousamos aproximá-las...

¹⁷ Cantin e Cantin comentam acerca de Mauduit: “Surdo e cego aos seis anos, ele recuperou a visão, mas não a audição. Em 1891, aos dezoito anos, entrou na Instituição para Surdos, na turma de Marius Dupont, um dos professores oralistas mais ardentes. Ele mesmo um oralista aberto, Mauduit é um dos mais ferozes oponentes de Henri Gaillard. Fundou a *Réveil des sourds-muets* em 1900, para dar visibilidade à sua linha política. Mas o fracasso de seu diário, que desapareceu em 1905, o mergulhou em relativa discricção” (CANTIN; CANTIN, 2017, p. 248, tradução nossa).

Quadro 4: Temáticas tratadas nas Seções dos Ouvintes e dos Surdos

SEÇÃO DOS OUVINTES		SEÇÃO DOS SURDOS	
TRABALHO	AUTOR	TRABALHO	AUTOR
Ensino da palavra falada nas escolas de surdos dos Estados Unidos - estatística	Alexandre Graham Bell - Estados Unidos	O método oral puro nos institutos de surdos-mudos alemães e seus resultados: meditação crítica	Albin-Maria Watzulik - Alemanha
Ensino da palavra - estatística	Edward M. Gallaudet - Estados Unidos	Criação de oficinas nas instituições	Albert Vendrevert - França
História sucinta da instrução dos surdos-mudos na Croácia e na Eslovênia	Joseph Medved - Croácia	O ensino do desenho nas escolas especiais	René Hirsch - França
Sobre a educação de surdos-mudos: da obrigação na qual o Estado se encontra, por razões internas econômicas	Joseph Medved - Croácia	O modo de se habituar com a gramática francesa	Ch. Périno - França
Estatística na Croácia e na Eslovênia	Joseph Medved - Croácia	Correção da fala em surdos-mudos, em sua família	Le Mème - França
Estatística dos surdos-mudos das comunidades rurais da Romênia de acordo com os distritos	Costiniu - Romênia	Um colégio nacional para os surdos-mudos	Victor Lagier - França
Surdos mudos das comunidades urbanas da Romênia (estatística)	Costiniu - Romênia	O ensino superior de surdos-mudos	Thomas-Francis Fox - Estados Unidos
O que vale a oralização para os surdos	Edward M. Gallaudet - Estados Unidos	Os surdos-mudos como professores	Duldley W. George - Estados Unidos
Proposições sobre a educação secundária e superior dos surdos-mudos	Edouard Allen Fay - Estados Unidos	A utilidade de professores surdos-mudos	René Desperriers - França
Quais os melhores procedimentos de articulação? - Resumo de respostas	G. Forchhamer - Dinamarca	Os surdos-mudos e o método oral	Marcel Mauduit - França

Como o método oralista pode ser aplicado a todos os surdos-mudos - Qual deve ser o papel da escrita?	Camile Jenhot - Bélgica	O método oral na Itália	Francesco Guerra - Itália
Assistência aos surdos-mudos - Criação de sociedades tutelares e de inserção. Criação de asilos e de hospedarias	Pe. Stockmans - Bélgica	O método combinado na Suécia	G. Titze - Suécia
Educação de surdos-mudos na França	Marcel Mauduit - França	O método misto	Félicien Douard - França
Proposição	Bezold - Alemanha	O verdadeiro método	Henri Gaillard - França
Projeto para o Congresso Internacional para o estudo de questões de educação e assistência de surdos-mudos	Bezold - Alemanha	Método oral e método de sinais	Ernest Dusuzeau - França
O emprego da escrita entre jovens surdos-mudos	Karl Steinruck - Alemanha	Estado atual do ensino em França	Louis Capon - França
A que conclusões levou o puro Método Oralista?	J. Heidsieck - Polônia	Utilidade da palavra para os surdos-mudos: transferência das escolas nacionais para o Ministério de Instrução Pública; escolha dos diretores das ditas escolas entre os professores de carreira	J. Cochefer - França
O internato e o externato para os surdos-mudos: a mistura dos alunos internos e externos numa mesma escola prejudica o progresso do ensino, a disciplina e a moral	Sbrocca - Itália	Questão da transferência das instituições de surdos-mudos para o Ministério de Instrução Pública	Félicien Douard - França
Os surdos-mudos considerados como anormais após o emprego exclusivo do método oralista puro	Meissonier - França	Os surdos-mudos e a religião	E. Canteleux - França
Resposta curta às questões colocadas pelo comitê de organização para o Congresso Internacional dos surdos-mudos de Paris	G. Pipetz - Áustria	Considerações sobre os surdos-mudos protestantes e o Instituto Santo Hipólito do Forte	Victor Lagier - França

	As sociedades de surdos-mudos em França	Edmond Pilet - França
	Os surdos-mudos fora da escola e na sociedade	Eugène Née - França
	Lar de idosos para surdos-mudos	Henri Genis - França
	O surdo-mudo à oficina e as dificuldades de sua admissão	Eugène Graff - França
	Carreiras e profissões de surdos-mudos: assistência para o trabalho	Henri Gaillard - França
	A aprendizagem de um ofício na escola	Warren Robinson - EUA
	Vida prática e moral dos surdos-mudos	Louis Eymard - França
	Do casamento de surdos-mudos de ambos os sexos em relação à sua condição física e educação moral	F. Micheloni - França
	Os surdos-mudos diante da lei ou a condição civil dos surdos-mudos	Henri Jeanvoine - França
	Reformas para o melhoramento social e intelectual dos surdos-mudos	Paul Bertrand - França
	Da preparação necessária para a vida social	Fernand Aymard - França
	O Escritório Volta de Washington	M. Sheridan- EUA
	Direção dos trabalhos para os surdos-mudos	Carl Becker- Dinamarca
	Um trabalho mútuo entre professores e alunos surdos-mudos é útil para o bem destes últimos?	Carl Becker - Dinamarca

Fonte: Elaborado pelo autor com base em LACHARRIÈRE *et al.*, 1900, p. 25-299 e GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 23-235.

O quadro aponta para como os surdos franceses aderiram ao evento de maneira a compartilhar seus conhecimentos, desejos e práticas. Dos 34 trabalhos apresentados, 26 são de franceses, confirmando a existência de uma elite surda no final do século XIX. Se a educação tudo perpassa, parece-me que, nos trabalhos da Seção dos Surdos há uma compreensão do surdo na sua integralidade e, por isso, temas que tocam em questões morais, legais, sociais e da assistência. São os surdos dizendo desde seus lugares e suas experiências, mostrando como a vida lhes tocava, uma vida marcada por um constante enfrentamento com questões da educação. A educação perpassava aquela vidas...

2.4.1 Sessão de Abertura: um encontro de encruzilhadas

A sessão de abertura, ocorrida no dia 06 de agosto de 1900, foi comum às duas Seções do Congresso de Paris. Duas regularidades discursivas acerca da educação parecem se esboçar. Por parte dos ouvintes, há um discurso de que era preciso deixar a caridade e passar, de fato, à educação dos surdos. Por parte dos surdos, era necessário que fossem respeitados em sua educação, a começar pelo uso dos sinais. Foi uma sessão programática...

Vejamos, numa sequência imediata que aqui proponho, as falas de Ladreit de Lacharrière, médico do Instituto de Paris, e de Dusuzeau, surdo professor, respectivamente, presidentes da Seção dos Ouvintes e da Seção dos Surdos:

LACHARRIÈRE:

É necessário que a criança não seja educada com o pensamento de que deve à caridade sua vida intelectual. A ideia de caridade evoca a de mendicância que a todo custo deve ser afastada de sua mente. [...] Ninguém pode achar ruim que os surdos-mudos se expressem entre si na linguagem que preferirem, da mesma maneira como nós não podemos criticar aqueles que falam provençal, basco ou bretão, mas isto não nos impede de reservar para nossas escolas a linguagem de Bossuet, de Corneille e de Victor Hugo. Façamos pelos surdos-mudos o que fazemos pelos que ouvem. Somente a oralização é a arca sagrada que pode conduzi-los ao meio social que aspiram (LACHARRIÈRE, 1900, p. 9-10, tradução nossa).

DUSUZEAU:

Não faremos qualquer objeção às pesquisas de aperfeiçoamento do método oralista que figuraram no programa da seção dos ouvintes. Porque faríamos diferente? A fala seria evidentemente para nós o maior de todos os bens, para nós que não escutamos! Nós não pedimos senão uma coisa: que a nossa

língua natural, a linguagem dos sinais, não seja sacrificada pela linguagem articulada: “Eu sou pássaro, Vede minhas asas. Não as corteis!”
Mãos à obra! Discutamos livremente em nossa alma e consciência!
(GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 14, tradução nossa).

Fica claro no discurso dos dois que a questão da implementação do método oral na educação permanecia problemática e que, apesar de pontos de consenso, as duas seções caminhariam em direções opostas. O bem estar dos surdos é bandeira levantada por ambos oradores, contudo, desde perspectivas distintas. “As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta” (FOUCAULT, 2000b, p. 28). Foi uma arena em início de trabalho...

Gariel, delegado principal pela organização dos congressos, encerrou seu discurso apelando para que os congressistas se abrissem aos conhecimentos científicos (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Não seria um indicativo de seu compartilhamento com o pensamento majoritário entre os ouvintes? Não era em torno dos aspectos científicos do método oral que muitos professores ouvintes se dedicaram desde antes de Milão? Como refletir sobre educação e bem estar dos surdos sem se aproximar aqueles que educavam os surdos com aqueles que, efetivamente, conheciam o que era melhor para si? Parece-me que, com Gariel, mais uma peça nos é dada e ela conta a favor da Seção dos Ouvintes...

Acerca do apreço ao saber científico, Foucault o contempla na imanência da relação poder-saber. Uma recordação de Foucault pode nos auxiliar:

[...] nada pode figurar como elemento de saber se, de um lado, não está conforme a um conjunto de regras e de coações características, por exemplo, de tal tipo de discurso científico numa época dada, e se, de outro lado, não dotasse efeitos de coerção ou simplesmente de incitação próprios ao que é validado como científico ou simplesmente racional ou comumente admitido, etc. Inversamente, nada pode funcionar como mecanismo de poder se não se manifesta segundo procedimentos, instrumentos, meios, objetivos que possam ser validados em sistemas mais ou menos coerentes de saber (FOUCAULT, 2000, p. 14-15).

Mas não era só a veridicção científica; também um desejo pelo discurso político se apresentava. Com a impossibilidade de Paul Deschanel, presidente da Câmara dos Deputados, participar do evento, o deputado Alexis Muzet (1843-1934) foi convidado a representá-lo. Desuzeau, em seu discurso, ponderara que muitos congressos antecederam Paris (1900), mas sem atingir um resultado satisfatório (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). O deputado Muzet apresentou-se como um amigo dos surdos,

como um apoiador da escola de surdos de Asnieres e encerrou: “Vós podeis estar certos, senhoras e senhores, que os votos emitidos por vós serão ouvidos pelos membros do Parlamento Francês e estou persuadido que não serei desmentido por nenhum deles ao dirigir-vos sua certeza de viva e cordial simpatia” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 22, tradução nossa). Surdos e políticos: legislações, caminhos, brechas, apagamentos, manipulações, acordos/desacordos, tensões, discursos desde muitos anos...

Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p. 10).

A sessão de abertura foi um aperitivo do que se sucederia nos dias seguintes. Os grupos se separaram...

2.4.2 Terceira Sessão: início da apresentação de armas contra o método oral puro

Após uma segunda sessão destinada apenas à eleição da mesa diretora, a terceira sessão, também dada no dia 06 de agosto, foi iniciada com a nomeação de Thomas Gallaudet como presidente honorário da Seção dos Surdos. Depois de se dirimir uma proposta de Marcel Mauduit, redator chefe do *Journal des Sourds-Muets*, que propunha mudanças no programa do evento, seguiu-se à ordem do dia. O surdo alemão Watzulik tratou sobre *O método oral puro nas instituições de surdos-mudos alemães e seus resultados - meditação crítica*. Watzulik nos sugere duas informações: a primeira diz respeito a possíveis crueldades associadas ao método oral e que se popularizaram no contexto brasileiro, como, por exemplo, a ideia de amarrar as mãos; a segunda, o fracasso do método:

De antemão, peço à Assembleia que faça um retrospecto do ano de 1880 quando, em Milão, o Congresso dos professores de surdos-mudos votou a introdução do método oral puro, com a abolição total da linguagem mímica para a escola e para a vida pública. Não devo relatar as crueldades cometidas logo após a introdução do método oral puro; ademais, quanto a este último, as reclamações são feitas nas assembleias e nos jornais dos surdos-mudos. Mas o que os adeptos do método oral puro esperavam não se concretizou, ou seja, um verdadeiro sucesso. Pelo contrário, ele falhou totalmente (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 23, tradução nossa).

Candiotto, ao tratar do cuidado de si, nos recorda como existe sempre, num regime de poder e suas práticas, um espaço para atitudes outras, que não foram previstas e que podem significar um modo de operar desde dentro:

Na governamentalidade, o ato de conduzir os outros não exige a atitude de passividade ou a anulação da liberdade daquele que é conduzido. O outro da condução deverá sempre ser considerado um sujeito de ações, o que implica a possibilidade de “contracondutas”; estas constituem um dos domínios da governamentalidade que é a do governo de si mesmo, do direito dos governados de limitar os excessos dos diversos modelos de governança, de ordem doméstica, política, pedagógica, espiritual, médica. Governar é agir sobre si mesmo, em vistas de se posicionar criticamente diante de quaisquer ações de condução (CANDIOTTO, 2010, p. 161).

Watzulik reconhece que apenas 01% de mil surdos foram capazes de se beneficiar do método oral puro e critica a intransigência de seus promotores que, apesar do evidente fracasso, persistiram em novas investidas e se recusaram a dialogar com os experientes professores surdos, posicionando-se explicitamente contra eles (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Para Watzulik, a aposta do método oral conduziu a um desvio da função principal da educação que seria formar a mente do surdo, tornando-se apenas uma atividade com o único intuito de fazê-lo falar:



Por que a mente deve ser negligenciada no ensino oral? Os professores cuidam muito bem da boca e da língua, do palato e da garganta; eles se esforçam ardentemente para obter de seus alunos a destreza de falar; eles colocam seu tempo e esforço na boca, enquanto a mente importantíssima desempenha o papel de um espectador estúpido. Involuntariamente, os professores valorizam menos o desenvolvimento intelectual do que a fala. Na verdade, muitos surdos-mudos falam bem, mas isso pode ser considerado uma grande vantagem, se, apesar dessa aquisição, a inteligência funciona muito mal? O que estou afirmando é que, com a instituição do método oral puro, a maioria dos grandes crimes contra os silenciosos foi cometida (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 24-25, tradução nossa).

Há um corpo sendo perscrutado, esquadrihado em detalhes, em função de uma ideia que, apesar de claras evidências de sua ineficácia, carecia ser apresentada como verdade, pois “a sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação” (FOUCAULT, 2016a, p. 213). A educação proposta aos surdos transformara-se tão somente numa técnica, não bem sucedida, não mais cumprindo o seu papel formativo. Um surdo alemão falando sobre a educação ministrada a seus

irmãos no país em que a articulação foi “inventada”¹⁸...

Os comentários que se seguem à apresentação de Watzulik confirmavam sua percepção. Max Birnbaum, de Hanovre, afirmou que:

Viajo a maior parte do ano nas grandes cidades da Alemanha, e em todos os lugares os ex-alunos das escolas alemãs me mostram uma deficiência notável, reclamam dos professores. A maioria dos surdos-mudos alemães condena o método oral; se o Congresso fizer o mesmo, todos os surdos-mudos na Alemanha aplaudirão (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 25-26, tradução nossa).

Matthes, de Königsberg, acrescentou:

Eu também sou um aluno do ensino oral, e poderia dizer coisas que vos fariam estremecer. Observeis que qualquer surdo-mudo, por mais ligeiramente inteligente que seja, e cuja inteligência sobreviva aos métodos dos mestres alemães, sempre se volta contra eles quando finalmente reconhece a grande vantagem dos gestos (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 26, tradução nossa).

Apesar de Watzulik ter mencionado que a decisão tomada em Milão propunha excluir o uso dos sinais até mesmo na vida pública, o comentário de Matthes sugere uma circulação dessa língua, capaz, inclusive, de conquistar novos adeptos surdos quando egressos das escolas oralistas. Havia uma língua sobrevivente...

Às reações dos dois alemães, seguiu-se o comentário de Émile Mercier:

Durante minhas visitas a escolas de surdos-mudos no exterior, especialmente na Itália, os professores me confessaram que os sinais foram e sempre serão de bom serviço para uma compreensão rápida e eficiente, e que, a rigor, eles não poderiam excluí-los totalmente. No entanto, em uma conversa que tive anteriormente com vários professores, aprendi exatamente o oposto; tive a certeza de que apenas a palavra era usada para excluir qualquer gesto. Falta franqueza por parte dos professores. Deixo para o Congresso avaliar sua conduta (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 26, tradução nossa).

Mercier toca em uma questão moral. O discurso dos professores parece não acompanhar suas práticas. A fala de Mercier sugere o funcionamento de um esquema de exclusão que desejava salvaguardar uma verdade (FOUCAULT, 1996). Há o que é dito oficialmente e há o que se pratica também extra e oficialmente...

Mais diretamente tocando numa questão educacional, o surdo Albert Vandrevvert, de Marselha, tratou da criação de oficinas profissionalizantes nas

¹⁸ Na historiografia tradicional, o método oral tem suas raízes na Alemanha, com Samuel Heinicke (1727-1790), ganhando, posteriormente, fundamentação filosófica e teológica, particularmente, por parte dos italianos no contexto de Milão.

instituições. O surdo Eugène Née posicionou-se, imediatamente, de forma contrária, ressaltando a necessidade da escola ser, de fato, escola e que as oficinas deveriam ocorrer em outros espaços:

Escola deveria ser escola na minha opinião. Que dediquemos sete a oito anos do ensino fundamental e médio aos surdos-mudos, mas nada além da educação. Que um ou dois anos sejam então dedicados, fora da escola, à sua educação manual, nas oficinas de ouvintes, nas escolas industriais como há quase todo lugar nos grandes centros, isso sob a supervisão do Diretor da instituição onde o aluno se formará ou do Conselho Fiscal deste Instituto. Mas que este ou estes anos sejam exclusivamente dedicados ao aprendizado manual, como os primeiros 7 ou 8 anos foram dedicados à sua instrução (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 27, tradução nossa).

Compreendo que, para Née, o foco das instituições deveria ser colocado na educação formal, em um currículo atento às necessidades dos surdos e mediado pelo uso de sinais, mas sem transformar o tempo nas instituições em um inoportuno aprendizado profissional. Havia uma confiança por parte de Née de que a instrução básica fosse o essencial para que o surdo se integrasse à sociedade. Divergindo de uma visão muito imediatista, Née elenca diversas razões para se opor às oficinas: o tempo despendido com uma aprendizagem incompleta; a imprópria preparação para o trabalho junto com ouvintes; a ilusão das premiações; a destinação a subempregos (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Era preciso que algum surdo se posicionasse com tamanha clareza...

Porém, aquilo que talvez Née não se desse conta é que tudo na modernidade é capturável e, até mesmo, o melhor currículo proposto, em algum momento, pode se transformar em tão somente uma prática a moldar a vida:

Podemos pensar que as práticas pedagógicas, enquanto ações reguladas destinadas à formação e à definição de modos de comportamento dos outros, podem ser consideradas como práticas de governamento (de condução). Isso porque nessas práticas são incorporados e desenvolvidos exercícios destinados à transformação do indivíduo, com o propósito de levá-lo a se enquadrar nos modos de vida de seu grupo social (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 19).

E Paris nos reserva o vínculo entre educação e arte. René Hirsch, artista gravador e desenhista, refletiu sobre o ensino do desenho nas escolas especiais:

A arte é uma carreira difícil. É preciso muito tempo e paciência para obter um conhecimento aprofundado sobre ela. No entanto, é no exercício dessa profissão que o surdo-mudo se sobressai melhor. Devido à sua dupla deficiência, toda a sua atenção está voltada para a visão. Com a exclusão de todos os outros sentidos, por meio dela ele vê e distingue, portanto, uma curiosidade nativa, um espírito inventivo e imitador. Desde que receba

alguma instrução, ele se torna capaz de adquirir uma variedade de conhecimentos (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 31, tradução nossa).

Considerando essa referência inicial, Hirsch discorreu sobre a necessidade de uma instrução que capacitasse o surdo para o desenvolvimento de sua habilidade nata. Dessa maneira, esse artista surdo, demonstrava que o talento carecia, primordialmente, de um aprendizado geral sobre arte e, posteriormente, pormenorizado, sobre uma determinada modalidade. Contudo, tudo isso dependia de uma instrução inicial. Uma educação que abrisse a possibilidade de acesso aos conceitos elementares das artes. A arte de falar desbancava quaisquer outras artes e era preciso rever tal postura...

Foucault, ao se dedicar à questão das artes, recorda seu potencial de resistência. Algo que os surdos, de certa maneira, ao longo dos séculos, compreenderam:

Em suma, gostaria que, assim como a pintura, a música e o teatro, as teorias e os saberes históricos ultrapassassem as formas tradicionais e impregnassem em profundidade a vida cotidiana. E gostaria de proceder de maneira que as pessoas pudessem utilizá-los e empregá-los livremente para seu prazer, para as necessidades de sua vida, para regular os problemas com os quais se defrontam e para suas lutas (FOUCAULT, 2011b, p. 67-68).

Mas as artes sofrem sempre de uma crítica de certa “in-utilidade”. O surdo Vidal, de Toulouse, reagiu à fala de Hirsch sugerindo que no ensino se priorizasse o desenho industrial destinado ao futuro trabalho em oficinas de madeira, ferro e pedra, mencionando: “há profissões melhores do que o maior talento artístico para sustentar um homem” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 33). A necessidade do pão pode exigir respostas mais rápidas que aquelas que as artes podem nos ofertar, apesar de sempre se anteciparem ao que vivemos...

Estamos vivendo aquela atmosfera provocada pela revolução industrial:

Ora, as mudanças econômicas do século XVIII tornaram necessário fazer circular os efeitos do poder, por canais cada vez mais sutis, chegando até os próprios indivíduos, seus corpos, seus gestos, cada um de seus desempenhos cotidianos. Que o poder, mesmo tendo uma multiplicidade de homens a gerir, seja tão eficaz quanto se ele se exercesse sobre um só (FOUCAULT, 2008c, p. 214).

O surdo Charles Périno, de Cannes, apresentou, em mímica, dois trabalhos: *O modo de se habituar com a gramática francesa* e *Da correção da fala nos surdos-mudos, nas suas famílias*. Gaillard e Jeanvoine, comentam que “não estando suficientemente esclarecidos os desejos manifestados pelo Senhor Périno, o

Congresso os estudará ao votar as propostas” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900 - p. XI, tradução nossa). Uma leitura do pequeno texto de Périno sugere o desconforto que sua apresentação pode ter causado aos congressistas ao defender o método oral. Congressos não eram lugares de uma unanimidade cândida...

Charles Périno propôs como resolução: “Fazer com que as escolas de surdos-mudos adotem o método oral, único método pelo qual os surdos-mudos se familiarizarão naturalmente com a língua francesa, a fim de evitar que os alunos a confundam com os sinais” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 35, tradução nossa). No segundo trabalho, Périno afirmava que os poucos resultados atingidos com o método oral não validavam um retorno ao método de sinais, cabendo às famílias suprir aquilo que a escola não alcançou. Périno parece distanciar-se de seus irmãos surdos. E quantas não são as famílias cooptadas a aprender a auxiliar os surdos assistidos por tecnologias que rejeitam os sinais! Mas quando a escola falha é preciso imputar a culpa sobre as famílias...

Recorro, mais uma vez, a Aquino (2019) para pensarmos essa íntima relação que se determina entre escola e família na modernidade:



A escola e a família foram as duas instituições encarregadas, na modernidade, de levar a cabo a tarefa de moldar o futuro representado pelos mais novos, valendo-se, para tanto, da disseminação da crença de que era preciso submetê-los a um longo périplo formativo, a título de preparação para seu ingresso na vida adulta. É tão verdade que a família e a escola detinham classicamente essa incumbência de moldagem do futuro [...] (AQUINO, 2019, p. 319).

A Terceira Sessão foi encerrada e, possivelmente, forneceu muitos dados para as discussões nos cafés e restaurantes parisienses. E, nas conversas entre os surdos sinalizantes e também aqueles que dominavam a articulação, provavelmente, Périno deve ter sido um nome lembrado. Que razões o motivavam? Haveria algo a pressioná-

lo? Estaria ele, após a sessão, noutra bar com congressistas da Seção dos Ouvintes? A biografia de Périno¹⁹ nos escapa, deixando-nos a criar histórias...

2.4.3 Quarta Sessão: uma educação que rompesse com a artificialidade

A Quarta sessão, no dia 07 de agosto, iniciou-se com a leitura de cartas e telegramas diversos. Victor Lagier, antigo aluno do *Instituto Saint Hippolyte du fort*, apresentou um trabalho sobre a necessidade de um centro universitário, um “Colégio Nacional”, para surdos a exemplo do existente em Washington. Gaillard e Jeanvoine informam que “o Sr. Lagier não conhece a linguagem de sinais, sua memória é mimificada²⁰ pelo Sr. René Desperriers” (1900, p. XI, tradução nossa). É um surdo de renome, como se poderá ver mais adiante, cujo fato de desconhecer os sinais não impediu sua acolhida na comunidade surda ou no grupo elitizado de surdos franceses. É um surdo oralizado que, naquele contexto, expressou-se desde a forma que melhor dominava...

Lagier retomou a educação de surdos tão recentemente conquistada e como as carreiras liberais ainda permaneciam inacessíveis a eles por ausência de formação. Desta maneira, os surdos continuavam a se submeter a profissões pouco valorizadas e de baixa remuneração. Tal situação era por demais naturalizada entre os surdos que os estudantes não eram incentivados a carreiras mais promissoras, mesmo demonstrando talentos e habilidades necessários. Sua crítica é elaborada desde a compreensão de um direito que era negado aos surdos:

Somos poucos em nosso país. Somos ignorados na sociedade, ignorados pelas autoridades públicas; mas, assim como os outros cidadãos, ainda temos direitos! Vamos promovê-los. Defendamos, nós mesmos, os nossos direitos inalienáveis, o nosso direito à educação que eleva a alma, ao trabalho que dá valor e dignidade à vida! Sejamos corajosos e proclamemos em todos

¹⁹ Acerca de Périno não encontramos dados biográficos. Há duas matérias disponíveis na internet sobre ele que indicam ser uma liderança surda da cidade de Cannes. Em uma há um discurso proferido por Périno por ocasião de um banquete de surdos. A outra menciona Périno como membro de uma delegação da Seção dos Surdos em uma reunião de comemoração aos Primeiros do ano em Cannes. Parece tratar-se de uma reunião de premiação de caráter comercial. Nas duas páginas não constam nem o nome do jornal nem as datas, mas pelo endereço eletrônico é possível concluir tratar-se de matérias que circularam no Jornal *Le Littoral Illustré* no ano de 1902. http://archivesjournaux.ville-cannes.fr/dossiers/littoral/1902/Jx5_Littoral_1902_11_18_Page_02.pdf; http://archivesjournaux.ville-cannes.fr/dossiers/littoral/1902/Jx5_Littoral_1902_01_02_Page_02.pdf

²⁰ Opto por conservar aqui o verbo utilizado em francês. Embora não seja comumente utilizado, “mimicar”, verbo transitivo e intransitivo é previsto na Língua Portuguesa.

os lugares que não podemos ser inferiores aos outros, tanto intelectual quanto profissionalmente, artisticamente ou literalmente! Não é possível que possamos suportar mais ser sempre tratados como trabalhadores. Por muito tempo, olhamos para o outro lado da moeda. Queremos ver o brilho! Queremos que o horizonte se abra diante de nós tão amplo, tão brilhante quanto antes dos outros (GAILLARD; JEANVOINE, 19000, p. 40-41, tradução nossa).

Victor Lagier considerou o surdo desde a condição de alguém que, com a devida instrução, tinha a possibilidade de concorrer com as demais pessoas. A inserção do surdo na sociedade ultrapassaria a barreira comunicativa e se assentaria nas possíveis contribuições que os surdos poderiam oferecer nas diversas áreas do saber. Aplaudido pela assembleia, o discurso de Lagier provocou um comentário de Thomas Gallaudet que parece-me praticamente concluir a peça oratória do surdo francês:

A criação de um colégio nacional de surdos-mudos onde seriam reunidos os sujeitos capazes de chegar a alguma situação brilhante é de fato essencial. Mas, se o método oral puro é o único empregado, não prevejo grandes resultados; o sistema combinado, isto é, os sinais, a palavra e a escrita, ao contrário, prestará aos surdos-mudos mais serviços do que se pode imaginar em geral (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 44, tradução nossa).

E uma nova sequência de aplausos frenéticos ecoou...

Um trabalho enviado pelo surdo norte americano Thomas-Francis Fox sobre *A alta educação de surdos-mudos nos Estados Unidos da América* foi apresentado por Jacques Alexander. Retomando os personagens memoráveis por terem lutado pela educação dos surdos nos Estados Unidos — tais como, Gallaudet, Clerc, Peet, Weld, Turner, Rae, Ayres, Jacob, Van Nostrand, Cary, Hubbell, Tyler — ponderou que:

Entre as características desses primeiros professores americanos de surdos, havia um desejo sério de fortalecer e aperfeiçoar o método de instrução. Nesta tentativa, eles não dependiam de ajudantes quiméricos e enganosos, mas antes do desejo de obter benefício permanente para aqueles a cujo bem-estar suas vidas eram devotadas (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 372, tradução nossa).

Parece-me estar aí uma grande crítica aos professores oralistas que prometiam avanços incomparáveis/quiméricos, mas não se dispunham a repensar a metodologia. Fox recordava que desde 1850, na Primeira Convenção de Professores Surdos dos EUA, já havia professores que defendiam o acesso dos surdos ao nível superior de educação, culminando com a criação de uma turma avançada em 1852. Esse movimento foi esboçando o que depois se configurou como ensino superior, em 1864,

com o Colégio de Washington (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Essa educação de surdos caminha a partir de ensaios, mas nisso não se difere da educação em geral...

O texto de Fox provocou reações na assembleia. Edward Gallaudet esclareceu sobre o funcionamento da instituição (as áreas disponíveis, o currículo proposto, os critério de ingresso) e pontuou acerca da metodologia:

A maior parte das instruções é por escrito ou datilologia e, ocasionalmente, dependendo do assunto, oralmente. O gesto dificilmente é utilizado, pois preocupa os jovens com a inteligência aberta para compreender as definições escritas. É absolutamente o método francês de Valade-Gabel. Para palestras, discussões e leituras públicas, a linguagem de sinais, conforme apropriado, é usada. Em suma, o sistema combinado em toda a sua beleza e com todas as suas vantagens (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 46, tradução nossa).

Essa intervenção de Edward Gallaudet ajuda-nos a compreender a complexidade do chamado “sistema combinado”. Além disso, sugere como, no Colégio de Washington eram ministradas as aulas, desfazendo certa imagem de que tudo era ensinado com uso de sinais. Esses documentos colocam-nos no front...

Dudley Webster George (1855-1930)²¹, de Jacksonville, e René Desperriers, de Paris, colaboraram com reflexões sobre “os surdos-mudos como professores”. O texto de George recordava o quanto os surdos eram gratos aos professores surdos e questionava a ênfase dada no método oral. “Teoria vã”, “absurda” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900), a que George se contrapunha a partir da questão de que os surdos eram os protagonistas de um processo de educação e sabiam definir o que melhor atendia a seus interesses. Opôs-se, portanto, aos professores ouvintes que não mais ensinavam com o auxílio de sinais e ironizou o pensamento tão difundido de que o método oral seria o único para o pleno desenvolvimento dos surdos. Os outros sempre escolhendo aquilo que os próprios surdos poderiam deliberar:

Depois de estabelecer falsamente que a fala era a panaceia para todos os males que as mentes surdas-mudas haviam herdado, as pessoas gritavam dos telhados que era possível ensinar a arte da fala a todos ou a quase todos os surdos-mudos. Para aqueles pais que gastaram uma fortuna tentando em vão curar seus filhos da surdez, isso foi uma espécie de dádiva de Deus ou o que poderia ser melhor depois? A palavra foi, portanto, considerada de suma importância na educação de seus filhos (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 51, tradução nossa).

²¹ Filho de pais surdos, George tinha dificuldades auditivas desde a infância, tornando-se totalmente surdo aos 13 anos. Entrou para o Gallaudet College em 1871 e graduou-se em 1876, tornando-se professor de surdos. Cf. <https://liblists.wrlc.org/biographies/52658>

Desperriers, por sua vez, evocou o nome de surdos franceses que se destacaram como professores. O fato de serem unidos no infortúnio faria com que os professores surdos fossem mais assíduos aos seus estudantes. Insistiu ainda no valor da mímica na relação entre os surdos e, apesar de reconhecer que existiam alguns bons professores ouvintes, sugeriu uma comparação entre surdos ensinados por surdos e outros por ouvintes, em que se verificaria como os primeiros se apropriaram melhor dos conteúdos escolares (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Mas, como Daniel Carvalho (2016) já nos alertou: “não basta ser surdo para ser professor”...

E não basta ser surdo para opor-se ao método oral, como vemos no trabalho “*Os surdos-mudos e o método oral*”, de Marcel Mauduit. Para além de Felice Carbonera, em Milão, e Périno, mais um surdo defendendo o método oral. Ele recordou as resistências francesas ao método oral, apontando que o número de opositores estaria em queda, pois, dentre os surdos não haveria consenso e ele exemplificou as posturas captadas:

De fato, enquanto alguns simplesmente pedem um retorno à mímica (*signal*), outros se declaram partidários do sistema combinado (*fala e sinais*). Outra categoria, embora reconheça a indiscutível utilidade da linguagem articulada, gostaria que sua prática fosse generalizada apenas para surdos-mudos muito talentosos e que a mímica, de preferência a qualquer outro sistema, fosse usada para a instrução de atrasados e idiotas (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 57, itálico do autor, tradução nossa).

Teríamos, pois, segundo Mauduit, três posicionamentos diferentes, mas nos três haveria alguma valorização do método oral. Nosso surdo oralizado ainda recordou que o embate entre sinais e método oral perdurara por um século, mas fora vencido pelo oral. Mauduit desejou “dissipar preconceitos, muitos preconceitos injustos” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 58, tradução nossa). Para tal, ele recuou à história do Abade de l'Épée e demonstrou que o “Pai dos surdos” também valorizava a articulação²², sendo nisso seguido por Sicard. Os homens da história são sempre homens em transformação e carnes a serem esquartejadas...

Para Mauduit, o que deveria causar estranhamento era o fato de que os surdos opositores ao método oral viviam em certa superioridade sobre os outros, justamente, por dominar essa modalidade de comunicação. E acrescentou:

²² Bastante peculiar é o conjunto de recorrências a citações do Abade de l'Épée presentes nas atas de Milão compiladas por Fornari. Tanto defensores do método oral quanto opositores servem-se do religioso francês.

Os surdos-mudos inteligentes que têm em vista apenas o bem de seus irmãos de infortúnio devem defendê-lo e apoiá-lo contra a influência prejudicial de alguns perdidos que se dizem porta-vozes dos surdos-mudos franceses para pedir a restauração da mímica. Se nos dermos ao trabalho de estudar as queixas desses adversários de maneira completa e imparcial, é fácil ver que eles não se baseiam em observações sérias e científicas (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 62, tradução nossa).

Diante das críticas por parte dos defensores dos sinais, Mauduit argumentou que o insucesso do método oral estava diretamente relacionado à inteligência dos surdos, aos erros dos professores e a má organização das escolas. Sugeriu ainda que não havia um sistema perfeito para se educar os surdos e que todos apresentavam alguma falha (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Mauduit, apesar da luta de seus irmãos de infortúnio, não considerava possível um retorno aos sinais na educação de surdos e sua argumentação nos faz pensar:

Tenhamos a coragem de reconhecer que os surdos-mudos não possuem excepcionais aptidões pedagógicas, que a sua falta de audição os coloca em manifesto estado de inferioridade no que se refere à educação dos jovens. Seria um crime criar e encorajar esperanças que não devem ser realizadas. Seríamos culpados de fomentar entre os surdos-mudos inteligentes a ilusão de que as escolas voltarão à mímica e aos professores surdos-mudos. Nenhum governo europeu poderia desafiar tanto a opinião pública tomando a iniciativa de uma medida contrária ao bom senso público. Na própria América, há apenas 1/5 dos professores surdos-mudos nas escolas; havia 4/5 deles há quinze anos. Todos os anos, mesmo no país do método misto, o número de professores surdos-mudos diminui enquanto o de professores ouvintes aumenta (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 63-64, tradução nossa).

Sua percepção do que ocorria nos Estados Unidos fazia com que Mauduit descartasse qualquer resultado diferente em relação ao método oficial apoiado pelo Governo francês. Segundo Mauduit, ocorreria certa contradição por parte dos defensores da mímica ao pensá-la como meio de ensino, pois se revelava desastrosa na aquisição da língua materna. E um outro prejuízo se dava pelo fato de que, afeitos aos sinais, os surdos não desejavam mais utilizar outra linguagem (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Talvez, porque a língua natural evoque com mais facilidade o próprio sentido da comunicação...

Mauduit idealizou solucionar todas as críticas ao método que apoiava. Assim, sugeriu a criação de uma colônia agrícola para os surdos com mais dificuldades de aprendizagem, um projeto de formação para professores, a necessidade de um inspetor de carreira para acompanhar os estabelecimentos. Dentre suas sugestões também estava a criação de uma universidade para os surdos de destaque intelectual

(GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Mesmo nos opositores há possíveis pontos em comum e é uma arte conseguir percebê-los...

No contexto de um congresso que, na sua origem, surgiu marcado por divisões, a postura de Mauduit, ao final de sua apresentação, parece ser a de um emissário de conciliação (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Para Mauduit, parecia ser essencial obter o apoio dos professores ouvintes e, certamente, de modo especial, daqueles que se encontravam no congresso ao lado. Ele propôs uma trégua entre os surdos tendo em vista a ideia de um bem-estar da maioria dos surdos. Seus dados eram contundentes e sua compreensão de direitos de cidadãos aplicados aos surdos evocava uma consciência política bastante arraigada. De forma clara, Mauduit posicionou-se sobre a necessidade de uma educação obrigatória para todos os surdos. Mesmo que não fosse conforme o método que a maioria dos surdos desejava. E ter opiniões diferentes é sempre algo que nos faz aprofundar a reflexão...

E eu me lembro de Foucault a comentar sobre o poder disciplinar. E penso na escola como essa instituição para todos ou que a todos deseja normalizar:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo [...] A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (FOUCAULT, 1999b, p. 143).

Várias foram as reações à exposição de Mauduit. Para Gaillard, a postura de Mauduit declarava que os surdos eram incapazes de ensinar. Para Micheloni, Mauduit seria ainda muito jovem e lhe faltaria experiência. Eugène Née apresentou uma refutação em que se resgatava as figuras de surdos do passado e mostrava que três gerações se passaram e o método oral persistia sem sucesso:

E é por isso que também é errado apoiar com demasiada tenacidade ainda não punida pela experiência, o sistema oral, um sistema que até agora, após três gerações de escolares, tem produzido mais fracassos do que resultados reais a julgar pelo número de jovens de escolas do método oral puro que nada entendem e que vêm a nós, criados no seio do sistema combinado ou misto, nos pedir ajuda e assistência (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 68, tradução nossa).

Dusuzeau, presidente da Seção de Surdos, passou a função da presidência Emile Mercier com o objetivo de ir à tribuna refutar Mauduit:

O Sr. Mauduit acaba de afirmar que o surdo-mudo não tem aptidões para ensinar surdo-mudo. Ele cometeu um erro e um erro muito grande. Os professores Berthier, Chambellan, Dubois, Théobald e muitos outros que demorariam muito para enumerar, todos surdos-mudos, eram dotados de aptidões notáveis. Eles treinaram alunos muito bons, muitos dos quais, por sua vez, se tornaram professores. E, se pudesse falar de mim, diria que depois do meu pai, foi graças aos meus professores surdos-mudos Pélissier e Berthier que me tornei bacharel e que, posteriormente, pude me dedicar ao ensino dos meus jovens irmãos na Instituição Nacional de Paris. [...] Devo acrescentar que sem a linguagem notável do Abade de l'Épée, eu nunca teria chegado à situação que criei para mim. Com efeito, nunca será isso, pela competição de sinais que os surdos-mudos compreenderão mais rapidamente e que não esquecerão o que lhes será ensinado (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 69-70, tradução nossa).

Os registros de aplausos após as falas contrárias a Mauduit sugerem o quanto havia de indignação nos congressistas frente ao proposto por aquele jovem surdo oralizado. A sessão foi encerrada, mas antes se fez o descerramento de um quadro que Alexander, dos Estados Unidos, enviou em que se retratava a pessoa de Thomas Hopkins Gallaudet. Às vezes, em meio à tensão ou inutilidade de um debate, se faz necessário desviar o olhar para a arte...



2.4.4 Quinta Sessão: a vida como destino de todo ato de educar

A Quinta Sessão, na tarde de 07 de agosto, foi iniciada com os resquícios da discussão de Mauduit. Os vários trabalhos apresentados versaram sobre a questão do método desde a perspectiva predominante de uma crítica ao método oral puro. O primeiro trabalho foi apresentado por Ludwig Neubauer, de Stuttgart, colaborador do jornal *Le messenger des Souds-muets* e tratou sobre *Alguns erros do método oral na Alemanha e na Áustria*. Há um imperativo da prática que fala em Neubauer. Sua reflexão se move sobre este lugar. É a prática, a vida em si, dos surdos que deveria orientar o que é proposto na educação. E Neubauer permite-nos compreender a complexidade do momento vivido:

Acima de tudo, deve-se notar que não se trata de antagonismo ao método oral em si. O conhecimento da língua fônica é tão necessário para o surdo-mudo na vida prática quanto para o estrangeiro que vive em outro país que não o seu, o conhecimento da língua que ali se fala (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 319-320, tradução nossa).

Na expressão de Neubauer os surdos tinham interesse em aprender a linguagem articulada e até consideravam isso um atributo que poderia agregar-lhes

vantagens na vida social. Mas, então, qual seria a crítica de parcela considerável dos surdos? Neubauer o esclarece da seguinte forma:

O que criticamos no método oral é que os adeptos deste método dão ao ensino da língua falada, aos exercícios para adquiri-la, lugar demasiado no plano de estudos das instituições de surdos-mudos e que, por isso, o verdadeiro objeto do ensino dos surdos-mudos é relegado a segundo plano, em prol de um dos meios para atingir a meta que propomos. A instrução dada aos surdos-mudos em desenvolvimento não deve apenas capacitá-los a serem auto-suficientes mais tarde na vida prática; a educação adquirida na escola também deve constituir a base de uma cultura mais independente. E a linguagem fônica é apenas um dos meios para isso (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 320, tradução nossa).

O aprendizado da fala estava eliminando o aprendizado de outros conhecimentos a serem ministrados na escola. Desta maneira, os poucos anos de escolarização transformavam-se num tempo de treino de articulação, fazendo com que, no término dos estudos, os surdos soubessem tão somente e, de forma precária, falar, não compreendendo nem escrita, nem conteúdos outros. Neubauer, portanto, sugeriu um necessário retorno ao princípio da educação: “Educar para a vida e não para a escola deve ser o objetivo de toda educação, tanto dos surdos-mudos como de todos os outros” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 322, tradução nossa). E a escola, essa instituição, em contínua busca de suas razões de existência...

Inevitavelmente, vejo-me a ruminar Biesta. A vida é essa coisa imprevisível, da ordem do inesperado, do incalculável, das “im-possibilidades”. Que educação pode preparar para a vida? Somente uma educação que auxilie o estudante a saber-se num mundo volúvel:

A responsabilidade do educador, como desejo sugerir, reside precisamente num interesse pela combinação paradoxal - ou desconstrutiva - da educação e seu desfazer [...] os educadores e os professores devem estar cientes de que aquilo que rompe a operação fluente da comunidade racional não é necessariamente um distúrbio do processo educacional, mas poderia muito bem ser o próprio ponto em que os estudantes começam a encontrar sua própria voz única, responsiva e responsável. Isso também mostra que a responsabilidade do educador, a responsabilidade educacional, é uma responsabilidade por algo que não pode ser conhecido de antemão – é uma responsabilidade sem conhecimento daquilo pelo qual se é responsável (BIESTA, 2017, p. 153).

Neubauer afirmou que, nos países de língua alemã encontrava-se um número grandioso de surdos-falantes, todavia, grande parte ressentia-se de dificuldades e, quase sempre, terminados os estudos, abandonava a fala. Nesse contexto, criticou a prática avaliativa criada por auristas alemães. A intervenção médica sugeria avaliar resquícios auditivos e considerá-los em relação a quanto poderiam contribuir para o

desenvolvimento da fala dos surdos. Considerou ainda que a administração pública não iria patrocinar uma prática que beneficiasse apenas um número tão reduzido de estudantes. Todavia, em outros tempos, mais próximos de nós, houve não só patrocínio, mas grande investimento até internacional para que a prática se popularizasse. Guy Perdoncini²³, Álpia Couto²⁴ e os resquícios auditivos são do que me recordo agora...

Neubauer propôs para ser deliberado na votação final:

- 1°. O ensino dos surdos-mudos deve, mais do que tem feito até agora pelo menos, tender a desenvolver, nos alunos, durante os últimos anos escolares, uma atividade intelectual inteiramente pessoal e independente;
- 2°. Os exercícios auditivos só devem ser admitidos em instituições para surdos-mudos na medida em que apresentem garantias de: A - Que assim, a duração da instrução concedida aos alunos não seja indevidamente abreviada; B - Não negligencie, em benefício dos demais colegas, os alunos cujo exame, quanto à ausência de marcas auditivas, tenha dado resultado negativo (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 323, tradução nossa).

Percebemos que há um interesse de Neubauer em delimitar que, apesar do uso do método oral, os surdos não fossem prejudicados no conhecimento dos demais conteúdos comuns à instrução escolar. E que essa educação os habilitasse para uma vida intelectual independente e não para a simples repetição mecânica de palavras. O segundo ponto é uma ponderação acerca dos exercícios auditivos e, penso, de certa intromissão médico-clínica na educação. E, em Paris, na Seção dos Ouvintes, um casamento se deu entre medicina e pedagogia...

Dando-nos uma panorâmica da compreensão dos surdos acerca do método oral nos diversos países, essa sessão trouxe o trabalho *O método oral na Itália*, enviado por Francesco Guerra, de Nápoles, apresentado por Gioda, de Turim. A Itália, pós Congresso de Milão, tornou-se uma referência na educação de surdos pelo método oral, apesar do claro retardo na sua implementação (SANI, 2008). O texto de

²³ Guy Perdoncini foi um médico francês de Nice, especializado em otorrinolaringologia, foniatria e fisiologia. Ele desenvolveu uma metodologia que tomando por base a questão do resquício auditivo do surdo, procurava capacitá-lo para falar, definindo-se assim os exercícios mais adequados a cada qual conforme o resultado dos testes. Em 1963 publicou o livro *Précis de psychologie et rééducation infantiles*, em que apresentava as bases de seu método.

²⁴ Álpia Couto-Lenzi (1933-2017) foi uma professora brasileira, natural do Espírito Santo, que, conhecendo o método Perdoncini no início da década de 1970, tornou-se a grande difusora do método em território brasileiro, fazendo parte da AIPEDA - Associação Internacional "Guy Perdoncini" para o Estudo e a Pesquisa da Deficiência Auditiva.

Guerra, de imediato, propunha um apelo ao retorno dos professores surdos e ao método misto. Vejamos a primeira proposição:

1º. Defender os sagrados direitos dos surdos-mudos, que lhes são devidos como cidadãos livres, deixando-lhes o cuidado de instruir os seus companheiros nas escolas primárias, nas artes e ofícios, a fim de facilitar o seu desenvolvimento intelectual e moral, confiando-lhes a gestão das escolas de ensino superior mediante exame preliminar. Isto é necessário, especialmente na Itália, a fim de fornecer pão a tantos surdos-mudos pobres que agora estão sem meios de subsistência, sem profissão ou emprego, considerando também que os fundos dos Institutos para surdos-mudos pertencem a estes mesmos indivíduos, e não pertencem a falantes estrangeiros, que os gozam em detrimento destas pessoas infelizes, cujo destino não lhes interessa! (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 75, tradução nossa).

Guerra partiu do pressuposto de que era o surdo quem deveria educar o outro surdo, considerando em tal movimento que se assegurasse ao estudante o pleno e integral desenvolvimento de sua pessoa. Mas traduziu também a situação de empobrecimento dos professores surdos devido à implementação do método oral puro²⁵. Francesco Guerra apontou ainda para um uso indevido das verbas públicas, consideradas por ele como destinadas aos surdos e não aos ouvintes estrangeiros que, possivelmente, estavam assumindo as cadeiras de professores. O que é público pode ser “re-destinado”...

Na segunda proposição, Guerra afirmou que o método misto era desejado por todos os surdos, pois permitia o maior acesso à educação nos diversos níveis. “É o método mais popular e mais humano, e ao mesmo tempo que traz o maior desenvolvimento, exige menos tempo e despesa para a instrução e educação de surdos-mudos” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 75, tradução nossa). Essa afirmação funcionou como gatilho para que comentasse as limitações do método oral, ou seja, o fracasso com a maioria dos surdos, aplicação a um número reduzido de estudantes. Entretanto, aquilo que mais agravava a situação foi relatado por Guerra:

Vimos com grande pesar, que a maioria dos que saem das escolas modernas são estúpidos e ignorantes e só se pronunciam como papagaios e, de tal forma, que se tornam incompreensíveis e lamentáveis, fazendo-se objeto de

²⁵ Como, por exemplo, no caso de Marie-Pauline Larroy (1834-1919) ou Leopold Balestie, dentre outros. Acerca de Larroy, ver VIEIRA, 2022. Em sua tese, Eliane Vieira retoma parte da biografia dessa surda que atuou como professora e diretora. Não conseguimos dados biográficos de Balestie, mas Nicholas Mirzoeff comenta que: “A conexão entre a política de esquerda e a linguagem de sinais era muitas vezes explícita. Em 1873, o professor surdo Leopold Balestie foi demitido pelos oralistas por causa de seu método de ensino da língua de sinais e por causa de sua política socialista. Em 1886, ele foi reduzido à pobreza, dependente da caridade da comunidade surda” (MIRZOEFF, 1995, p. 205, tradução nossa).

zombaria dos outros! É uma verdadeira tirania, uma loucura, forçar todos os surdos-mudos indiscriminadamente como tantos escravos condenados a falar à força, obrigados a fazê-lo pelas deliberações injustas e desumanas do Congresso de Milão! (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 75-76, tradução nossa).

Apesar dos insucessos, o método oral puro permanecia como a metodologia ideal, conforme Guerra nos sugere ao mencionar a decisão tomada, em 1899, por um congresso italiano de professores de surdos²⁶. Guerra encerrou seu texto com alguns “vivas” a l’Épée, a Giovanni Battista Assarroti (1753-1829), a Edward Gallaudet. Possivelmente, esses “vivas” evocavam uma contraposição ao tão popularizado “*viva la parole*” ecoado em Milão. E concluiu: “abaixo o jugo do oralismo!” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 76, tradução nossa). Nenhum método educacional deveria se transformar em forma de escravidão...



Paul Veyne faz uso de uma metáfora que, parece-me, pode ser aplicada à ânsia pela verdade que foi instaurada em torno da educação de surdos no século XIX:

[...] em cada época, os contemporâneos encontram-se assim fechados em discursos como em aquários falsamente transparentes, ignoram quais são e até que existe um aquário. As falsas generalidades e os discursos variam através do tempo; mas, em cada época, passam por verdadeiros. De tal modo que a verdade é reduzida a *dizer a verdade*, a falar conforme o que se admite ser verdade e que fará sorrir um século mais tarde (VEYNE, 2009, p. 19, itálico do autor).

O panorama iniciado por Guerra foi seguido por Gerhard Titze, de Karlskrona, Suécia, que, apesar de o texto ter como título *O método combinado na Suécia*, apresentou dados sobre as escolas, legislações em vigor, formação de professores e comentou num curto parágrafo que eram três os métodos utilizados: “o método de conversação (oral); o método de escrita e o método de sinais” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 78, tradução nossa). Na Suécia, por volta de 1900, havia coexistência de métodos...

O trabalho *O método misto* foi proposto por Félicien Douard como uma análise imparcial do método oral desde a situação do Instituto para Surdos-mudos de Marselha. Após reconhecer que havia vantagens para os surdos que conseguiam falar, mas que isso só era possível com qualidade para os surdos que perderam a

²⁶ Apesar de Guerra não dar a referência, parece-me, referir-se ao evento registrado na seguinte publicação: *Atti della Prima Riunione dei maestri italiani dei sordomuti tenuta a Roma dal 31 agosto al 2 settembre 1899*. Siena: Tip. S. Bernardino, 1900.

audição após aprenderem a falar, Douard aponta uma das grandes limitações do método oral:

Qualquer surdo que não conhece o significado das palavras abstratas não consegue expressar o que pensa, por isso é inútil saber falar sem compreender o valor das palavras. Os defensores do método oral certamente sabem disso. Eles ocultam sistematicamente a situação infeliz causada aos surdos-mudos por esse método ruim quando ele é aplicado sozinho. Eles também não querem admitir que os sinais sejam necessariamente usados na maioria das instituições. Obviamente, eles têm o motivo oculto de salvaguardar os interesses dos ouvintes-falantes, e não os dos surdos-mudos, conservando o lugar de alguns em detrimento de outros (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 79, tradução nossa).

No Congresso de Milão a ênfase dada por Giulio Tarra era de que os sinais não permitiam expressar abstrações e que o pensamento só poderia ser devidamente comunicado pela palavra. Douard inverte o argumento mostrando que os oralistas tinham ciência dessa falácia e do comprometimento que isso causava à vida dos surdos. Todavia, em função da manutenção de seus postos de trabalho não cediam aos fatos. Há verdades que se constroem lentamente apesar dos e com os fatos...

A verdade é sempre produzida e influenciada pelo poder:

Por “verdade”, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a produzem. “Regime” da verdade (FOUCAULT, 2008c, p. 14).

E ainda no campo das verdades, Gaillard apresentou o trabalho *O verdadeiro método*. Apoiando-se no fato de ter viajado e conhecido a aplicação dos métodos nos diversos lugares, procurou elucidar o que os surdos desejavam e a que se opunham:

Nenhum método é superior ao outro. Todos são iguais porque todos são bons. Isso significaria estabelecer que todos os métodos devem ser mantidos. De fato. O grande erro dos professores, ontem e hoje, foi pensar que o aluno foi feito para o método da predileção de seus professores. Isso é contra a natureza. O método deve ser feito para o aluno. Se o aluno é inteligente, deve haver um método inteligente, ou seja, superior, um pouco complicado. Se o aluno está atrasado, um método também inteligente, mas inferior ao primeiro e, acima de tudo, mais fácil. Daí se segue que, para educar adequadamente os surdos-mudos, a necessidade óbvia é que eles devem ser selecionados. E aplique a cada seleção o método mais capaz de tornar cada categoria frutífera (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 82-83, tradução nossa).

Gaillard, parece-me, recolocou corretamente a questão do método como “caminho” para que o estudante pudesse aprender. Portanto, é nessa relação com quem aprende que o método poderia ser definido. Dessa maneira, é sempre improvável que exista um método que satisfaça todos os estudantes surdos. O

equivoco, bem apresentado por Gaillard, era que o apreço pelo método oral puro fez com que os professores invertessem a premissa e colocassem os surdos em função do método, procurando adequar todos os surdos a um único método. E, mesmo ao se pensar uma educação bilíngue, é oportuno pensar que sempre existirão surdos com outras necessidades que aquelas que consideramos primordiais...

Mas como bem nos recorda CandiOTTO:

Para Foucault, a verdade é indissociável da singularidade do acontecimento. Aquilo qualificado de verdadeiro não habita num já-aí; antes, é produzido como acontecimento num espaço e num tempo específicos. No espaço, na medida em que não pode ser válido em qualquer lugar; no tempo, porque algo é verdadeiro num tempo propício, num kairós (CANDIOTTO, 2007, p. 204).

O verdadeiro método seria aquele “feito para o aluno”, conforme Gaillard recordou, e exigiria um processo de seleção e classificação. Em si, essas duas ações não teriam nenhuma incorreção, contudo, elas indicavam ainda formas de aprisionar o sujeito a uma determinada metodologia. Gaillard hierarquizou os níveis de inteligência, mas insistiu que o método utilizado com os surdos com maiores dificuldades de aprendizagem não podia deixar de ser também um processo inteligente. Dessa maneira, Gaillard delimitou um aspecto essencial: não se desejava oferecer um mínimo de saber aos que tinham dificuldade, mas sim oferecer de um modo mais acessível aquilo de que necessitavam tanto quanto os outros. É Gaillard nos recordando que a apropriação do saber é o ponto fulcral. Foucault auxilia-nos a compreender:

Procura-se saber quais são os vínculos, quais são as conexões que podem ser reconhecidas entre mecanismos de coerção e elementos de conhecimento, quais jogos de recondução e de apoio são desenvolvidos entre eles, o que faz que tal elemento de conhecimento possa adquirir efeitos de poder afetados num semelhante sistema por um elemento verdadeiro ou provável, incerto ou falso; e o que permite que tal procedimento de coerção adquira a forma e as justificações próprias de elemento racional, calculado, tecnicamente eficaz etc (FOUCAULT, 1990b, p. 48).

Convém, pois, contemplar como Gaillard nomeou o que seria o método mais apropriado:

Isso é o que chamo de sistema combinado; não é o método misto como tal, esse é o erro científico de tantos mestres e de tantos surdos-mudos. O sistema combinado é a melhor combinação *possível* de métodos, de todos os métodos, com vistas ao maior desenvolvimento *possível* da instrução do maior número *possível* de surdos-mudos (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 83, itálico do autor, tradução nossa).

Na proposição de Gaillard, tal sistema não seria sinônimo de método misto onde os sinais e/ou articulação e/ou escrita eram usados simultaneamente no processo de escolarização do surdo. Gaillard denominou como “combinado” a combinação, mesmo que com uso separado de um só método, entre o método mais adequado ou os mais adequados e a necessidade do estudante, tendo em vista a garantia de bons resultados. A ênfase no “*possível*” foi, talvez, o maior parâmetro...

Gaillard considerou o que deveria ser feito ao se perceber que um estudante surdo não se desenvolvia com o método oral puro e compreender as reações do estudante:

Esta rebelião é talvez o resultado de um atraso mental, de uma má disposição, afasia motora, dos órgãos vocais, de uma precariedade endêmica de saúde, de um estado supranervoso geral, ou mais simplesmente de uma demência. Uma voluntária ou impulsiva antipatia da criança. Em todo caso, tivemos tempo, em quatro anos, de persistir em fazer com que ele desfrutasse dos benefícios do oral. Se o fracasso persistir, seria de um criminoso ou de uma mente cega persistir em rebaixá-lo de qualquer maneira. É o momento, mais do que nunca, de se interessar pelo cérebro da criança. É então que o método misto de sinais, fala e escrita deve entrar em jogo, ou o método de escrita e datilologia combinado com a exclusão dos sinais. É aqui que se pode fazer um apelo ao inestimável auxílio do professor surdo-mudo. E como plano de estudos, devemos usar o mesmo plano que indiquei para o aluno da divisão oral. E rapidamente você observará no aluno da divisão mista um progresso igual naquele que alcançará o aluno da divisão oral. Sinais e escrita irão gradualmente desenvolver o cérebro desse aluno impróprio para a educação oral (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 84-85, tradução nossa).

Gaillard parece ter assumido certa postura influenciada pela visão médico-clínica ao sugerir observar no corpo do estudante surdo algum motivo para sua rejeição/rebelião ao método oral puro. Um corpo que seria, pois, responsabilizado pela postura do aluno. Um corpo assujeitado que olha a si e aos outros corpos a partir de uma lógica da normalidade. E a norma sempre presente...

Acerca de um discurso possível, por vezes, baseado em certa cientificidade, Foucault nos adverte:

(...) nada pode figurar como elemento de saber se, de um lado, não estiver conforme a um conjunto de regras e coerções características, como, por exemplo, um certo tipo de discurso científico numa época dada; e se, de outro, não for dotado de efeitos específicos de coerção ou simplesmente de incitação do que é validado como científico, racional ou comumente recebido etc. Inversamente, nada pode funcionar como mecanismo de poder se não se desdobra segundo procedimentos, instrumentos, meios, objetivos que possam ser validados em sistemas mais ou menos coerentes de saber. Portanto, não se trata de descrever o que é o saber e o que é o poder e como um reprimiria o outro, ou como um abusaria do outro; mas, antes, descrever o nexos entre saber-poder que permite compreender o que constitui a

aceitabilidade de um sistema, seja o sistema da doença mental, da penalidade, da delinquência, da sexualidade etc (FOUCAULT, 1990b, p. 49).

Gaillard não detalhou o restante do processo, mas sugeriu que, ao final de um período, também aqueles surdos estariam usufruindo da escrita e leitura de modo similar aos que foram educados sob o método oral puro. E retomou a questão dos sinais dentro dos institutos a partir da ideia de convivência entre estudantes educados por métodos distintos:

Aqui, é preciso fixar um ponto importante como princípio dominante da preparação do surdo-mudo para a vida social, como único meio de habituá-lo a se mover em meio a vários personagens, antipatias e simpatias. Isso porque em qualquer escola eles devem estar envolvidos, ficar juntos no recreio, no refeitório, no dormitório, em todo lugar, menos na sala de aula. Eles aprenderão a se conhecer, a se amar, a ajudarem-se mutuamente, a penetrar-se mutuamente com todos os sentimentos de solidariedade que devem reger a sociedade de amanhã. E se eles fizerem sinais, tanto faz. Os sinais aqui não serão prejudiciais. Facilitarão a discussão entre si, a troca de ideias, o desenvolvimento da imaginação, principalmente na aula oral do aluno que, com seu manuseio, adquirirá mais flexibilidade mental, sem querer perder o hábito da fala e da leitura labial, uma superioridade da qual sempre se orgulhará (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 85, tradução nossa).

Nessa assertiva de Gaillard, os sinais seriam aceitos como algo natural no contexto da vida dos surdos. Todavia, não se daria a eles uma valorização no processo de ensino-aprendizagem, sendo uma “língua” de fomentação da solidariedade entre os surdos diante de uma convivência fora das instituições (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Contudo, a sala de aula não contemplaria necessariamente o auxílio dos sinais...

Para Gaillard, após todo esse processo, seja pelo método oral puro, seja pelo misto, os surdos estariam aptos para uma etapa que os capacitasse para a preparação profissional e isso seria feito por meio de palestras sobre temas diversos. Gaillard concluiu, sugerindo que surdos que se destacassem deveriam estar em escolas comuns, mas em turmas especiais (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Assim Gaillard esboçou o seu “o verdadeiro método” ...

Gaillard e Jeanvoine não registraram nenhuma manifestação dos congressistas ao trabalho apresentado por Gaillard. Sua abertura para o método oral puro, possivelmente, despertou certa confusão entre os presentes, pois, o protagonismo de Gaillard e sua condição de intelectual surdo geravam expectativas quanto às suas concepções. Gaillard, talvez, estivesse dando um aceno aos oralistas e/ou pensando numa contraconduta...

Ernest Dusuzeau deixou novamente a presidência para apresentar *O método oral e o método de sinais*. Dusuzeau recordou que manteria sua posição já manifestada nos congressos de surdos de Paris (1889) e Genebra (1896). Afirmou não fazer objeções ao método oral, mas reconheceu sua incompletude e a carência da mímica como sua auxiliar para inúmeras questões. Inclusive, afirmou que, nas escolas que seguiam o método oral havia a prática de se servir dos sinais para esclarecer desde formatos de letras até ideias abstratas. Numa aposta bem distinta da apresentada por Gaillard, Dusuzeau propôs:

Senhores, os partidários do método oral, não hesitarão em admitir que nunca conseguirão nada sem a ajuda do método mímico. Considero que a fala do surdo-mudo é um luxo, um suplemento de instrução que facilita suas relações cotidianas com o mundo exterior. Quanto ao ponto de vista puramente utilitário, do ponto de vista de sua instrução pessoal e moral, não é de forma alguma de uso imediato. Para a educação do surdo-mudo, deve-se primeiro colocar-se ao seu alcance, esforçando-se para usar os próprios meios naturais, e só depois de ter feito a concessão deste esforço para desenvolver a sua inteligência e as suas faculdades é que temos direito a exigir-lhe o estudo da linguagem universalmente usada que Deus lhe recusou: «a Palavra» (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 88, tradução nossa).

Para Dusuzeau, somente uma educação que partisse da realidade dos estudantes surdos e de sua forma de comunicação, ou seja, usando os sinais, é que poderia obter sucesso, até mesmo se desejassem investir na oralização. O final do parágrafo parece remeter ao texto bíblico do Evangelho segundo João, em que há uma associação entre a pessoa de Jesus e a forma como Deus se comunica, a Palavra²⁷. Importante notar que Dusuzeau não cita que Deus recusou ao surdo a audição, mas sim a palavra. Parece-me uma forma de reconhecer que a surdez não seria uma anormalidade...

Veiga-Neto permite-nos apropriar de uma reflexão foucaultiana:

A norma, ao mesmo tempo que permite tirar, da exterioridade selvagem, os perigosos, os desconhecidos, os bizarros capturando-os e tornando-os inteligíveis, familiares, acessíveis, controláveis, ela permite enquadrá-los a uma distância segura a ponto que eles não se incorporem ao mesmo. Isso significa dizer que, ao fazer de um desconhecido um conhecido anormal, a norma faz desse anormal mais um caso seu... é também isso que faz dela um operador tão central para o governo dos outros; ninguém escapa dela (VEIGA-NETO, 2001, p. 29).

²⁷ Na tradição judaica a palavra de Deus tem uma força de realização, de transformação da realidade, de intervenção sobrenatural. A associação entre a necessidade de o surdo falar como expressão do pensamento, no Congresso de Milão, foi baseada justamente nessa compreensão da palavra divina. Cf. RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO; VIEIRA, 2021.

A apresentação de Dusuzeau enfatizou os limites do método oral puro, valorizou o uso dos sinais como linguagem natural dos surdos e demonstrou a necessidade de um investimento na inteligência desses sujeitos desde tenra idade. Opondo-se ao apresentado por Gaillard, Dusuzeau não contemplou a possibilidade de um treino com a fala e, posteriormente, o encaminhamento se necessário para o uso de sinais. E mais uma vez criticou a obsessão dos professores oralistas de inverter o foco da instrução para o aprendizado da fala. Constantemente, a educação pode desviar-se de seus propósitos ou seus propósitos podem desviar do que é educação...

Dusuzeau defendeu ardorosamente a língua de sinais e seu papel na educação:



Não nunca! A linguagem mímica não vai desaparecer! Os franceses, os ingleses, os alemães, os russos, os chineses têm uma língua própria. E nós também temos uma, a linguagem de sinais! E devemos ter orgulho disso, ainda mais porque é uma linguagem universal. Convido-vos a ler o notável trabalho do Sr. Chambellan, professor honorário da Instituição Nacional dos Surdos-Mudos de Paris, sobre a popularização da língua gestual, verão apenas provas incontestáveis da utilidade desta língua (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 89, tradução nossa).

Um elemento da argumentação foi a compreensão de que se tratava de uma língua de um grupo, portanto, algo incorporado a uma determinada parcela da população. Mas tal argumento ganhou uma dimensão mais ampla quando Dusuzeau manifestou aquilo que era crença de outros surdos. A linguagem de sinais seria uma linguagem universal²⁸. Desta maneira, não só os surdos deveriam aprendê-la, mas também todas as outras pessoas. Uma língua que, de minoritária se expandiria à universalidade...

Dusuzeau definiu o método combinado como a junção do método oral e o mímico. Essa junção é que asseguraria aos surdos um possível sucesso na vida social e ressaltou ainda a capacidade dos surdos, apresentando-os como mais centrados nas atividades. Dusuzeau exortou os professores oralistas a reconhecerem que não

²⁸ A compreensão de que a língua dos surdos se configuraria como uma língua universal já estava presente nos banquetes organizados por Berthier: “Finalmente, com a primeira luz do século XVII, um homem aparece na face da terra, ou melhor, um anjo desce do céu. O Abade de l’Épée prevê sua missão e disse a si mesmo: vou apagar esta linha de demarcação que separa os surdos-mudos dos outros homens. Uns e outros são filhos de Deus, cumprirei a vontade de Deus misturando-os em uma comunidade de idéias e sentimentos. O elo maravilhoso será a linguagem universal, esta linguagem procurada em vão durante séculos por estudiosos de todos os países, esta linguagem que existiu em todos os tempos e que emanava do sopro divino quando lhe aprouve animar o pensamento humano” (SOCIÉTÉ CENTRALE DES SOURDS-MUETS DE PARIS, 1842, p. 7, tradução nossa).

atingiram os objetivos que desejavam e que se unissem aos surdos, rejeitando a exclusividade do método oral puro. A deliberação de Dusuzeau foi apresentada nos seguintes termos: “Considerando a insuficiência do método oral puro, embora reconhecendo sua utilidade, o Congresso expressa o desejo de que o método oral e o método mímico sejam combinados e, conseqüentemente, o método misto seja restabelecido” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 91, tradução nossa). Mas Dusuzeau reservava uma crítica final...

Dusuzeau parecia falar sobre um modo de vida mais que sobre um método. E sua postura de provocação aos oralistas evocava também esse desejo de trazer à discussão um modo de vida. Por isso, a minha lembrança de Foucault ao tratar da parresía socrática:

Dizer a verdade na ordem do cuidado dos homens é questionar o modo de vida deles, é procurar por à prova esse modo de vida e definir o que pode ser validado e reconhecido como bom e o que deve, ao contrário, ser rejeitado e condenado nesse modo de vida (FOUCAULT, 2011, p. 130).

Dusuzeau recordou que as pessoas que ficaram surdas ao longo da vida tinham uma vantagem com o método oral e acabavam aprendendo melhor a escrita da língua oficial. Essa recordação, pareceu-me ter claro objetivo de recordar que o método oral só obtinha algum sucesso com pessoas ensurdecidas após o período de assimilação da fala. Considerando isso, em relação aos surdos de nascença, diz-nos Dusuzeau: “Portanto, declararei mais uma vez que só existe um meio poderoso de iluminar suas mentes: a linguagem mímica!” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 91, tradução nossa). E os debatedores se apresentaram para apoiá-lo...

Micheloni, surdo italiano, ao comentar a apresentação de Dusuzeau manifestou o desejo de que o congresso retomasse a resolução apresentada em Genebra, na qual se falava da opção pelo método misto. Sugeriu também que a mesa diretora da Seção dos Surdos redigisse um pedido de alteração na agenda da Seção dos Ouvintes para que se apresentasse a decisão dos surdos de que aprovaram, por unanimidade, a superioridade do método misto por sua inquestionável eficácia (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). O desejo sempre nos move...

A sugestão de Micheloni, se aceita pela Seção dos Ouvintes, formalizaria o restabelecimento do método misto. De imediato houve adesão por parte de vários congressistas. Watzulik, diante da impossibilidade de diálogo com a Seção dos

Ouvintes, manifestou alternativas possíveis como, por exemplo, ações junto à imprensa. Entretanto, para apaziguar os ânimos, Gaillard solicitou ao Abade Jacoutot, diretor da Instituição de Estrasburgo, que formalizasse o pedido na Seção dos Ouvintes de que a sessão final de deliberações fosse em comum. Dois caminhos que se separam nem sempre se reencontram apesar de homens que se fazem de ponte...

Joseph Cochefer, impedido de estar no Congresso, enviou um trabalho versando sobre: a) a utilidade do método oral; b) a transferência dos institutos para o Ministério da Instrução Pública; c) a necessidade de nomeação de diretores entre professores de carreira. Cochefer fez uma retrospectiva do ensino de surdos na França e reconheceu certa utilidade do uso da palavra pelos surdos:

Nesse caso, seria necessário, a meu ver, estabelecer três categorias distintas de sujeitos, categorias estabelecidas da seguinte forma: 1°. Aqueles cujo aparelho vocal e nervos sensoriais estão normais (geralmente são indivíduos que perderam acidentalmente a audição); 2°. Aqueles para quem a natureza não deu o espaço necessário para falar (são sempre surdos-mudos de nascença); 3°. Aqueles que sofrem de retardo intelectual ou instabilidade mental. Para os sujeitos da primeira categoria, o ensino pela fala pura é obrigatório. Para os segundos, que poderão, com grande esforço, pronunciar algumas palavras inteligíveis, a informação pelo método misto seria preferível. Quanto aos da terceira, o método exclusivo dos sinais com imagens e museu das coisas usuais poderia ser utilmente empregado para sua instrução (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 103, tradução nossa).

Propôs uma classificação dos surdos um pouco distinta das anteriores, pois, para Cochefer, não seria suficiente separar os nascidos surdos dos ensurdecidos, e considerou que os sinais seriam apropriados apenas à terceira categoria de surdos, ou seja, aqueles marcados por algum tipo de atraso ou debilidade. Em relação aos primeiros, Cochefer fez também certa estratificação, mostrando a ênfase na compreensão do corpo normal. Dessa forma, o método misto seria destinado aos surdos incapazes de falar, que, em sua maioria, eram os surdos de nascença, tidos como corpo marcado por uma anormalidade. Há um desejo de se contemplar todos os surdos, mas tal classificação parece sempre carecer de mais espaços...

A sessão foi encerrada com a leitura feita por Gaillard de um texto de Félicien Douard acerca da necessária transferência dos institutos para o Ministério da Instrução Pública. Douard recordava que diversas crianças com deficiência, devido à obrigatoriedade do ensino, estavam estudando em escolas regulares, mas os surdos permaneciam relegados a instituições de caridade, onde o ensino era mínimo e ao fragor dos interesses de seus diretores (GAILLARD; JEANVOINE, 1900).

Concordamos com Douard, a verdadeira caridade seria superar a ignorância por meio da instrução e não manter os surdos em instituições caritativas...

Há na apresentação de Douard uma questão acerca do controle desses corpos diferentes que pleiteiam a educação obrigatória. Toda a maquinaria moderna se destinou a controlar os corpos num duplo movimento, em que, por um lado, individualiza-se, e, por outro, vincula-se à população; produzindo concepções e práticas que, por fim, contribuem para a construção e manutenção da modernidade que vigia sobre os corpos (RESENDE, 2010). Nada escapa, mas há sempre possibilidades de fuga até uma nova captura...

Foucault, ao tratar sobre a fixação dos indivíduos via instituições de sequestro, comenta:

A fábrica não exclui os indivíduos; liga-os a um aparelho de produção. A escola não exclui os indivíduos; mesmo fechando-os; ela os fixa a um aparelho de transmissão do saber. O hospital psiquiátrico não exclui os indivíduos; liga-os a um aparelho de correção, a um aparelho de normalização dos indivíduos. [...] A fábrica, a escola, a prisão ou os hospitais têm por objetivo ligar o indivíduo a um processo de produção, de formação ou de correção dos produtores. Trata-se de garantir a produção ou os produtores em função de uma determinada norma (FOUCAULT, 2002, p. 114).

2.4.5 Sexta Sessão: a busca de encaminhamentos

A Sexta Sessão, ocorrida na manhã de 08 de agosto, foi iniciada com a recordação, feita por Dusuzeau, dos incidentes do dia anterior. O presidente solicitou calma aos congressistas e leu a resposta do presidente da Seção dos Ouvintes acerca do pedido de uma sessão conjunta: “Meu caro colega, embora seja muito sensível à sua gentil proposta, a Seção dos Ouvintes pensa que não poderá esgotar seu programa, e que é impossível ter uma reunião plenária. Atenciosamente, Dr. Ladreit de Lacharrière” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. XVI, tradução nossa). Essa leitura fez com que Edward Gallaudet, membro da Seção dos Ouvintes, elaborasse uma deliberação a ser apresentada em conformidade com o pensamento dos surdos. O trânsito entre as seções tinha sua frutuosidade...

Gallaudet a formulou da seguinte maneira:

O Congresso, considerando que as crianças surdas-mudas não estão todas no mesmo nível de aptidões intelectuais e físicas para a aquisição da fala e da leitura labial, expressa o desejo de que no ensino destas crianças não se deve limitar-se à aplicação rigorosa de um único método, mas que se escolha o método de acordo com a aptidão do aluno e faça uso de todos os meios que possam contribuir para o melhor desenvolvimento intelectual e moral do aluno. O Congresso, considerando o valor da fala e da leitura labial, expressa o desejo de que todas as crianças surdas-mudas sejam ensinadas a falar quando entrarem na escola e que esse ensino seja continuado para todos que tiverem sucesso, e se empregue a mímica para aquelas que não o obtém (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 114, tradução nossa).

Edward Gallaudet não solicitava o retorno do método misto, mas sim que a classificação das crianças fosse o critério a determinar o método a ser utilizado no ensino. O método oral não seria exclusivo, mas ofertado inicialmente a todos e continuado nos que manifestassem aptidões necessárias. A mímica ficaria para uso dos demais. Gallaudet, parece-nos, proceder de forma a contemplar que, no momento da classificação, os surdos-mudos de nascença seriam encaminhados para a mímica, pois não demonstrariam sucesso com o método oral. As guerras não se vencem com apenas uma batalha...

Antes de seguirmos, gostaria de deter-me no aspecto moralizante presente na sugestão de deliberação. Foucault já se perguntara: “Por que nas escolas não se ensina somente a ler, mas se obrigam as pessoas a se lavar?” (FOUCAULT, 1996, p. 119). Aquino (2019) comenta acerca do que é ensinado nas escolas:

[...] ultrapassa e, no limite, dispensa a propalada distinção entre as dimensões *conceitual*, *atitudinal* e *procedimental* dos conteúdos escolares, uma vez que estes visariam tão somente dar corpo e vazão a múltiplos comandos de cunho moralizante, transpassando as convenções e os chamamentos pedagógicos de época. [...] No indivíduo mais pedagogicamente talhado (professor ou aluno, em igual medida) residiria, portanto, o limiar de uma coletividade mais *desenvolvida*, mais *emancipada* e, afinal, mais *humana*, tendo as salas de aula como seu lócus fundador. Eis a crença-base do projeto civilizatório, não obstante suas sucessivas oscilações, deslocamentos e recomposições históricas (AQUINO, 2019, p. 306, itálicos do autor).

Mas voltemos a 1900. Nas atas da Seção dos Ouvintes encontramos nessa data a manifestação de Gallaudet de que as duas seções pudessem se encontrar e uma crítica a Ladreit de Lacharrière como o responsável pela recusa ao pedido dos surdos (LACHARRIÈRE *et al.*, 1900). Não localizamos a deliberação acima proposta na Seção dos Ouvintes e, possivelmente, Gallaudet não tenha conseguido fazê-la entrar nas votações do dia. Mas Dusuzeau conseguiu, ao menos, uma sessão de encerramento em comum...

Um dos temas da Sexta Sessão foi a assistência religiosa dada aos surdos. O trabalho de E. Cateleux foi apresentado por Jeanvoine e falava de um grupo de surdos que anualmente se reunia numa estância de férias, próxima à Amiens. O Abade Rieffel seria o catalisador desses surdos, gerando um vínculo religioso cristão tanto para os surdos-mudos quanto para os surdos-falantes. Tais dias junto a Rieffel eram também momentos de formação sobre temas diversos. Novamente o aspecto moralizante reaparece. A força religiosa para além das instituições demonstra-se uma marca vital...

Na mesma temática, o trabalho de Victor Lagier abordou os cuidados religiosos dispensados aos surdos na tradição protestante. Sua apresentação provocou certo tumulto ao mencionar que os surdos oralizados encontravam melhores condições de trabalho e os outros, oriundos de instituições religiosas católicas, quase sempre acabavam sucumbindo a trabalhos inferiores como a venda de alfabetos manuais nas vilas. As discussões aumentaram quando mencionou o tempo perdido com as missas. A proibição de se discutir religião no evento pôs um ponto final na discussão! Algumas regras podem ser úteis...

Na sequência das apresentações, Edmond Pilet, de Rouen, tratou das sociedades de surdos-mudos. O trabalho de Pilet traçou um panorama das associações de surdos na França, mostrando sua evolução e como a questão do ensino perpassava muito das discussões nesses espaços. Os dados utilizados pelo autor permitem um conhecimento sobre esse associativismo. Na sua sugestão de deliberação, Pilet mencionou que, mesmo que o método oral chegasse à perfeição, o associativismo surdo deveria ser incentivado, pois a utilidade das associações era inquestionável. Recordamos que havia, por parte dos oralistas, um incentivo ao contrário, pois consideravam que as associações contribuiriam para que os surdos oralizados esquecessem do aprendido nos institutos. As associações são espaços privilegiados de constituição de uma autonomia surda...

Outro trabalho, apresentado por Eugène Née, versou sobre os surdos fora da escola, partindo do pressuposto acima recordado. Para Née, mesmo que o associar-se significasse certa perda da oralização, isso não se compararia aos benefícios que os surdos adquiriam no contato com os irmãos de infortúnio mais velhos. Née criticou as tentativas frustradas de surdos-falantes se associarem aos ouvintes e, mais uma

vez, foram propostas deliberações que incentivavam o associativismo surdo (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Muita presunção dos defensores do método oral querer impedir os surdos de se associarem após saírem de suas escolas. Mas quando se pensa o outro como tutelado deseja-se dominá-lo por toda a vida...

Encerrando essas discussões, Gaillard leu um pequeno comentário de Henri Desmarest acerca das dificuldades dos surdos de fazerem parte de associações de ouvintes. A questão do associativismo surdo era também uma questão educacional.

2.4.6 Sétima sessão: os surdos e o mundo do trabalho até as portas se abrirem

A Sétima Sessão, dada após o meio-dia de 08 de agosto, foi iniciada com uma discussão acerca da criação de um asilo para surdos idosos e enfermos. Na sequência, o escultor surdo Eugène Graff (1862-1935) apresentou um trabalho sobre a dificuldade dos surdos serem admitidos em oficinas, mostrando como uma escolarização insuficiente interferia diretamente no acesso dos surdos a empregos de justa remuneração. Esse contexto, levou Graff a sugerir que competiria ao Estado assegurar um determinado número de vagas em funções públicas para profissionais surdos. As cotas tão novas para nós, são antigas demandas...

Como se tratava da última sessão de debates, vários trabalhos foram apresentados, nem sempre tendo uma temática que os unisse. Henri Gaillard refletiu sobre *Carreiras e profissões dos surdos-mudos: assistência para o trabalho*²⁹, retomando muitas das ideias apresentadas no Congresso de Chicago (1893) e sugeriu o fechamento das oficinas profissionais nos institutos de surdos. Essa sua proposta denunciava o quanto tal ensino estava distante da realidade e como os surdos recém saídos da escola mostravam-se inaptos para atuar nas profissões disponíveis (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Também não se desejava uma simples educação para atender as demandas do mercado...

Warren Robinson tratou de *O aprendizado de um ofício na escola*. A partir da realidade dos Estados Unidos, Robinson propôs a criação de escolas profissionalizantes destinadas a surdos e organizadas por regiões, atendendo a maior

²⁹ Acerca deste trabalho conferir RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO; SOUZA, 2021.

parcela dessa população. Tais escolas seriam mantidas pelo Estado e deveriam atender às necessidades de cada região, como por exemplo, demandas industriais ou agrícolas. Havia uma ênfase no aprendizado prático sem, contudo, furtar aos surdos o tempo necessário para o aprendizado de conteúdos comuns (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Uma iniciativa para que o trabalho manual nas oficinas não se tornasse uma desculpa para não se ensinar aos surdos o que a escola deveria ofertar. Há uma base comum desejada...

Recordemos que a disciplina escolar é também um investimento do poder sobre o indivíduo, de modo que tal investimento se reverta como sustentação do próprio poder. Conforme Foucault nos diz:

Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 1999, p. 29).

Louis Eymard, de Nanterre, apresentou considerações acerca da vida moral dos surdos. Eymard comentou que na vida familiar, tão logo que possível, o surdo deveria ser ensinado a se comunicar por gestos. A escola continuaria essa abertura da inteligência desde o método mais adequado àquela criança, preparando-a também para o trabalho. Eymard tocou no possível casamento entre surdos e a necessidade de sustento da família, apresentando, por fim, uma preocupação com a velhice e com os investimentos que deveriam ser feitos para dar continuidade à instrução escolar (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Pensa-se numa educação que acompanhe o surdo por toda a vida...

Jeanvoine apresentou um trabalho sobre: I - A condição dos surdos no passado; II - Progresso depois do Abade de l'Épée - condição civil do surdo na atualidade; III - Meios para melhorar a situação dos surdos - suas reivindicações. Nessa última parte, Jeanvoine detalhou aspectos intelectuais e profissionais, abordando a questão da escolarização e da vida social. Em relação à instrução, Jeanvoine considerou: deveria ser obrigatória e gratuita a partir dos 08 anos; o ensino profissional ministrado concomitantemente ao ensino intelectual; necessidade de escolas de nível superior; manutenção da instrução religiosa (GAILLARD;

JEANVOINE, 1900). Em relação aos métodos é importante compreender o que Jeanvoine propôs:

Os surdos-mudos reconhecidos como inaptos para receber instrução pelo método oral, se, entretanto, este método for mantido, sejam instruídos pelo método do Abade de l'Épée, isto é, por mímica e escrita, e que este ensino seja confiado a professores surdos-mudos, que por sua enfermidade são mais capazes do que professores ouvintes de se assimilarem aos seus alunos (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 211, tradução nossa).

Para Jeanvoine, talvez, compreendendo que seria impossível destituir o uso do método oral, a inaptidão de surdos para tal método era a possibilidade de se resgatar o método antigo e fazer retornar aos institutos os professores surdos. No contexto da reflexão sobre aspectos legais, Jeanvoine, por considerar o surdo como sujeito de direitos como qualquer outro cidadão, procurou um mecanismo em que, dentro dos limites do sistema, os surdos fossem acolhidos em uma de suas demandas, que era o retorno do ensino pela mímica (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Saber das leis e de suas brechas é possibilidade de se fazer a lei...

O coda Paul Bertrand apresentou *Reformas para o melhoramento social e intelectual dos surdos-mudos*³⁰. Seu trabalho, além da retrospectiva histórica que é muito bem elaborado, discutiu a questão dos métodos, mantendo a mesma posição que outros colegas de que o método oral se destinaria aos ensurdecidos; o misto aos surdos com outras habilidades; e o de sinais, àqueles “a quem uma natureza duplamente madrastra teria recusado qualquer faculdade de emissão de sons inteligíveis” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 218, tradução nossa). Dentro do campo das possibilidades existentes, jogava-se então com o método misto como oportunidade de salvaguardar uma educação de qualidade para os surdos...

Fernand Aymard expôs o trabalho *A situação dos surdos-mudos na França e a necessária preparação para a vida social*. Aymard tomou como ponto de partida que a educação é um direito dos surdos e criticou o despreparo dos egressos de institutos, tanto os ensinados pelo método oral quanto os pelo método misto. Aymard questionou as oficinas propostas aos surdos e também os internatos que, supostamente, justificavam suas existências por ensinarem ao surdo o trabalho agrícola. Diante disso, sua sugestão foi bastante concreta:

³⁰ Acerca desse trabalho veja VIEIRA; RODRIGUES; OLMO; MACHADO, 2021.

1°. Gostaríamos de uma instrução primária generalizada e obrigatória. A esse primeiro grau responderia o método intuitivo. 2°. Teríamos, para o segundo grau, escolas preparatórias onde aprenderíamos geografia, aritmética, geometria, desenho e ginástica. Essas escolas corresponderiam às escolas superiores e recrutariam jovens que se distinguiam, por sua conduta e disposição, nas classes primárias. 3°. O terceiro grau consistiria em escolas técnicas ou práticas. Cada escola teria como objeto uma ou mais artes ou profissões. Portanto, seriam instituídas escolas práticas de agricultura, viticultura, carpintaria, marcenaria, fabricação de rodas, forja, mecânica, serralharia, etc (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 226-227, tradução nossa).

Para Aymard, esse tipo de ensino asseguraria aos surdos empregabilidade e se adequaria à faixa-etária em que o estudante poderia servir-se melhor de suas forças para a profissão, sem, contudo perder a instrução básica necessária. Mais uma maneira de compreender e tentar solucionar um velho problema...

Entretanto, como Foucault já o proclamara:

[...] nos séculos XVII e XVIII ocorreu um fenômeno importante: o aparecimento – deveríamos dizer a invenção – de uma nova mecânica do poder, que tem procedimentos bem particulares, instrumentos totalmente novos, uma aparelhagem muito diferente e que, acho eu, é absolutamente incompatível com as relações de soberania. Essa nova mecânica de poder incide primeiro sobre os corpos e sobre o que eles fazem, mais do que sobre a terra e seu produto. É um mecanismo de poder que permite extrair dos corpos tempo e trabalho, mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente por vigilância e não de forma descontínua por sistemas de tributos e de obrigações crônicas. É um tipo de poder que pressupõe muito mais uma trama cerrada de coerções materiais do que a existência física de um soberano, e define uma nova economia de poder cujo princípio é o de que se deve ao mesmo tempo fazer que cresçam as forças sujeitadas e a força e a eficácia daquilo que as sujeita (FOUCAULT, 2010b, p. 31).

Thomas Sheridan apresentou o trabalho enviado por Olof Hann sobre o *Volta Bureau* de Washington, uma instituição fundada por Alexandre Graham Bell com o intuito de difundir pesquisas científicas sobre os surdos. Hann afirmou que o Bureau ainda levaria um tempo para conseguir demonstrar o apreço dos surdos para com os sinais, mas considerou que:

Em certas questões como: o valor da língua de sinais e a inadequação do método oral para todos, surdos-mudos em todo o mundo e ouvintes-falantes que se entendem, praticamente concordam. Este facto e as razões invocadas, bem como os argumentos a favor do método oral, devem ser bem conhecidos. Na verdade, isso é mais importante, uma vez que os benefícios da linguagem de sinais dificilmente podem ser compreendidos, exceto por aqueles que têm relacionamentos íntimos com os surdos-mudos (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 232, tradução nossa).

A sessão foi encerrada com duas apresentações de Becker, da Dinamarca. Na primeira, sugeriu a criação de um diretório internacional que pudesse encaminhar

surdos para o trabalho conforme o surgimento de vagas nos diversos países. Na segunda, abordou especificamente a questão de um necessário trabalho mútuo entre professores e alunos surdos que incidiria diretamente na formação do caráter, possibilitada por um vínculo de vida intelectual. A docência reserva a si certo “mi(ni)stério” *phillial*...

Aquino comenta acerca da amizade intelectual:

[...] tida como uma atitude de rigor acentuado e, ao mesmo tempo, de afeição desmedida aos que já se foram e, sobretudo, aos que estão por vir, em nome de certas ideias que mereceriam permanecer no mundo quando dele já tivermos desertado (AQUINO, 2019, p.92).



Neste momento, a Seção dos surdos experienciou o encontro com a dos ouvintes. O Secretário da Seção dos Ouvintes, Dr. Martha, comunicou que estavam disponíveis para o encontro em conjunto, e foram abertas as portas do salão para que os dois grupos pudessem participar da sessão de encerramento. Gaillard e Jeanvoine são muito discretos sobre esse momento e apenas mencionam os mútuos agradecimentos. Possivelmente, um ato que não durou mais que alguns minutos. O detalhe que, talvez, seja importante recordar é que os relatores insistem que Lacharrière foi interpretado quando falou. As atas da Seção dos Ouvintes relatam o momento da seguinte maneira:

O Sr. Presidente pediu à seção, no momento do encerramento de seus trabalhos, para se reunir na sala ao lado, que é mais ampla, na Seção dos Surdos-mudos, para lhes transmitir a certeza de seus sentimentos de solicitude e devotamento. Esta reunião se deu alguns instantes depois e o Sr. Ladreit de Lacharrière, exprimindo seus votos pelo sucesso do Congresso e pela realização de suas aspirações, proclama a união que nunca cessou de existir entre as duas seções. Quaisquer que sejam as divergências de opiniões que possam ter existido em determinadas questões, ele afirma que o ardente desejo de melhoria da situação dos surdos-mudos foi e sempre será a única preocupação dos numerosos professores e filantropos que vieram a Paris trazer ao Congresso sua grande experiência e a autoridade de seus nomes (LACHARRIÈRE *et al.*, 1900, p. 209, tradução nossa).

A motivação conforme o texto seria pelo espaço mais amplo e não como desejo de estabelecer com os surdos um encontro final. Pela rapidez da ação, parece ter sido algo movido pelo próprio Lacharrière diante de sua negativa ao encontro para debate das resoluções. Eram os ouvintes fazendo-se indiferentes aos surdos...

2.5 As festividades: os banquetes, os passeios e o piquenique

A dimensão festiva dos congressos sugere muito da alegria desses encontros e como, para além dos debates, havia interesse pelo estar junto, seja na comensalidade, nos jogos, nas conversas, nas fotografias. Há também a dimensão do acolhimento aos delegados estrangeiros e a socialização com os do próprio território sob o pretexto do congresso. É uma nação que se encontra e se forma...

Aquilo que Gaillard e Jeanvoine nos narram faz-me voltar à amizade epicurista abordada por Foucault e que nos sugere uma forma de resistência:

A amizade nada mais é que uma das formas que se dá ao cuidado de si. Todo homem que tem realmente cuidado de si deve fazer amigos. Estes amigos chegam ocasionalmente no interior da rede de trocas sociais e da utilidade. A utilidade, que é ocasião de amizade, não deve ser abolida. E preciso mantê-la até o fim. Mas o que dará função à utilidade no interior da felicidade é a confiança que dedicamos aos nossos amigos que são, para conosco, capazes de reciprocidade. E é a reciprocidade destes comportamentos que faz figurar a amizade como um dos elementos da sabedoria e da felicidade. Vemos pois a complexa articulação entre utilidade e desejabilidade, entre a reciprocidade da amizade e a singularidade da felicidade e da tranqüilidade que me está assegurada. Vemos que a amizade é inteiramente da ordem do cuidado de si e que é pelo cuidado de si que se deve ter amigos (FOUCAULT, 2014a, p. 176).

No dia 05 de agosto, véspera do início do evento, foi realizado um banquete de recepção com cerca de 230 participantes. Além do discurso de Cochefer, escolhido como presidente do banquete, sobressaem Edward e Thomas Gallaudet por fazerem uso dos sinais e defenderem que uma língua de sinais poderia ser usada junto com outros métodos. Seguiram-se outros na tribuna repletos de esperança (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Foi um banquete marcado por expectativas em relação ao que seria discutido durante o congresso...

Como vimos, o Congresso de Paris (1900) concluiu-se para os surdos com certa decepção em relação à votação das deliberações. Se não foi possível uma sessão conjunta, ao menos o banquete de encerramento conseguiu aproximar mais uma vez Ladreit Lacharrière dos surdos. No dia 09 de agosto, no salão do Hotel



Continental, com um menu simples e elegante³¹ reuniram-se novamente parte dos congressistas. É mais um momento cortês...

O temor de que o banquete se transformasse em uma “sessão extra” fez com que fosse acordado que não aconteceriam discursos. Nos brindes reinou uma harmonia de gratidão de uns para com os outros pelo sucesso do congresso. Gaillard e Jeanvoine declararam que terminado o banquete os organizadores de cada uma das seções novamente se reuniriam. Infelizmente, essas conversas não registradas é que, talvez, reservassem, para nós, o melhor do banquete...

No dia 09 também foi organizado um passeio pelo *Club Cycliste des Sourds-Muets de Paris*. Grande parte dos congressistas assistiu ao passeio e as entregas de medalhas aos competidores (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Os surdos esportistas estavam bastante organizados e tal passeio mostrava mais uma forma de se posicionar na sociedade, congregando os irmãos em torno desse corpo que era capaz de proezas. Nos esportes os surdos desafiavam o mundo normalizado...

Apesar do encerramento formal do congresso, os surdos estenderam as festividades. Um passeio a Versalhes, cidade natal do Abade de l'Épée, levou um número considerável de surdos para prestar homenagens ao célebre educador. Mais um banquete aconteceu, e depois os franceses ciceronearam os estrangeiros no Palácio de Versalhes. Os laços entre irmãos se fortaleciam para além das discussões...

Uma visita ao túmulo do Abade de l'Épée, na Igreja de Saint Roch, permitiu o encontro com o Abade Gaislot, o qual, juntamente com o Irmão Roch, único surdo vinculado à uma ordem religiosa, fez discursos em mímica sobre os benefícios da religião. Recorde-se que o tema da religião não pode ser tratado nas sessões do congresso. E o passeio se concluiu com visitas às placas comemorativas que assinalavam o lugar da primeira escola criada por l'Épée. Lugar de memória...

³¹ Potage renaissance; Bisque d'écrevisse; Melon a la glace; Truite saumonée sauce hollandaise; Filet de bœuf printanière; Caneton a la rouennaise; Punch a la romaine; Poularde du Mans au cresson; Salade; Rocher de foie gras en Bellevue; Petits pois a la française; Glace Alhambra; Gâteau punch; Corbeilles de fruits — Bonbons; Petits fours; Vins; Graves supérieurs; Fronsac en carafes; Margaux 1888; Champagne frappé, café et liqueurs (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 265).

Os organizadores da Seção dos Surdos proporcionaram aos interessados de ambas as seções um momento cultural, marcado por apresentações de surdos, números de acrobacia e pantomimas. Tudo isso se concluiu com um grande baile que durou até o alvorecer. Surdos que dançavam ao som do piano tocado por madame Lemaresquier (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). E o corpo se move...

Uma reunião da *Société de Appui Fraternel* foi marcada para o domingo, 12 de agosto, e muitos congressistas desejaram acompanhar. E medalhas de premiação a alguns surdos foram entregues e laços diplomáticos se fortaleceram. E um piquenique promovido pela associação agregou ainda mais os surdos. E outras homenagens foram feitas a l'Épée (GAILLARD; JEANVOINE, 1900). Eles conseguiram prolongar o congresso para além do imaginado...

2.6 Deixar Paris (1900) para empreender outros movimentos...

A Seção dos Surdos do Congresso de Paris constitui-se como um evento a ser ainda explorado desde outras perspectivas. O material que nos chegou pelas atas possibilita questionar muito do que é popularizado em torno da educação de surdos. Um evento em duas seções, em que surdos não puderam dialogar com os professores ouvintes, é uma clara manifestação de uma resistência dos protagonistas surdos da época que, longe de desanimarem, ainda estenderam a sua seção para além dos limites de uma sala de debates. Paris (1900) é um disparador...

O texto de Gaillard e Jeanvoine nos permitiu compreender como a realidade complexa daquele momento foi experienciada pelos surdos e, de alguma forma, registrada. Além do embate entre ouvintes e surdos, havia também entre os próprios surdos, pois, alguns acolhiam o método oral como uma vantagem social. Assim, tivemos o trânsito entre ouvintes e surdos nas seções — talvez, por flertarem com alguns elementos, talvez, para conseguirem apoiadores. Possivelmente, essas divisões internas também foram decisivas em muitos aspectos...

Não fica claro ao longo do evento qual é a concepção de sistema combinado ou método misto que desejam ver empregada. Há uma inequívoca oposição, por parte da maioria dos surdos, em relação à exclusividade do método oral, entretanto, não se delinea com a mesma intensidade o que se compreende como método misto ou

sistema combinado. Parece que estaria em questão uma proposta de combinação de métodos, segundo a compreensão de Gallaudet (1891). Essa questão sobre os métodos perdura...

Em relação ao método oral, é preciso dizer que a maioria dos surdos parece creditar ao mesmo um valor, uma importância. Seria isso apenas uma aceitação do que era possível no momento? Seria, portanto, um ato de contraconduta? Parece-me que, ao longo dos debates, há um reconhecimento da utilidade do método oral para alguns surdos, particularmente os que se ensurdeceram após aprenderem a falar. Portanto, não haveria de imediato uma oposição entre método oral e método de sinais, mas sim uma compreensão de que os sinais deveriam ser um auxiliar nos demais métodos. Uma língua de instrução...

O foco maior pareceu-me residir no desejo de que os surdos dominassem a língua de seu país. Dessa forma, particularmente, a escrita foi valorizada. A plena inserção dos surdos se daria por uma língua que não a sua. Entretanto, a sua língua natural, embora valorizada, tida até como universal, seria uma língua para uso e divulgação sem pretensão de ser a língua escolar. Uma língua da comunidade...

Um desejo evidente era de que os surdos pudessem ter acesso ao ensino obrigatório sem serem submetidos aos institutos de assistência onde seriam tratados como pessoas de inteligência inferior e colocados no aprendizado, em parte inútil, das oficinas. Os benefícios da lei de obrigatoriedade da educação só se efetivariam caso o tempo gasto com a articulação não impedisse o aprendizado dos demais conteúdos. Portanto, todo e qualquer método deveria estar centrado no estudante surdo. Desejava-se uma escola que educasse, e não uma pseudoescola “acolhedora”...

Se em Paris (1900) os surdos não conseguiram fazer com que suas resoluções assumissem caráter normativo — pois isso coube aos que estavam na Seção dos Ouvintes — os surdos deixaram-nos um legado de protagonismo que suscita nos leitores um desejo de se debruçar sobre essa realidade a partir de outros horizontes. Eles descobriram, inventaram e reinventaram formas e possibilidades de se servirem da educação que era possível. Eles foram agentes de uma viva reexistência...

Optei por conservar a própria dinâmica da Seção dos Surdos, possibilitando, a quem não conhece o texto, uma primeira aproximação. Tal apresentação não é uma

simples tradução ou resumo das atas, mas minha forma de contar essa história de um evento que, dado no passado, moveu-me no presente. Por vezes, a repetição de algumas ideias por parte dos surdos poderia ter sido suprimida ou condensada, mas, novamente, optei que elas desfilassem aos nossos olhos. Muito do que se repetiu é para que não seja sub-repticiamente apagado...

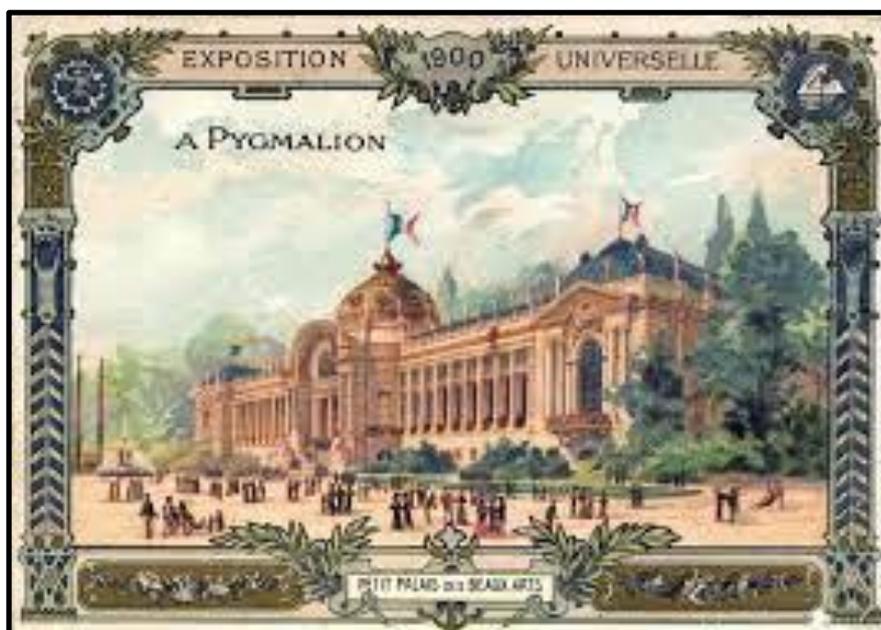
Paris (1900) abre-nos as portas para refletir que os surdos de outrora não estavam numa cômoda acolhida do que lhes era proposto. Eles e elas, pessoas marcadas no corpo por um convite à irmandade, souberam provocar, de diversas formas, movimentos que incitaram à fuga, ao escape, à condução livremente permitida, porque a partir de dentro dela a própria ordem era subvertida. Uma outra narrativa vai nascendo...

“Educar” como algo que ultrapassasse os limites escolares, como ação que incidisse e incendiasse a vida dos surdos, possibilitando que alcançassem na sociedade um lugar de direito, já legalmente assegurado, porém até então não praticado. As diversas temáticas parecem perpassar a educação e serem por ela perpassadas. Nesse intercâmbio cognoscitivo, nesse esforço de ler o momento em que viviam, também se delineava a educação que prefiguravam como ideal e, até mesmo, como panaceia, mas que poderia, cada vez mais, capturá-los. A educação não salvará o mundo, entretanto, ela pode ajudar-nos a vislumbrar outros modos de reexistir. Tendo visto Paris e tomando a provocação de Neubauer, dei continuidade...

A umidade do porão, seus cheiros, seus entulhos, a sua pouca luminosidade, certamente, alteram também a minha forma de sentir, de olhar. Narrei, mas o fluxo que habita em mim, qual suor que desce e faz arder os olhos, é por demais frutuoso. Sou, no porão, contaminado pelas águas subterrâneas. Sou, mais que isso, tornado parte de um rio. Sou água a mover-se. E, dentro de mim, há turbilhões. Ergo-me, pois não me é possível ficar, “inde-terminadamente” em 1900. Olho em direção a uma outra porta do porão, um outro bolsão no tempo. Disponho-me a seguir, sabendo que todo esse esforço é apenas um ato divertido, invencioneiro. Ao humano, nunca uma porta é suficiente e muitas janelas se necessitam. Giro a cabeça e contemplo, mais uma vez, aquele espaço em que me deleitei. Aspiro aquele ar e deito sobre a mesa aquele documento, sabendo que nós dois não somos mais os mesmos, pois João Paulo de

Carvalho não foi o único brasileiro a estar em Paris e, agora, quero retroceder a 1889...

Figura 5: Postal da Exposição Universal de Paris



Fonte: <http://www.arthurchandler.com/paris-1900-exposition>

Figura 6: Cartão de Carvalho para Cândido Jucá

Paris, 08 de agosto de 1900

Estimado Cândido Jucá

Encerrou-se ainda agora o Congresso. Algo bastante atípico, pois muito rapidamente nos encontramos com os surdos da outra seção. Não há grandes novidades, mais que nunca parece que retornamos ao discutido em Milão. Considero que foi oportuno conhecer os debates europeus e enfrontar-me das inovações aqui propostas, principalmente, no que se refere à técnica. Creio que gozamos de certa liberdade e podemos permanecer oferecendo o ensino da linguagem articulada e leitura dos lábios apenas para os surdos que manifestarem aptidão.

Com votos de saúde

J. P. Carvalho

Fonte: Criação pessoal.

Figura 7: Foto panorâmica da Exposição Universal de Paris



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Exposition-Universelle-Paris-1900-Source-Reproduction-kindly-granted-by-The-Getty_fig1_273336083

Lyon, 12 de julho de 1887

Estimados irmãos de infortúnio, Dusuxeau e Chambellan

Já se vai um ano da morte de nosso irmão Ferdinand Berthier. Que tenha de o descanso eterno e goze junto de nosso estimado Pai as alegrias e recompensas por todo o bem que realizou.

Quis notícias de que o canteiro de obras da Exposição Universal avança. Alegrei-me com a notícia do desejo de congregarmos aqueles que, como nós, comungam de uma mesma causa, a saber o benefício de nossos irmãos, e juntos constituirmos um comitê para a organização de um Congresso Internacional de Surdos-Mudos.

Como bem o sabeis, o Conselho Municipal e os departamentos limítrofes retiraram as subvenções para meu estabelecimento. Agora as destinam para uma instituição que afirma ensinar os surdos pela palavra. Apesar disso, com o que me resta de economias, tenho mantido meu estabelecimento e continuo a lecionar. Confesso que sinto a falta de minha amada Agathe. Seu falecimento também tem me feito repensar muitas coisas. Desde minhas limitações, devido à idade e outros problemas que bem conheceis, saibam-se apoiados nessa feliz aventura. Vivemos tempos complexos e não podemos deixar apagar a chama que nos impulsiona em nossas lutas. Coincidentemente, no ano da exposição, celebramos o centenário de morte de nosso benéfico Pai e, como nos sugeriria Berthier, não podemos perder essa oportunidade. Arregacemos as mangas e conuaguetemos os surdos-mudos de toda a terra para prestarmos uma justa homenagem a quem doou sua vida por nós e concedeu-nos o conhecimento. Recebam a expressão dos meus mais sinceros e respeitosos sentimentos

L. Forestier

CAPÍTULO 3

CONGRESSO INTERNACIONAL DE SURDOS-MUDOS

PARIS - 1889

Reparo na porta de madeira de lei. Centenária, ela me recorda a brevidade da vida. Sou mais novo que aquela peça. As dobradiças feitas de ferro denotam ferrugem, mas ainda permitem que essa porta abra e feche, libere e retenha, apreenda-me. Um busto no fundo da sala está coberto por um lençol. Atrevo-me a retirar o pano com suas sujidades. Cessada a nuvem de pó, enleva-me estar frente a frente, face a face, com a recordação daquele que inaugurou definitivamente uma modalidade, com quem criou uma ruptura e gerou um sulco de vida atrás de si, chegando à atualidade. No outro canto da sala há outro busto. Mas interessam-me os papéis, não a estatuária. Dentro de uma estante que ostenta um cheiro de pinho de riga, com prateleiras protegidas por uma porta quadriculada e vedada com vidros, vejo um pequeno pacote amarrado com barbante. Escrito à mão está o ano como um endereço ao qual me destino. Tateio procurando por chaves. Não as encontro. Estou só. Tomo um pequeno castiçal e quebro um dos vidros. Arrebento a pequena tela de arame que tinha a intenção de inibir larápios. Deixo no passado meus estilhaços, meu rasgo naquela rede aramada. Firo um dos meus dedos no arame enferrujado e meu sangue borra o papel, ferindo-o, marcando-o. Trago para o presente esse texto que desato, desamarro, desando a “des-narrar” em cores fortes...

*(...) mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam; que elas tomam por verdadeiro, por evidentes, certos temas fabricados em um momento particular da História, e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída
(FOUCAULT, 2004, p. 295).*

*Mas o habitante apaixonado aprofunda o porão cada vez mais, tornando-lhe ativa a profundidade. O fato não basta, o devaneio trabalha. Ao lado da terra cavada, os sonhos não têm limite
(BACHELARD, 2003, p. 209).*

3.1 Nove anos após Milão, mas centenário de l'Épée: quando se redescobre a força do comemorar

O que um congresso de surdos em Paris, nove anos após o “tenebroso” Milão tem a contribuir para a educação de surdos? Considerado o Primeiro Congresso Internacional de Surdos-Mudos, o evento ocorreu entre os dias 10 e 18 de julho de 1889, fazendo acorrer a Paris surdos de diversas nacionalidades, totalizando 176 congressistas. Sob o pretexto de se comemorar o centenário de morte do Abade de

l'Épée, os organizadores pensaram o evento no contexto da Exposição Universal de Paris³² que, por sua vez, celebrava o centenário da Revolução Francesa. Pretensão ou não, se no *Champ de Mars* se poderiam ver os grandes avanços tecnológicos, no salão da comuna do IV Distrito — *Saint Sulpice*, se poderia admirar uma reunião inusitada que provocou a curiosidade de jornalistas. Eram os surdos a iniciar uma trajetória que perduraria por décadas. Eram os surdos com suas lutas imortais e internacionais...

Cantin (2014) propõe que Paris (1889) marca o início dessa internacionalidade³³ surda:

As trocas de informações entre associações e sociedades aconteciam rapidamente por meio da imprensa surda e do contato direto entre lideranças. Essa “internacional” surda foi particularmente forte entre 1889 e 1914, e parecia ignorar as rivalidades nacionalistas entre os países, mais particularmente entre a França e a Alemanha. [...] para lutar juntos contra um perigo universal: o método oral puro. De fato, a adoção do método oral puro em poucos anos demonstrou a falta de organização e coordenação das sociedades surdas em escala internacional (CANTIN, 2014, p. 198, tradução nossa).

3.2 O documento em seu des-aparecimento: quando um texto nos conduz e quando sabemos quem o conduziu

O texto do Congresso Internacional de Paris está disponível no site das *Editions du Fox*. Trata-se de uma fac-símile do texto original. Não conseguimos obter informações acerca dos exemplares físicos do texto, a não ser que, mesmo o *Institut*

³² Ao longo da Exposição vários congressos eram realizados. Segundo Anne Rasmussen (1989), no ano de 1889 eles totalizaram 69 eventos. A lista com alguns dos congressos pode ser acessada em: [https://www.omnia.ie/index.php?navigation_function=3&europeana_query=Exposition%20universelle%20\(1889%20;%20Paris\)](https://www.omnia.ie/index.php?navigation_function=3&europeana_query=Exposition%20universelle%20(1889%20;%20Paris)). Heloísa Barbuy, em seu artigo *O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal*, nos dá um panorama desses eventos internacionais e da presença do Brasil. Segundo a autora, nosso país participa dessas exposições desde o ano de 1851 e, em 1889, enviou cerca de 838 expositores. O Brasil se apresentou nessa exposição como um país de futuro e foi clara a propaganda para se conseguir imigrantes dispostos a trabalhar em nosso país. Cf. BARBUY, 1996. Uma fotografia do pavilhão brasileiro pode ser visualizada em: <https://www.unjourdeplusaparis.com/paris-reportage/exposition-universelle-1889>.

³³ Os congressos anteriores tiveram participação de apenas algumas nacionalidades. A carta do secretário e tesoureiro da Associação de Surdos-Mudos Temple Chambers, datada de 28 de junho de 1889, menciona: “Vós tendes o direito de dizer em voz alta e clara que o vosso congresso, que invejamos, será o primeiro desse tipo. Nós vos parabenizamos por ter dado esse exemplo a outros países, que podem vos imitar no futuro” (CHAMBELLAN, 1990, p. 36, tradução nossa). Joseph Murray também comenta essa questão e apresenta uma lista dos congressos desde 1973 a 1924. Cf. MURRAY, 2007, p. 60.

National de Jeunes Sourds de Paris, em sua Biblioteca René Bernard, apenas dispõe de cópia em CD. Também no catálogo da Biblioteca Gallaudet não encontrei tal exemplar. Essa materialidade nos põe em múltiplas reflexões...

Um texto que me faz pensar sobre o “des-aparecimento” do original, sobre a sua conservação ou sua possível eliminação. O texto preservado na versão digital nos faz questionar sobre a guarda desses materiais. Nenhum livro está livre de ser apossado, assujeitado a muitas coisas. Por ser o texto do primeiro congresso, não teria ele gozado do prestígio de ser devidamente cuidado? Ou, inversamente, justamente, por se constituir como texto primevo, inaugurador de uma sequência, não foi o que o destinou a um “apagamento”? Esse texto que me rompe em pensamentos *fahrenheitianos*. E, com Ray Bradbury, recordo que todo livro pode ser exterminado pelo fogo, mas sempre haverá aqueles homens e mulheres que os narrarão, tornando-se livros ambulantes. É nosso destino ser, ao menos, um livro...

A obra foi organizada pelo surdo Victor-Gomer Chambellan (1815?/1816-1906). Esse relator nos adverte:

A tradução dos discursos estrangeiros, o atraso na entrega de alguns documentos, circunstâncias imprevistas não permitiram que as atas do Congresso fossem publicadas anteriormente. Eu devo acrescentar que fui responsável por redigir este trabalho apenas no decorrer do mês de maio passado (CHAMBELLAN, 1890, p. 22, tradução nossa).

Esta nota redigida em 10 de julho de 1890, exatamente um ano da abertura do encontro, faz-nos pensar sobre como um relatório de congresso se configura como escrita pós-evento. Longe se ser uma réplica que nos permite acessar aquilo vivido em Paris, Chambellan aponta para um processo que envolveu também a tradução, certamente o uso da memória pessoal e coletiva, a censura de pares, a leitura atenta do que o contexto permitiria publicar. Afinal,

A “memória voluntária” que chamaremos de lembrança é uma recomposição do passado, ela não é o acesso direto a esse passado, mas fruto de um trabalho de rememoração que é feito no presente, relativo ao presente que foi e o presente que é. [...] A recordação é, pois, um trabalho de organização de fragmentos, reunião de pedaços de pessoas e de coisas, pedaços da própria pessoa que bóiam no passado confuso e articulação de tudo criando com ele um “mundo novo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 202).

O texto não é uma peça inócua, ele é uma arma que se apresenta ao público, ele é um disparador, ele é um rastilho de pólvora. Aquelas folhas que temeriam o fogo são elas mesmas faíscas crepitantes. Desejei, ao retomá-las, saber assoprar a

centelha que por acaso fumegue em cinzas para permitir que aquelas páginas também me queimassem...

Chambellan foi professor surdo nos Institutos de Bordeaux e Paris, um dos vice-presidentes da *Société Centrale d'Éducation et d'Assistance pour les Sourds-Muets* na França (fundada por Ferdinand Berthier) e presidente da *Association Amicale des Sourds-muets*. Autor de obras sobre a educação de surdos, Chambellan³⁴ se destacará por uma profunda defesa do uso de sinais na educação de surdos (CANTIN; CANTIN, 2017). É uma presença surda cujo nome repercute na França...

Possivelmente, a condição de continuador da obra de Berthier, somada à questão de seu caráter declaradamente favorável aos sinais, deve ter contribuído para sua escolha como um dos principais organizadores do evento e, posteriormente, como o relator oficial. É esse relator que nos presenteia com uma tessitura sobre o congresso. Em parte, foi por seus olhos, suas palavras e por suas mãos e tramas que fomos conduzidos à Paris. Há também um relatório para língua inglesa, compilado por Amos G. Draper. Trata-se de um texto mais conciso destinado a Edward M. Gallaudet e datado de 01 de outubro de 1889³⁵. Outros olhos, palavras e mãos também a nos conduzir...

3.3 Outros textos que brotam no texto: as correspondências sobre o evento, sua publicidade e outros textos que se convidam à conversa

As correspondências trocadas até a organização do congresso sugerem o envolvimento de uma comunidade surda atuante e bastante articulada. Surdos que se comunicavam intensamente, apesar do tempo gasto para que uma carta pudesse cruzar o Atlântico. Serão os surdos franceses os grandes propulsores do evento, todavia, a abertura para as outras nações parece ecoar um desejo antigo de Berthier, o de que os surdos de todo o mundo pudessem se unir. Quando escreve sua obra de 1836, *Histoire et statistique de l'éducation des sourds-muets*, coloca como dedicatória

³⁴ Quatro anos após o Congresso Internacional para o melhoramento da condição dos surdos-mudos, realizado em Milão no ano de 1880, que culminou com a aposentadoria de Chambellan, ele publica *De l'importance incontestable du langage mimique dans l'enseignement des sourds-muets de naissance* e, em 1887, publica *Quelques mots sur la vulgarisation du langage des signes*.

³⁵ https://ia802708.us.archive.org/31/items/gu_reportprofess00drap/gu_reportprofess00drap.pdf

que antecede ao vocativo “irmãos”: “Aos surdos-mudos de todos os países” (BERTHIER, 1836, s. p.)³⁶. Surdos que, muitas vezes, não se conheciam a não ser pela mediação do papel, pelos artigos publicados em revistas, por cartas, por notícias, por memórias, por trabalhos. Paris recebe essa nascente nação...

O objetivo do congresso pareceu-me bem delineado na carta de 01 de fevereiro de 1889 destinada “aos surdos-mudos de todas as partes do mundo”:

Por ocasião da Exposição Universal que acontecerá em breve em Paris, a Associação Amigável dos Surdos-mudos da França tem a honra de vos informar que convida os surdos-mudos espalhados na superfície da terra a se reunirem em um Congresso nesta vila, a fim de compartilhar uns com os outros os resultados obtidos depois de um século pela obra do Abade de l'Épée em todas as nações do universo, e prestar um tributo brilhante à memória desse grande homem, que morreu em 1789 (CHAMBELLAN, 1890, p. 25, tradução nossa).

A divulgação do evento ganhou força também na imprensa comum e não somente na chamada “imprensa surda”³⁷ que encontrava-se bastante organizada no período. O entusiasmo da acolhida do convite foi registrado da seguinte forma:

Jornais nos Estados Unidos, Londres, Dublin, Belfast, Bruxelas, Estocolmo, etc. exortam seus leitores a aproveitar esta oportunidade para ir à França. Muitas cartas chegam ao secretário do Comitê. Parabenizam os organizadores; prometem aderir aos seus desejos, manifestam votos de que o Congresso tenha um sucesso brilhante (CHAMBELLAN, 1890, p. 33, tradução nossa).

³⁶ Acerca desta obra de Berthier, bem como da escrita em 1840, *Les Sourds-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée*, ver VIEIRA; RODRIGUES; TEIXEIRA, 2021.

³⁷ Benvenuto e Séguillon listam os diversos periódicos surdos do contexto francês, mostrando-nos como, principalmente, de 1870 a 1900 essa imprensa se organizou: “A primeira publicação de surdos data de 1870, com o Bulletin de la Société universelle des sourds-muets, órgão da associação fundada em 1838 por Ferdinand Berthier denominada Sociedade Central dos surdos-mudos. Dirigida à época por Benjamin Dubois, professor em Paris et secretário geral da Sociedade Universal, esse jornal tinha colaboradores como ex-professores do Instituto, dentre eles ressalta-se Berthier, Forestier et Lenoir. Antes de 1900, alguns periódicos são publicados por pessoas surdas: Bulletin de la société Universelle (Diretor B. Dubois, 1870- ?); La Défense du Sourd-Muet (directeur J. Turcan, 1884-1886); Le Courier des Sourds-Muets (Diretor J. Turcan, 1887-1888); La Sincérité (Diretor L. Rémond, 1887- ?); L'abbé de l'Épée (Diretor B. Dubois, 1888-1889); L'Écho de la Société d'Appui Fraternel des Sourds-Muets (Diretor J. Cochefer, 1888-1890); La Gazette des Sourds-Muets (directeur H. Rémy, 1890-1895); La France silencieuse (Directeur R. Desperriers, 1894); Le Journal des Sourds-Muets (Diretor H. Gaillard, 1894-1906); L'Avenir des Sourds-Muets (Diretor P. Villanova, 1894-1895); Le Sourd-Muet Illustré (Diretor J. Berthet, 1897- ?); La Silencieuse (Diretor H. Gaillard, 1898); La République de demain (Diretor H. Gaillard, 1899-1900); Le Pilon Silencieux (Diretor: ?, 1898); La Revue Pédagogique de l'Enseignement des Sourds-Muets (Diretor H. Gaillard, 1899-1900)” (BENVENUTO; SÉGUILLON, 2016, p. 69, nota 12). Cantin (2014), após distinguir imprensa surda de imprensa sobre surdos, faz outras distinções entre os diversos tipos de imprensa surda: informativa, polemista, religiosa, local e associativa, feminina, das ideias. Cf. CANTIN, 2014, p. 156-163.

Uma informação da circular de 06 de maio de 1889 parece sanar alguma dificuldade ou temor por parte dos interessados:

O Comitê [...] tem a honra de compartilhar as seguintes informações, solicitadas por um grande número de pessoas que desejam participar: [...] 3°. O objetivo deste congresso é apenas observar os progressos realizados ao longo do século na situação moral, material e social dos surdos-mudos adultos (CHAMBELLAN, 1890, p. 30, tradução nossa).

Estariam algumas pessoas temerosas de que o evento discutisse as deliberações tomadas em Milão (1880) e novamente referendadas em Bruxelas (1883)? Quem poderia, por suas dúvidas, provocar o Comitê a posicionar-se tão claramente de que o objetivo era discutir os progressos moral, material e social dos surdos adultos? Ou seja, não estaria em pauta nenhum tipo de discussão sobre a educação nem tampouco se trataria sobre crianças surdas. Mas, sendo o Abade de l'Épée o homenageado, conforme vimos na carta de 01 de fevereiro, não estaria implícito que a educação seria abordada³⁸? Há formas de se dizer, não dizendo...

Certamente, a carta de maio é tão somente uma forma de driblar intransigências ou, talvez, seja ela mesma uma forma de contraconduta que se insere na formalidade para, posteriormente, negar no evento aquilo que prometera. Paris foi um evento em que a discursividade educacional esteve em voga...

Ao afirmar que a discussão se restringiria a temas como moral, economia e sociedade, é provável que os surdos conhecessem muito bem como a temática da educação perpassava tais temas. São surdos de condições mais abastadas; formados, em sua maioria, por uma educação que valorizava o uso da mímica ou dos sinais; que experimentaram os impactos diretos do novo projeto educacional, o qual priorizava a articulação e que, encontrou em Milão um grau de oficialidade que se pretendia norteador para todas as escolas, gerando aposentadoria de vários professores surdos. A simples mudança de um método não é apenas a mudança de um método...

³⁸ Consideramos que, principalmente, graças à obra de 1840 do professor Ferdinand Berthier, *Les Sourds-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée*, o "pai dos surdos" já figurava como um divisor de águas, permitindo-se discutir a educação de surdos em um antes e depois de l'Épée.

O evento parece ter despertado interesses diversos. A carta de Ceyras du Moncel, que se apresenta como chefe da clínica do Dr. Alexandre Blanchet³⁹ (1819-1867) nos conduz à relevância do evento desde o que ele desperta em profissionais da área da saúde. Moncel solicita informações sobre a inscrição para o congresso, mesmo que fosse aceito somente na condição de participante sem direito a voto nem a apresentar comunicações:



Então, senhor, que vós possais entender o interesse que eu teria de participar... se não como uma parte ativa, pelo menos, repito, como ouvinte, - vou me limitar a dizer-vos que, por mais de doze anos, eu fui o chefe de clínica do doutor A. Blanchet, o antigo cirurgião de surdos-mudos, e que, durante esse longo período, eu o ajudei e apoiei em seu trabalho, suas operações e sua propaganda escolar para o benefício desses interessantes desprivilegiados da natureza (CHAMBELLAN, 1890, p. 35, tradução nossa).

O fato de conservar essa carta junto às atas oficiais parece demonstrar tanto a tensão instaurada com o predomínio de uma visão médica dentro do Instituto quanto uma forma de evidenciar que o evento dos surdos mobilizou interesses difusos. Outrossim, essa carta de “última hora” ali registrada não seria também uma forma de mostrar o descaso, o desinteresse, por parte de pessoas que compartilhavam a perspectiva “ortopédica” em relação ao que os surdos estavam organizando? Conferindo a lista de participantes, Moncel não participou do evento...

O sentimento de irmandade entre os surdos é perceptível na carta do Sr. J. Maclean, secretário e tesoureiro da *Association des Sourds-Muets Temple Chambers*, sediada em Londres, datada de 28 de junho de 1889 (CHAMBELLAN, 1890). A divulgação do Congresso apontava também para o fato de que a luta dos surdos pelos seus interesses ocorria de formas distintas em cada país. Entretanto, um evento de porte internacional era visto como ocasião que arregimentava e incentivava os surdos à essa mobilização. Era comum também entre as associações a existência de acordos de cooperação mútua. Cooperar pode ser estratégico...

³⁹ Alexander Louis Paul Blanchet (1819-1867) atuou como cirurgião no Instituto de Surdos-mudos de Paris no período de 1862-1867. Após ter visitado estabelecimentos belgas e alemães, por acreditar na possibilidade de treinamento dos surdos para uso da voz, Blanchet realizou diversos experimentos com alunos do Instituto e, posteriormente, chegou a sugerir que estudantes surdos fossem encaminhados para as escolas regulares de Paris. Blanchet tornou-se um ícone do desenvolvimento da medicina aplicada terapeuticamente na educação de surdos. Acerca de Blanchet e a educação de surdos: CÂMARA, 2018.

Essas correspondências selecionadas nos introduzem em Paris (1889), recordando-nos de que

O real não possui uma existência exterior à sua escritura em alguma forma de linguagem, forma que dá a materialidade ao próprio real, que o nomeia, que o organiza, que lhe dá inteligibilidade. A História, por sua normatividade, estaria próxima da ciência, mas seria também, em grande medida, uma arte narrativa, pois não só representa o real, como participa de sua invenção, de sua criação escritural. Todo discurso, mesmo o historiográfico, é interessado, nasce de lutas políticas, de embates de poder, é presidido por estratégias e táticas, portanto, não é um discurso imune à ideologia, mas plenamente ideológico (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 135).

3.4 As personagens de uma história a ser inventada: quando nos faltam nomes e sobram sobrenomes

A lista de membros do congresso é, dentro do conjunto de atas, um material privilegiado. Personagens que precisaríamos auscultar os corpos, tatear, massagear para escrever uma história não higienizada e com mais cheiros, suores, sabores (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007). Às vezes, apenas os conhecemos de nome e reproduzimos entendimentos sobre eles que não se coadunam com a elaboração que os textos nos permitem criativamente sugerir. Esses textos provocam a imaginação...

Além de citar os sobrenomes, é frequente encontrarmos uma mínima referência ao que aquelas pessoas realizavam. Desta forma, poderemos ver, sumariamente, títulos como, professor; diretor do instituto tal; doutor em tal área do conhecimento; missionário; secretário ou presidente da associação de surdos de tal região. Todavia, noutros casos, nem sempre conseguimos localizar tais informações⁴⁰. Apesar disso, esses sobrenomes e suas indicações são pistas preciosas que nos provocam a investigar. Valeria uma vida dedicar-se a esses sobrenomes...

A lista também nos põe diante das nacionalidades dos participantes. O que faz do Congresso de Paris (1889) um evento internacional é o fato de nele termos representatividade surda de onze nacionalidades. O quadro a seguir nos ajuda a visualizar essa reunião desde uma composição de encontro da nação surda de várias origens. Quase conseguimos ouvir: “Surdos do mundo inteiro, uni-vos!”

⁴⁰ A obra de Cantin e Cantin (2017) permitiu sanar muitas dúvidas acerca de personagens surdas.

Quadro 5: Participantes do Congresso de Paris - 1889

Nacionalidades	Número de congressistas
Alemães	05
Americanos	22
Brasileiros ⁴¹	01
Ingleses	18
Austríacos	08
Belgas	24
Franceses	84
Holandeses	02
Suecos e Noruegueses	05
Suíços	06
Turcos	02
Total de participantes	177

Fonte: Elaborado pelo autor com base na lista de participantes.

O evento teve participação majoritária de franceses, seguidos por americanos e belgas. Murray (2007) considera que essa movimentação dos surdos entre os continentes foi fundamental para se formar uma ideia de unidade entre os surdos. Murray ainda comenta que a comitiva americana reuniu-se, no convés do navio, para escrever as resoluções que gostariam de apresentar no Congresso de Paris, particularmente, manifestando suas reações em relação ao relatório britânico de 1889 que prejudicava os surdos. Eles estavam dispostos mudar os rumos da navegação...

Uma fotografia da comitiva americana aproximamo-nos desse movimento internacional. Esse registro, desde outra técnica, que é a imagem, fomenta em nós o desejo de ter convivido com aquelas discussões e ter conhecido aqueles homens do convés. Encontraram eles uma bela forma de aproveitar o tempo da viagem como ocasião de frutíferos debates. Entre os Estados Unidos da América e Paris muitas águas se passaram para essa comitiva...

⁴¹ O participante brasileiro tem seu nome incluído na lista de "Americanos". Na sessão do dia 16 de julho, ao falar sobre os benfeitores que sucederam l'Épée, o abade Delaplace faz menção a colombianos. Entretanto, não constam nomes na lista oficial.

Figura 8: Comitiva americana



Fonte: <https://deafgeographies.files.wordpress.com/2012/03/murray2007.pdf>

Amós Draper relata que a comitiva era bastante variada no que diz respeito ao nível de escolaridade, regiões dos EUA, condição dos surdos e métodos de instrução. Demonstra, pois, que houve um processo anterior, bastante sério, para a definição dos participantes. Eis como Draper nos apresenta:

A delegação americana destinada à reunião era de vinte e dois, todos, exceto três, navegaram juntos. A delegação era altamente representativa, (1) do colégio, de cujos graduados havia oito; cursistas parciais, dois; graduação, um, e ex-aluno honorário, um; (2) das localidades e instituições, a Pensilvânia, Illinois, Ohio, Connecticut, Califórnia, a escola e a instituição em Indiana, e as duas instituições em Nova York. Cidade sendo representada diretamente; vários dos estados do sul se uniram e enviaram um delegado, como também fizeram os estados da Nova Inglaterra e as associações de surdos em Nova Jersey e no Missouri; (3) das classes de surdos, havendo surdos e semi-surdos, mudos e semi-mudos; (4) de sistemas de instrução, havendo graduados do oral puro e de todas as nuances das escolas do sistema combinado (DRAPER, 1890, p. 3, tradução nossa)

É ainda na lista de participantes que nosso olhar se volta para a menção ao Sr. Menezes Vieira⁴² (1848-1897), brasileiro, professor do Instituto de Surdos-mudos do Rio de Janeiro. Outros dois nomes chamam também o nosso olhar: os turcos Jacques Faraggi e Pekmezian. Fora do eixo Europa-Estados Unidos, são essas referências

⁴² Sobre Joaquim José Menezes Vieira, há uma obra que retoma sua biografia, trata de sua atuação no Instituto de Surdos-mudos do Rio de Janeiro e, posteriormente, seus trabalhos na área da educação com várias contribuições para o ensino da época, como por exemplo, a criação do primeiro jardim de infância para as famílias abastadas cariocas. Cf. BASTOS, 2002.

estrangeiras que nos põem a refletir. No caso do Brasil, é um professor de articulação. No caso dos turcos, dois surdos que estudaram em Paris⁴³. Parece-nos tratar-se de um movimento em expansão...

Outro elemento que a lista nos apresenta é a participação de mulheres. Novamente, a forma como as listas foram compostas mostra algo que ainda perdura. Dessa maneira, desconhecendo, quase sempre, os prenomes dessas mulheres, somos colocados diante da austríaca Srta. Emma Warak; das belgas, Sra. Bauwens, Srta. Damps, Sra. Meuris, Srta. Blanche Vilain; das francesas, Sra. viúva Avocat, Sra. viúva Braquehais, Sra. Chomat, Sra. Clauzel, Sra. Colas, Sra. Dusuzeau, Sra. Genis, Sra. viúva Gérente, Srta. Félice Hennequin, Srta. Marie Hennequin, Sra. Lacroix, Sra. Modet, Sra. Navarin, Sra. Schmeltz, Sra. Seyler, Sra. Trives (CHAMBELLAN, 1890). Dos 176 participantes, tínhamos 21 mulheres. São mulheres “sobrenomeadas” e sombreadas por uma historiografia marcadamente masculina. Até quando? É preciso reencontrar os prenomes dessas mulheres...

O relatório de Draper (1890) menciona como para os surdos do “Novo Mundo” a ausência de mais mulheres era incômoda e aponta para um segundo elemento considerado como estranho:

A ausência de senhoras na audiência e o fato de as sessões estarem sempre sob vigilância policial eram para os americanos características marcantes e nada agradáveis. Na última sessão, quando eu, em traje de gala, me aproximava da porta, um *gendarme* me deteve. Expliquei por gestos, mas ele não permitiu que eu entrasse até que alguém que ele conhecia viesse em meu auxílio (DRAPER, 1890, p. 4, tradução nossa).

Esse registro de Draper é relevante por sugerir-nos que, talvez, em decorrência da própria determinação de não se tratar de educação, o evento se deu sob certa vigilância. Seria somente em decorrência de manutenção da ordem da reunião ou teria outras finalidades? Curiosamente, Chambellan não nos legou esse detalhe, omitindo a informação ou considerando-a desnecessária...

A lista ainda nos possibilita conjecturar acerca da educação de surdos. Apesar das poucas informações, elas nos introduzem numa possível mentalidade dos participantes. Da delegação americana temos quatro professores, além de Gallaudet: Draper, do Colégio de Washington; D’Estrella, do Instituto de Berkeley; Fox, de Nova

⁴³ Acerca de Faraggi e Pekmezian, conferir: <https://www.independentliving.org/miles200907.html>.

lorque e Vail, do Instituto de Indianópolis. E, mais uma vez, uma peculiaridade: Noeber, supervisor de surdos-mudos instruídos pela palavra. Seria a demonstração de interesse por parte deste segmento que foi se popularizando também nos Estados Unidos da América? Os eventos eram públicos...

São educadores, com suas práticas que se encontravam. A diversidade de concepções metodológicas presentes no evento mostraria a complexidade das discussões e, talvez, também justificasse, parcialmente, a insistência em se afirmar que a temática da educação não seria abordada. Com tantos educadores juntos, pairava no ar uma atmosfera educacional...

Também o associativismo surdo fica registrado na lista de participantes. Nesses espaços, onde fortes laços de convivência e apoio mútuo se instauravam, não raro a temática educacional era discutida. Muito do que experimentavam na vida adulta como surdos tinha suas raízes mais profundas no processo que os subjetivou na escola. O próprio fato de participar de associações é um dizer sobre a educação...

Por fim, a lista nos indica que a publicidade do evento repercutiu muito no exterior a ponto de se ter correspondentes dos Estados Unidos da América: Davidson, editor do *Silent World* de Filadélfia; William Lovet Hill, redator do *Athol Transcript*; E. A. Hogson, surdo editor do *The Deaf-Mute Journal* de Nova Iorque. Brill, redator do *Taubstummen Courier* de Viena. Da Inglaterra: Gorbam (1861-1922), surdo editor do *Deaf and Dumb Times*. É a presença de uma imprensa surda. A participação destes homens indica a relevância do evento para um público estrangeiro que, possivelmente, aguardava posicionamentos, notícias, temas para debates. Era preciso imprimir notícias...

Temos também que surdos e não surdos estavam juntos em torno dos interesses dos surdos. O contato com os “falantes” era tido como importante para consolidação das demandas dos surdos. Com isso não se negava o protagonismo surdo, mas se valorizava a criação de parcerias. A reunião era dos surdos e era um privilégio concedido a alguns falantes vivenciar a experiência de estar junto com a “nação”. Importante notar como, para Berthier, os sinais eram essenciais para essa comunicação entre os surdos, mas isso não foi impedimento para que os que

desconheciam a mímica pudessem também estar com eles⁴⁴. Nos sucessivos banquetes, outros falantes estiveram presentes. Essa expressão “falantes” aplicada aos não surdos, talvez, seja uma melhor caracterização que a atual que foca no uso da audição...

3.5 O programado e o realizado: o registro de um evento

Um congresso é sempre um convite a “estar com”. Considerando que o congresso se dava durante a Exposição Universal de Paris, a programação contempla essa realidade e concentra os momentos de debate para o período noturno. Não se programaram apresentações longas, mas sim momentos em que, pela partilha, os congressistas pudessem tratar dos temas do programa. Uma pauta, aparentemente, simples para celebrar o centenário de morte do Abade de l'Épée...

Talvez, como nos ajuda Foucault (2014a), estivesse em jogo um cuidado de si que exigia não só o estar com os outros, mas uma reunião com os outros que fomentasse o reunir-se consigo. O tempo destinado na programação para passeios, reuniões livres, excursão à cidade natal de l'Épée (Versalhes), cerimônias religiosas, almoços, banquetes e noite de despedida, sugere que o evento fora pensado como ocasião de aproximação, mas também de demonstração pública da existência de um grupo peculiar. Como uma rota traçada, a programação é uma estratégia delimitada, é um arsenal colocado em prática, é uma pira acesa destinada a fazer iluminar a Cidade Luz pela visibilidade do silêncio ruidoso dos surdos. Paris experimentou nova graciosidade e tantas mãos em movimento jamais se vira...

⁴⁴ “Apenas dois *falantes* obtiveram o raro privilégio de comparecer a essa festa estrangeira; eram o Sr. Eugène de Monglave, recentemente chamado para fazer parte da comissão consultiva estabelecida pela instituição real de Paris, amigo dos surdos-mudos, falando sua língua, iniciado nos *hábitos* e *costumes* da nação, e o Sr. B. Maurice, então editor do jornal *Le Temps*, *homem incompleto*, segundo esses senhores, *infeliz* homem privado da palavra mímica, *pária* desta sociedade, obrigado a recorrer ao lápis para entrar em conversação com os heróis da festa” (SOCIÉTÉ CENTRALE DES SOURDS-MUETS DE PARIS, 1842, p. 12).

3.5.1 Abertura do Congresso: para não se falar de educação

A primeira sessão, no dia 11 de julho, foi iniciada pela recepção feita pelo senador Louis Hugot (1836-1907), reconhecendo o valor do trabalho começado por l'Épée. Falava sobre a ideia de regeneração, de como a ação do sacerdote francês foi capaz de “tornar humanos” pessoas marcadas por um “vício original”:

O Abade de l'Épée, para não mencionar o caráter sacerdotal de sua obra, entendera perfeitamente a vantagem que a França poderia tirar de todos esses espíritos paralisados por um vício de natureza original e se dirigindo aos surdos-mudos, seu olhar animado pela fé no futuro, disse-lhes: “E vós também sereis homens!”. Vós sereis homens, isto é, deixareis de ser organismos incompletos, por assim dizer, estranhos à sociedade humana, para se tornar inteligências chamadas, como as outras, à perfeição (CHAMBELLAN, 1990, p. 45-46, tradução nossa).

A ideia de nação também se apresentava no discurso de Hugot e, sem dúvida que ela, no contexto do século XIX, estava associada à escolarização. A nação se consolidou pela uniformização da língua, por definições políticas, pela obrigatoriedade do ensino, pela retirada dos anormais dos caminhos. Ao dizer para os surdos que eles faziam parte da nação, Hugot reconhecia a importância do evento e a autoridade do mesmo sobre o que seria tratado:

Compatriotas e estrangeiros, envio minhas cordiais saudações a todos vós. Sim, na abertura deste Congresso Internacional, onde vossa competência se manifestará nas várias questões da agenda, saúdo todos, senhores, como irmãos regenerados, como nossos iguais na família humana” (CHAMBELLAN, 1990, p. 46, tradução nossa).

Possivelmente, guiava o pensamento de Hugot o fato de que os surdos que acolhiam seu discurso eram surdos educados, por isso, “regenerados” e, assim, em condição de serem tratados como iguais e membros da família humana. Ou seja, educar é tornar-se humano. O senador em questão tinha grande atuação em questões aduaneiras. Hugot, parece-nos ter um discurso “afi(n)ado” com uma mentalidade. Talvez uma pista para quem se interessar em problematizar quem são os políticos que se aproximavam dos surdos ou de quem os surdos se aproximavam. Uma questão, por certo, muito atual...

Mas, ao final do discurso de Hugot encontramos uma nota essencial às pesquisas: “Este discurso traduzido em linguagem mímica gera um trovão de aplausos” (CHAMBELLAN, 1890, p. 46, tradução nossa). Os congressos de surdos são também encontros de línguas de sinais, com matizes originais em alguns aspectos; de línguas oficiais dos países, com suas regras e formalidades. São

congressos que exigem tradução. Não nos esqueçamos de que alguns dos surdos eram oralizados e, mesmo valorizando o uso de sinais, valiam-se das línguas que sabiam em alguns momentos. A tradutibilidade estava presente nos eventos e nos seus registros...

Ao se tratar de *O surdo-mudo na sociedade*, a primeira sessão foi iniciada pelo reconhecimento da linguagem de sinais como imprescindível à vida dos surdos. Thomas Francis Fox⁴⁵ (1860-1944), afirmou que, por sua natureza social, o ser humano necessitava se comunicar:

Para viver juntos, se faz necessário poder se compreender; trocamos pensamentos pela palavra, pelos sinais, pela escrita. A palavra é a linguagem mais conveniente ao ouvinte-falante; o sinal é a linguagem natural do mudo. Dois estrangeiros de nacionalidades diferentes terão dificuldade em se entender conversando entre si, no entanto se conversam por sinais, eles se entendem imediatamente ou se adivinham. Se se suprimir a linguagem dos sinais, o surdo-mudo será excluído de qualquer sociedade, mesmo a de seus companheiros de infortúnio, ele estará mais isolado do que nunca (CHAMBELLAN, 1890, p. 47, tradução nossa).

Oscar H. Regensburg (1868-1914) propôs que os surdos estavam se organizando em “clãs” por não conseguirem se misturar aos falantes, e sugeriu que isso se dava por uma certa postura aristocrática dos grupos de falantes. Assim, via como natural o fato de os surdos procurarem os seus companheiros também entre os surdos (CHAMBELLAN, 1890). Os iguais que se acolhiam...

A questão dos “clãs” dialoga com nossa atualidade quando pensamos nas várias críticas a uma proposta de escola bilíngue para surdos, tida por muitos como segregacionista. Esquece-se, no entanto, o quanto o uso de uma língua por pares poderia fomentar uma outra forma de educação, impossível nas escolas regulares. Por outro lado, isso não significa que se tenha encontrado a forma de educação perfeita ou a única receita válida, tampouco que os conflitos entre os pares não aconteçam. É da “des-ordem” de nossa capacidade de nos associarmos o fato de também tentarmos, por vezes, mascarar os conflitos, diluí-los. Mas, faz parte dessa

⁴⁵ Surdo entre 10 e 11 anos devido a meningite; frequentou escolas públicas antes e depois de se tornar surdo, formando-se em 1874 e ingressando na Instituição de Nova York para a instrução de surdos-mudos (Fanwood). Formou-se em 1879 e depois no Gallaudet College em 1883. Após um breve trabalho em um jornal, passou a lecionar na escola de Nova Iorque, assumindo também as funções de assistente sênior do diretor e bibliotecário. Foi presidente da Associação Nacional de Surdos no período de 1893-1896. Cf. <https://liblists.wrlc.org/biographies/54664>.

mesma “des-ordem” o fato de que os conflitos compõem, quando atenuados, uma força resistente de agregação identitária...

Sem explicitar a palavra “educação”, Chambellan afirmou que a “descoberta” feita por l’Épée assegurou que os surdos não fossem mais párias, permitindo-lhes trabalhar, formar famílias, sustentar seus pais idosos. Há, pois, um vínculo entre educar e estar em sociedade. Cumprindo o previsto no regimento, Chambellan não tocou no tema da educação de crianças, mas fez a seguinte problematização:

No final de seus estudos, o jovem surdo-mudo procura principalmente a sociedade de outros surdos-mudos. É compreensível: quem se entende se reúne. Sem deixar de frequentar seus irmãos de infortúnio, ele faria bem em procurar a sociedade das pessoas que ouvem e falam. Seria fácil para ele encontrar ajuda, apoio, conselhos. Esse contato só poderia fazê-lo seguir as maneiras dos falantes, do que estender o círculo de seus conhecidos e, conseqüentemente, lhe seria muito proveitoso (CHAMBELLAN, 1890, p. 48, tradução nossa).

Chambellan parece dialogar com a fala de Regensburg e indicando a necessidade de abertura dos surdos, mas também lançando questionamentos sobre o ensino dado que não permitia ao surdo sua plena inserção social. E posicionou-se criticamente em relação aos resultados do método de articulação:

Às vezes, a palavra do surdo-falante é arrastada, ininteligível, às vezes impressiona dolorosamente. Esta verdade, um homem eminente, o Sr. Jules Simon, divulgou-a eloquentemente, quando disse em abril passado, durante a recepção do Sr. Meilhac na Academia Francesa: "Vós sabeis que nada há de mais doloroso de ouvir do que um surdo-mudo que fala? E nada mais tocante e mais interessante que o meritoso surdo-mudo, quando ele se expressa por sinais?" (CHAMBELLAN, 1890, p. 48, tradução nossa).

Paul De Lame enfatizou a proposta de Chambellan de popularização da linguagem dos surdos:

Sim, a popularização da linguagem gestual aproximaria o mudo e o falante. O gesto é a nossa educação primeira; ele lembra a ideia; pode ser entendido em Liège como em Paris, em Berlim como em Kamchatka. É a linguagem universal, muito mais fácil do que o *volapük*⁴⁶ que queremos colocar na moda. Seria desejável ter feito um manual de sinais naturais e primordiais; difundiríamos profusamente ao público que se consideraria feliz por poder se comunicar conosco e ajudar a tornar nossa condição menos sombria (CHAMBELLAN, 1890, p. 49-50, tradução nossa).

⁴⁶ Língua construída/criada em 1879-1880 por Johann Martin Schleyer, um padre católico alemão, que durante uma insônia sentiu que Deus o havia mandado criar uma língua auxiliar internacional. Acerca da popularização dessa língua por meio de associações e cursos no contexto francês: Le Volapük Revue Mensuelle, n. 1, juin de 1886. Disponível em: https://volapuk.temerov.org/Volap%C3%BCKanef/Frans%C3%A4nap%C3%BCK/n%C3%BCneds/Le%20Volap%C3%BCK/06_Le_Volap%C3%BCK_Nombre_1_Juin_1886.pdf.

Por esta manifestação de Delame podemos pensar que a circulação de sinais entre os surdos era algo natural, embora sofresse certa privação no ambiente escolar. Daí, sua afirmação de que “o gesto é nossa educação primeira”. O que estava em jogo na sessão não era somente o surdo-mudo na sociedade, mas também e, acima de tudo, sua experiência de educação. A participação de Claudius Forestier (1810-1891) bem o demonstrou ao citar as línguas de sinais como possíveis línguas de instrução para o aprendizado das línguas nacionais:

Eu experimentei a mais viva dor quando soube que pessoas inexperientes tiveram a audácia de propor a proscrição da linguagem mímica. Era como arrancá-la de nossa alma, pois ela está, em nossa própria natureza, a vida de nossos pensamentos. Ainda é o único e verdadeiro meio de levar nossos jovens irmãos a conhecer a língua nacional (CHAMBELLAN, 1890, p. 50, tradução nossa).

Os congressistas encontraram uma forma de se manifestarem contra as deliberações de Milão. Dando sequência à fala de Forestier, o surdo sueco Joseph Albert Sout Berg (1832-1916) comentou:

O governo sueco também queria proibir a linguagem mímica. Meus amigos e eu fizemos todo o possível para impedi-lo de tomar esta medida. O rei emitiu uma ordem autorizando os diretores a instruir os surdos-mudos como eles entenderem e para o melhor (CHAMBELLAN, 1890, p. 50, tradução nossa).

A partir do que Berg mencionou, podemos problematizar certa narrativa que tende a pensar a implementação das deliberações de Milão (1880) de forma homogênea e imediata. Aconteceram resistências e elas se davam a partir das associações. Berg foi, em 1868, um dos fundadores da Associação de Surdos-mudos de Estocolmo⁴⁷. Há surdos protagonizando lutas desde esse ontem mais distante da história...

E, talvez, assim essa trama em que “des-enrolo” possa servir a um sentido da história:

[...] penso ser tarefa do historiador arejar a memória coletiva; tornar irrespirável seu cheiro de morte e a sua condição de lugar comum; não deixar as versões aceitas do passado se petrificarem; buscando a contigüidade anômala entre os eventos; estabelecendo entre eles novas relações; restituindo a eles a condição de novidade, a virgindade, a infância, corroídas e cariadas pelas versões clichê; ensinando a encarar o passado com senso crítico e lúdico; aprendendo a ver as coisas de várias posições; enverbando os acontecimentos de maneiras surpreendentes; derrubando o insigne que há nas versões hegemônicas da memória dos vencedores e enfiando nesta

⁴⁷ Outros surdos participaram desse processo: Edmund Borg (1812-1892), um membro e filho do fundador da primeira escola para surdos da Suécia, Per Aron Borg (1776-1839) e Fritiof Carlbom, surdo (1835-1890). Cf. <https://sdr.org/om-oss/historia/>

memória o ordinário, o menor, o pequeno, o abandonado; relegando a memória estabelecida às moscas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 86).

As reflexões se ampliaram ao tratar da surdocegueira e da relevância do uso de sinais nestes casos. Frisbee e Chambellan recorreram às suas experiências como forma de assegurar que os sinais eram necessários não só para os surdos, como por exemplo, no caso da surdocega Marthe Obrecht (1867-1932)⁴⁸. A utilidade dos sinais é assim defendida numa discussão sobre o surdo-mudo na sociedade...

Certa prática de classificação dos surdos foi manifestada por Davidson⁴⁹, de Filadélfia:

Em nossa escola, examinamos os alunos recém-chegados. Eles são classificados de acordo com suas aptidões. Se eles não progredem na articulação, são instruídos por sinais, em vez de dispensá-los por esse motivo. Tentamos, na medida do possível, tornar todos úteis (CHAMBELLAN, 1890, p. 51, tradução nossa).

Davidson nos coloca diante de uma prática que ganhou vulto pós-Milão: classificar os surdos quanto às suas aptidões. Sem dúvida, que os usos que eram feitos da classificação se diferenciavam radicalmente, pois, para os surdos, ela podia assegurar o direito a uma educação pelos sinais, principalmente, para aqueles de nascença; para os professores falantes, era motivo para se reclassificar o surdo inapto para articulação como “idiota” e desprovido da possibilidade de aprender⁵⁰. Surdos como seres “in-classificáveis”...

⁴⁸ A história da educação de Marthe Obrecht foi narrada pelo Cônego F. Duilhé de Saint-Projet, ex-reitor da Faculdade Livre de Letras de Toulouse no Capítulo XVIII - *Une claire manifestation de l'âme humaine - Marthe Obrecht*, de seu livro *Apologie scientifique de la foi chrétienne*. Duilhé, citando Sicard diz: “Se, na ordem das exceções da natureza e entre suas mais dolorosas mutilações, encontramos em nossos caminhos um surdo-mudo e cego ao mesmo tempo, o que faríamos? A que distância ele estaria de outros homens, este homem tão cruelmente degradado? Quão grande e difícil seria preencher a lacuna entre ele e nós! Que professor dar a essa criança tão aflita? Seria o do mudo? Mas toda a sua arte se limita a tornar o pensamento visível, e o infeliz é privado do sentido da visão; ele também está privado do sentido da audição. Não poder escolher uma imitação sonora, não poder falar com os olhos, seria preciso falar com a mão...” (DUILHÉ, 1885, p. 369, tradução nossa).

⁴⁹ Acreditamos tratar-se de Samuel Gaston Davidson, instrutor de surdos em Filadélfia, entretanto, em nossas buscas não pudemos confirmar esse dado.

⁵⁰ Roseane Silva *et al.*, partindo das análises feitas por Foucault, comentam acerca da compreensão de idiotia no século XIX: “O desenvolvimento em Seguin é considerado comum a todos, é como uma regra de sucessão cronológica com um momento de chegada ideal, seguindo uma linearidade temporal. Neste sentido, a imbecilidade e a idiotia não são consideradas como doenças, mas como “estados” desviantes de uma norma, são variantes de estágio no interior do desenvolvimento normativo da criança. Esboça-se uma dupla normatividade a partir desta ideia de desenvolvimento de Seguin: a idiotia seria medida a partir de uma certa normatividade, a do adulto. Já o retardado estaria situado em relação à média de outras crianças. Surge aí a noção de anomalia: a criança idiota ou a criança retardada não seriam crianças doentes, seriam crianças anormais” (SILVA *et al.*, 2010, p. 404).

As reflexões sobre *O surdo-mudo na sociedade* foram encerradas com a comentário do abade Verschuren:

Acho que posso dizer, com base na experiência, nos fatos que encontro todos os dias entre os surdos-mudos adultos do meu círculo, que se a fala é de grande utilidade e tem vantagens indiscutíveis, não se pode, em uma questão dessa importância, ser exclusivista; não devemos excluir os sinais, eles são a verdadeira língua do surdo-mudo, sem eles não se pode entender nada. A fala nada diz ao surdo-mudo, não o faz entender nada; [...] Proibir absolutamente a linguagem mímica, seria um erro, uma falha, uma grande falha. E como posso me fazer entender agora por vós todos pela fala? Não! Em cem anos, haverá surdos-mudos; em cem anos, a linguagem de sinais e o trabalho do Abade de l'Épée não serão destruídos (CHAMBELLAN, 1890, p. 51-52, tradução nossa).

Além de ressaltar a figura de l'Épée, Verschuren reconheceu o valor dos sinais e se posicionou contra posturas exclusivistas que não compreendiam a necessária inclusão dos sinais em qualquer metodologia para educação de surdos. Possivelmente, não se tinha uma rejeição imediata à articulação, mas sim uma rejeição à exclusão do uso dos sinais nos processos educacionais e escolares. Desde o Congresso de Lyon⁵¹ a questão persistia...

Se a sessão se encerrou, deixando-nos o gosto de que os surdos discutiram educação, tal situação não passou alheia aos olhos atentos de alguns surdos, como veremos na sessão do dia 12 de julho. Mesmo de dentro nem sempre é fácil escapar das ameaças de fora...

3.5.2 Segunda Sessão: falar sobre trabalho é falar sobre educação

Ocorrida no dia 12 de julho, é iniciada com uma polêmica. Benjamin Dubois (1820-?), surdo-falante, instruído pelo método de articulação resgatou um dos pontos do regulamento:

De acordo com as belas palavras dos oradores que cobrimos de aplausos, acredito que estamos saindo da questão atualmente submetida às nossas deliberações [...] Tudo o que ouvimos se concentrou em métodos de ensino, método de sinais, método pela palavra, método misto ou pela palavra com sinais. O programa do nosso congresso é silencioso a esse respeito; faríamos bem em não nos ocupar com esses vários métodos, embora eu tenha profundo pesar, eu que há muitos anos tenho me dedicado a ensinar por meio da palavra e sem a ajuda de sinais (CHAMBELLAN, 1890, p. 53, tradução nossa)

⁵¹ Acerca do Congresso de Lyon ver: RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO, 2019.

Dubois, que participava do comitê organizador, sugeriu que a questão dos métodos fosse discutida em outra ocasião, avaliando-os e percebendo as desvantagens sofridas pelos surdos de nascença. “Melhor do que ninguém podemos apontar não apenas o que foi feito para nós, mas também o que não nos foi permitido fazer. Quem negará isso?” (CHAMBELLAN, 1890, p. 54, tradução nossa). Como nos indica Foucault (2014b, p. 223), “[...] é preciso conceber que a relação consigo é estruturada como uma prática que pode ter seus modelos, suas conformidades, suas variantes, mas também suas criações. A prática de si é um domínio complexo e múltiplo”. É tarefa inescapável de vida saber o que fazer com o que fizeram de nós...

Após a provocação de Dubois, os congressistas passaram ao tema do dia: “O Surdo-mudo no trabalho”. Há uma constatação de que, após l'Épée, os surdos que puderam estudar tiveram melhores oportunidades de trabalho, assegurando possibilidades de sustento pessoal e dos casamentos. A fala do surdo pintor Josef Albert Sout Berg (1832-1916), em torno da independência dos surdos, sugeria uma necessária mudança na educação, associando-a ao aprendizado profissional:

O surdo-mudo deve sempre buscar a independência que nunca encontra melhor do que aprendendo bem e exercendo diligentemente uma profissão qualquer. Minha longa experiência me provou suficientemente que o surdo-mudo que se acostuma a esperar por ajuda e suporte de outros homens, inevitavelmente sucumbe na luta pela existência, mas quem confia em seu trabalho poderá ser suficiente e terá sucesso em breve com uma habilidade que lhe proporcionará facilidade. Por isso, considero uma primeira necessidade que é abrir oficinas onde os surdos-mudos possam aprender vários ofícios desde o início e, assim, tornarem-se trabalhadores qualificados (CHAMBELLAN, 1890, p. 56, tradução nossa).

Corroborava a proposição de Berg uma sugestão do abade Verschuren, a de que era necessário romper com a caridade e capacitar os surdos para o autossustento. Segundo o abade, isso evitaria a mendigagem⁵²:

Não basta instruir o surdo, ensiná-lo a ler, escrever, calcular, cultivar suas faculdades intelectuais e morais. Deve-se concluir sua educação com um conjunto de conhecimentos relacionados aos requisitos de suas aspirações legítimas para o futuro, com a posição em que estará mais tarde e a profissão que exercerá. O objetivo de sua educação ainda deve ser o de permitir que ele atenda suas necessidades mais tarde, garantir sua existência, etc (CHAMBELLAN, 1890, p. 57, tradução nossa).

⁵² Tal proposição oriunda de um religioso falante reveste-se de certa relevância ao considerarmos que somente em 1900, na Seção dos Ouvintes do Congresso de Paris, será colocado em pauta a necessária saída da abordagem caritativa para uma que vise à plena educação dos surdos. Entretanto, em Paris - 1900, diferente do pensamento do abade Verschuren, tal educação ideal se daria pela articulação.

Era perceptível para o abade que, após saírem dos institutos, os surdos não estavam qualificados para o trabalho, necessitando ainda de apoios ao longo da vida. Verschuren recordou também a necessidade de organização de comitês de patronato que visassem à empregabilidade dos surdos (CHAMBELLAN, 1890), mas demonstrou certa visão reducionista acerca das profissões a serem assumidas pelos surdos. Os postos subalternos eram e costumam ser pensados para os surdos...

Chambellan interveio, recordando a relação entre corpo, educação e mundo do trabalho, pois considerava os surdos capazes para exercer qualquer profissão que dependesse das mãos e dos olhos. Parte dessa argumentação destinava-se a questionar o fato que ele e outros experimentaram: a aposentadoria compulsória quando da implementação das turmas de articulação no Instituto de Paris:

Hoje, as administrações públicas estão impiedosamente fechadas aos surdos-mudos. É o mesmo nas casas dedicadas à sua educação. Se dispensa o professor surdo-mudo pelo pretexto de que lhe é impossível ensinar articulação. E sabemos que dois terços da população muda não será capaz de falar! Os princípios de 1789 declararam todos os cidadãos elegíveis para vários empregos, de acordo com sua capacidade. Por que eliminar o surdo-mudo capaz dos empregos subordinados ao governo? Por que impedi-lo de dar instruções aos infelizes companheiros jovens, cuja inteligência é irmã dele e cujas necessidades ele conhece? O surdo-mudo, como o falante, tem o direito de viver e de fazer viver sua família. Não nos cansemos de protestar contra esse uso da força e tenhamos fé em tempos melhores (CHAMBELLAN, 1890, p. 59, tradução nossa).

Vieram, por parte da comitiva americana, as mais claras referências a uma mudança radical na perspectiva educacional tendo em vista a empregabilidade dos surdos. A partir de uma distinção entre educação intelectual e educação industrial, Edwin Allan Hodgson sugeriu que os surdos tivessem uma formação com ênfase mais nas habilidades manuais que nas intelectuais, pois “o mundo precisa de homens inteligentes com mãos hábeis” (CHAMBELLAN, 1890, p. 59, tradução nossa). Hodgson concluiu:

Nas escolas da América, a educação industrial anda de mãos dadas com a educação intelectual. Portanto, quem sai, com certeza, ganha a vida imediatamente. Eu acredito que esse sistema deve ser adotado em todas as instituições de surdos-mudos (CHAMBELLAN, 1890, p. 60, tradução nossa).

Entretanto, como a filósofa Hannah Arendt bem o delimitou ao tratar do ajustamento do homem às ferramentas:



Nunca houve dúvida de que o homem se ajustava ou precisava de ajuste especial às ferramentas que utilizava, da mesma forma como uma pessoa se ajusta às próprias mãos. O caso das máquinas é inteiramente diferente. Ao

contrário das ferramentas do artesanato, que em parte alguma do processo de trabalho deixam de ser servas da mão, as máquinas exigem que o operário as sirva, que ajuste o ritmo natural do seu corpo ao movimento mecânico que lhes é próprio. Certamente isto não implica que os homens, em tal caso, se ajustem ou se tomem servos de suas máquinas, mas significa que, enquanto dura o trabalho com as máquinas, o processo mecânico substitui o ritmo do corpo humano. Até mesmo a mais sofisticada ferramenta permanece como serva, incapaz de guiar ou substituir a mão, por outro lado, até mesmo a mais primitiva das máquinas guia o labor do nosso corpo até substituí-lo inteiramente (ARENDDT, 2007, p.160).

Em continuidade ao pensamento de Hodgson, Hill Steinthal ponderou que a respeitabilidade dos surdos adviria de sua capacidade profissional e mencionou certa oposição entre surdos e falantes:

Quanto maior a sua esfera de atividade no mundo, mais sua situação adquire solidez e importância na vida intelectual e social daqueles que ouvem; e quanto mais o sucesso que recompensa seu trabalho é marcado quando eles ocupam uma boa posição, mais seus esforços oferecem resultados quando eles conseguem diminuir as barreiras que um preconceito falso e pernicioso levantou entre eles e os falantes (CHAMBELLAN, 1890, p. 60, tradução nossa).

Após citar o sucesso do Colégio de Washington, Hill considerou a questão do contexto social e suas exigências de trabalho. Para Hill, diante das dificuldades enfrentadas, era necessário superar oposições em relação aos falantes e estabelecer um clima de fraternidade:

Podemos ser completamente dotados de capacidades naturais ou adquiridas, que nos permitem abrir um caminho, apesar das dificuldades da vida. Devemos assimilar o máximo possível o modo de vida de nossos amigos ouvintes; é o meio de ampliar a maneira pela qual teremos de exercer todas as nossas faculdades, quando se trata de emprego onde uma maior atividade será necessária. Tudo o que tende a inculcar em nós os elementos que constituem uma fraternidade de cidadãos, tudo o que pode nos inspirar a ambição de nos tornarmos representantes do espírito nacional, tudo o que, na realidade, desenvolve e expande o campo de nossa atividade todos os dias, tudo isso deve ser acolhido com felicidade (CHAMBELLAN, 1890, p. 61, tradução nossa).

A sessão foi encerrada com o pedido de Forestier e de Davidson de que fossem fundadas escolas profissionais para os surdos-mudos. Mais uma vez, a temática da educação de surdos era trazida como um atravessamento. O ensino profissional constituía-se como demanda da comunidade surda internacional que, ao pleiteá-lo, expunha também as fragilidades do método de articulação e considerava a necessária mudança na proposta de ensino destinada aos surdos. Admirável a estratégia de se

debater o que Dubois, por respeito ao programa ou por uma afeição ao método oral⁵³, pedia que fosse feito noutro congresso. “Des-respeitar” regras faz parte do jogo...

Não se pode, portanto, pensar o surdo no mundo do trabalho dissociado de sua preparação escolar. A escola não seria apenas o espaço para assimilação do conhecimento da leitura e da escrita e do cálculo. Ao saírem dos institutos, os surdos desejavam poder trabalhar, e é esse desejo que ilumina a compreensão dos congressistas numa perspectiva em que a educação é também projeção para o futuro. Mas, educar é também um ato com tendência ao passado. E recorro a Foucault:

Do ponto de vista do Estado, o indivíduo apenas existe quando ele promove diretamente uma mudança, mesmo que mínima, no poderio do Estado, seja esta positiva ou negativa. O Estado tem que se ocupar do indivíduo apenas quando ele pode introduzir tal mudança. E tanto o Estado lhe pede para viver, trabalhar, produzir e consumir, como lhe exige morrer (FOUCAULT, 2004b, p. 308).

3.5.3 Terceira Sessão: família e educação

A sessão do dia 13 de julho tinha por objetivo debater “O surdo-mudo na família”. Perpassou todo o debate uma reação à teoria de que os casamentos surdos gerariam filhos surdos⁵⁴. Mais uma vez, apesar da aparente dissonância, Berg evocou a questão da educação: “Uma família de surdos-mudos pode funcionar muito bem, se os dois cônjuges estiverem unidos, quiserem trabalhar e forem econômicos. A maior dificuldade para eles certamente consiste na educação das crianças” (CHAMBELLAN, 1890, p. 63, tradução nossa). Berg não explicita a educação escolar, todavia, a formação familiar seria, possivelmente ou necessariamente, complementada pela educação formal. A educação sempre passa pela família...

⁵³ Volquin (1853) comenta acerca de Dubois: “O próprio Sr. Dubois, chefe da Instituição para Surdos, deve a sólida formação que possui apenas ao cuidado que recebeu na Instituição de Paris, onde se formou através da mímica. É verdade que ele tem cultivado ao mesmo tempo sua surpreendente facilidade de falar (perdeu a audição aos cinco anos); mas ainda hoje, no trato com os surdos-mudos, ele usa a linguagem que quer abolir” (VOLQUIN, 1853, p. 18, tradução nossa)

⁵⁴ Em 13 de novembro de 1883, Graham Bell apresentou à Academia de Ciências de New Haven o seu trabalho *Memoir upon the Formation of a Deaf Variety of the Human Race* em que, graças a dados estatísticos questionáveis, defendia que estaria em movimento a formação de uma degeneração da raça humana devido aos constantes casamentos entre surdos.

Ao afirmar a inteligência dos filhos de surdos, Dusuzeau afirmou a inteligência dos próprios surdos, mostrando que não havia empecilho para que fossem devidamente educados e habilitados para os mais diversos trabalhos na sociedade e assumirem os compromissos como quaisquer outros cidadãos (CHAMBELLAN, 1890). Apesar disso, a eugenia ainda espreitou os surdos por muitos anos...

3.5.4 Quarta Sessão: os surdos num mundo de leis

Na sessão do dia 16 de julho os congressistas se debruçaram sobre dois temas: “O surdo-mudo e as leis de seus país” e “Os benfeitores dos surdos-mudos depois do Abade de l’Épée”. Sobre o primeiro tema, retomaram sinteticamente as leis dos Estados Unidos da América e da França para mostrar que não havia um regime de exceções em relação aos surdos, portanto deveriam ser tratados como outros cidadãos. Este percurso deságua no currículo como realidade viva que demanda o que se aprende na escola...

Chambellan chamou atenção para o fato de que na França houve uma experiência de se incluir na proposta curricular a reflexão sobre aspectos legais e que isso permitia aos surdos compreenderem melhor a realidade de seu país:

Ninguém deveria ignorar a lei, diz o Código Francês. Em 1859, sob proposta do Sr. de Col, então diretor da instituição de Paris, foi criado um curso de direito comum para alunos de 5º, 6º e 7º ano. Esta classe, continuada sob o Sr. Vaïsse, seu sucessor, foi abolida em 1872, para grande surpresa do corpo docente. Parte das lições de direito que eu ensinei apareceu no *Conseiller Messenger des Sourds-Muets* em 1877, 78, 79 e 80⁵⁵. O curso da legislação civil elementar foi restabelecido em 1886 e a justiça foi feita aos Srs. de Col e Vaïsse, que entendiam os interesses dos surdos-mudos (CHAMBELLAN, 1890, p. 78-79, tradução nossa).

Ferdinand Berthier já manifestara uma preocupação em relação ao necessário conhecimento das leis do país por parte dos surdos, levando-o a elaborar uma síntese

⁵⁵ Chambellan escreveu alguns dos textos publicados no *Conseiller Messenger des Sourds-Muets*. Cf. nº 7, Outubro 1877, p. 30-31; 9º anné, nº 11, Mars 1878, p. 86. Relacionado à essa temática, também muito peculiar é a compilação, feita pelas *Éditions du Fox*, de obras de 1825, 1828 e 1855 sobre crônicas judiciais acerca de julgamentos de surdos, intitulada *La sourde et la mule et autres chroniques judiciaires*. Embora seja um material muito anterior aos congressos, já sinaliza como a questão da instrução interferia no tratamento dos surdos que cometiam delitos.

do Código de Napoleão⁵⁶. Consideramos que também o conhecimento da legislação, da maneira como proposto por Chambellan em continuidade à iniciativa de Berthier, é uma discursividade educacional. A escola formal é pensada como espaço em que o acesso ao conjunto de leis de um país pode fornecer elementos essenciais para assegurar aos surdos uma condição de igualdade para com outros cidadãos. Saber das leis é aprender a portar-se no mundo. As leis subjetivam...

Estes surdos recordaram-me aquilo que Foucault sugere acerca da figura do intelectual:

A função do intelectual não é dizer aos outros o que têm que fazer. Com que direito o faria? Lembre-se de todas as profecias, promessas, mandatos e programas que os intelectuais formularam nos últimos dois séculos e cujos efeitos se vêm agora. O trabalho do intelectual não é modelar a vontade política dos outros; mas o de, pelas análises que fez nos domínios que lhe são próprios, re-interrogar as evidências e os postulados, sacudir os costumes, as maneiras de fazer e de pensar, dissipar as familiaridades admitidas. Retomar a medida das regras e das instituições e, a partir dessa re-problematização (onde põe em jogo seu ofício de intelectual específico), participar na formação de uma vontade política (onde põe em jogo seu ofício de intelectual específico), participar na formação de uma vontade política (onde tem que desempenhar seu papel de cidadão) (FOUCAULT, 2009, p. 676-677).

No tópico sobre os benfeitores que sucederam l'Épée, os congressistas nos oferecem uma rica lista de homens — e algumas poucas mulheres — considerados extraordinários por se dedicarem à educação dos surdos. O Abade Delaplace retomou a narrativa oficial que considerava como na Antiguidade os surdos eram tratados e a missão de l'Épée como uma continuidade da obra iniciada por Jesus Cristo (CHAMBELLAN, 1890). Após l'Épée, difunde-se uma prática educacional missionária que se expande por toda a Terra e, certamente, os atravessamentos cristãos são profundos...

O retomar a história é também uma forma de se narrar a educação. A tribuna foi ocupada por outros congressistas que ressaltaram a figura de l'Épée e seu

⁵⁶ “Originalmente, pensamos em colocar todos os códigos ao alcance de nossos irmãos surdos-mudos; mas imperceptivelmente este quadro, por toda a sua importância, foi restringido, e começamos com o mais urgente, com o mais essencial, com o Código Napoleão. Os demais virão, combinados em um segundo volume, se necessário. Permitam-me reiterar o estado da questão! As leis não são uma necessidade diária para todos os cidadãos? E mais do que qualquer outro, o surdo-mudo, jogado por sua posição, a certo ponto, fora da sociedade, não precisa ser esclarecido sobre os princípios de nossas leis e principalmente por parte da legislação que lhe diz respeito. Por fim, e sob este mesmo ponto de vista, não são os monumentos da Jurisprudência, em particular sobre questões de Estado e de capacidade das pessoas, essenciais para que ele os conheça?” (BERTHIER, 1868, p. 9, tradução nossa).

empreendimento (CHAMBELLAN, 1890). Tal homenagem é, para os pesquisadores, uma fonte riquíssima de informação, pois as listas de nomes, alguns pouco conhecidos, compõem, de fato, uma constelação de educadores. Dessa maneira, a história dos surdos vai se misturando e sendo conhecida a partir de uma história da educação de surdos. E Albuquerque Júnior nos auxilia:

As comemorações, notadamente aquelas que se voltam para as chamadas datas ou efemérides históricas, são sustentadas, alimentadas e, ao mesmo tempo, produzem e constroem dadas leituras da história. A história, tal como costuma ser praticada quando das comemorações, tende à modalidade que Nietzsche nomeou de monumental. É uma história entendida como narrativa que visa construir e instituir monumentos, eventos-monumentos e pessoas-monumentos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 188).

O congresso elaborou uma declaração de encerramento em que o tema da educação se fazia presente, posicionando-se criticamente em relação ao sistema “substituto” ao método de l’Épée:

O Congresso proclama a infalibilidade do método do Abade de l’Épée que, sem excluir o uso da fala, admite que a linguagem mímica é o instrumento mais adequado para desenvolver a inteligência dos surdos-mudos. O Congresso acredita que os alunos devem ser classificados em duas categorias: 1º - aqueles que ficaram completamente surdos-mudos por acidente ou que têm conservado um resto de audição; 2º - os surdos-mudos desde o nascimento. O ensinamento da palavra será dado de acordo com as habilidades individuais, mas em nenhum caso a linguagem de sinais será excluída. Além disso, o Congresso expressa o desejo de: 1º) Que sejam criadas escolas profissionais para surdos-mudos, ou que concluam sua aprendizagem fora das instituições; que nenhum aprendiz saia sem conhecimento suficientemente para suportar a concorrência; (fazer o contrário seria condená-los à miséria); 2º) Que as autoridades públicas, cuja preocupação deve se estender igualmente a todos os cidadãos, confiem aos surdos-mudos os empregos que eles são capazes de preencher em instituições ou administrações, e isso em nome da igualdade de justiça para todos. Como outros homens, os surdos-mudos têm o direito à existência (CHAMBELLAN, 1890, p. 90-91, tradução nossa).

Essa declaração apontava para a questão dos métodos, mas considerava que o surdo, na sua singularidade individual, era quem determinaria a melhor forma de educação. Contudo, independente do método, havia uma reserva de que os sinais jamais fossem excluídos. Como vimos, os sinais são constitutivos de uma linguagem natural dos surdos e esse argumento estava implícito na declaração de encerramento. E, graças a essas e outras iniciativas da comunidade surda, esses sinais não desapareceram, se metamorfosearam, se eternizaram na fugacidade da vida...

Similar ao encerramento do Congresso de Milão (1880), registrou-se que o congresso de surdos encerrou suas sessões com os gritos de: “Viva a França!”, “Viva

o Abade de l'Épée!", "Viva a emancipação dos surdos-mudos!". É clara a ressonância que provocam ao demonstrar que não se sujeitam ao deliberado em Milão e que conseguem, através de suas associações, produzir caminhos outros em que fossem respeitados em suas demandas e na integridade de seus interesses. A força de um "viva"...

Como se perguntava Foucault ao tratar que o poder tinha incumbência de defender a sociedade:

[...] deve-se ou não entender que a sociedade, em sua estrutura política, está organizada de maneira que alguns possam se defender contra os outros, ou defender sua dominação contra a revolta dos outros, ou simplesmente ainda, defender sua vitória e perenizá-la na sujeição? (FOUCAULT, 2016a, p. 18).

E, mais adiante, Foucault dispara:

Não tomar o poder [na verdade, as relações de poder] como um fenômeno de dominação massivo e homogêneo – dominação de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras –; ter bem em mente que o poder, exceto ao considerá-lo de muito alto e de muito longe, não é algo que se partilhe entre aqueles que o têm e que o detêm exclusivamente, e aqueles que não o têm e que são submetidos a ele. Creio que o poder tem que ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de serem submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Dito de outra maneira, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles (FOUCAULT, 2016a, p. 26).

Um extrato do *Journal Le Temps*, de 28 de julho, sobre o congresso, sintetizando os principais pontos de debate e, acerca dos métodos de educação de surdos, fez o seguinte comentário em que reconhece o quanto a discussão sobre educação se apresentou naquela reunião e a qualidade das contribuições:

Seja como for, o atual congresso de surdos-mudos, ao qual não pode ser negada competência nesta matéria, cuidou naturalmente de ambos os métodos, embora fosse entendido que, para não excitar os debates, eles permaneceriam fora do programa. Todos os membros, com raras exceções, reconheceram que o método de articulação oferece imensas vantagens (deve ser acrescentado quando é praticável), principalmente no sentido de colocar o surdo-mudo em contato direto com o falante. Mas a opinião comum era que a linguagem de sinais é indispensável para a inteligência da frase, para o desenvolvimento das faculdades intelectuais do aluno e, principalmente, para inculcar nele as idéias abstratas (CHAMBELLAN, 1890, p. 112, tradução nossa).

3.6 Os encontros livres, os passeios, os banquetes e a despedida: a comensalidade surda e um sabor de irmandade que rompe fronteiras

Uma celebração do centenário da morte do Abade de l'Épée não poderia deixar esquecida a cidade de Versalhes. No dia 15 de julho de 1889, os congressistas dirigiram-se à cidade natal do “Pai dos surdos”. A notícia da excursão teria sido publicada no *Journal de Versailles* de 21 de julho e comentava sobre a colocação de uma placa comemorativa na casa onde nasceu l'Épée. Menciona-se cerca de duzentos surdos. Após discursos foram colocadas coroas de flores diante da estátua do Abade de l'Épée (CHAMBELLAN, 1890). A casa de l'Épée como um lugar de memória que fala...

Pode-se analisar os enunciados, imagens, símbolos, práticas rituais, performances que compõem o evento comemorativo como elementos que constituem um texto, que servem para inscrever e escrever dadas leituras dos eventos e personagens. Comemorar é dizer algo, é expressar uma mensagem, é, como vimos, partilhar dadas significações. A comemoração postula tornar inequívoca, pública e aceita uma dada interpretação do que se passou (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 188).

François Waquet comenta como a questão da metáfora familiar aplicada às relações entre mestre e discípulo, especificamente, aquela da paternidade/filiação são revigoradas em ocasiões específicas. Aqui temos, portanto, como a comunidade surda partilhava de um ideário comum acerca das grandes personalidades:

Circunstâncias excepcionais, a exemplo da inauguração de estátua do mestre ou a aposição de placa na casa natal, também são ocasião para os discípulos falarem sobre o mestre, evocar lembranças pessoais e, bem concretamente, evidenciar sua ligação (WAQUET, 2010, p. 53)

O dia 17 de julho também se insere no contexto de homenagens. Uma celebração religiosa na igreja de Saint-Roch marcou o início do dia. A recordação de l'Épée como o designado por Deus para conduzir os surdos à salvação foi constante, sendo mesmo comparado ao colonizador Cristóvão Colombo. O Abade Goislot, após recordar os beneméritos de l'Épée, propôs:

Vós quereis provar que sois dignos em todos os aspectos de vosso pai adotivo? Sejais dos surdos-mudos educadores, isso é bom. Ocupeis vosso lugar na sociedade - e o lugar mais alto que vós podereis conquistar - isso é bom. Sejais surdos-mudos trabalhadores apegados aos seus deveres, cônjuges fiéis, pais de famílias dedicados, excelentes cidadãos, isso é bom, muito bom. E vós sereis tudo isso, se fordes cristãos crentes, convertidos, praticantes. Então, depois de ter abençoado o nome do Abade de l'Épée nesta terra, vos juntareis a ele no céu, no seio de Deus, onde somente vós entenderéis toda a grandeza de sua obra (CHAMBELLAN, 1890, p. 95, tradução nossa).

O projeto de emancipação dos surdos parece ganhar consistência, apesar de se notar aí certo desejo de condução das almas. Mas, as almas são sempre livres e “in-conduzíveis”, afinal

[...] a liberdade aparecerá como condição de existência do poder (ao mesmo tempo sua precondição, uma vez que é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça, e também seu suporte permanente, uma vez que se ela se abstraísse inteiramente do poder que sobre ela se exerce, por isso mesmo desapareceria, e deveria buscar um substituto na coerção pura e simples da violência); porém, ela aparece também como aquilo que só poderá se opor a um exercício de poder que tende, enfim, a determiná-la inteiramente (FOUCAULT, 1995, p. 244).

A visita ao túmulo do Abade de l'Épée foi mediada por uma breve explicação por parte de Theobald sobre o processo como Berthier e Forestier, ajudados pelo Dr. Doumic, conseguiram recuperar os restos mortais do religioso. Depois, os congressistas se dirigiram à rua Thérèse, nº 23, onde l'Épée fundara sua primeira escola e contemplaram as placas comemorativas ali colocadas. “Como aquela de Versailles, as de Paris lembrarão ao transeunte que houve coisas realizadas que marcam uma época na história da humanidade” (CHAMBELLAN, 1890, p. 96, tradução nossa). As placas são marcas a nos questionar conhecimentos...

O banquete realizado no Hotel Continental é narrado com admiração pelo luxo e suntuosidade do local. No meio do salão se destacava o busto de l'Épée, ornado em meio a bandeiras. O cardápio⁵⁷ servido deixa-nos a sensação de uma comensalidade que expressa felicidade e nos faz imaginar as papilas gustativas a celebrar a consolidação de uma união, de uma grande reunião de interesses. Pelas papilas se constituem memórias mais fortes que aquelas feitas pelas pupilas a serviço da razão...

Após se servir a sobremesa ocorreu o momento dos discursos e brindes. Dusuzeau, parece-nos dar a tônica desses banquetes ao retomar, sem o mencionar, uma compreensão claramente partilhada por Ferdinand Berthier:

"Senhores e queridos irmãos", Digo a todos: "Queridos irmãos". Sim, senhores, somos todos irmãos, qualquer que seja a nossa nacionalidade, porque temos apenas um e o mesmo pai, o Abade de l'Épée. Em nome da Association Amicale des Sourds-muets de France (espero que o momento não esteja longe de transformá-la na Association Amicale des Sourds-muets do mundo inteiro!), agradeço-vos calorosamente por terdes vindo

⁵⁷ Croûte au Pot; Hors-d'œuvre variés; Turbot de Dieppe, sauce hollandaise; Côte de bœuf jardinière; Caneton à la rouennaise; Dindonneaux au cresson; Salade de laitues aux Œufs; Haricots verts maître d'hôtel; Parfait glacé au moka; Gâteau Punch; Dessert; Médoc en carafes; Saint-Estèphe; Champagne frappé; Café et Liqueurs (CHAMBELLAN, 1890, p. 97-98, tradução nossa).

espontaneamente juntar-se a nós para comemorar o centenário de nosso ilustre benfeitor. Brindaremos em sua honra e em sua memória, que nunca perecerão no coração dos surdos-mudos (CHAMBELLAN, 1890, p. 99, tradução nossa).

O banquete torna-se momento para se retomar aspectos da educação desejada pelos surdos. Continua Dusuzeau, após reconhecer os esforços de todos os que desejaram fazer os surdos falarem:

Mas a linguagem dos sinais não deve ser sacrificada pela linguagem articulada. Uma é necessária para a outra. E, se me seria permitido expressar um desejo, é que na educação dos surdos-mudos, a linguagem de sinais nunca seja separada da linguagem articulada. Esse foi o pensamento do Abade de l'Épée que também ensinava os surdos-mudos a falar quando, pelo uso de sinais naturais, ele primeiro lhes explicou o significado das palavras. O surdo-mudo está ansioso para conhecer. As maravilhas que impressionam seus olhos, e que hoje se espalham de maneira tão grandiosa no Champ-de-Mars⁵⁸, ainda despertam sua paixão pela compreensão. Não é demais para ele ter duas línguas (uma das quais, como resultado da privação da audição, necessariamente será sempre incompleta) para ser colocada em comunicação intelectual com descobertas e idéias modernas (CHAMBELLAN, 1890, p. 100-101, tradução nossa).

Desuzeau propôs uma educação bilíngue em que o surdo pudesse dominar os conhecimentos continuamente em progresso. O brinde de Léon Dusuzeau, filho de Dusuzeau, faz a ponte histórica entre os surdos do presente e seus educadores surdos do passado: “À memória de professores surdos-mudos falecidos e à felicidade dos professores surdos-mudos vivos!” (CHAMBELLAN, 1890, p. 103). Aos presentes, a simples menção a “professores surdos” carregava toda uma carga de crítica à instauração do método oral puro. A concisão é capaz de explosões...

A desejada aproximação entre os surdos parece ter sido alcançada, fazendo superar também possíveis dissensões entre associações europeias. “A festa continuou até meia-noite. Mais tarde, se encontraria na rua Rivoli surdos-mudos com um clima alegre e conversando com animação” (CHAMBELLAN, 1890, p. 108, tradução nossa). Há uma exposição pública dos surdos, quer seja nos passeios, nos encontros noturnos, no sair em grupos. Eles, mais fortalecidos, se apresentam ao mundo...

Como bem o compreendeu Cantin:

A partir daí, desenvolve-se uma espécie de Internacional Surda, ou Transnacionalismo Surdo, onde cada país mantém a sua especificidade ao mesmo tempo que contribui para a solidariedade internacional entre as diferentes comunidades. Para alimentar essa solidariedade, a imprensa surda

⁵⁸ Um dos locais onde se concentrava a Exposição Universal de 1889.

é fortemente chamada a divulgar o que está acontecendo no exterior (CANTIN, 2014, p. 205, tradução nossa).

3.7 Reações ao Congresso

O texto do relatório do Congresso de 1889 traz em anexo um artigo do professor da Instituição Nacional de Surdos-mudos de Paris, Sr. Adolphe Bélanger. O autor reconheceu o sucesso do primeiro congresso internacional organizado por surdos e retomou brevemente as questões abordadas, inquietando-nos:

Não sabemos se o futuro nos reserva em breve um segundo congresso de surdos-mudos, estamos longe de contestar aos nossos irmãos surdos o direito de cuidar de seu futuro, seus interesses e sua felicidade. Acreditamos, no entanto, que eles estavam se desviando de seu curso, procurando dar sua opinião sobre o melhor método a seguir para a instrução de seus irmãos (BÉLANGER, 1890, p. 219, tradução nossa).

Há uma censura por parte de Bélanger ao fato de que os surdos discutiram questões educacionais. Possivelmente, a notícia do evento tenha provocado esse tipo de reação. Bélanger tentou desqualificar as proposições dos congressistas surdos por serem sinalizantes e sugeriu que a atitude dos congressistas revelaria certa resistência ao progresso do método de articulação:

Foi um congresso de surdos educados pelo método dos sinais; se, a seguir, tivéssemos um congresso de surdos educados pelo método oral puro, talvez chegássemos a conclusões diferentes. Além disso, nem uns nem outros têm o direito de impedir o progresso. Eu não sei o que o Abade de l'Épée poderia ter inventado por um surdo e se, no futuro se encontrasse uma maneira de devolver a audição aos surdos, eles teriam o direito de recusar? (BÉLANGER, 1890, p. 219, tradução nossa).

Além de propor que um eventual congresso de surdos oralizados poderia manifestar outras opiniões, Bélanger finalizou sua reflexão retomando a figura de l'Épée. Todavia, parece-nos que, diferentemente dos congressistas surdos, essa retomada de l'Épée teria por finalidade certa sujeição ou tutela dos surdos:

Para nós, nesta reunião, só queríamos ver os sotaques do reconhecimento subindo em direção àquele que tornou o surdo-mudo para si mesmo. Não é nada mais tocante do que ver esses homens de nacionalidades tão diferentes, unindo-se para dizer ao mundo que o Abade de l'Épée era seu salvador, que o reconhecimento de seus filhos será eterno e que sua memória viverá para sempre em seus corações (BÉLANGER, 1890, p. 219, tradução nossa).

Neste sentido é importante problematizar com Albuquerque Júnior:

O sujeito é um lugar de prática e um lugar de fala, situado em um dado espaço e tempo específicos. O sujeito é situacional, pragmático e relacional. O ser sujeito implica estabelecer relações de agenciamento e/ou de obediência a algo ou alguém; o ser sujeito implica assumir uma dada prática, realizar uma dada ação, estar sujeito a um dado evento; ser sujeito é situar-se em face de algo ou alguém na condição de agente e/ou paciente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 272).

Outra reação, de cunho bem diferente, podemos encontrar na carta do Reverendo Thomas Gallaudet publicada no *American Annals of the Deaf*:

Vinte dos delegados americanos ao Congresso Internacional de Surdos-Mudos de Paris estavam entre os passageiros do Aurania partindo de Nova York em 29 de junho. Fiquei satisfeito ao notar as impressões favoráveis que eles produziram. Fiquei muito contente no Congresso com a afetuosa homenagem de respeito prestada ao abade de l'Epée, com o reconhecimento de Sicard, Gallaudet, Clerc e Peet, como benfeitores dos surdos-mudos, e com as evidências que uma língua de sinais comum para todas as nações acabará por ser formada. Senti que, em geral, o Congresso produziu um efeito favorável ao estimular meus irmãos surdos-mudos a apreciar mais plenamente os benefícios de sua educação e a lutar com mais bravura na grande batalha da vida (GALLAUDET, 1889, p. 286, tradução nossa).

Consideramos que as palavras de Thomas Gallaudet expressam bem a atmosfera provocada pelo Congresso de Paris entre os surdos e os educadores de surdos que não concordavam com as medidas pós-Milão. “Lutar com mais bravura” parece desde sempre o lema dos surdos...

3.8 Uma apreciação para avançarmos noutro “(in)cômodo” da casa dos congressos

Detivemo-nos sobre o Congresso Internacional de Surdos-mudos de Paris (1889). Fizemos a leitura e análise deste documento desde nosso olhar e nossas ferramentas. Eu não estava isento de perspectivas ou despido de interesses ao elaborar essa narrativa. Conscientemente, mas, também, inconscientemente, fui realizando escolhas de peças, de trechos, de personagens, de palavras, de situações. Foi minha maneira de torná-lo acessível...

O documento que utilizamos não é uma “fonte” no sentido de algo dado e acabado, que nos permitiria certa viagem no tempo para presenciarmos o acontecimento do congresso. Ele é uma “fonte” enquanto construção elaborada com intencionalidades, enquanto reconstrução de uma necessária memória, enquanto

resultado da síntese solicitada por pares do relator. Da colcha de retalhos — por sinal muito bem montada — atrevi-me a picotar retalhos outros para os meus fins...

Assim, o que criei neste capítulo é uma narrativa possível dentre outras “despossíveis”. E, nesta narrativa, fui amarrando meus fragmentos, trapos, com uma linha que nomeamos como discursividade educacional. Os surdos, por considerarem que a experiência que adquiriram os habilitava para tal, tomaram para si o destino educacional de suas vidas. À revelia das implementações de Milão, a comunidade surda reconheceu na imagem de l'Épée, como Berthier o fez no passado, a possibilidade de se reunir e adensar reflexões sobre a educação. É uma comunidade surda em movimento...

Escolher organizar um evento internacional durante uma exposição universal também se constituiu como um ato de extrema ousadia. Se, desde o *Congresso Internacional para o melhoramento da condição dos surdos-mudos*, realizado de 13 a 18 de outubro de 1883, em Bruxelas, os professores de surdos concentravam-se em congressos regionais; a comunidade surda, graças aos surdos proeminentes, propôs um evento internacional e mostrou a capacidade de deliberar como plena e livre ação no jogo de saber-poder em que estava lidando. É uma resistência surda insurgindo-se...

Fontaine (2017) assinala que a compreensão de Foucault acerca da violência quer também nos desestabilizar em relação a velhas referências e oposições. Nesse sentido:

A resistência foucaultiana é antes de tudo uma atitude não violenta nem fatalista, mas vigilante, tenaz e atenta às peculiaridades do poder; está próxima, como Françoise Proust justamente assinalou, do que Kant chama de explosão, uma espécie de força de vontade que desfaz as rígidas oposições de violência e não-violência, ou de guerra e paz (FONTAINE, 2017, p. 14, tradução nossa).

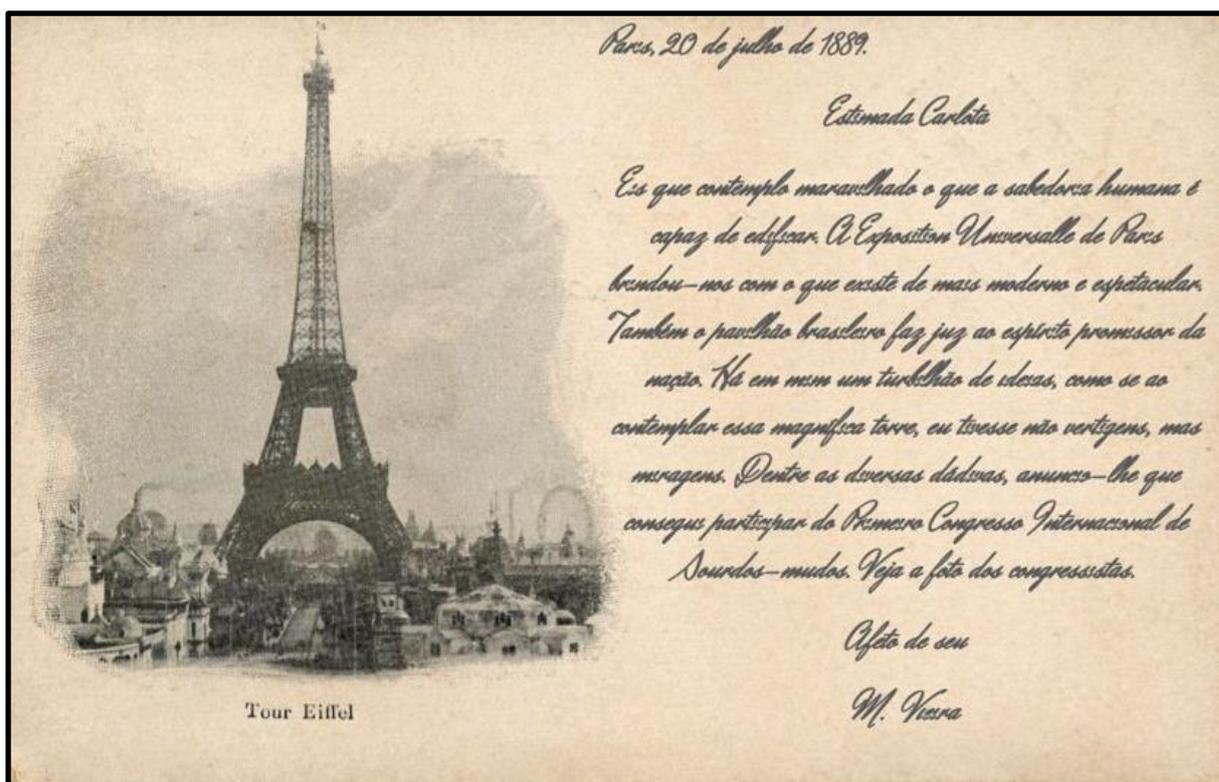
A prerrogativa dos congressos mostrava que os surdos não pleiteavam apenas ações no interior da Europa. Seus contatos constantes, em grande parte motivados pela circulação de revistas e jornais entre os institutos, permitiram pensar numa formação internacional. Mais uma vez, a concepção de “irmandade de infortúnio” cunhada por Ferdinand Berthier parece ter sido peça essencial para esse movimento de retomada de uma nação surda organizada. A partir de Paris para o mundo todo, essa irmandade parece impulsionar lutas...

O primeiro congresso internacional despertou, por seu sucesso, a possibilidade de novos eventos. Temos, portanto, um final de século XIX em que, longe de uma simples submissão ao que era proposto pelos outros, os surdos delinearam a educação que desejavam, mesmo que apesar das decisões dos famosos professores ouvintes. A iniciativa dos congressos é um disparo certo para uma corrida que durará décadas...



Todo pesquisador é um especialista em pequenos furtos. Embrulho novamente aqueles papéis, tento conservar as dobras do invólucro, pego o barbante que desliza por minhas mãos qual uma corrente suave. Amarro novamente o embrulho. Mas não o devolvo à estante. Detenho-me nesse gesto de “amarr-ar”, amar ar, amar... Tomo posse do que não me pertencia sob a alegação de destinar ao futuro a possibilidade de que outros leiam tais páginas. Transformo, por um instante, minha mochila num sarcófago. Ali se encontra a múmia que “des-enrolei”. Ergo-me, pois é preciso sempre fazer esse movimento de retorno à vida após deixar-me morrer na paixão do objeto que abri e se abriu a mim. Ouço barulhos numa sala ao lado. Esse porão em que não temo minotauros, labirinto que instauro para criar meus caminhos. São muitos passos e parecem todos vir da mesma direção. Há ruídos, estrépitos, cadeiras sendo arrastadas, sons guturais. Além de larápio, sou também bisbilhoteiro, deixo-me separar de mim. Mas ainda me detenho, por um último instante, sobre um postal e uma foto que até então funcionavam como marcadores de páginas. Peças, corpos estranhos, que agora extraí do corpo que tanto revolvi...

Figura 9: Postal de Paris adaptado



Arte: Criação pessoal com base em <https://www.catawiki.com/fr/l/20219153-exceptionnelle-carte-tour-eiffel-de-libonis-circule-le-13-octobre-1889-a-paris>

Figura 10: Foto dos participantes do Congresso Internacional de Paris - 1889



Fonte: <https://gaislandora.wrlc.org/islandora/search/paris?type=edismax&cp=historicalphotographs%3A1>⁵⁹

⁵⁹ Acerca dessa foto e outras fotografias dos congressos de surdos: RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO, 2023.

Chicago, 29 de fevereiro de 1892.

Estimado Henri Genis

Que esta o encontre bem!

Creio que já deva ter chegado à Paris a notícia de que para o verão de 92 organizaremos um congresso de surdos e desejamos que seja uma ocasião de trocas, conhecimentos e intercâmbios tão nobres, coincidindo com a Exposição Universal.

Vive-se na América uma liberdade almejada por todo ser humano e, sem dúvida, por todos os nossos irmãos surdos. É da América, essa legítima herdeira dos ensinamentos de l'Épée que se deseja, sob os auspícios de Gallaudet e Clerc - homens de ilustre memória, enfrentarmos esse saguão que tem assolado nossa educação, produzindo gerações de surdos inaptos tanto para a vida social, como para o trabalho, como para a continuidade dos estudos. É chegada a ocasião oportuna de retomarmos essa trajetória como nações irmanadas pelo mesmo ideal.

Tão logo tenhamos um programa, ainda que provisório, enviarei. Peço a vossa solicitude de começar os preparativos para atravessar o Atlântico. Esse mar bravo será semelhante a uma pequena marola se comparado às lutas que temos tido que enfrentar ao longo dos séculos. Estamos também pedindo a nossos irmãos de outros países da Europa para que escolham delegados e venham somar braços e mãos nessa tarefa de definir um futuro para nossa educação. Não preciso recordar que a mesma acolhida que tivemos em Paris, no ano de 1889, será devidamente propiciada àquelas que bravamente conosco vierem a partilhar suas experiências. Que juntos possamos dizer "Veni, vidi, vici!"

Na estima e união frequentes

Seu Amos G. Draper

CAPÍTULO 4

CONGRESSO INTERNACIONAL DE SURDOS-MUDOS

CHICAGO - 1893

Ao mesmo tempo, como num balé sincronizado, eles haviam saído todos de seus lugares. O barulho que ouvira era dessa multidão que decidiu descolar-se das páginas e abundar o porão. Não há espaço na sala para tantas pessoas e suas diferentes formas de se manifestar. Recusaram a prisão que poderia deixá-los imortais, preferiram esse vagar, fazendo com que as páginas ficassem com espaços em branco, com verdadeiros buracos; gerando sombras, relevos, onde antes existia apenas uma superfície lisa e calma. Não devo demovê-los dessa aventura de escapar, de fugir e assim, ao mesmo tempo, deixarem-se prender por mim. Talvez, um percentual pequeno poderá ser retido. E como fazem barulho!!! Estou eu a tentar me comunicar. Alguns leem meus lábios, outros olham-me com um espanto. E, como se a transbordar, aquele que seria um simples documento, vai brotando vidas, fazendo ecoar em mim os restos que são, os rostos que formam, os rastros que deixam. De repente, um homem de apenas um metro e meio se aproxima de mim. Seu grande bigode torna seu rosto arredondado ainda mais caricato. E, dissonantemente, diz-me conforme um intérprete ajudou-me a compreender: “Nós que aqui estamos, esperávamos por vós!”

As forças que estão em jogo na história não obedecem nem a uma destinação nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. [...] [por isso] é preciso compreender esse acaso não como simples sorteio, mas como o risco sempre renovado da vontade de potência que, a todo surgimento do acaso, opõe, para controlá-lo, um acaso ainda maior (FOUCAULT, 2000b, p. 273).

Descer ao porão é sonhar, é perder-se nos distantes corredores de uma etimologia incerta, é procurar nas palavras tesouros inatingíveis. Subir e descer, nas próprias palavras, é a vida do poeta (BACHELARD, 2003, p. 293).

4.1 Respirar os ares da América

Como o Congresso de Chicago deu novos ares a velhas lutas? Coisas que só a “América” poderia realizar?! Inicialmente previsto para o ano de 1892, conforme decisão da convenção nacional, ocorrida em 1889 na cidade de Washington, o Congresso de Chicago ganhou novas dimensões a partir da definição de que a cidade sediaria a Exposição Universal de 1893. Houve por parte da comunidade surda americana grande contentamento por considerar que um congresso inserido na programação da Exposição ganharia maior amplitude. Um comitê local foi organizado

e começaram-se os preparativos para o Segundo Congresso Internacional de Surdos-mudos de Chicago (Congresso de Chicago), realizado no período de 18 a 23 de julho de 1893⁶⁰. Adentramos num congresso no “Novo Mundo”...

4.2 Os documentos e seus autores: quando selecionamos e ainda nos sobra

Nossa aproximação em torno do Congresso de Chicago deu-se a partir de dois relatórios sobre o evento. O primeiro documento que conseguimos acessar, *Le Second Congrès International des Sourds-muets*, organizado por Henri Gaillard, está organizado em três partes: 1ª - O comitê francês de participação no Congresso Internacional de Surdos-mudos de Chicago, relatório feito por Joseph Chazal; 2ª - O Segundo Congresso Internacional de Surdos-Mudos, síntese feita por Gaillard; 3ª - Impressões, por Henri Genis. O centro do documento é a parte elaborada por Gaillard e sua tentativa de registro “o mais fidedigno possível” do que se passou em Chicago. Foi pelo olhar de Gaillard que lemos muito do evento...

Em meio às nossas buscas por outros documentos, deparamo-nos com a versão norte-americana do relatório do Congresso de Chicago: *Proceedings of the World's Congress of the Deaf and the Report of the Fourth Convention of the National Association of the Deaf*. Um conjunto de 300 páginas. Depois, ainda tivemos acesso a um *Souvenir of the Worlds Congres of Representative Deaf-mutes*. Também organizado pelo comitê de publicação, este folheto de 35 páginas, traz o programa do congresso e outras informações sobre a organização, além de ilustrações e informes sobre a Exposição Universal. Esses papéis que brotaram em minha tela a me surpreender e desalojar...

Ao comparar o texto de Gaillard com o relatório de Thomas Francis Fox, Olof Hanson e Robert McGregor é notável a diferença. Gaillard priorizou os relatos dos

⁶⁰ Nos dias 17, 19, 21 e 24 de julho de 1893, também em Chicago, aconteceu o Congresso de Instrutores de surdos. O relato de Brill afirma que o encontro teve a participação de 211 pessoas. Cf. BRILL, 1984.

participantes franceses⁶¹, omitindo muitas das apresentações feitas por delegados de outros países. Ele selecionou! Mas Fox, Hanson e McGregor, possivelmente fizeram algo similar, apesar de trazerem muito mais dados. E eu vou na esteira dos quatro, também a selecionar...

Albuquerque Júnior nos ajuda, ao sugerir que a história é uma construção que se dá pela linguagem e suas escolhas:

O procedimento do historiador é fazer os objetos e sujeitos consagrados chegar a traste, ter o valor de coisas emprestáveis, para que se tornem dizíveis e visíveis de uma outra forma. É saber que as coisas e as pessoas do passado nos chegam aos pedaços e precisam ser montadas e remontadas, para isso é preciso que tenhamos simpatia e empatia para com elas, encostemos-nos nelas, procuremos fazer que se pensem em nós, e que continuarão, mesmo assim, sempre cheias de recantos e desvãos, nunca serão redondas e inteiriças, pois somos formados de desencontros e as antíteses é que nos congraçam (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 92).

4.3 Os documentos dentro do documento: um buraco sem fundo em meio a águas plácidas

Há uma beleza movente nestes documentos. Eles não se fecham sobre si. Estes textos são aberturas convidativas. São textos do passado a evocar nossa ignorância, a desmascarar nossa pretensão de posse do conhecimento. Um texto chega a exigir outro e no seu interior, qual útero fértil, traz documentos menores como cartas, programas, listas, notícias, apontamentos. Os documentos exigem novas partidas, nos tornam errantes...

Com Durval Albuquerque Júnior (2007, p. 61): “pensamos, hoje, o passado como uma invenção, de que fizeram parte sucessivas camadas de discursos e práticas. Percebemos o passado como um abismo que não se pára de cavar; quanto mais queremos nos aproximar dele, mais nos afastamos”. E, longe de experimentarmos a sensação de fracasso por essa escavação sem fim, sentimos o

⁶¹ Esse fato foi percebido por quem fez a resenha do livro no *American Annals of the Deaf*: “A publicação francesa apresenta os trabalhos dos delegados franceses na íntegra e resumos em outros idiomas. Também inclui muitos outros assuntos relacionados aos procedimentos do Comitê Francês de Participação e as impressões produzidas sobre os delegados franceses pelo Congresso, os surdos da América e as escolas que eles visitaram” (v. 40, n. 1, jan. 1895, p. 78).

prazer de nos mover nessa terra úmida, prazenteira e zombeteira que nos chama a um além para nos perguntar sobre o hoje. Cavamos e muito...

A correspondência de Denis e Chazal, datada de 1º de março de 1892, comunica sobre a criação do comitê francês e incentiva os surdos a participar do Congresso em Chicago:

Para isso, constituímos, sob a presidência do Sr. Genis, um Comitê que, convocando entre seus membros a elite dos surdos-mudos de toda a França, esboçou um primeiro agrupamento de todas as forças intelectuais do país. Hoje, dirigimos um caloroso apelo aos surdos-mudos de Paris e dos subúrbios, e os convidamos, todos sem exceção, para um grande encontro que terá lugar no domingo, 12 de março, às oito horas da noite, no Café Turgot, 73, rue de Turbigo. [...] Esperamos, portanto, Senhor e caro irmão, que você demonstre, indo a nosso encontro, este mesmo desejo de participar da marcha da humanidade Surda-Muda (CHAZAL *apud* GAILLARD, 1894, p. 16-17, tradução nossa).

No dia 27 de fevereiro essa mesma convocação foi publicada no *Journal Le Matin*. O texto longo da notícia é rico em detalhes: fala da proposta do congresso; anuncia o processo de eleição dos delegados; tenta, pela entrevista com Gaillard, sanar dúvidas sobre o funcionamento de tal congresso, o possível número de delegados e despesas. O artigo também menciona dois dos temas a serem abordados no congresso:

A situação da educação de surdos-mudos (número de escolas existentes, métodos empregados, etc). O método oral desde a experiência prática. (Seus limites, suas possibilidades. Os alunos do método oral prefeririam a convivência com os ouvintes?) (LE MATIN, 1893, p. 2, tradução nossa).

O aspecto da publicidade do evento está diretamente relacionado com os esforços de uma comunidade que, constantemente, debatia criticamente a questão da educação. Eram os surdos servindo-se da imprensa e não só da imprensa surda...

4.4 Uma multidão de surdos: uma só nação reunida na América

O relatório de Fox, Hanson e McGregor mostra-nos como o evento teve uma enorme participação, possivelmente ultrapassando expectativas otimistas. Na lista de congressistas consta um número bem menor, todavia, ela vem precedida da seguinte observação: “Esta lista inclui apenas aqueles que se cadastraram; muitos falharam em fazê-lo” (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 278). Sete nacionalidades se

fizeram presentes: Áustria, Canadá, França, Alemanha, Irlanda, Suécia e Estados Unidos da América. Havia resistência surda em muitos lugares...

Quadro 6: Participantes do Congresso de Chicago - 1893

Nacionalidades	Número de congressistas
Austríacos	01
Canadenses	03
Franceses	06
Alemães	01
Irlandeses	01
Suecos	01
Americanos	289

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Fox; Hanson; McGregor, 1893, p. 278-282.

Considerando-se o número de americanos, pode-se, com certeza, pensar que o evento era mais nacional que internacional, contudo as discussões focaram na participação dos estrangeiros. Conforme o quadro, possivelmente, a grande adesão de surdos americanos está ligada ao fato de o Congresso de Chicago ser, também, a IV Convenção Nacional de Surdos. Talvez essa expressividade americana tenha mexido com Gaillard, levando-o a suprimir tantos discursos...

A lista de nomes mencionados por Fox, Hanson e McGregor é um banquete para quem se interessar em pesquisar a educação de surdos no final do século XIX nos Estados Unidos. Eles, além de colocarem os nomes completos dos congressistas, organizaram a lista por Estados, mencionando a cidade em que atuavam. Centenas de nomes a nos interpelar...

4.5 Um evento de pequena duração, mas de uma robustez invejável

Além da reunião de acolhida realizada no dia 17, o evento foi concentrado entre 18 e 23 de julho. Gaillard demonstrou certa admiração ao falar da sessão de abertura e chamou atenção para o embate em torno da educação de surdos:

A sala estava ainda mais cheia. Quase 1.500 surdos-mudos americanos, sem contar os amigos ouvintes, alguns professores ouvintes e representantes da imprensa, lotaram o vasto salão do Congresso. [...] Observando o perigo que

ameaça a educação de surdos-mudos nos Estados Unidos, que nada mais é do que a adoção do oral puro, o Sr. Dougherty⁶² disse que o público leigo infelizmente tem tendência a acreditar nos inovadores que aproveitam alguns resultados, em vez dos veteranos de profissão, cuja experiência e honestidade se recusam a seguir os ultra-oralistas, confinados em algumas escolas particulares e insignificantes (GAILLARD, 1894, p. 52-53, tradução nossa).

A questão do ensino público emergiu na fala de Dougherty ao sugerir que a tendência oralista se fazia presente no âmbito das instituições particulares. Esse discurso de abertura provavelmente foi bem acolhido pelos congressistas estrangeiros, particularmente, os franceses. Na França também crescia o número de instituições com classes voltadas para a articulação...

O programa do congresso consistia em duas grandes partes: I - Sociológica; II - Industrial e profissional. Na parte Sociológica os surdos discutiram sobre: a) As associações de surdos-mudos; b) A obra de missões religiosas para surdos-mudos; c) Imprensa para surdos-mudos; d) Situação social dos surdos-mudos; e) Os casamentos entre surdos-mudos f) A Associação Real para surdos-mudos e seu trabalho; g) Previdência para surdos-mudos idosos e enfermos. Pensava-se a vida toda dos surdos...

Na parte Industrial e profissional foram debatidos: a) Carreiras e profissões; b) O método oral após a experiência prática; c) A necessidade de escolas técnicas para os surdos; d) A educação física dos surdos-mudos; e) A educação superior dos surdos-mudos e seus resultados indiretos; f) A educação artística dos surdos-mudos; g) Os trabalhos da Comissão Real da Grã Bretanha para os surdos-mudos; h) O surdo-mudo na Índia; i) O termo "caridade" aplicado às nossas escolas e outros preconceitos relacionados aos surdos (GAILLARD, 1894; FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). Um programa potente, problematizador, admirável...

Na organização dos documentos não há distinção das sessões. Notamos que as questões propostas sempre dialogam com o tema da educação de surdos. Optamos aqui por analisar apenas as comunicações que mais diretamente tratavam da educação. Todavia, é necessário informar que os congressistas, mesmo tratando

⁶² George-T. Dougherty (1860-1938) tornou-se surdo por volta dos dois anos, em função de febre tifóide. Na área de química, Dougherty se destacou pela criação de uma fórmula de quantificação do nível do aço de blindagem. É considerado um dos surdos cientistas. Cf. <https://twu.edu/dsc/doughertyi.htm>

de outras temáticas, procuravam sempre mostrar seu vínculo com a questão do método utilizado na educação de surdos. Nada escapa à educação...

4.5.1 A situação social dos surdos-mudos

A reflexão inicial feita por Fort Lewis Seliney tocou num tema caro aos surdos: a ideia de tutela. O congressista recordou que muitos pensavam o surdo como uma pessoa dependente de sua família. Neste ponto é que também a educação poderia surgir como possibilidade de autonomia para o surdo:

Naturalmente, os surdos em seus primeiros anos dependem de seus pais e amigos para uma orientação adequada. Alguns afirmam que essa dependência nunca cessa, exceto em grau; por outros, que o caráter da educação molda o status social; enquanto alguns sustentam que a posição dos surdos, em qualquer ambiente, depende inteiramente deles (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 90, tradução nossa).

Segundo Seliney, apesar de se ter surdos instruídos pelo método oral, na prática da vida social, era a datilologia que favorecia a interação dos surdos com seus vizinhos e mesmo com familiares. Expôs a situação dos surdos diante da legislação, mostrando que não gozavam de privilégios e, por isso, também eram portadores de todos os direitos que os demais cidadãos. A compreensão do papel vital da escola é recordada ao se falar das verbas públicas que garantiam educação para os surdos e também ao se pensar a escolarização como forma de se assegurar um melhor futuro para os surdos (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). Esse futuro que, para os surdos, parecia ainda mais incerto...

A segunda comunicação, preparada pelo comitê inglês e apresentada por Carl Gorham, falava sobre a situação social dos surdos na Grã Bretanha e Irlanda, Gorham tratou sobre a reação dos defensores do método oral em relação à realização de congressos pelos surdos:

Assembléias dessa natureza, e especialmente os Congressos Internacionais, não podem - o que quer que alguns ouvintes preconceituosos possam dizer em contrário - causar qualquer dano à causa dos surdos. Se nenhum mal é causado por nossos amigos ouvintes em realizar as convenções de seus professores; o clero em seus congressos; e os corpos científicos e arqueólogos em seus encontros periódicos, por que os surdos não deveriam seguir seu exemplo? (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 92, tradução nossa).

Para Gorham, a própria reunião dos congressos de surdos já era, em si mesma, um encontro social de grande relevância. Ao recordar que no passado os surdos eram excluídos e, até mantidos escondidos, considerados como pessoas desprovidas de razão, ao se encontrar meios para educá-los, essa realidade foi sendo transformada. Neste aspecto, Gorham considerou que a igualdade só poderia ser garantida por três pontos: educação, capacidade de conversação e conhecimento da realidade social (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). A igualdade exige reconhecer as diferenças educacionais...

Estamos num campo de saber político em que as discursividades são interdependentes de práticas; esse conjunto de dizer e de agir:

Conjunto que não é exterior aos sujeitos que agem e dizem na e sobre a política, mas que constitui os lugares de autoridade e reconhecimento, as estratégias de domínio e submissão, a "vontade" e a "potência" que lhes fazem ser reconhecidos ou combatidos. Compõe, assim, o campo mesmo em que a luta se dá, em que a batalha impõe suas regras e os limites de sua conservação (BIROLI, 2008, p.125).

Em relação à conversação, apesar de defender o método oral, Gorham sugeriu que os surdos pudessem se comunicar com pessoas estranhas também pela escrita. A menção a "irmãos mais afortunados" para se referir aos falantes parece contrapor-se ao uso mais comum nos eventos de surdos que era referir-se à comunidade surda, recordando seu "infortúnio" (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 93, tradução nossa). Mas, é um discurso de um defensor do método oral. Talvez, por isso mesmo, Gaillard tenha optado por não registrar nada dessa exposição. Quem relata recorta...

Henri Genis (1835-1928), em nome do comitê francês, tratou "Dos deveres recíprocos entre surdos-mudos e sociedade". Genis evocou a educação como porta de entrada para a sociedade, mas insistiu que os surdos ensinados pelos sinais tinham mais sucesso nessa empreitada. Em sua percepção os surdos deveriam se esforçar para frequentar a sociedade dos falantes (GAILLARD, 1894//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). O problema também seria a "in-tolerância" dos falantes para com os surdos...

Genis recordou que os surdos franceses gozavam dos mesmos direitos que outros cidadãos e destacou o direito à educação. Entretanto, frisou que, em função da surdez, os surdos eram merecedores de uma benevolência humana para diminuir a "aparente injustiça". Tal benevolência era esperada da parte de todos conforme a lei

eterna e sagrada plantada no coração da humanidade. Assim, o surdo seria aquele que “[...] precisa de instrução, porque é ignorante; educação, porque ele deve viver em sociedade conosco, e só assim seu destino será colocado sob a proteção das leis, e seu infortúnio sob a proteção tutelar dos mais nobres e distintos de nossa natureza” (GAILLARD, 1894, p. 99//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 102, tradução nossa). A espera pela humanidade da “des-humanidade”...

Albin Maria Watzulik (1849-1930) ponderou que apenas os surdos inteligentes conseguiam inserção social e que a maioria das pessoas considerava os surdos como “um apêndice insignificante para a sociedade” (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 105, tradução nossa). A inserção social dos surdos estava também pensada pela via da educação. Ao pedir maior simpatia dos professores, Watzulik apontava os limites de uma educação que, por vezes, oferecia o mínimo ao surdo e não lhe dava oportunidade de compreender o próprio jogo social. A crítica parece dirigida aos professores que trabalhavam com o método oral. E, parece-nos, a educação é ainda uma peça chave para os surdos...

Em relação ao método praticado nas escolas, Rieca, comentando sobre a realidade suíça, manifestou pesar porque a tradição herdada de l'Épée fora colocada de lado e as escolas públicas e privadas de educação de surdos praticavam o método oral, havendo, inclusive, por parte dos diretores e professores, orientações que proibiam o sistema combinado (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). Rieca, mostrou como as pequenas atividades feitas pelos surdos suíços, como reuniões, apontavam para caminhos novos para aquela comunidade, mas com elementos comuns a tantos outros países. Faz bem conhecer outras realidades...

4.5.2 A percepção de um mundo em ebulição: a temática industrial e profissional

A segunda parte do programa do congresso tinha por objetivo abordar as questões sobre a realidade industrial e a vida profissional dos surdos. Evitando fazer uma discussão específica sobre a educação dos surdos, os organizadores colocaram a temática de forma diluída. Essa pulverização, longe de enfraquecer a discussão, fez do congresso um espaço de ricas contribuições sobre o futuro da educação que os surdos desejavam. A educação que aqueles surdos queriam naquele tempo ou

querem desde aquele tempo...

4.5.2.1 Carreiras e profissões

O surdo James-Lewis Smith (1862-1942)⁶³ abordou a realidade americana, recordando que nas escolas para surdos dos Estados Unidos da América e Canadá eram ministrados 42 conteúdos relacionados à vida profissional⁶⁴. Contrapondo a eles, Smith lista 253 áreas que os surdos desejavam. A lista demonstra que os surdos não se contentavam com o que lhes era ofertado e, por isso, procuravam outros espaços de atuação mais condizentes com as demandas do mundo do trabalho. Ao mesmo tempo, ele salvaguardava e valorizava o que a escola até ali possibilitava enquanto formadora de caráter (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). E se pode conhecer a árvore pelo fruto...

O Sr. L. Arthur Palmer tratou de *Oportunidades de negócios abertas aos surdos*, elencando 40 profissões em que os surdos estavam inovando. E concluiu que “uma boa educação escolar ou universitária é mais importante para pessoas surdas do que para ouvintes, como um auxílio em seu treinamento empresarial” (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 170, tradução nossa). Uma boa educação escolar era o desejo dos surdos e não um treinamento fonatório...

Henri Gaillard tratou do trabalho dos surdos na França⁶⁵. Com uma eloquente

⁶³ O relatório de Gaillard sobre a apresentação de Smith traz informações que não conseguimos confirmar no texto reproduzido por Fox, Hanson e McGregor. Todavia, há detalhes que nos sugerem que Gaillard tenha feito sua síntese a partir de outras conversas, talvez, com o próprio Smith. Em Paris (1900), Smith enviou um texto em que critica a escolha por um único método na educação de surdos. Cf. RODRIGUES; OLMO; VIEIRA-MACHADO, 2019.

⁶⁴ Art, Baking (Bak.), Basket-making (Bas.), Blacksmithing (Bl.), Bookbinding (Bo.), Broom-making (Br.), Cabinet-making (Cab.), Carpentry (Car.), Chair-making (Ch.), Cooking (Ck.), Clay-modelling (Cl.), Coopers (Co.), China-painting (Cp.), Dressmaking (Dr.), Embroidery (Em.), Engineering (En.), Farming (Fa.), Floriculture (Fl.), Gardening (Ga.), Glazing (Gl.), Housework (Ho.), Knitting (Kn.), Mat- tress-making (Ma.), Millinery (Mi.), Moulding (Mo.), Machine work (Mw.), Painting (Pa.), Plate-engraving (Pe.), Photography (Ph.), Plumbing (Pl.), Pattern-making (Pn.), Printing (Pr.), Sewing (Se.), Shoe-making (Sh.), Slojd (Sl.), Tailoring (Ta.), Tool-making (To.), Weaving (Wea.), Wood-carving (Wc.), Wood-engraving (We.), Wood-turning (Wt.), Wood-working, and the Use of Tools (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1863, p. 123). Nesta listagem são poucos os serviços ligados à industrialização. Percebe-se, ainda, que eram enfatizadas formações em atividades artísticas e manuais.

⁶⁵ Uma análise mais detalhada sobre as duas exposições feitas por Gaillard no Congresso de Chicago pode ser encontrada em: RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO; SOUZA, 2021.

crítica ao ensino dado aos surdos, Gaillard justificou que seus irmãos experimentam na França diversas situações cruéis em função da escolarização que recebiam:

[...] existe a má organização das oficinas profissionais nas escolas e a falta de ferramentas. O abandono a que, muitas vezes, são deixados jovens surdos-mudos e a falta de supervisão efetiva durante a aprendizagem, a mediocridade do ensino prático e a nulidade do ensino teórico [...] (GAILLARD, 1894, p. 127// FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 148, tradução nossa).

A análise de Gaillard é abrangente e sugere que o ensino profissional ofertado aos surdos na França alimentava uma cadeia de exploração dessa população que não conseguia empregos. Para Gaillard, o ensino teórico não subsidiava o aprendizado prático (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). Ao criticar a formação e a postura dos professores, Gaillard apontou para o estrutural da escolarização que caminhava na contramão do mundo industrializado. E os surdos sempre obrigados a saber algo que ainda não lhes fora ensinado...

Gaillard retomou a figura de l'Épée, juntamente com a questão da Revolução Francesa, para afirmar que o surdo só seria plenamente inserido na sociedade quando gozasse dos mesmos direitos e deveres que os outros cidadãos. Demonstrou que as desigualdades sociais geravam surdos abastados, os quais se dedicavam a profissões liberais e surdos desprovidos de bens que se submetiam a empregos de baixa remuneração ou a profissões preteridas pelos ouvintes. Os postos rejeitados eram aos surdos ofertados...

Gaillard considerou que o essencial seria dar uma formação básica primária e ofertar o ensino profissional fora da escola:

[...] é fácil concluir que o interesse do Surdo-Mudo é sair da escola com uma educação primária satisfatória e absoluta liberdade para escolher tal ou tal profissão, que vai se adequar a ele e ajudá-lo a ser um cidadão útil aos seus concidadãos (GAILLARD, 1894, p. 138, tradução nossa).

Gaillard, denunciou um ensino inadequado para assegurar ao surdo o seu sustento. Por isso, sua sugestão de um ensino sólido no aprendizado da língua nativa e, posteriormente, a oferta de oficinas fora da escola. Gaillard distinguiu entre o trabalho manual e o aprendizado intelectual; entretanto, era a própria realidade que lhe pedia isso ao considerar que o tempo gasto nos institutos com o aprendizado de profissões específicas furtava dos surdos um outro aprendizado mais essencial para

o exercício de qualquer profissão. Gaillard compreendia o ensino como ponto de partida...

Watzulik tratou da questão do trabalho na Alemanha, apresentando as profissões mais comuns entre os surdos e como, geralmente, o trabalho em oficinas era aprendido fora das escolas. Mencionou que grande parte dos surdos saía dos institutos sem nenhuma preparação para se sustentarem (GAILLARD, 1894). Uma escola que não preparava para a vida, mas que, possivelmente, não preparava para nada, apenas existia como espaço de reclusão dos surdos. Eles necessitavam de muito mais que aquela educação...

Robert McGregor (1849-1926) ressaltou a formação recebida pelos professores naquela época, demonstrando que o fato de os surdos poderem continuar seus estudos não conseguiu resolver o problema da baixa remuneração, sempre inferior aos professores ouvintes. A questão da docência pelos surdos novamente se vincula à questão metodológica. Ser surdo professor...

Gaillard apresentou uma segunda reflexão, tratando sobre *A evolução do mundo surdo-mudo*, mostrando como os surdos atuavam em diversas áreas ligadas às artes e aos esportes, rompendo com diversos preconceitos. É bela a argumentação de Gaillard de que a perda da audição não estava associada à ausência de inteligência. E que, apesar de existirem surdos com deficiências físicas, a maioria dos surdos não deveria ser incluída sob a expressão “deficientes”. Gaillard avançou na reflexão para sugerir “que a obra de emancipação dos surdos-mudos, iniciada pelos ouvintes-falantes, possa, dados os avanços do mundo surdo-mudo, ser completada e acabada pelos próprios surdos-mudos” (GAILLARD, 1894, p. 162//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 176, tradução nossa). Para Gaillard, caso os surdos desejassem consolidar as conquistas que obtiveram seria necessário que assumissem, doravante, o controle da situação. Antecipava em mais de um século o “nada sobre nós sem nós”, uma regularidade do protagonismo surdo...

4.5.2.2 O estado da educação dos surdos-mudos ou o método oral após experiência prática

George Veditz⁶⁶ (1861-1937) apresentou os dados da realidade dos Estados Unidos da América. Seu relatório traçava um panorama das escolas públicas e privadas destinadas a surdos, os métodos utilizados e também os quantitativos de alunos. Veditz mostrou como, na “América”, deu-se uma clara polarização entre os defensores do sistema combinado e os “oralistas puros”. Veditz observou: “Devo confessar que não estou livre dessas ‘tendências partidárias’, caso contrário não seria americano; mas minha tarefa não é revisar os méritos dos métodos rivais, mas sim a condição e os resultados da educação dos surdos-mudos em si” (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 177). Veditz nos recorda da impossibilidade de neutralidades...

Veditz tomou por referência o relatório anual das escolas americanas. Segundo o congressista, no Canadá existiam 7 escolas; nos Estados Unidos, 80. Destas 80 escolas, 62 eram públicas e 18 confessionais ou particulares (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). A questão da metodologia é sintetizada por Veditz e o quadro a seguir ajuda-nos a compreender a situação:

Quadro 6: Situação da Escolas para surdos na “América” (Canadá e EUA) - 1893

Método empregado	Número de escolas	Número de alunos
Manual, língua de sinais, alfabeto datilológico, escrita	07	72
Oral, fala e leitura labial, escrita, alguns sinais naturais e proibição absoluta, em algumas escolas, datilologia	20	766
Alfabeto manual, ortografia e fonética, escrita e conversação	02	152
Sistema combinado: sinais, datilologia, fala e leitura labial, escrita	58	7620 ⁶⁷
Total	87	8.610

Fonte: Elaborado pelo autor com base em FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893.

Veditz nos ajuda a compreender que eram poucas as instituições que faziam uso exclusivo de uma das metodologias. O que se nota é que, na maioria das instituições, os métodos são utilizados com adaptações, permitindo, talvez, essa

⁶⁶ Acerca da relação de Veditz com o cinema, no intuito de preservar a língua de sinais por meio de filmes: RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO, 2022.

⁶⁷ Conforme o autor, 908 alunos destes 7.620 foram ensinados integralmente pelo método oral.

compreensão de que se praticava mais frequentemente uma combinação de métodos. Essa informação também faz-nos problematizar a narrativa hegemônica veiculada no Brasil de que as línguas de sinais sobreviveram apenas nos ambientes comunitários e foram proscritas da educação. Houve, então, uma educação que, a despeito de Milão, continuou a se servir dos sinais...

Pelas informações de Veditz, um número de professores surdos permanecia atuando nas escolas e resistindo às investidas dos professores oralistas:

Acredito que, no que se refere aos números, os professores surdos estão se mantendo firmemente, apesar do fato de que um preconceito está surgindo contra eles em bairros inesperados, como exemplificado pelo relatório muito original e recomendações do honorável William Rhinelande Stewart⁶⁸, defendendo a remoção de todos os professores surdos empregados nas escolas de Nova York, em algum momento da primavera passada. Mas tais declarações vindas de tais fontes, e tão completamente ridículas e sem fundamento por evidências, são calculadas mais para fortalecer do que minar a causa de professores surdos realmente valiosos e capazes, e eles podem facilmente se dar ao luxo de ignorar serenamente tais ataques (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 179, tradução nossa).

A aparente sugestão de descaso diante das críticas parece ser uma postura que se sustentava desde a organização dos surdos, portanto, não uma mera retórica. Veditz estabeleceu parâmetros quanto ao que poderia ser aceito de críticas considerando o trabalho que presenciava nas escolas. Além disso, tendo em vista a multidão de surdos que acompanhava o congresso, lançou mão da recordação de que a maioria dos presentes só estava ali e podendo usufruir daquele conhecimento graças à formação pelo sistema combinado (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). Há uma trajetória de formação de professores surdos que convida outros investigadores a tomarem para si este fio da meada...

Gaillard, ao fazer o registro da participação de Veditz, acrescentou:

Aqui, permita-nos registrar uma observação que acabamos de fazer pela terceira vez. A memória do Sr. Veditz é mimizada por ele mesmo, mas é lida oralmente para a parte da audiência, por um surdo-mudo, Sr. Fox. No entanto, notamos que as memórias do Sr. Smith também foram lidas oralmente por um surdo-mudo, o Sr. Draper, e que o Sr. Fox, no início da reunião, havia lido oralmente outra memória. Esses dois oradores (tomemos a palavra em seu verdadeiro sentido) foram perfeitamente compreendidos. Bem, eles são alunos do sistema combinado. Eles surpreenderam os ultra-oralistas e mostraram-lhes o enorme erro, talvez intencional, deles quando afirmam que o uso de sinais tem uma influência perniciosa no desenvolvimento da fala e da inteligência (GAILLARD, 1894, p. 165, tradução nossa).

⁶⁸ Stewart publicou, em 1894, o *Report for the standing committee on the deaf*.

Nela, o ativista surdo francês desconstrói a argumentação feita no Congresso de Milão de que o uso dos sinais impedia a memorização do aprendizado oral e, por isso, o método oral deveria ser puro, privando-se do uso de sinais. Gaillard nos permite imaginar, pois, como a aparente contradição de um surdo-mudo ler um relatório em voz alta volta-se, na verdade, contra os próprios defensores do método oral. Os três “oradores” eram também sinalizantes ou usuários de datilologia e podiam transitar nos cenários conforme a necessidade ou interesse que tivessem. E, Gaillard, jocosamente chama atenção para o sentido verdadeiro da palavra “oradores” para contrapô-la a “ultra-oralistas”. E, a reprodução da pergunta irônica veiculada no *Deaf Mutes Journal* cabe perfeitamente: “teriam as escolas de um único método [método oral] tais oradores?” (GAILLARD, 1894, p. 165). Não há um lugar identitário fechado aos surdos, há um nomadismo crítico e fértil...

Louis Capon⁶⁹ (1846-1907) apresentou a situação da educação de surdos na França. O surdo-falante francês falou e foi “mimicado” por Gaillard. Capon demonstrou que na França havia uma clara dissociação entre ensino teórico e ensino prático e que isso afetava diretamente a educação de surdos. A partir de sua experiência no treinamento industrial — Capon era filho de operário e irmão de um inventor do tear mecânico — sugeriu que o ensino aos surdos não se detivesse tanto em aspectos teóricos, mas possibilitasse um pleno desenvolvimento das habilidades práticas (GAILLARD, 1894//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). E a dicotomia teoria e prática avança por séculos rindo-se de nossas discussões...

Para Capon, o aprendizado da escrita teria certa relevância desde que realizado em função daquilo que, posteriormente, se viesse a praticar e argumentou que os sinais não podiam ser excluídos do processo de ensino: “Um surdo-mudo educado pode adivinhar facilmente, apenas olhando para o movimento de suas mãos e o jogo de sua fisionomia, o que eles estão dizendo” (GAILLARD, 1894, p. 169//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 183). Mas Capon não fecha a possibilidade de que os surdos possam se servir da fala, afinal, sua escola trabalhava também com esta modalidade:

⁶⁹ Ex-aluno dos cursos superiores da Instituição Nacional para Surdos-Mudos de Paris, Fundador-Diretor da Escola para Surdos-falantes de Elbeuf, Fundador-Presidente da Associação fraterna dos surdos-mudos da Normandia, membro da Academia Francesa e Oficial da Academia.

Quando o surdo-mudo que tem boa disposição para falar, for capaz de pronunciar tudo com o sentimento de todos os significados, perderá imperceptivelmente o uso da mímica e só lhe pedirá serviço nas mesmas ocasiões que os ouvintes-falantes, mas conservará a imensa e caridosa vantagem de poder conversar com todos os seus irmãos de infortúnio por meio de suas duas línguas (GAILLARD, 1894, p. 170//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 183, tradução nossa).

Um bilinguismo, quase natural, é sugerido por Capon. A mímica estaria como possibilidade direta de uma comunicação entre os surdos, mas o desenvolvimento da fala permitiria também o contato com outras pessoas. Capon salvaguardou tanto a importância dos sinais quanto da fala, aproximando-se muito da perspectiva em voga nos Estados Unidos da América. Com Capon, acreditamos que quanto mais línguas puderem ser envolvidas, mais ricas serão nossas experiências...

O argumento de Capon era de que os surdos mereciam o mesmo ensino dispensado aos demais cidadãos e, novamente, uma questão recorrente, a necessária saída da jurisprudência do Ministério do Interior e de Assuntos Religiosos. Capon recordou que a iniciativa governamental de impor o método oral deixou sequelas sérias que se explicitavam no conhecimento superficial adquirido pelos surdos (GAILLARD, 1894, p. 175-176//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). Mas nem sempre o método garantirá um ensino em profundidade...

Após a apresentação de Louis Capon, Gaillard tomou a tribuna para complementar algumas informações. De imediato nos situa de que das 69 escolas dedicadas aos surdos na França, apenas duas eram dirigidas por surdos: a de Elbeuf, que tinha Louis Capon como diretor; a de Oloron-Sainte-Marie (Basses-Pyrénées), dirigida por Pauline Larrouy. Em todas as outras ouvintes-falantes assumiram a direção (GAILLARD, 1894). Ao se referir à escola de Lyon, Gaillard aproxima-nos de um confronto nem sempre perceptível:

Há uma escola fundada por um surdo que pode estar à beira da destruição; é a de Lyon-Vaise, que, fundada por um surdo, Comberry, continuou notavelmente próspera com outro surdo, Claudius Forestier⁷⁰. Uma escola do método oral puro estabelecida por um alemão naturalizado em Lyon-Villeurbanne, auxiliado pela complacência equivocada do município de Lyon, contribuiu para arruinar esta escola, uma das melhores da França (GAILLARD, 1894, p. 178-179//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 188, tradução nossa).

⁷⁰ Forestier foi um dos surdos que participou do Congresso de Milão (1880). Alguns dias antes do evento italiano, Claudius Forestier enviou uma carta ao Ministro do Interior e de Assuntos Religiosos em que apresenta suas reações ao relatório escrito por Claveau que, dentre outras coisas, acusava de impreciso o ensino da mímica. Cf. FORESTIER, 1881.

Chambellan também mencionara as dificuldades da escola de Lyon durante os brindes do Congresso Internacional de Surdos-mudos, em Paris (1889). Todavia, a informação de Gaillard, parece-nos mostrar como houve um movimento crescente de novas escolas que seguiam o método oral, passando a disputar os auxílios públicos e levando à decadência as escolas que priorizavam os sinais. A escola mencionada no texto foi a fundada por Jacques Hugentobler⁷¹ (1844-1924). Possivelmente, também estava em jogo a questão da novidade pedagógica apresentada pelos defensores do método oral e o aval que este recebia por parte do Ministério do Interior e de Assuntos Religiosos. As verbas públicas sempre transitam por dutos discursivos...

Enquanto os surdos lutavam por uma educação que fosse pública, Gaillard denunciava que 58 das 69 escolas francesas eram organizadas por grupos religiosos. Após reconhecer os méritos pelo trabalho que realizaram, comentou que em tais instituições havia sérias negligências quanto à educação:

O único crime que pode ser atribuído a eles é que receberam muitos favores com o método oral puro. Foi dito que foi imposto a eles pelo governo sob pena de morte. É bem possível. Mas também foi dito que eles desaprovaram a linguagem divina do Abade de l'Épée, porque os sinais permitiam aos surdos-mudos alcançarem facilmente as luzes da ciência, enquanto o ensino pela palavra, especialmente nas escolas onde o Evangelho e o catecismo ocupam o lugar de todos os seus conhecimentos, impedindo-os de pedir demais da instrução traiçoeira e corrupta, guardavam-nos nos caminhos santos do Senhor: "Bem-aventurados os pobres de espírito!" Parece ser o seu lema, como escreveu Joachim Ligot⁷² (GAILLARD, 1894, p. 179-180//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 188-189, tradução nossa).

Gaillard nos oferece mais um dado antes não percebido. Os institutos religiosos foram cooptados pelas verbas governamentais destinadas ao avanço do método oral, mas também se serviram disso para não avançar na educação pelos sinais — que era mais exigente e que permitia aos surdos questionar muitas verdades da fé cristã. Ao optar pelo método oral, os surdos nada mais questionariam, pois o simples

⁷¹ Jacques Hugentobler foi um médico suíço, de tradição protestante, que se especializou na educação de surdos. Mudou-se para Lyon a pedido de uma família nobre que desejava educar seus dois filhos surdos. Em 1882 fundou o Instituto Hugentobler que acolhia surdos e cegos. Cf. <https://www.centre-gallieni.org/le-centre-gallieni/linstitut-jacques-hugentobler.html>.

⁷² Joachim Ligot (1841-1899) foi aluno de Ferdinand Berthier, tornando-se, posteriormente, instrutor em Saint Jacques. É considerado o maior representante surdo no que diz respeito ao aprendizado do francês escrito. Foi demitido do instituto no ano de 1882 em meio às ações pós-Milão, passando a depender da amizade de seus irmãos de infortúnio até o momento de sua morte no hospital Saint-Yves (CANTIN; CANTIN, 2017).

vocabulário se destinaria à mera repetição. Empobrecer o vocabulário de um grupo pode ser também uma estratégia para domá-lo...

A questão de fundo, que se apresenta como possível heterotopia, seria transferir a administração dos institutos para o Ministério da Instrução Pública:

Quando não é a caridade ardente, a resignação cristã, que sustenta os professores de surdos-mudos, é a ganância e o interesse próprio, e a preocupação dos alunos é relegada a segundo plano. [...] só há uma maneira de fazer essa situação melhorar, que é transferir as escolas de surdos-mudos para o Ministério da Educação Pública. Enquanto for o contrário, nunca poderemos dar uma melhor orientação ao estado atual da educação dos surdos-mudos franceses (GAILLARD, 1894, p. 181//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 189, tradução nossa).

Para Gaillard, a prerrogativa para se exigir o acesso à educação não se daria mais pelo imperativo da caridade cristã, e sugeriu um necessário distanciamento das questões ligadas à saúde, colocando o surdo como pessoa em igualdade de direitos e capaz de se capacitar intelectualmente, desde que devidamente assistido. Talvez tão atual, para nós brasileiros; contudo, num tempo bastante confuso...

A esperança de que o método intuitivo fosse restabelecido em Paris foi manifestada por Gaillard: “o método francês que não difere sensivelmente do vosso maravilhoso sistema combinado americano, porque é também um método misto e dá amplo alcance à língua escrita e permitirá a utilização de professores surdos-mudos” (GAILLARD, 1894, p. 183, tradução nossa⁷³). O sistema combinado parece ter saído vitorioso do Congresso de Chicago...

Watzulik tratou da educação de surdos na Alemanha. Respondendo a cada uma das questões do programa, evitando divagar ou especular, Watzulik vai nos proporcionando criar uma imagem sobre o estado da educação de surdos alemães e nos dá informações sobre o funcionamento dos estabelecimentos, a organização das turmas, os conteúdos ensinados e o método utilizado:

Como eles são ensinados? De acordo com o método oral puro, isto é, sem o uso da linguagem de sinais, parte em internatos de 30 a 300 alunos, e parte em escolas diurnas de 50 a 100, e turmas de oito a doze alunos. Quais temas são ensinados? Todos os ramos, exceto, é claro, canto, da escola pública são ensinados, i. e., linguagem (leitura labial, articulação, escrita, leitura e, posteriormente, gramática); religião, história, geografia, história natural e

⁷³ FOX; HANSON; MCGREGOR (1893) registraram somente a primeira parte dessa afirmação, não mencionando a questão da escrita e do possível retorno dos professores surdos: “the French method, which does not differ sensibly from your own American combined system” (p. 190).

filosofia, aritmética, mensuração, ginástica, artesanato para meninos e meninas e desenho (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 196, tradução nossa).

Na Alemanha, conforme Watzulik, ocorria o predomínio do método oral. A organização das turmas parece consonante com aquilo que fora discutido em Milão sobre as exigências do método oral (FORNARI, 1881). Quanto ao currículo, tinha-se a impressão de que há uma preponderância do aprendizado da fala sobre as demais temáticas e pouca preparação para o mundo do trabalho. Apesar do aparente sucesso, Watzulik mostra que a realidade alemã não revelava por completo suas limitações que impediam progressão nos estudos (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). O método e seus dilemas sempre retornam subvertendo crenças...

Watzulik falou ainda das reformas necessárias na educação de surdos na Alemanha, mencionando a diferença entre estabelecimentos, a disparidade entre os anos de formação e o número de estudantes, a ausência de uma legislação que tornasse obrigatória a educação dos surdos (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). Talvez pela fala de Watzulik podemos compreender com mais clareza, que no contexto europeu, foi na Alemanha, depois da Itália, que as decisões de Milão foram mais rapidamente assumidas. Entretanto, Watzulik mostra que não houve uma submissão dos envolvidos diante das decisões de Milão. Ou seja, mesmo na Alemanha, os surdos reagiram e se posicionaram:

Nós, surdos-mudos, desde o início protestamos vigorosamente contra essa exclusão completa da linguagem de sinais da sala de aula, e fomos forçados a ser cada vez mais enfáticos em nossa denúncia dessas resoluções execráveis; pois, para nossa tristeza, somos compelidos a ver a educação de nossos irmãos mais jovens se tornando cada vez mais superficial, e sua ignorância e falta de discernimento e caráter correspondentemente aumentando mais e mais. [...] Essas resoluções do Congresso de Milão se mostraram incapazes de serem aplicadas a muitos surdos-mudos, apesar das medidas drásticas, que, infelizmente, têm sido aplicadas com demasiada frequência (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 197, tradução nossa).

Albuquerque júnior lembra-nos que

Para Foucault, a resistência é imanente a toda relação de poder, a possibilidade de resistir é o que faz dela uma relação. Se, numa dada relação, qualquer possibilidade de resistência é impossibilitada, não se estaria diante de uma relação de poder, mas de uma situação de subjugação, de escravidão (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, 274).

A opção pelo método oral teve consequências na qualidade do ensino ofertado aos surdos. Watzulik demonstrou que o maior prejuízo se deu com consequências nas gerações mais novas de surdos que, permanecendo na ignorância, não

conseguiriam se inserir na sociedade, apesar da promessa do método. Todo esse conjunto fez com que Watzulik concluísse sua reflexão com a proposição de nove pontos para uma possível reforma da educação de surdos na Alemanha:

1. A introdução de uma lei educacional obrigatória para surdos. É indigno de uma grande nação ainda permitir que surdos-mudos infelizes cresçam sem qualquer educação. 2. Extensão do curso de instrução para, pelo menos, sete ou oito anos. 3. A introdução do Sistema Combinado, ou seja, além da fala e da escrita, a língua de sinais deve ter um lugar como meio de instrução. 4. Classificação dos alunos de acordo com a capacidade mental. 5. Com alunos embotados, a instrução em articulação não deve, sob nenhuma circunstância, degenerar em tormento ou mesmo em maus tratos. Onde não há aptidão para a articulação, a língua de sinais deve ser ainda mais requisitada. 6. A fim de aliviar as escolas maiores, é desejável um aumento no número de escolas. 7. As escolas não devem ser apenas locais de instrução, mas também de educação. Mais importância deve ser dada a uma boa educação do que até agora foi feito. 8. Da mesma maneira, mais atenção deve ser dada à preparação para a vida prática, e mais ênfase colocada sobre a necessidade de instrução adequada em artesanato e desenho mecânico. A prática de escrever cartas, a preparação de fórmulas comerciais, etc., deve ser mais frequente. 9. Parece necessária uma formação técnica mais completa dos professores. O professor deve, acima de tudo, ter uma concepção clara das idiosincrasias dos surdos, das causas da mudez, e deve, além disso, ser capaz de compreender e usar a linguagem dos sinais. A superintendência de uma escola para surdos deve necessariamente ser confiada apenas a um especialista (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 197-198, tradução nossa).

Watzulik traçou um verdadeiro programa educacional para os surdos. Partindo da realidade dos surdos e de sua possível inserção no mundo do trabalho, desejava-se que o método combinado fosse estabelecido nas escolas e, por meio dele, se buscasse uma melhor instrução dos estudantes surdos. Além disso, pensou no conjunto da vida escolar, pois considerou a obrigatoriedade do ensino e a formação dos professores. O congressista distinguiu “instrução” de “educação”, sugerindo-nos que se desejava também para os surdos uma formação integral e não mero aprendizado repetitivo de um conhecimento. É uma educação plena para uma vida plena...

E recordamos com Foucault:

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 1996, p. 44-45).

Gerhard Titze apresentou a realidade educacional dos surdos na Suécia e Noruega. Naqueles países, por uma lei de 1889⁷⁴, o ensino de surdos tornou-se obrigatório:

[...] em 1889 essas escolas chegavam a dezenove, com 769 alunos e noventa professores, dos quais oito eram surdos-mudos. A instrução que é dada nas escolas suecas inclui as seguintes disciplinas, viz. [sic.] , a língua sueca, religião, história, matemática, geografia, física, escrita, desenho e alguns artesanatos. O conhecimento dos alunos ao sair das escolas, é em média (exceto alguns deles) superficial e de pouca consequência, e, às vezes, até muito imperfeito (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 198, tradução nossa).

Num *continuum* os surdos denunciaram as fragilidades da educação proposta aos seus irmãos. Se, por um lado, há uma obrigatoriedade da educação, por outro, o que se praticava era marcadamente limitado, não proporcionando aos surdos aprendizados significativos para suas vidas. Dois fatos importantes são recordados: 1º) A criação de uma sociedade de professores suecos para surdos-mudos, a *Svenska Dofstumlarare sällskapet*; 2º) A decisão do Parlamento, no dia 09 de maio de 1889, que tornou obrigatória a educação de surdos. Titze mencionou alguns pontos dessa lei:

1 - Surdos-mudos - crianças de sete a nove anos devem frequentar a escola; 2 - a frequência escolar deve durar oito anos; 3 - sistemas de ensino: Método da fala (oral), método da escrita e método do sinal aplicado de acordo com o poder de compreensão das crianças; 4 - a fundação de um seminário para formar professores e professoras para crianças surdas; 5 - a divisão do país em sete grandes distritos escolares; 6 - a instalação de um inspetor, nomeado pelo Governo, de todas as escolas para surdos-mudos do país; 7 - as despesas com a instrução devem ser custeadas em parte pelo Governo e em parte pelos diferentes distritos (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 199, tradução nossa).

De acordo com Gerhard Titze, os impactos imediatos dessa lei foram perceptíveis, pois praticamente, todos os surdos em idade escolar começaram a frequentar os estabelecimentos. Os surdos na escola apresentam outras demandas a essa instituição...

⁷⁴ Acerca da lei o congressista a retomará em detalhes, mas um relatório de 1947 a menciona e também nos situa, parcialmente, sobre seu funcionamento: “Em uma lei de 31 de maio de 1889, disposições mais detalhadas foram estabelecidas para a organização da educação para surdos-mudos. De acordo com esta lei, os conselhos distritais podiam, em grande medida, decidir por si próprios sobre a organização das escolas e o planejamento do ensino. A escolaridade obrigatória começou durante o ano em que a criança completou sete anos. Em alguns casos, o adiamento pode ocorrer até a criança atingir a idade de dez anos. A escolaridade obrigatória geralmente durava oito anos” (STATENS OFFENTLIGA UTREDNINGAR, 1947, p. 18, tradução nossa).

Há uma diferença em relação ao relatório composto por Gaillard. Vejamos como o surdo francês sintetizou a fala de Titze:

Tínhamos pensado em aplicar o método oral puro em todos os lugares e para todos, mas a oposição enérgica dos surdos-mudos e a opinião dos professores competentes levaram o Parlamento e o rei a decidirem por ensinar as crianças surdas-mudas de acordo com suas capacidades, para que todos elas se beneficiem da instrução. Há um total de 20 escolas, se incluirmos as escolas particulares: 9 são dedicadas à oralização, com 315 alunos; 5 no sistema combinado, com 320 alunos; 5 no método escrito, com 210 alunos; 1 para o surdo-mudo cego, com 10 alunos (GAILLARD, 1894, p. 184, tradução nossa).

Com Gaillard somos enredados nessa narrativa. Por ela, mais uma vez, se realça uma comunidade surda que se manifestava diante da educação que lhe era proposta e ousava se posicionar. Os números trazidos por Gaillard são relevantes, pois nos mostram que não havia uma prática uniforme do método oral e que havia uma pequena tendência em relação ao sistema combinado. Há muita história a se escrever desse novelo, que se desenrola mui lentamente...

Carl Werner abordou a educação dos surdos na Noruega, fazendo um resgate histórico da educação de surdos em seu país, da primeira escola criada em 1825, que seguia o método proposto por l'Épée, e depois a criação de outras escolas, a partir de 1840, que utilizavam o método oral. Essas informações ajudam-nos em nossa invenção de uma narrativa outra. Costurando-as, podemos considerar que o método oral não foi uma invenção de Milão, nem surgiu ali como realidade nova, ele fez parte também de uma regularidade que remonta ainda mais distante. Ou seja, quatro décadas antes de Milão já havia uma popularização da oralização...

Segundo Werner, a educação de surdos na Noruega ganhou novo impulso com a obrigatoriedade do ensino:

Em 1881, um novo ato emanou introduzindo a educação obrigatória para surdos, cegos e debilitados. A lei, que estabelece que todas as crianças surdas entre sete e dezessete anos devem ser encaminhadas à escola ou educadas em outro lugar por um período de oito anos, entrou em vigor a partir de 1883, e foi seguida de várias alterações nas escolas (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 200, tradução nossa).

Ainda sobre o tema “A educação dos surdos-mudos” havia um tópico bastante específico sobre o “oralismo na França”. Chambellan recordou que a educação de surdos transitava entre tentativas e erros e muitos debates, contudo a opção pelo método oral conduziu à ignorância dos surdos:

Apesar disso, não queremos que o surdo-mudo seja reduzido ao papel de autômato; queremos que ele pense, compreenda o que lê, o que diz, o que lhe dizem, que saiba conduzir os seus negócios, que esteja ciente dos seus deveres e dos seus direitos. E este progresso, que não devemos esquecer, só pode ser obtido se tivermos a sabedoria de não apagar o farol que o Abade de l'Épée acendeu na sua escola, introduzindo a linguagem dos gestos, linguagem essa que a natureza, na sua solicitude, deu em compensação ao surdo-mudo de nascimento, a língua à qual recorre, em um país estrangeiro, o viajante que não sabe uma palavra do idioma deste país (GAILLARD, 1894, p. 198//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 218-219, tradução nossa).

Chambellan argumentava a partir da ideia de que os sinais são a língua dos surdos. Com isso ele recupera muito do pensamento de Bébien e de Berthier⁷⁵. Mas esse argumento por si só não se sustentaria. Chambellan recordou a necessidade de se distinguir entre os tipos de surdez: a congênita e a acidental. Ele não se posicionou estritamente contra o método oral, mas sim contra a aplicação de um único método para todos os surdos, sem contemplar suas especificidades:

Fazer com que todos os surdos-mudos falem sem exceção é uma tentativa supérflua. É importante não confundir surdez acidental com surdez congênita. Indivíduos que, na infância, ouviram e foram treinados para articular letras e sílabas, se mantiveram a vivacidade de sua inteligência, adquirem elasticidade por meio da habilidosa ginástica dos órgãos vocais e chegam a falar com nitidez. Já os surdos de nascença, apesar dos esforços do mestre mais dedicado, ainda estão no início, conseguem pronunciar uma centena de palavras isoladas, mas, sem poder ligá-las por meio de outras palavras para constituir uma frase. Além disso, sua pronúncia é gutural, nasal e muito desagradável para aqueles que ouvem essas crianças e que só podem entendê-las prestando muita atenção. Tudo isso equivale a dizer que é impossível para os surdos nesta categoria usar a linguagem oral de forma proveitosa (GAILLARD, 1894, p. 198-199//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 219, tradução nossa).

Para Chambellan, a prática do método oral não era em si um problema. Havia, parece-me, por parte dele, uma abertura para o uso deste método para um determinado grupo de surdos, aqueles que, acidentalmente, perderam o sentido da audição. Essa classificação explicitada por Chambellan também torna-se elemento fundamental para mostrar as fragilidades do método oral e sua inutilidade ao surdo de nascença. Os surdos também aprenderam a arte de classificar...

Parte da estratégia de valorização do método oral se dava pelas apresentações de surdos-falantes nos chamados “exames públicos”. Essa prática, que em Milão parece ter se constituído como elemento conclusivo, não era isenta de subterfúgios e encenações (GAILLARD, 1894//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). Chambellan

⁷⁵ Acerca de Bébien e Berthier, ver: BERTIN, Fabrice. **Auguste Bébien et les Sourds**: le chemin de l'émancipation, 2019. Também, CARVALHO; OLMO; VIEIRA-MACHADO. Uma obra de memória de Ferdinand Berthier (surdo-mudo): Auguste Bébien (ouvinte) como um infame, 2021.

denunciou o aparente sucesso do método: “Hoje em dia, em cerimônias solenes, os alunos falam muito e o público acredita que todos os demais estão alcançando o mesmo resultado. Ai de mim! não é assim. De quinze jovens, por exemplo, três, quatro, no máximo [...]” (GAILLARD, 1894, p. 199/FOX; HANSON, MCGREGOR, 1893, p. 219, tradução nossa). Mas, geralmente, os fracassos sempre são omitidos, até mesmo em nossas pesquisas...

Foucault, em *Vigiar e Punir*, analisa a prática do exame e sua constituição enquanto técnica do campo do saber impregnada pelo poder:

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que em todos os dispositivos de disciplina o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. No coração dos processos de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam. A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível (FOUCAULT, 1999b, p. 210).

Talvez, para se antecipar às possíveis críticas, os professores que ensinavam os surdos a falar precisavam deixar evidente os limites⁷⁶ de seus trabalhos, porém, sem jamais invalidar sua supremacia. Numa cerimônia pública em que o que seria visto — ou foi visto — era limitado e exigia mais dos ouvintes que aquilo que, aparentemente, era sugerido, havia certa cooptação da plateia para que, caridosamente, acolhesse os “resultados” do ensino praticado. E Chambellan nos põe neste lugar como observadores curiosos a contemplar um método que exige desculpas antecipadas pelo seu insucesso...

⁷⁶ Num discurso proferido por um professor da Instituição Nacional para Surdos-Mudos de Paris, na cerimônia de entrega dos prêmios de 1887, lemos: “A verdade é que as palavras da maioria dos nossos alunos apenas lembram as da sua audição, irmãos; a verdade é que, apesar de nossos esforços, os surdos nunca serão outra coisa senão surdos e que permanecerão, pela dura lei de seu nascimento, inválidos da fala [...] Para entendê-los, às vezes você vai precisar de Complacência, terá que adivinhá-los um pouco [...] Por mais estranho e bizarro que o sotaque deles possa parecer para você em certos casos, tome cuidado para não deixar isso transparecer na frente deles [...] Nestes alunos, é verdade, a visão ocupou o lugar da audição e eles adquiriram o triste privilégio de ouvir com os olhos. Isso significa que eles entenderão tudo o que você disser? Cuidado com essa ilusão [...] Eles podem repetir as tuas palavras em vão: se ainda não sabem o significado, só serão em vão para eles, por isso só podes usar nas tuas conversas palavras que lhes são familiares” (GAILLARD, 1894, p. 201-202/FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 220-221, tradução nossa).

O surdo Joseph Bradley Foster⁷⁷ (1863-1940) apresentou a situação do método oral na Irlanda e Grã-Bretanha. Foster falou da educação que recebeu ao ser oralizado e como ela tomou grande parte de seu tempo, tendo, posteriormente, frequentado uma escola de ouvintes. É desde esse lugar de surdo oralizado e que acompanha o processo educacional de outros surdos que Foster se posicionou, mostrando primeiro as possibilidades do método oral e depois suas limitações:

[...] aqui chego às limitações do oralismo, ele irá, fora do círculo de suas próprias relações e amigos, achar suas habilidades de articulação e leitura labial praticamente inúteis. Ele pode conseguir, aqui e ali, fazer com que estranhos entendam o que ele diz, mas quanto a ler seus lábios, a tentativa é quase totalmente inútil. Ele terá de recorrer invariavelmente ao papel e ao lápis, como aconteceu comigo, embora eu seja considerado um dos melhores exemplos do sistema oral puro (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 223, tradução nossa).

Se o argumento dos oralistas era de que o método oral permitia a integração do surdo à sociedade, Foster testemunhava justamente o contrário e sendo ele um dos melhores oralizados. Essa questão deu a Foster ocasião para afirmar o quanto era mais agradável aos surdos fazer uso dos sinais e, mais uma vez, criticar o método oral:

Eu prefiro muito mais a companhia de meus semelhantes aflitos, conduzindo nossa conversa pela datilografia e linguagem de sinais. Do ponto de vista educacional, o oralismo não produz resultados satisfatórios. Tenho notado, via de regra, que aqueles que são ensinados pela datilografia e pela língua de sinais são muito mais educados do que os ensinados no sistema oral. Atribuo esse resultado ao fato de que é necessário muito tempo para ensinar à criança articulação e leitura labial apenas, e muito pouco tempo para melhorar sua mente por meio de leitura, composição, estudo de história, etc (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 223, tradução nossa).

Foster focou justamente no acesso ao conhecimento, demonstrando que o tempo gasto com a articulação impedia ao surdo o aprendizado de outros conteúdos e, posteriormente, o surdo continuava sentindo-se isolado na sociedade. Ele não considera que juntar os dois métodos fosse uma alternativa viável. Foster ainda recordou que, após a saída da escola, muitos surdos retomavam o uso de sinais e preferiam a companhia de surdos e sugeriu avaliar os surdos educados nos últimos dez anos para se comprovar quão ineficaz foi o tempo despendido. As avaliações e sua missão de diagnosticar os problemas...

⁷⁷ Joseph Bradley Foster (1863-1940) tornou-se surdo quando tinha dezoito meses em função de um forte choque no sistema nervoso. Teve grande atuação como missionário surdo. Cf. <https://blogs.ucl.ac.uk/library-rnid/category/deaf-culture/page/3/>.

Watzulik apresentou sobre o método oral na Alemanha. Um surdo oralizado que se posicionava acerca do método oral desde a posição de investigador. As perguntas que, possivelmente, faziam parte do programa, foram por ele respondidas de forma objetiva, clara, e com reta intenção de demonstrar a ineficácia do método. Mais uma vez uma estratégia brilhante para posicionar-se contra um sistema. O orador retomando pontos em comum com os anteriores considerou que:

Os resultados com os semi-mudos, semi-surdos e os surdos-mudos brilhantes devem ser designados como gratificantes; isto é, resulta na fala considerada apenas como fala. Infelizmente, porém, esses resultados são obtidos à custa de uma educação fundamental satisfatória. Com cerca de quarenta por cento de todos os surdos-mudos, os resultados na articulação são completamente incompletos e decepcionantes (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 226, tradução nossa).

A isso se associava, na argumentação de Watzulik, a questão do possível abandono da fala pelos surdos oralizados quando saíam dos institutos. Ponderava-se que grande parte dos surdos oralizados, ao voltar para suas famílias, tornava-se, praticamente, mudo e eram poucos os que conseguiam manter uma convivência com falantes por meio da articulação. Dessa forma, para Watzulik, o método não restituía o surdo à sociedade. Além disso, considerou que, nesses casos, os gestos e a escrita eram mais eficazes que a voz áspera e, por vezes, incompreensível dos surdos oralizados. Os surdos-falantes tornavam-se, na prática, surdos-mudos...

A conclusão de Watzulik foi precisa: “[...] em resumo, posso realizar quase qualquer tarefa que possa ser exigida a qualquer surdo-mudo inteligente, mas nunca posso reconhecer que uma educação realmente boa pode ser assegurada aos surdos apenas por meio da fala” (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 226, tradução nossa). Nosso relator francês menciona que Watzulik teria comentado sobre o Congresso de surdos de Hanover, em que, unanimemente, 150 participantes teriam protestado contra a retirada do método de sinais das escolas:

Sem dúvida, existem alguns surdos-mudos na Alemanha que falam. O próprio orador é surdo-falante. Mas, em geral, com raras exceções, a educação dos surdos-mudos é insuficiente. Eles aprendem pouco mais do que frases comuns gaguejantes, compreendidas apenas por seus parentes e amigos, e esses surdos-mudos lêem bem apenas em lábios familiares. Existem alguns que conseguem admiravelmente associar-se a pessoas que ouvem e se fazerem compreender por elas. Infelizmente eles desfrutam de conhecimento

relativo. A necessidade de usar sinais no ensino cresce mais e mais a cada dia (GAILLARD, 1894, p. 203, tradução nossa).⁷⁸

Este trecho faz-nos reafirmar que, frequentemente, os surdos se opuseram ao método oral. Portanto, uma resistência surda existiu e se manifestou desde longa data, não existindo uma postura fatalista ou passiva diante do que o governo preconizava como ideal para os surdos. Esse passado a ser revolvido e com estruturas a serem demolidas...

Percebe-se no relatório que havia um confronto agonístico, cuja tessitura se esgarçava e se reforçava. Como Foucault elaborara:

Quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem possibilidade a uma resistência; e é porque a possibilidade de resistência, e resistência real, que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme que procuro fazer aparecer do que a dominação morna e estável de um aparelho uniformizante. Em toda parte se está em luta [...], e a cada instante se vai da rebelião à dominação, da dominação à rebelião, e é toda essa agitação perpétua que gostaria de fazer aparecer (FOUCAULT, 2003, p. 232).

Watzulik nos permitiu contemplar um congresso nacional. Embora não tenhamos encontrado atas desses eventos nacionais, fica notório que há, por parte dos surdos, um movimento organizado para fazer frente à política dominante. Isso impacta diretamente na nossa forma de compreender a atuação dos surdos no final do século XIX, permitindo-nos compor uma imagem outra acerca daquilo que foram as práticas, as reações, os protagonismos, as resistências, as contracondutas. Os congressos nacionais foram ocasiões propícias para que os surdos pudessem debater, mas também demonstrar publicamente a sua força enquanto parcela da população que estava organizada. Sim, eles estavam bem organizados. Gaillard mencionará que os surdos alemães aguardavam para breve a realização do

⁷⁸ Acerca dessa movimentação dos surdos encontramos que: "Na verdade, com base na sugestão de Hamburgo, uma petição resolvida no Congresso dos surdos-mudos em Hanover no Pentecostes de 1892 foi dirigida ao Imperador alemão. Isso foi direcionado contra a remoção da língua de sinais do ensino de surdos e contra o uso de 'meios disciplinares estritos' para aprender a linguagem falada. A petição foi assinada por mais de 800 surdos de quase todos os países alemães - quase 100 somente de Hamburgo e Altona. A disputa pelo uso da língua de sinais se espalhou pelo país. Havia professores surdos-mudos e surdos que, desde 1889, se opunham cada vez mais ao uso exclusivo da língua falada no ensino de surdos e, portanto, se expressavam contra a tendência. O professor de surdo-mudos de Breslau, Johann Heidsiek (1855–1942) causou comoção no corpo docente ao defender, em uma brochura intitulada 'Ein Nothschrei der Taubstummen', que esta é a linguagem própria dos surdos" (GROSCHKE, 2008, p. 104, tradução nossa). Acerca de Johann Heidsiek: <https://www-archiv.fdm.uni-hamburg.de/daziel/globus/schlaege.pdf>.

Congresso de surdos de Wiesbaden⁷⁹. Este congresso foi realizado em 1894 e presidido pelo surdo Johan E. Pacher⁸⁰ (1842-1898). Mais coisas a se buscar no porão...

Para além dos congressos internacionais, há uma profusão de congressos nacionais. Onde habitam esses textos? Quem neles habita e poderia conversar conosco? Que portas outras poderiam nos abrir? Documentos a serem garimpados não por mim, mas por outros...

Harry-E. Babbitt⁸¹, de Boston, ex-aluno de uma escola que trabalhava com o método oral puro, apresentou a situação dos Estados Unidos. Babbitt iniciou falando das vantagens de um surdo falar em relação à convivência familiar e possibilidades de emprego. Possivelmente, por conhecer algumas críticas ao método oral, Babbitt salientou que o aprendizado não se perderia após a conclusão dos estudos e justificou

⁷⁹ Há registros de congressos nacionais de surdos alemães a partir de 1873, desde a criação da Associação de surdos pelo surdo berlinense Eduard Fürstenberg (1827-1885), compreendendo tais momentos como ocasião de trocas de experiências e fortalecimento dos surdos em relação à luta por suas demandas (GROSCHKEK, 2008). No *American Annals of the Deaf and Dumb* encontramos uma notícia sobre um congresso de surdos em setembro de 1874. No contexto do que foi apresentado, a resistência surda diante do método oral seria anterior ao Congresso de Milão (1880), ao mesmo tempo em que prefigura algumas das questões que necessitariam da organização surda para se contrapor num futuro próximo: “O Congresso de surdos-mudos de Viena. ___Os jornais surdos-mudos alemães descrevem o segundo grande “congresso” de surdos-mudos, realizado em Viena em setembro passado. Os procedimentos foram conduzidos por sinais, e houve uma renovação do mandato do congresso anterior de que a língua de sinais fosse cultivada nas instituições, e que pelo menos um professor surdo-mudo fosse empregado em cada escola. A educação obrigatória, o estabelecimento de um hospital para surdos-mudos e a provisão para instrução adicional de adultos também foram defendidos. O terceiro congresso será realizado neste verão em Dresden” (1875, p. 189 - itálico dos editores, tradução nossa).

⁸⁰ Sobre Johan E. Pacher: http://archiv.kugg.de/history/in_pacher_gehoerlosenbewegung.htm.

⁸¹ Não conseguimos obter informações sobre data de nascimento e morte de Babbitt. Entretanto, a partir de uma avaliação sobre sua escolarização, datada de 1867, podemos presumir que tenha nascido em 1859: “Harry E. BABBITT, Boston (oito anos), surdo aos cinco anos, reteve seu discurso, mas não recebeu nenhuma instrução. 1º de dezembro, obteve o som de ‘k’, mas não de ‘b’, ‘d’, ‘g’. Os quatro alunos mencionados foram ensinados juntos, mas antes do final do ano, espera-se que eles possam ingressar na ‘Segunda Divisão de 1867’. Na data atual (31 de dezembro), eles se articulam, lêem os lábios e escrevem cento e quarenta palavras, e entendem muitas frases que contêm essas palavras. Eles também dão várias respostas às perguntas - ‘O que é isso?’ ‘Onde está sua lousa?’” (ROGERS, 1870, p. 52, tradução nossa). Desperta-me a atenção no relatório de Harriet B. Rogers (1834-1919), diretora da escola de Northampton, a minúcia das sílabas aprendidas, do quantitativo de palavras. O surdo oralizado era mensurado de todas as formas e tais registros, possivelmente, tinham por finalidade demonstrar a eficácia do método oral. A *Clarke Institution for Deaf-Mutes* foi a primeira escola oral dos Estados Unidos, fundada em 1867. Atualmente é uma organização sem fins lucrativos que trabalha com tecnologias auditivas para surdos e deficientes auditivos. Cf. https://en.m.wikipedia.org/wiki/Clarke_Schools_for_Hearing_and_Speech

o tempo gasto com o aprendizado:

As pessoas estão sempre com pressa e nem sempre é possível usar o caderno e o lápis. A fala e a leitura labial economizam tempo e paciência. [...] Na sala de aula, aprendemos apenas os princípios da fala e, para fazer com que as lições valham alguma coisa, devemos usá-las em todos os lugares. A menos que isso seja feito, todos os esforços de nossos professores são mais do que desperdiçados e nossa educação como um todo está arruinada, pois enquanto tanto tempo é gasto nessas aulas orais, o resto de nossa educação é negligenciado, não intencionalmente, mas de forma inevitável (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 227, tradução nossa).

Babbitt reconheceu que em sua experiência foi fundamental o apoio dado por amigos e familiares para que se consolidasse o aprendizado da fala. Entretanto, ao tocar nas limitações do método oral, considerava-o mais frágil que o método dos sinais, a começar pelo fato de que poucas pessoas teriam paciência para auxiliar o surdo a corrigir pronúncias e melhorar a comunicação, gerando uma demanda maior para a escola. Babbitt ainda recordou que os resultados do método oral variavam de pessoa para pessoa, mas eram, quase sempre, muito poucos. Para Babbitt, parece-me, há uma certa responsabilização também dos surdos pelo insucesso do método (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). Parece aqui ocorrer aquilo que poderia ser consignado numa frase “quando há falhas no método é preciso encontrar um culpado e, assim, salvar o método”...

Para Babbitt, o método oral teria limites insuperáveis e isso conduziria naturalmente ao seu fim. Entretanto, o aparente sucesso do método e o investimento financeiro que dava suporte às escolas, bem como a tenacidade dos seus defensores poderia dificultar esse processo:

Quanto ao futuro do oralismo, atualmente ele encontra muitas desvantagens, está lento, mas seguramente se aproximando de seu limite, além do qual não pode ir; mas enquanto os pais de crianças surdas desejarem que aprendam a falar, o sistema oral florescerá. Os promotores da fala são ricos, influentes e ativos. Eles não pouparão esforços e não deixarão pedra sobre pedra para torná-lo o sistema universal de educação na América. Eles têm o público com eles, porque o público não sabe nada sobre os resultados práticos de qualquer um dos sistemas. Se uma criança é ensinada a cantar, é uma prova positiva de sucesso! Pode ser que a grande despesa, que não é igual ao benefício, impeça a disseminação do sistema, visto que requer mais professores por classe do que o sistema combinado (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 229, tradução nossa).

Babbitt apontou para um conjunto da empreitada oralista que almejava o triunfo do método e, para isso, fazia uso de todos os recursos humanos, financeiros e de popularização. A prática das apresentações de surdos, além de envolver o caráter caritativo da maioria da assembleia, contribuía para que se divulgassem os resultados

do método. Restaria uma esperança na necessidade de grande número de professores capacitados para tão poucos alunos, fato que onerava muito o sistema. Todavia, há sempre possibilidade de se precarizar...

Após defender o sistema combinado, Babbitt, servindo-se de uma imagem que, certamente, era conhecida do público que acompanhava sua explanação, narrou: “Se esses alunos orais falassem na rua, suas vozes rudes e contorções anormais do rosto atrairiam uma grande multidão ao redor deles, que os olharia como se fossem um conjunto de macacos conversando entre si. Eu vi isso uma e outra vez” (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 229-230, tradução nossa). Um argumento recorrente por parte dos defensores do método oral era de que, ao sinalizar, os surdos comportavam-se como animais irracionais. Babbitt inverteu a argumentação e fez com que na imagem seja considerado como animalizado aquele que era oralizado. A capacidade de “in-verter” uma imagem a seu favor pode ser o maior dos argumentos...

Gaillard manteve na íntegra a apresentação de Babbitt e concluiu: “Essas idéias verdadeiras e corretas, emanando de um aluno do oral puro, produziram uma grande sensação” (GAILLARD, 1894, p. 208, tradução nossa). E, por fim, observou: “Portanto, há unanimidade entre os surdos-mudos de todos os países, mesmo os alunos das escolas orais, em condenar o método oral puro e preferir o método misto” (GAILLARD, 1894, p. 209, tradução nossa). Tal conclusão, talvez, tenha sido muito precipitada...

4.5.2.3 A necessidade de escolas técnicas para os surdos

No Congresso Internacional de Paris (1889) a questão da formação técnica para os surdos já havia sido bastante enfatizada. Em Chicago, ela foi retomada e aprofundada. Warren Robinson⁸² (1860-1921), de Delavan, fez uma breve contextualização do avanço industrial e suas novas exigências. Para Robinson interessava abordar a perspectiva do “treinamento manual”:

“Treinamento manual” não inclui necessariamente instrução científica. É

⁸² Ensurdido aos 7 anos e meio em função de uma febre cerebral. Atuou como professor na escola de Wisconsin no período de 1884 a 1920. Defendeu o “treinamento manual” dos surdos com o objetivo de prepará-los para a atuação na indústria. Cf. <https://liblists.wrlc.org/biographies/52421>

antes uma educação no cuidado com as ferramentas, da mão para a habilidade no uso delas e dos materiais, e um treinamento do olho para a precisão e da mente para a atenção. Não viola os direitos dos jovens. Não ensina nenhum ofício específico, mas os princípios mecânicos de todos eles. Isso dá ao menino a melhor chance de escolher uma profissão e a melhor preparação para ela. [...] O lema do treinamento manual é: "Instrução, não construção" (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 231-232, tradução nossa).

A distinção que fazia, demonstrava que as diversas profissões passavam por adaptações ao novo contexto e que, distante da formação técnica, característica da educação técnica e industrial, o treinamento manual capacitava mais imediatamente o surdo para o trabalho. Compreendendo a dificuldade, em geral, de acesso à educação técnica, Warren via como alternativa não a criação de escolas secundárias, mas sim um adicional de informações que capacitasse os surdos para profissões em geral:

O que aqui é sugerido constituiria um "suplemento natural" [...] Seria também, como outra pessoa diz com propriedade, "a escola de treinamento para os futuros líderes e instrutores de surdos na ciência e na arte", além de permitir que centenas de outras pessoas sigam vocações mais independentes, lucrativas e honradas do que poderiam de outra forma realizar (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 233, tradução nossa).

Warren Robinson fez uma leitura da realidade educacional para além do imediato das instituições escolares, pensando a questão mais ampla das exigências trazidas por um novo modo de se operar a produção técnica. Não adiantava almejar uma formação de nível superior, acessível a poucos, quando havia muitos que se subjugavam a algumas profissões ou permaneciam desempregados por falta de "treinamento manual" para se adaptar às novas regras do jogo. E, quando o surdo aprende as regras do jogo, o jogo é sempre outro e com novas regras...

Para Robinson, o que os surdos necessitavam era que as escolas atualizassem suas ofertas de oficinas a partir da evolução do campo industrial. A insistência em se ensinar as mesmas profissões diante de um mundo industrial em transformação exigia das escolas uma nova maneira de compreender a formação ministrada para os surdos⁸³. Creio que a apresentação de Robinson tenha desconcertado alguns

⁸³ Robinson apresentou, em julho de 1895, na Convenção Americana de Instrutores de Surdos o trabalho *History and Scope of Manual Training* em que sugeria a implementação do treinamento manual (GALLAHER, 1898).

defensores do ensino superior para todos os surdos. E preciso reconhecer minha admiração por sua leitura de mundo...

Um trabalho enviado por Fernand Aymard, representando a França, recordou que o aprendizado na oficina, situação vivenciada pelas gerações anteriores de surdos, não mais era cabível. Tal mudança é que poderia oportunizar aos surdos, após concluírem os estudos, o estabelecer-se profissionalmente. “Trata-se de reorganizar as primeiras escolas de surdos-mudos em novas condições e transformá-las em escolas profissionais, de nível superior ao atual, mas com um programa menos desenvolvido que o de outras escolas industriais e profissionais” (GAILLARD, 1894, p. 211//FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 236, tradução nossa). Mais um surdo a ler a realidade cambiável em que se encontravam e suas prementes exigências...

Aymard constatava o abandono dos estudos para se assumir o trabalho profissional e, por vezes, isso incentivado pela família do surdo. Diante disso, sua sugestão seria o reorganizar o sistema de gratificação pelos estágios, evitando que os estudantes surdos, tão logo se sentissem em domínio das técnicas, evadissem das escolas (GAILLARD, 1894//FOX; HANSON; MCGREGOR). Tão distante e, ao mesmo tempo, parece-me tão próximo esse ano de 1893...

Tanto nas referências ao ensino das surdas quanto na proposição sobre a escola agrícola havia uma ênfase na formação moral, religiosa, dos surdos. Parece-me que esse aspecto está muito vinculado à compreensão do reto caráter surdo esperado após o tempo de formação. Os conteúdos religiosos estariam a serviço do assujeitamento dos surdos às situações de trabalho que lhes eram possíveis naqueles contextos. Religião e educação numa interação bastante complexa...

Com estes dois trabalhos temos em Chicago o que se refere à formação profissional. Parece-me que são duas posições bastante distintas que, embora percebam elementos da mudança de um cenário no mundo do trabalho, operacionalizam a formação do surdo desde perspectivas diferentes. Enquanto Robinson sugere um treinamento manual que habilite para o trabalho na indústria em geral, Aymard considera a formação mais tradicional vinculada a profissões com baixa remuneração. Fico a imaginar a expressão facial de Gaillard ao ouvir seu conterrâneo, logo o Gaillard que fez uma apresentação tão séria sobre as profissões dos surdos...

Mas, outra vez, aproximemo-nos de Foucault. A indústria é a expressão também de um poder polivalente que mantém com o tempo uma relação inusitada:

Já nas instâncias de controle que surgem a partir do século XIX, o corpo adquire uma significação totalmente diferente; ele não é mais o que deve ser supliciado, mas o que deve ser formado, reformado, corrigido, o que deve adquirir aptidões, receber um certo número de qualidades, qualificar-se como corpo capaz de trabalhar. Vemos aparecer assim claramente a segunda função. A primeira função do sequestro era de extrair o tempo, fazendo com que o tempo dos homens, o tempo de sua vida, se transformasse em tempo de trabalho. Sua segunda função consiste em fazer com que o corpo dos homens se torne força de trabalho. A função de transformação do corpo em força de trabalho responde à função de transformação do tempo em tempo de trabalho (FOUCAULT, 2002, p. 119).

4.5.2.4 A educação física dos surdos-mudos

A temática da educação física foi apresentada por Albert Francis Adams⁸⁴ (1860-1926), surdo instrutor de ginástica no *National College*, em Washington. Adams iniciou sua reflexão com uma anedota sobre idosos em um consultório. Não raro as atas nos sugerem que havia relatos provocadores de risos. Considerando que a idade ideal para o desenvolvimento físico seria na infância e juventude, Adams interage com os congressistas: “Mas, falando sério, ao dirigir-me a esta assembleia de surdos adultos, é com um sentimento de pesar que para a maioria de vocês o tempo para receber todos os benefícios do treinamento físico já passou” (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 240, tradução nossa). Uma sinceridade provocadora...

Adams fez uma profunda reflexão sobre o sentido da atividade física, mostrando domínio sobre as áreas de fisiologia do exercício, anatomia, higiene, ergonomia, ciências médicas, etc. Demonstrou que os efeitos do treinamento físico teriam o tríplice efeito: físico, mental e moral. Para Adams, a atividade física para os surdos estaria associada ao seu desenvolvimento mental:

O treinamento físico do surdo deve começar com sua admissão na escola e continuar tão regularmente quanto seu treinamento mental até que se formem. Além disso, suas instruções devem ser de natureza a transmitir uma compreensão inteligente de seus corpos, criando assim o desejo de uma continuação dos cuidados físicos e do treinamento enquanto durar a vida. [...] Um sistema que visa apenas ensinar façanhas ginásticas para fins

⁸⁴ Albert Francis Adams ficou surdo aos 12 anos em função de uma meningite. cf. <https://www.geni.com/people/Albert-Adams/600000003075648782>

expositivos, sem qualquer consideração ou explicação de seus fins higiênicos ou educacionais, ignora o futuro e é um fracasso (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 242-243, tradução nossa).

As práticas profissionalizantes nas escolas de surdos também foram avaliadas por Adams ao considerar que “com relação aos ofícios que aos surdos são ensinados na escola, poucos, se é que algum, empregam todas as partes do corpo, enquanto a maioria induz um desenvolvimento unilateral” (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 243, tradução nossa). Então, propôs um currículo que contemplaria cada etapa do desenvolvimento físico do aluno surdo, mas, quase sempre, pensado para se sanar os “defeitos peculiares”. O sucesso de um assujeitamento também pode ser percebido quando todos passamos a avaliar e averiguar aquilo que é esperado de nós...

Ao tratar de ginástica como uma pedagogia higiênica, Soares comenta:

Pode-se afirmar, assim, que a ginástica é parte desta cartografia do detalhe, ela atua nos mais íntimos espaços do corpo e indica os mais variados comportamentos, conformando modos de viver; ela integra procedimentos educativos, aqueles mesmos exigidos nos processos de trabalho industrial, bem na passagem do século XVIII para o XIX, quando a repetição dos gestos precisos e especializados concernem diretamente aos lucros dos objetos “fabricados”. É preciso *decompor* os gestos humanos, estudá-los separadamente e *treiná-los*. A ginástica concorre para este fim, concorre para o desenvolvimento de uma *destreza específica* e, sobretudo, de uma *disposição precisa das forças* (SOARES, 2008, p. 78-79, itálico da autora).

A participação de Adams nos ajuda a compreender como se elaboravam também rotinas de controle dos corpos e como a educação física, enquanto disciplina que ganhou ampla difusão associada à higiene, passou a ser um elemento pensado na condução dos surdos. Adams focou na prática de esportes como possível consequência de um aprendizado de valorização da atividade física (FOX; HANSON; MCGREGOR). E isso deveria ser motivado pela escola...

Gaillard, em seu registro, mostra certo conflito entre surdos e falantes e sugere que, pelo treinamento físico, seriam sanadas as fragilidades do corpo surdo, mas também sua capacidade de reagir aos que os provocam. Ter um corpo forte, robusto, significaria também fazer frente às possíveis práticas vexatórias a que se viam submetidos na convivência com os falantes (GAILLARD, 1894). Os esportes aprendidos na escola não teriam função de treinar para se alcançar grandes prêmios,

mas acima de tudo para permitir que se superassem agressões verbais e físicas⁸⁵. Essas práticas que se estendem ao longo dos séculos e parece que ainda estamos distantes da superação das violências...

4.5.2.5 A educação superior dos surdos-mudos e seus resultados indiretos

Amos G. Draper⁸⁶ (1845-1917), partiu da questão de que existiam muitos surdos com uma inteligência acima da média e que não poderiam ser tratados como os outros que tinham dificuldades nos estudos. Draper recordou o histórico de organização do *College National*⁸⁷ e os investimentos feitos para se assegurar a entrada de surdos em cursos superiores (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). A inicial educação de surdos exigiu continuidades para além da leitura, escrita e cursos profissionalizantes...

Draper comentou sobre a necessidade do associativismo surdo para a própria realização pessoal. Draper fez uma exposição apaixonada sobre o surdo como ser humano:

A tendência do surdo para se associar é marcante, é quase universal. [...] Do ponto de vista teórico e científico, essa tendência deve ser reprovada. A partir daí, seria infinitamente melhor se os surdos pudessem, ao deixar a escola, ser separados e espalhados entre os ouvintes e viver suas vidas em contato apenas com os ouvintes. Por outro lado, somos obrigados a ver o assunto a partir de regiões quentes da humanidade, da religião e do amor, bem como

⁸⁵ Na França há uma rica história sobre os surdos nos esportes, mostrando como houve também uma iniciativa dos surdos de se colocarem em todos os lugares de igual para igual. Célebre será a iniciativa de Eugène Rubens-Alcais (1884-1963), cognominado “o Pierre Cobertin surdo”, que, em 1899, criará o *Club Cycliste des Sourds-Muets*, em 1911, o *Club Sportif des Sourds-muets de Paris* (CSSMP) e, em 1914, o *Journal Le Sportman Silencieux* (GICQUEL, 2019). Apesar disso, paira um incômodo ao pensarmos que os surdos não podem participar dos jogos olímpicos.

⁸⁶ Amos G. Draper tornou-se surdo aos nove anos em decorrência de uma exposição severa durante patinação. Foi professor de Matemática e Latim no *Gallaudet College*. Do acervo de filmes feito por George Veditz, com o intuito de preservar a língua de sinais, temos um vídeo em que Amos G. Draper trata da assinatura da “Charter of Gallaudet College”. No filme não consta a data de produção. Possivelmente, início do século XX. Draper fala da importância da preservação dos sinais e afirma que irá participar da assinatura da carta. Veja o vídeo: https://media.gallaudet.edu/media/Museum+Exhibition+-+Draper+%22Signing+of+the+Charter+of+Gallaudet+College%22/1_ee8f410a

⁸⁷ Draper atuou na instituição por cerca de 44 anos (1873-1915). Entre 1893 e 1894 é que o *College National* passou a se chamar *Gallaudet College*, posteriormente, em 1984, sendo nomeado como *Gallaudet University*. Cf. <https://www.gallaudet.edu/about/history-and-traditions/whats-in-a-name/>.

das alturas aéreas do idealismo e dos pináculos frios da ciência (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 246, tradução nossa).

Na compreensão de Draper havia um resultado indireto do trabalho feito na universidade. Não seria apenas o graduado que se beneficiaria com o acesso ao conhecimento de nível superior. A sua comunidade surda também se beneficiaria com ele e haveria um intercâmbio de saberes bastante enriquecido. Há uma prática que se dá como intelectual específico...

Gaillard sintetizou a apresentação de Draper:

Todos vocês sabem o que aconteceu com os ex-alunos do Colégio, que títulos universitários eles conseguiram conquistar. Assim, eles demonstraram vitoriosamente que a surdez não é um obstáculo ao surgimento de ambições elevadas e legítimas, e causaram a melhor impressão na opinião pública. Mas não deixe que o oralismo venha a realizar sua obra de destruição em nossas escolas, porque a brilhante continuação do sucesso do Gallaudet College logo seria interrompida (GAILLARD, 1894, p. 219, tradução nossa).

4.5.2.6 A educação artística dos surdos-mudos

O texto de escultor Douglas Tilden⁸⁸ (1860-1935) foi iniciado com uma reflexão sobre o papel do crítico de arte como quem “não se preocupa apenas com a expressão de uma ideia, mas também com o domínio de muitas coisas, sem a ajuda da qual essa expressão pode ser realizada de forma imperfeita” (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 249, tradução nossa). Tilden retomou que o trabalho do artista exigia uma sólida educação. Novamente, ao falar de arte toca-se em educação...

Tilden considerou a arte desde um horizonte acadêmico e não como mero talento nato. A instrução tornava-se, pois, para o surdo elemento essencial e a leitura, particularmente, técnica, é que permitiria ao surdo expressar na arte muito de si. A lógica estabelecida por Tilden pressupunha que todo o conhecimento sobre as habilidades técnicas estava em função do estágio seguinte, que era a possibilidade de, pela arte, desde a condição de surdo, o artista se manifestar (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). Pressupostos de uma arte surda que se consolida...

⁸⁸ Douglas Tilden tornou-se surdo aos quatro anos em função de surto de escarlatina. Tornou-se escultor, tendo obtido destaque em salões de arte internacionais. estudou com Paul-François Choppin, outro escultor surdo Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Douglas_Tilden; <https://ukdhm.org/douglas-tilden-1860-1935-deaf-sculptor/>.

Gaillard, a partir do texto de Tilden, insistiu que nem todos os surdos poderiam se dar ao deleite de se dedicarem apenas à arte. Isso caberia apenas a alguns poucos surdos ricos. “Porém, se um surdo-mudo pobre, de verdadeiro valor persistisse na luta, seria justo que o estado ou municípios o incentivassem comprando ou encomendando suas obras” (GAILLARD, 1894, p. 221, tradução nossa). É Gaillard nos ensinando a costurar a história...

4.5.2.7 Os trabalhos da Comissão Real da Grã Bretanha para os surdos-mudos

Robert E. Bray apresentou uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido pela Comissão Real da Grã Bretanha. Tratou-se da criação, em 1884, de um grupo destinado a elaborar propostas para a educação de surdos nas escolas inglesas. Este documento, registrado por Fox, Hanson e McGregor é extremamente relevante para se compor o mosaico pós-Milão. Outro documento⁸⁹ que mereceria um mergulho minucioso por escafandristas corajosos...

Bray criticou o discurso religioso que sustentava o voluntariado e apontou para a necessidade de o Governo assumir o controle das instituições:

Os surdos ingleses, muitos dos quais, como eu, perderam a audição na juventude ou em anos posteriores, ficam indignados que sua classe, que precisa de uma educação, deve aceitá-la como um ato de caridade, ou então seus amigos serão compelidos a pagar uma quantia anual muito elevada por uma educação rudimentar, cuja soma, se eles pudessem ouvir, seria adequada para seu apoio na faculdade, ou aprender uma profissão bem remunerada. Por isso, durante anos, eles têm se mobilizado para que as escolas inglesas fiquem sob controle e inspeção do governo, que o sistema de Contribuição Voluntária seja abolido e uma lei humanitária seja aprovada, segundo a qual todas as crianças que não conseguem ouvir, supostamente, o suficiente para ocupar seu lugar em uma escola comum, deve ser mantida em seu período educacional pelo Estado (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 256, tradução nossa).

O problema das instituições de educação de surdos serem administradas por grupos privados, muitas vezes, religiosos, gerava uma situação em que a maioria dos surdos não tinha acesso à educação de que necessitam. Bray ainda mencionou que

⁸⁹ O relatório de 1889 da Comissão mostra que a mesma não tratou apenas da educação de surdos, mas também dos cegos e de pessoas com deficiências. Apesar de não conter as entrevistas e exames realizados, constitui-se como relevante documento para o estudo da educação de surdos no contexto da Inglaterra. O relatório relativo à educação de surdos consta de 48 páginas, divididas em parágrafos numerados de 267 a 620. Nas margens dos parágrafos, às vezes, ocorrem referências às pessoas que foram consultadas ou examinadas para se elaborar tal redação (Cf. GREAT BRITAIN, 1889).

o comitê teria sido assessorado em alguns momentos pelos professores Bell e Gallaudet⁹⁰. Ou seja, o embate sentido nitidamente nos Estados Unidos entre os dois educadores, parece ter se propagado também no exterior. Bell e Gallaudet, nomes que perduram nos debates e também aguardam nossas reflexões...

Bray levou para o Congresso de Chicago trechos da disputa e os diversos pareceres acerca da possível ou não administração das escolas de surdos pelo Governo. Ele recordou as recomendações emanadas da comissão:

1. As crianças entram na escola aos sete anos e continuam até ao décimo sexto ano. 2. Todas as escolas têm subsídios do governo (em dinheiro) para ensinar o sistema oral no primeiro ano. As crianças só devem aprender pelo método manual, ou sistema combinado, se elas se mostrarem mental ou fisicamente incapazes de serem beneficiadas pelo sistema oral (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 262, tradução nossa).

Bray encerrou sua apresentação fazendo alguns apontamentos muito diretos acerca da educação e dos casamentos entre surdos. Sobre a educação afirmou a necessidade de inovações no sistema educacional inglês, especificamente, no que se referia a escolas para ambos os sexos, rompendo com o esquema tradicional de internatos. Em relação aos casamentos entre surdos, criticou Graham Bell e considerou seus argumentos como hipotéticos. É inevitável rir ao pensar nos simpatizantes de Bell vendo um nome tão famoso se desfazer nos ares...

Duarte, ao tratar de biopolítica e resistência, considera um aspecto que pode ajudar-nos a compreender melhor a ênfase sobre os casamentos de surdos:

A partir do século XIX, já não importava mais *apenas* disciplinar as condutas, mas também implantar um gerenciamento planejado da vida das populações, assim, o que se produz por meio da atuação específica do biopoder não é mais apenas o indivíduo dócil e útil, mas é a própria gestão da vida do corpo social. Compreende-se por que o sexo se tornou o alvo de toda uma disputa política: ele se tornou o foco de um controle disciplinar do corpo individual, ao mesmo tempo em que está diretamente relacionado aos fenômenos de regulação das populações, conferindo um acesso do poder à vida da própria espécie. A sexualidade, tal como produzida por toda uma rede de saberes e poderes que agem sobre o corpo individual e sobre o corpo social, isto é, o sexo como produto do dispositivo da sexualidade, será então a chave para análise e para a produção da individualidade e da coletividade (DUARTE, 2008, p. 49).

⁹⁰ As reflexões de Graham Bell e Gallaudet foram sistematizadas em um volume específico, publicado em 1892, demonstrando, sem dúvida, o grau de importância dado ao parecer elaborado por eles. **Education of deaf children:** evidence of Edward Miner Gallaudet and Alexander Graham Bell, presented to the Royal Commission of the United Kingdom of the condition of the blind, the deaf and dumb etc, accompanying papers, postscripts, and a index. A obra está dividida em três partes: I - Argumentos de Gallaudet; II - Argumentos de Graham Bell; III - Postscripts (GORDON, 1892).

4.5.2.8 O termo "caridade" aplicado às nossas escolas e outros preconceitos relacionados aos surdos

Olof Hanson⁹¹ (1862-1933), considerado o primeiro arquiteto surdo, tratou de uma questão histórica que era a associação da educação de surdos à ideia de caridade. Isso já se explicitava no antigo nome dado às escolas de surdos que era "asilo". Hanson fez uma retrospectiva do termo, posteriormente substituído por "instituição"; fato que não impediu que se popularizasse a ideia de caridade. Hanson entendia que isso se dava em função de algumas razões:

A primeira e mais importante razão, acredito ser fundada em um espírito generoso da mente do público. Ao ver um surdo pela primeira vez, o sentimento natural é de pena, e as pessoas pouco familiarizadas com os surdos pensam que eles precisam de ajuda e, portanto, que a conseguem. O conjunto de surdos por eles mesmos em grandes escolas dá cor a essa crença, pois para o observador casual eles guardam uma certa semelhança com asilos de loucos, aos quais provavelmente estão associados na mente do público (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 268, tradução nossa).

Romper com a ideia de caridade, questão que voltou na Seção dos Ouvintes do Congresso Internacional de Paris (1900), seria romper também como uma perspectiva que valorizava o aspecto da doença e sua aproximação com outras deficiências. No âmbito da normalização, o corpo é esse objeto a ser perscrutado e que para ser produtivo necessitava ser saudável:

[...] em uma época em que o capitalismo industrial começava a recensear suas necessidades de mão-de-obra, a doença tomou uma dimensão social: a manutenção da cura, a assistência aos doentes pobres, a pesquisa das causas e dos focos patogênicos tornaram-se um encargo coletivo que o Estado devia, por um lado, assumir e, por outro, supervisionar. Daí resulta a valorização do corpo como instrumento de trabalho, o cuidado de racionalizar a medicina pelo modelo das outras ciências, os esforços para manter o nível de saúde de uma população, o cuidado com a terapêutica, a manutenção de seus efeitos, o registro dos fenômenos de longa duração (FOUCAULT, 2000a, p. 183-184).

O sentimento de pena lembrado por Hanson e, muito facilmente, ampliado devido à costumeira administração religiosa dos institutos evocava o principal problema vivido pelos surdos:

Sem educação, os surdos, de fato, são dependentes e dignos de pena. Aqueles que estão empenhados em sua educação, e especialmente aqueles cujo dever é obter fundos para continuar o trabalho, podem frequentemente achar necessário ou aconselhável apelar ao espírito de caridade de nossos

⁹¹ Hanson tornou-se surdo aos 11 anos, primeiro de um dos ouvidos e, posteriormente, do outro. Ativista, defensor dos direitos civis dos surdos. Atuou como arquiteto. Cf. <https://gallaudet.edu/museum/history/olof-hanson-visionary-leader-april-2014/>.

legisladores a fim de atingir seus objetivos. A ideia de caridade assim invocada em favor dos surdos não-educados tende a permanecer na mente do público associada aos surdos, mesmo depois de terem recebido sua educação (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 268, tradução nossa).

Reconhecer que o que era realizado para os surdos não poderia se confundir com caridade foi um passo decisivo. Popularizar essa ideia seria desenvolver uma ação que auxiliasse as pessoas, em sua maioria, que desconheciam a realidade dos surdos a compreender que aqueles sujeitos eram tão capazes quanto os falantes e não se confundiam com pessoas adoecidas ou necessitadas de tratamento. Como é difícil romper com alguns preconceitos...

Mas estamos falando de instituições de sequestro:

De maneira muito detalhada, ele [Foucault] nos mostra que principalmente no âmbito de algumas instituições – a que ele chama de instituições de seqüestro, como a prisão, a escola, o hospital, o quartel, o asilo – passa-se dos suplícios, como castigos e violências corporais, para o disciplinamento que cria corpos dóceis (VEIGA-NETO, 2007, p. 77).

Ainda retomando as razões da situação sofrida pelos surdos, Hanson recordou que também a barreira linguística influenciava⁹². Para Hanson, a questão de romper com a lógica da caridade passaria também pela possibilidade de se evidenciar pela linguagem e outros aspectos a capacidade e cultura dos surdos. Hanson demonstrou que havia uma exclusão de surdos altamente inteligentes em função de uma barreira que poderia ser transposta (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). O preceito da caridade focava, certamente, muito sobre a formação do caráter do surdo, nem sempre atentando para suas aptidões intelectuais e fomentando o acesso à uma continuidade dos estudos. E quão poucos surdos conseguem espaços em nossas universidades...

4.6 Quando chega a hora de deliberar

Ao final do evento os congressistas acolheram o surdo Edmond Booth (1810-1905), ex-aluno de Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) e Louis Marie Laurent

⁹² Hanson ainda critica a lexicografia que, facilmente, ao definir os asilos refere-se aos surdos. Inclusive, nos índices de sistematização destinado às bibliotecas também havia uma associação entre surdos e outros grupos com os quais Hanson considera a necessidade de se romper com a mentalidade caritativa: “Sob o comando de Associações e Instituições, a ordem é a seguinte: 362.2 Insano, .3 Idiota, .4 Cego, Surdo, Mudo, .5 Indigentes, etc; Sob o comando de educação de classes especiais, os surdos são mencionados, mas com referência cruzada à palavra asilo. Como esta obra está se generalizando nas bibliotecas, deve-se fazer um esforço para que essa classificação injusta seja corrigida” (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 269, tradução nossa).

Clerc (1785-1869). Ali, diante daqueles surdos de diversas partes do mundo, não estava apenas o primeiro presidente da Associação Nacional de Surdos dos Estados Unidos, mas sim um surdo de 83 anos como exigência de uma fidelidade a um passado. Esse gesto, certamente, comoveu a muitos e demonstrava o vínculo entre gerações de surdos que, pelos sinais ou, ao menos pela presença deles no sistema combinado, haviam sido educadas e tinham uma compreensão crítica da realidade. Há uma história que une esses homens e mulheres surdos...

Veditz retomou a questão das deliberações, elaborando-as assim:

Considerando que, houve frequentes expressões de opinião no Congresso Mundial da Surdo, reunido em Chicago, de 18 a 22 de julho de 1893, pelos representantes surdos-mudos americanos e europeus, quanto ao valor comparativo dos vários métodos de instrução de surdos; e considerando que, estes oradores, representando todos os métodos de instrução observados nas escolas americanas e europeias, são praticamente unânimes em sua condenação do uso exclusivo de qualquer método, e do método oral puro, em particular; portanto, seja resolvido: Que é o sentimento deste Congresso Mundial de Surdos que o sistema combinado, dando igual reconhecimento aos métodos manual e oral, é o único sistema de ensino que atende a todas as condições e propósitos e melhor responde à máxima de ouro, “O maior bem para o maior número”; e seja posteriormente resolvido, que de acordo com este sentimento, a adoção do sistema combinado seja seriamente recomendada a todas as escolas para surdos onde ainda não seja observado (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 276-277, tradução nossa).

Na versão de Gaillard temos algumas alterações:

O Congresso Internacional de Surdos-Mudos de Chicago; considerando, que a obra de emancipação dos surdo-mudos, iniciada pelos ouvintes-falantes, possa, dado o progresso do mundo surdo-mudo, ser completada e acabada pelos próprios surdos-mudos; emite os seguintes votos: 1°. Que cada nação reconheça para seus Surdos-Mudos o direito cuidar dos outros Surdos-Mudos, seus companheiros; 2°. Que para tornar esta lei mais eficaz, seja instituída em cada Estado uma Comissão Nacional para Surdos-Mudos sendo composta por surdos-mudos eleitos por seus irmãos, enquanto metade dos ouvintes-falantes seria escolhida pela administração superior. O Congresso também encoraja os Surdos-Mudos das diferentes nações a oferecer naturalmente ajuda e assistência para obter êxito recíproco em suas principais demandas, e isso por intermédio da imprensa silenciosa de cada país e de suas principais associações ou comitês (GAILLARD, 1894, p. 162-163, tradução nossa).

Após vermos a riqueza dos debates, a deliberação final parece algo tão simples, tão conciso. Contudo, nela reside uma força dessa comunidade surda que, organizada, vota unanimemente a favor do sistema combinado. As atas mencionam mais uma vez que eram 1500 surdos, não deixando dúvidas diante do que se preconizava. Fox, Hanson e McGregor registram (1893, p. 277, tradução nossa) “O tempo vai provar o valor do trabalho deste Congresso”, frase do presidente do evento

que nos coloca respeitosamente diante desse texto e seus atravessamentos. O tempo vem nos provocar...

Cantin observa que Chicago foi uma força motriz para um temporário apaziguamento dos conflitos entre as associações de surdos na França:

Esta é uma formalização de uma rede internacional de Surdos, a fim de permitir que os Surdos se estruturassem e se apoiassem uns aos outros. Trata-se, portanto, de uma espécie de Internacional Surda que é a principal consequência do congresso de Chicago, que sobretudo dá o impulso necessário para que os surdos franceses possam finalmente se unir. Assim, o congresso de Chicago, longe de ter um certo impacto na questão da educação, representou uma terapia de choque para os delegados franceses que se conscientizaram de seu atraso e da necessidade de fazer esforços para corrigir a situação (CANTIN, 2014, p. 208, tradução nossa).

4.7 Um banquete e um piquenique: comensalidades surdas

O “Novo Mundo” pode sempre surpreender. Os surdos europeus estavam acostumados com os grandiosos banquetes, herança deixada por Berthier e assimilada pelo Congresso de Paris (1889). O banquete foi oferecido na Loja Maçônica para um público de 375 surdos e alguns ouvintes. Dentre este último grupo destacam-se as presenças de Edward Gallaudet, Thomas Gallaudet, Graham Bell, Peet, Gilioli, Clarke (GAILLARD, 1894). Então, falantes, surdos e com Graham Bell junto...

Nosso relator francês elogiou a suntuosidade do salão maçônico, das roupas dos participantes, mas criticou o *menu*. “Os pratos eram execráveis, embora alguns tivessem nomes queridos dos surdos-mudos; assim: Consomme de l'Abbé de l'Épée, Sweet Breads à la Gallaudet, Filet of beef à la Clerc. E, durante a refeição, bebemos água gelada, sem nada a mais” (GALLAUDET, 1894, p. 111, tradução nossa). Apesar da rejeição de Gaillard, uma leitura do cardápio⁹³ servido deixa-nos a salivar, se não pelas comidas, pelas presenças. Criticou ainda o fato de que a tradicional espontaneidade dos brindes cedeu lugar a convites prévios com objetivos determinados a serem proclamados nas felicitações. Entretanto, isso não impediu que

⁹³ Little Neck Clams. Consomme De L'Epee. Olives. Celery. Salted Almonds. Baked White Fish. Bechamel Sauce. Potato Croquettes. Sweet Breads a la Gallaudet. Asparagus. Kendall Green Sauce. Fillet of Beef a la Clerc. Mushrooms. World's Congress Punch. Broiled Spring Chicken Toast. French Peas. Lobster Salad a la British Empire. Parisienne Ice Cream. Assorted Cakes. Cheese. Bent's Crackers. Coffee (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893, p. 107).

essa reunião fosse encerrada pela manhã com ovações ao sistema combinado (FOX; HANSON; MCGREGOR, 1893). Afinal, água gelada, talvez, não combinasse com o solene verbo brindar, mas as causas em questão e os companheiros de mesa poderiam verter a água em vinho...

A quarta-feira, 19 de julho, foi marcada pelo piquenique. Mais uma excrescência aos olhos europeus. Gaillard não escondeu seu espanto diante da convocação para os congressistas se dirigirem à estação de trem Wisconsin rail-road e o encontro com uma multidão de surdos em trajes *country*. Gaillard percebeu que os surdos oralizados interagem mais com os falantes, e que os surdos não oralizados tinham mais dificuldades em se comunicar com os funcionários por falta de papel e lápis (GAILLARD, 1894). A viagem de trem até o lugar do piquenique permitiu diálogos entre os surdos que ocupavam oito vagões, levando Gaillard a concluir que os surdos americanos estavam em melhor situação que os franceses (GAILLARD, 1894). No Clybourn Park os mil surdos tiveram uma festa alegre, popular, com direito a lanches e prática de esportes. Esse trem de surdos cuja locomotiva não para de fazer a terra trepidar...

4.8 Para arriscar entrar noutra sala

Em algum momento, antes de iniciar a escrita sobre este congresso, pensei que o que escrevera na dissertação (RODRIGUES, 2018) já era o suficiente. Qual não foi minha surpresa quando senti-me arrebatado pelo relatório de Fox, Hanson e McGregor! Espero que neste grande salão que edifiquei acerca de Chicago estejam, minimamente, as marcas dos 1500 surdos, seus cochichos, trocas de olhares, sinalizações, verbalizações. E, não devo mentir, minha imaginação compôs os sotaques, os tons guturais dos surdos que fizeram leituras. Minha imaginação também viajou nos sinais e nos sons por eles emitidos ao se ter uma multidão de surdos reunida. Chicago foi, para mim, um texto muito pouco silencioso... foi um texto ruidoso, rumoroso, barulhento, lembrando-me “sirís na lata”...

Chicago fez-me perceber a educação como esse movimento que exige escavação e que, sem se afirmar a panaceia para todos os males, se mostra presente desde as questões mais diversas. E foi assim que pude contemplar uma educação

que impactava na vida social dos surdos, na sua empregabilidade, na sua saúde, na sua vida matrimonial e constituição de família, na disputa complexa de métodos, nas diversas formas de resistência que ali se apresentaram, nos trabalhos missionários, nos anseios mais diversos. “Umide(s)ci” com Chicago a ponto de perceber o quanto também essa educação de surdos pode “enlodar-me” ou transbordar-se e, assim, renovar-se num movimento que terá sempre as marcas desse barro que nos compõe. Somos feitos de terra...

A questão da formação industrial parece-me dar nova tônica às discussões sobre educação. O mundo em transformação exigia outra forma de se pensar a formação dos surdos. Entretanto, mesmo para um mundo industrializado e com ênfase no “treinamento manual”, os sinais permaneciam como aposta dos surdos para sua formação elementar que daria suporte a outros graus de conhecimento. A cada tempo há que se pensar os modos de educar, sempre conservando aquilo que assegura a integralidade da educação. Os surdos nos apontaram este caminho...

Chicago é um encontro ímpar para a comunidade surda, desvelando uma força dos surdos americanos que, naquele exato momento, parece-me ter servido como suporte para as lutas dos surdos europeus. Esse admirável intercâmbio de forças que é capaz de fazer a todos repensar posições, redefinir seus desejos, arriscar-se novamente. O sistema combinado foi a grande conquista proposta por Chicago. Talvez se depositasse nele uma esperança bastante idealizada, mas foi assumido como uma forma de resistência ao método oral que, como agora, parece — compreendemos — nunca foi tão “puro”. Afinal, ao lidar com os surdos que se nos apresentam, sempre os métodos serão mistos...

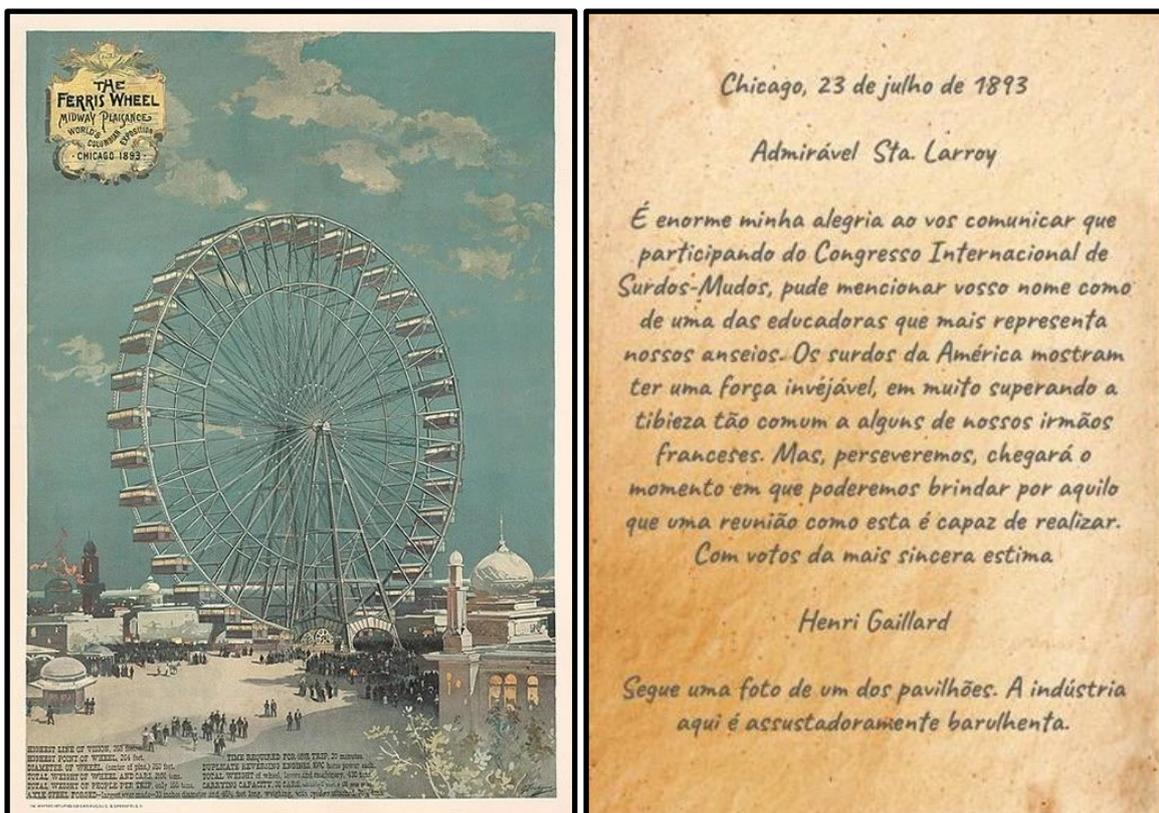
Chicago foi ocasião de fazer o mundo dos surdos ganhar visibilidade para além da América. Ou, quem sabe, ocasião dos surdos do “Velho Continente” experimentarem certo frescor e jovialidade, por vezes, desconcertantes. Uma América que promove piqueniques e nos convida a partilhar um lanche. Uma América que, com seu calor exige água gelada para refrescar os corpos e, talvez, apaziguar ânimos. Para nós que lemos o Congresso no nosso hoje, esse mundo novo de surdos que se apresenta, para além das estrelas já tão conhecidas, faz-nos pensar nesse tempo desde um horizonte mais luminoso, apesar de todas as agruras que possam ter experimentado. E há certo regozijo em mim...

À medida em que me maravilhava com algumas narrativas e que as selecionava para compor essa história que criei, ocorria-me que, possivelmente, aquilo que de melhor eu poderia fazer era trazer peças para colocar sobre a mesa, como os retalhos que fui apresentando. Procurei costurá-los e, algumas vezes, desesperava-me e temia que essa colcha ficasse gigantesca. Sei que ficou “ex-tensa”. Porém, acredito que no esforço de traduzir tantos fragmentos encontra-se também uma maneira muito minha de devolver a uma comunidade surda um texto que nasceu no seu seio. Recebam, pois, Chicago como esse presente de um passado que pode interpelar nossas discussões com questões que explodem no céu e implodem nossas tendências a veredictos. Chicago é vosso...

Foi ao lidar com a trama de Chicago que acabei “de(s)cidindo” restringir meu arquivo. O vi crescer, extravasar para além do que os vasos acadêmicos permitiriam. Esse evento que me aguardava...

Havia um pequeno buraco na soleira da porta. Cogitei a possibilidade de cobri-lo, mas um ímpeto, levou-me a cavar numa fúria jamais vista. Mas não saía terra daquele buraco. Quanto mais eu mexia e escavava, parecia que eu me escamava em papéis e dali surgiam folhas e mais folhas, como se um redemoinho as tivesse espalhado num jato. E centenas de milhares de folhas, desde tempos imemoriais, foram-me envolvendo. E sou por elas acariciado e não quero com elas fazer acareação, pois não me sinto dono da verdade. Elas penetram meu corpo numa clara resposta às penetrações que fiz e faço sobre suas irmãs. E como numa orquestrada rebelião sou abatido por esse “folhaval” que me envolve num casulo, mas conserva meu coração larvar. Elas que com suas palavras me lustram e ilustram; elas que com suas palavras me fizeram falante e falhante; elas que com suas lacunas me fazem lavar, larvar e, até mesmo, lavar as terras dos arquivos. Por fim, elas se acalmam e eu posso prosseguir naquele limiar. Mas, antes de sair, detenho-me numa imensa roda gigante, apesar de sentir-me eu mesmo dentro de uma...

Figura 11: Postal da Exposição Universal de Chicago adaptado



Fonte: <https://flaviogimenes.wordpress.com/2013/07/13/feira-mundial-de-chicago-de-1893/>. Criação pessoal.

Figura 12: Foto do pavilhão industrial da Exposição Universal de Chicago



Fonte: <https://gizmodo.uol.com.br/feira-mundial-1893/>

Genebra, 12 de dezembro de 1895

Caríssimo irmão Henri Denis

Desejo encontrar-vos com saúde e unido aos demais irmãos dessa admirável Associação Os co-irmãos da Suíça, temos assiduamente tratado da necessidade de realizarmos um congresso internacional de surdos-mudos. Sabemos que somos poucos, mas nosso ânimo é imensamente superior ao nosso número.

Em nossos diálogos concluímos que necessitados da ajuda daqueles que se tomaram especialistas nesta arte dos congressos. Como no próximo ano, no período de maio a outubro teremos a Exposição Nacional de Genebra, será para nós, mais que um orgulho, e sim um ato de fortalecimento podermos ter uma grande reunião de surdos-mudos.

Gostaríamos de contar com vosso apoio para que o brilhante Henri Gaillard nos auxilie na elaboração do programa e, desde já, vos convidamos para ser o presidente honorário de nosso encontro. Consideramos que será inevitável tratarmos do método misto ou combinado como alguns o denominam. Aliás, escrevendo desde a Suíça, país de quatro línguas poderia até mesmo brincar com os nomes atribuídos ao método que faz juz à memória do Abade de l'Épée e funde formidavelmente os sinais à fala sem a nenhum desprezar.

Na certeza de que o bem maior dessa irmandade vos moverá em nosso auxílio, despeço-me respeitosamente

Jules Salzgeber

CAPÍTULO 5

CONGRESSO INTERNACIONAL DE SURDOS-MUDOS

GENEBRA - 1896

Por que sempre desejamos os favores das luzes? Confesso minha predileção pela penumbra, pelo lusco-fusco do fim das tardes, por essa obscuridade dos porões. É ela que me faz tatear, perceber o mundo desde outras reentrâncias. Retiro meus óculos; aqui de nada servem. Entro neste cômodo sentindo a mudança de ares. Num espaço da precisão, da exatidão, da mecânica milimetricamente cronometrada e engrenada. Os porões da República Helvética me falam de uma diplomacia ou, quem sabe, de um medo de entrar em conflitos. Há na sala uma grande cadeira e sinto-me aliviado por saber que poderei descansar minhas pernas enquanto leio. Ficou para trás aquela turba, e considero que gozarei de minha própria companhia. Em meio a tantas coisas acumuladas, encontro o que desejo. Sou sempre guiado pelo desejo. Tomo aquele pequeno livreto e dirijo-me para a cadeira de madeira. Uma de suas pernas está parcialmente estraçalhada. Certamente, resultado de alguma violência, recordando-me tantos mutilados pelas guerras ou sequelas deixadas por outros abusos humanos. Apoio minhas mãos no seu encosto e testo se seria possível ficar ali. Sim! Aquela cadeira, apesar de três pernas, poderia me sustentar para “en-levar-me”...

*No final, a única pátria real, o único chão sobre o qual se pode andar, a única casa onde podemos nos deter e nos abrigar é a língua, aquela que aprendemos desde a infância. Tratou-se para mim, então, de reanimar essa língua, de construir para mim uma espécie de casinha da linguagem da qual eu seria dono e conheceria cada cantinho. Acho que foi isso que me deu vontade de escrever
(FOUCAULT, 2016b, p. 39).*

*Mas é necessário ir procurar o "perigo" fora do perigo de escrever, do perigo de exprimir? O poeta não põe a língua em perigo? Não profere a palavra perigosa? À força de ser o eco de dramas íntimos, a poesia não terá recebido a tonalidade pura do dramático? Viver, viver verdadeiramente uma imagem poética, é conhecer, em cada uma de suas pequenas fibras, um devir do ser que é uma consciência da inquietação do ser
(BACHELARD, 2003, p. 341).*

5.1 Para além da França

Um Congresso em Genebra seria uma retomada dos surdos europeus? No período de 19 a 21 de agosto de 1896, na cidade suíça de Genebra, foi realizado o Congresso Internacional de Surdos-mudos. Terceiro evento com a marca da

internacionalidade surda. Organizado pelos surdos suíços com apoio dos franceses, o congresso foi ocasião de debates de temas já, aparentemente, desgastados nos eventos anteriores, mas também espaço para novidades. Se Chicago dava os indicativos de um movimento surdo com atuação internacional não mais centrada na França, o Congresso Internacional de Genebra parece confirmar esse propósito. Acompanhemos esses desdobramentos que geram infinitas outras dobras com vincos que nos fazem voltar sobre nós...

5.2 O documento: um texto com marcas surdas

Ao lidar com estes documentos do passado, vai-se também aprendendo com o próprio manuseio. É o fazer pesquisa, o estar em pesquisa, que, para além dos aportes metodológicos, define o rumo do que é pesquisado. Planeja-se, não há dúvidas, mas os próprios documentos projetam-nos noutras direções; fazem-nos aprender que nas linhas que lemos — que vamos criando como história na atualidade — delinea-se também uma orientação do que deveria ser feito no processo. Esses documentos “de-terminam” muitas de minhas intencionalidades. E sinto aquilo que Albuquerque Júnior comenta:

O historiador é aquele que, através de sua pesquisa, de sua escrita, simula uma saída de seu tempo, é aquele que pode olhar para o presente a partir desse lugar de fora que é o passado. A história nos permitiria olhar com distanciamento, lançar um olhar perspectivo e relativizador, desnaturalizador em relação a nosso próprio presente, com seus valores hábitos e formas de pensar, normas e verdades (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 68).

Gaillard, nosso conhecido surdo francês, é mais uma vez o relator. Conforme vimos, bastante claramente, no caso do Congresso de Chicago, Gaillard é um artesão que junta as peças do evento, sejam elas discursos, memórias apresentadas, debates, visitas, momentos religiosos, banquetes, etc a partir de suas lógicas, de seus desejos. Vi-me aqui, neste ato de “d-escrever” uma história com as peças que ele nos legou, como um outro Gaillard a exercitar-se sobre o passado...

E falar do relator é falar também do documento, pois todo texto herda, benigna e miseramente, as digitais paternas e maternas de quem se dispôs a colocar as mãos sobre os papéis. Esses papéis que o tempo se encarregou de envelhecer, amarelar, corroer — e agora na frieza insípida das telas — gerando uma história que não existe

em nenhum lugar, mas que de dentro de nós brota como um passado. O documento carrega o seu relator, o “ex-põe”, até mesmo o ridiculariza ao revelar seus limites, suas incompreensões, suas manias que ali se deixam trair na escrita. O que o texto mostra é tão somente o que meus limites como leitor permitem que eu veja. Assim, o texto não evidencia, mas, mais que isso, ele sugere que minha “e-vidência” é limitada, parcial, contextualizada, cegada por inúmeros fatores. Ao ler o texto, então, não há nada “e-vidente”, mas sim “a-vidente”...

O documento que tomamos para nossa recriação do Congresso de Genebra é um texto publicado no ano de 1898. O texto com o qual trabalho já é uma recriação do evento e, ora, disponho-me a lê-lo, ouvi-lo, mas, sobretudo, picá-lo, fatiá-lo, para depois juntar dos cacos que o transformei numa outra peça, quiçá um mosaico, que fala sobre o Congresso de Genebra. Também sou artífice...

Tenho “em mãos/diante dos olhos” o documento em duas versões. Uma é a edição de 1898, digitalizada e disponibilizada pela *gallica.bnf*. Uma cópia que me permite sentir, apesar de não poder tocar o papel, as ranhuras das folhas, o desgaste do tempo, os pequenos sinais de sujidade, a ação corrosiva do cronos nas margens amassadas e se decompondo. A outra cópia é o texto redigitado pela equipe das *Editions du Fox*. Os dois textos não se diferem, não se contradizem, não criam chispas ou rugas ao serem aproximados. Optei por fazer as citações da versão de 1898, fazendo sempre as devidas conferências. Justifica essa decisão o desejo de estar “tocando” naquela fonte. Efeitos de uma relação com a fac-símile, possivelmente, distintos caso pudesse ter esses documentos físicos entre as mãos...

Gaillard nos deu um indicativo precioso acerca da publicação do relatório do Congresso de Genebra:

O destino de todos os relatórios do Congresso é nunca aparecer com a rapidez necessária. Em primeiro lugar, é preciso coordenar memórias, analisar discussões, traduzir obras estrangeiras, podar o desnecessário. Isso é dito para os Congressos de ouvintes-falantes. Ainda mais deve ser para os Congressos de Surdos-Mudos. As brochuras relatando o trabalho dos dois Congressos Internacionais de Surdos-Mudos em Paris (1889) e Chicago (1893) não puderam ser publicadas até mais de um ano após sua sessão. Foi o que aconteceu com o Congresso de Genebra, e muito mais que para os outros (GAILLARD, 1898, p. XII, tradução nossa)

Gaillard, ao falar de seu trabalho de relator, colocou-nos em contato com seu ofício, com a maneira como quis que se registrasse sua forma de agir. Falou dos

esforços necessários, mostrando que o texto publicado é uma outra obra além do congresso vivenciado. E com toda a sua liberdade mencionou o “podar o desnecessário”...

Mas era preciso dar as razões para um atraso de, praticamente, dois anos para a publicação:

É preciso dizer que isso é culpa da Imprimerie de Sourds-Muets. Os membros do Comitê do Congresso de Genebra, por um sentimento de fraternidade que os honra, queriam que o resumo de seu trabalho fosse impresso por trabalhadores surdos-mudos. Eles queriam dar trabalho aos irmãos. Eles queriam apoiar uma obra de emancipação dos surdos-mudos. Eles entenderam que o sucesso da Imprensa Silenciosa dependia do progresso do mundo silencioso. Nisso, eles tinham como objetivo o futuro. Eles estão de parabéns e agradecemos (GAILLARD, 1898, p. XII, tradução nossa).

Assim, o documento com o qual lidamos é também obra manual de um grupo de surdos, sendo sua impressão um ato mesmo de valorização do trabalho dos “irmãos de infortúnio”, um sistema de colaboração entre surdos que, baseado na imprensa, buscava assegurar condições dignas de vida aos surdos tipógrafos, encadernadores e/ou com funções afins. Uma economia solidária...

Entretanto, o intento mostrou-se mal sucedido, pois a *Imprimerie de Sourds-Muets* não estava ainda em condições de assumir tal tarefa: material de baixa qualidade, maquinário antiquado, demandas de ouvintes para publicações pagas mais interessantes. Tudo isso contribuiu para que se gastasse mais tempo que o esperado para consecução do projeto (GAILLARD, 1898). E, talvez, nos manuscritos as palavras implorassem para migrar para os tipos, chapas, e, após serem lambuzadas nas tintas, serem, derradeiramente, prensadas no papel. As palavras também têm desejos...

Para Gaillard, o Congresso de Genebra, apesar de organizado às pressas sob a orientação de Salzgeber e Ricca, teria tamanha pujança que considerava que “no dia seguinte do triunfo da Causa Silenciosa, o Congresso de Genebra terá sua bela participação na glória da vitória” (GAILLARD, 1898, p. XII, tradução nossa). Um texto pode ainda carregar em seu seio a força de um evento, reverberando alhures, em tempos e espaços outros. Vigor que sequer aqueles participantes captaram...

Ao ler os textos de Genebra, em vários momentos tive a impressão de que o francês utilizado contivesse problemas, o que tornou lenta a leitura de um texto tão

curto. A princípio pensei que pudesse ser alguma corruptela suíça; depois, que fosse alguma questão de época, mas compartilho da observação de Marc Renard: “Veremos que os discursos assinados são transcritos um pouco erroneamente, mas são a prova de surdos autênticos” (GAILLARD, 1898 [200?], s.p., tradução nossa). Uma escrita com marcas surdas...

Gaillard, que trabalhava com imprensa, afirma que os principais jornais dedicaram-se a retratar o evento de Genebra, reconhecendo a utilidade daquela reunião por ocasião da Exposição Nacional⁹⁴. Uma matéria do *Journal de Genève* é transcrita na íntegra por Gaillard. Após se mencionar a surpresa que foi ver surdos se comunicando em sinais durante o evento, o texto diz:

Mas devemos acreditar que os próprios interessados consideram esta palavra, que não podem ouvir, como uma língua morta, dificilmente aprendida, nunca conhecida, enquanto o sinal, o gesto, é para eles uma linguagem viva que traduz sem esforço todos os seus pensamentos e sentimentos e os coloca em contato com seus companheiros e outros surdos-mudos. E talvez percebam que a prática da linguagem artificial prejudica a da linguagem natural e que a conversa com os falantes não é interessante àqueles que falam com seus colegas de infortúnio (GAILLARD, 1898, p. XIII, tradução nossa).

O articulista menciona que, para os falantes, tinha-se a impressão de que o melhor método de educação para os surdos seria o que os fizesse falar, todavia, ressaltando o status do evento: “Mas se eles julgam de outra forma, não é desde o nosso ponto de vista, é desde o deles que devemos nos colocar. Não ficaríamos surpresos se este Congresso de Genebra marcasse a data de um novo progresso na educação de surdos-mudos” (GAILLARD, 1898, p. XIII, tradução nossa). Os jornais permanecem como rico acervo a ser analisado...

Ainda sobre a repercussão nos jornais, Gaillard menciona outra notícia. Essa por parte de um jornal italiano, publicado por professores de surdos, o qual sugeria que a atenção dada pelos noticiários ao congresso era mero sensacionalismo:

Se houvesse alguém que soubesse e quisesse raciocinar, pediríamos que corrigisse essa forma tão estranha de dar sinais de gratidão aos seus benfeitores, não por sua competência em resolver problemas que empalidecem os mais eruditos; mas como explicar que diante dessa instrução por gestos mil vezes mais fácil e menos cansativa, nós nos colocamos nesse outro método ingrato e doloroso, que nos desgasta física e intelectualmente!... Mas é tempo perdido. Procuremos, Colegas, não nos

⁹⁴ O catálogo da exposição encontra-se disponível: <https://core.ac.uk/download/pdf/20655638.pdf>. Há um vídeo com seleção de fotos da Exposição Nacional de Genebra (1896): <https://notrehistoire.ch/entries/1bBkjpd9Y3E>

deixar distrair por aqueles que gostariam de nos fazer arrepender de trabalhar demais por sua infeliz classe. “Ao dever!!!” (GAILLARD, 1898, p. XIII-XIV, tradução nossa).

Esse trecho citado por Gaillard demonstra ainda que havia por parte dos defensores do método oral certo rancor diante da iniciativa dos surdos, considerando-a sinal de ingratidão perante tantos “sacrifícios” realizados no intuito de fazê-los falar. O fato de exagerar nas dificuldades do método, comparando sua complexidade com a “facilidade dos sinais” também se justifica pela formação que era exigida dos professores. Recorde-se que existiam associações e cursos destinados a formar os professores conforme o método oral puro⁹⁵. “A escola - enquanto aparelho de transmissão de saberes - disciplina para a formação; enquanto conformadora de atitudes, percepções, esquemas de resposta, a escolas também disciplinam para normalizar” (VEIGA-NETO, 1995, p. 39-40). Forma-se e “de-forma-se” o professor para que, posteriormente, ele repita esse ato tendo o surdo à sua frente como pessoa a ser formada e “de-formada”, “con-formada”, “re-formada”, “trans-formada” e até “trans-tornada”...

O texto italiano, possivelmente, era atribuído a Fornari e seus companheiros, como se depreende da página seguinte quando Gaillard convocou os surdos a desfraldar a bandeira de l'Épée:

“Ao dever!” você diz, Fornari, Molfino, Renz, Mygind e muitos outros! *Sim, irmãos, ao dever! Para a bandeira! À bandeira do Abade de l'Épée! Vamos levantá-la, alto e firme, suas dobras amplamente abertas diante de nossos adversários; golpeie com impulso e habilidade; não nos cansemos de agradecer e proclamar que somos homens, tendo o direito dos homens de cuidar dos seus semelhantes! E é no dia em que tivermos chegado a esta vitória suprema, que o espírito do Abade de l'Épée estremecerá de alegria, é nesse dia que teremos prestado à sua querida memória a mais brilhante homenagem* (GAILLARD, 1898, p. XV, tradução nossa).

Mas Gaillard sabia que seus opositores não estariam somente em território italiano. Muitos surdos franceses também compartilhavam do pensamento de que a melhor forma de se educar os surdos era oralizá-los. Gaillard argumentou que cabia aos surdos, como cidadãos de direitos, discutir o que era melhor para si. A reação dos

⁹⁵ Sobre os cursos de formação, convém salientar que antes do Congresso de Milão já existiam iniciativas que se destinavam à formação de professores segundo a proposta de articulação como se pode ver no caso da oferta de cursos pela *Société Jacob Rodrigues Pereire* (1877). No Boletim Nº1 (1877, p. 23) dessa sociedade é mencionado que os concluintes eram avaliados por provas oral e escrita, além de uma prova prática e assumiam o compromisso de ensinar segundo o método criado por Pereire. Além da titulação recebida, os concluintes poderiam também ser beneficiados com prêmios em espécie.

professores oralistas seria coerente com o desejo de continuar relegando os surdos a uma condição inferior, degradante e desprezível:

E é por isso que se indignam com a nossa vontade de sermos nós mesmos, é por isso que tentam todos os meios para nos humilhar, para nos degradar, para nos ridicularizar. Eles sabem muito bem que somos um povo à parte, que, moral e intelectualmente emancipado, e com pretensão de se emancipar materialmente. Eles sabem muito bem que estamos dentro de nossos direitos, em nossa consciência de nós mesmos quando discutimos nossos interesses, quando demonstramos que quem se arroga o direito de falar de nós, de lidar com os métodos de nos educar, está no caminho errado, e que somente nós, tendo chegado ao sol da inteligência, temos a autoridade e o raciocínio para saber o que precisamos, o que nos falta, o que erramos em nos oferecer e o que teríamos feito melhor para nos oferecer (GAILLARD, 1898, p. XIV-XV, tradução nossa).

A introdução feita por Gaillard nos permite considerar o clima beligerante em que o documento seria publicado. Também nos dá indicativos de que o Congresso de Genebra dedicou-se novamente a uma questão que parecia ter sido discutida em Chicago. Noutro território, com outro público, parece que a batalha foi reiniciada...

5.3 Os participantes: novos desconhecidos

Gaillard nos deu uma lista dos participantes e, mais uma vez, reconhecemos como este elemento nos faz mergulhar em inúmeras conjecturas acerca daquelas pessoas com as quais agora convivo tendo apenas um nome registrado. Antes de apresentar a composição do congresso, Gaillard teceu comentários — e com ele me deleito. Gaillard sabia que sua lista era imprecisa. Todavia, não seria ele o culpado por isso. “Difícilmente nos é possível fixar o número exato de delegados, um controle sério não foi organizado na porta. Podemos estimá-los em quase 180 no último dia. No primeiro dia, eram apenas 50. Entre eles muitos ouvintes” (GAILLARD, 1898, p. 22, tradução nossa). É meu espaço de antecâmara ou, se quiser, a conversa de bastidor ou camarim...

Parece ter sido um evento que crescia em participação com o passar dos dias, poucos dias. A explicitação de que havia muitos ouvintes deixa-nos a especular, por mais que sejam apresentados como participantes na qualidade de “público” que assistiu ao congresso: Quem eram esses ouvintes? Os nomes foram registrados! O que partilhavam com os surdos? Quais seus interesses no evento? A mera lista de

nomes nos faz ver os falantes por perto dos surdos. Uma parceria herdada do passado, mas aqui não arriscamos nenhuma certeza...

A lista de Gaillard não tem as atribuições dos participantes, apenas seus nomes agrupados por países e reagrupados internamente por cidades que representavam. Ao final da lista de surdos, Gaillard nos apresenta a lista de ouvintes-falantes. A partir dela temos, pois, o seguinte quadro:

Quadro 8: Participantes do Congresso de Genebra - 1896

País	Número de participantes
Suíça	69 (62 homens e 07 mulheres)
França	62 (53 homens e 09 mulheres)
Alemanha	07 (homens)
Itália	05 (homens)
Suécia	02 (um casal)
Áustria	01 (homem)
Total de surdos	146 (139 surdos e 17 surdas)
Ouvintes-falantes	20 (08 homens e 12 mulheres)
Total de congressistas	166 (147 homens e 29 mulheres)

Fonte: Elaborado pelo autor com base no relatório de Gaillard, 1898, p. 22-25.

Apesar de pequeno, o número de mulheres presentes, particularmente, aquelas surdas, sugere um caminho participativo que foi se constituindo nos congressos. Pela listagem concluímos que 10 surdas eram esposas de surdos. Possivelmente, uma clara demonstração do quanto tais relações eram bem sucedidas e exemplares para surdos mais jovens. Aos opositores de casamento entre surdos bastaria apenas contemplar a silenciosa presença desses 10 casais...

A lista, talvez feita de forma atabalhoada, na correria para se ter um registro, mostra que Suíça e França são os grupos majoritários do congresso. As representatividades de Alemanha, Suécia e Áustria dão vistas a certa continuidade de participações nos eventos. O que sobressai é termos uma delegação italiana. Ao estratificar a informação, uma nova surpresa: 01 surdo de Roma - Francesco

Michelsoni⁹⁶; 01 surdo de Nápoles - Francesco Guerra; 03 surdos de Milão - Cesare Giorgetti, Francesco Zamboni, J. Auiéro (GAILLARD, 1898, p. 40). Saber que temos surdos oralizados e que um deles foi educado por Abade Tarra, falecido em 1889, é, por demais, provocativo...

Esse surdo oralizado, funcionário público, homem considerado de cultura (WILKINSON, 1893; GALLAUDET, 1896), participou ativamente do Congresso de Genebra. Se em Milão tivemos um surdo-falante educado por Ambrogio Bianchi, temos em Genebra, Michelsoni educado por Tarra. O Abade Giulio Tarra foi uma figura central para a realização e o sucesso do Congresso de Milão. Milão às avessas? Apenas uma feliz coincidência? Talvez...

Para além da lista, na primeira sessão, Gaillard registrou:



A assistência é bastante numerosa. Notamos três professores ouvintes, Pe. Jaggy, capelão da Instituição para Surdos-Muets de Géronde (cantão de Friburgo) e as queridas Irmãs Quintine e Bernalda, uma diretora da instituição, de Géronde, a outra da instituição de Gruyères (Valais) (GAILLARD, 1898, p. 6, tradução nossa).

Gaillard nos situou sobre o caráter um tanto eclético desses eventos surdos. E esse registro parece-nos fundamental para entender, posteriormente, o desejo de surdos de que o evento fosse conduzido apenas por eles. Ou para entender a crítica

⁹⁶ Em um texto de 1893, Warring Wilkinson afirma que: “É justo dizer, entretanto, que esse incidente me fez conhecer a única pessoa surda congênita que vi nos continentes que conseguia manter uma conversa normal por meio da fala e da leitura labial. Este foi o Sr. Francesco Michelsoni, que trabalha no escritório de estatística do governo em Roma. Um dos surdos-mudos do grupo que mencionei contou-lhe que me encontraria no Corso e nos acompanhou até o escritório, onde estávamos tentando estabelecer comunicação com o jovem. O Sr. Michelsoni era bastante loquaz e parecia ter pouca dificuldade em compreender o Sr. Silenzi e em se fazer entender, e sua conversa foi muito satisfatória como uma prova do que pode ser feito pelo Método Oral, mas o Sr. Michelsoni me confessou que preferia que o intérprete escrevesse sua parte na conversa. Ele é um homem de cerca de quarenta ou quarenta e cinco anos, devo julgar, diz que nasceu surdo e foi educado em Milão pelo Abade Tarra, cujo nome é uma torre de força para os oradores. Se eu tivesse encontrado um número razoável de tais graduados, minhas conclusões sem dúvida teriam sido modificadas” (WILKINSON, 1893, p. 40-41). Edward Gallaudet, em texto publicado em 1897 narra seu contato com Michelsoni: “Em Roma, tive várias entrevistas com Francesco Michelsoni, um surdo muito educado, com um bom domínio da fala, que ocupa um cargo no Centro Real de Estatísticas. O Sr. Michelsoni foi o editor do *L'Avvenire dei Sordomuti*, um jornal publicado no interesse dos surdos da Itália no ano de 1896. Ele participou do Congresso de Surdos-Mudos de Genebra daquele ano, como representante do Ministro da Instrução Pública em Roma, e fez um relatório a esse funcionário, no qual endossou calorosamente as recomendações do Congresso a favor do Sistema Combinado, embora tivesse sido educado na Real Instituição de Milão. O Sr. Michelsoni me apresentou a seu chefe, o Sr. Luigi Bodio, Diretor Geral de Estatística, que tem uma filha surda, lecionava oralmente em Milão, e que conheci poucos dias depois naquela cidade. O Sr. Bodio estava muito interessado no que eu pude dizer a ele sobre nossas escolas e métodos americanos, e disse que sua experiência e observação o levaram a acreditar que, para a educação geral de surdos, o Sistema Combinado era superior a qualquer método isolado (GALLAUDET, 1897, p. 285).

feita em uma carta lida na primeira sessão onde se menciona que “Meissonnier e o Pastor Chastand, lamentam que os organizadores do congresso se tenham privado da ajuda de ouvintes apegados à causa dos surdos-mudos e que desejam ao congresso os seus melhores votos de sucesso” (GAILLARD, 1898, p. 8, tradução nossa). Há um grande incômodo ao se perceber que os surdos estavam se emancipando. Emancipação que se demonstra até em se privar da ajuda dos ouvintes. Uma etapa necessária no caminho...

5.4 As sessões: debates para desmascarar uma história mal (bem)contada

As sessões do Congresso de Genebra se assemelham a uma orquestra bem ensaiada em que cada músico sabe o exato momento de entrar e contribuir. Se Milão fora um congresso bem orquestrado para que o método oral puro saísse vitorioso, em Genebra, os congressistas muito treinaram para que pudessem expor o engodo de 1880. Mas uma história não se constrói da noite para o dia. Ela se dá no tecer e destecer para, novamente, engodar...

5.4.1 Primeira Sessão: o método em questão

A primeira reunião aconteceu na manhã do dia 19 de agosto. Após composição da mesa que teve Salzgeber como presidente do congresso, Albert du Buren como vice e Henri Gaillard como secretário do programa, Henri Genis como presidente honorário, Francesco Guerra como vice honorário e Ricca como secretário geral, foram iniciados os trabalhos. Por que informamos a composição dessa mesa condutora do congresso? Nela, parece-nos que há uma forma de aliança entre os surdos da Suíça e França, principais delegações, e Suíça e Itália. As mesas diretoras de congressos não são uma simples formalidade, basta recordar a presidência dada a Tarra transformando Milão num congresso “in-tarra-nacional”⁹⁷...

⁹⁷ Acerca de Giulio Tarra, sacerdote que presidiu o Congresso de Milão: RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO, 2022b. O termo “in-tarra-nacional” foi usado pelo surdo James Denison em seu relatório *Impressões sobre o Congresso de Milão*. A tradução desse texto foi publicada por RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO; NASCIMENTO, 2021b.

No discurso inaugural, Salzgeber apresentou, em mímica clara e ampla, as motivações para a realização do congresso e afirmou que foram impulsionados pelo desejo de “[...] não ficar para trás de nossos valentes irmãos na França. Tive a oportunidade de apreciar seus trabalhos nos congressos de Paris, Aix-les-Bains e Lyon, e queria que os surdos-mudos da República Helvética não fossem deixados para trás” (GAILLARD, 1898, p. 6, tradução nossa). Essa ideia de um movimento crescente também aparece no discurso de Micheloni:



Ele parabeniza os surdos-mudos da Suíça por não terem se esquivado de participar do movimento que faz com que todos os silenciosos do universo trabalhem por conta própria para melhorar sua sorte e elogia muito o Abade de l'Épée, que conduz os surdos-mudos franceses (GAILLARD, 1898, p. 7, tradução nossa).

A expressão “silenciosos do universo” recordava o apelo de Berthier a que os surdos se unissem e sugeria que as comunicações entre os surdos estavam fomentando, desde certo tempo, iniciativas para que passassem a assumir os caminhos de sua formação, inclusive podendo definir como queriam ser educados. A recordação de l'Épée, embora pareça de praxe, possivelmente, está vinculada às compreensões de educação que este nome suscitava. E, surpreendentemente, l'Épée foi recordado desde um lugar que não estamos muito afeiçoados...

Micheloni, referindo-se ao Abade de l'Épée, gesticulou:

Só ele é o verdadeiro libertador dos surdos-mudos em todo o mundo. Mas por que abandonamos seu maravilhoso método de educação pela fala e sinais para adotar o método puro de educação oral por meio da fala e da leitura labial? Com este método, não seremos mais capazes de garantir que os surdos-mudos ascendam a uma posição honrosa na sociedade (GAILLARD, 1898, p. 7, tradução nossa).

A educação proposta por l'Épée, conforme o ideário surdo, teria por finalidade assegurar que os surdos pudessem voltar a participar integralmente da sociedade. Micheloni, de acordo com o discurso já recorrente, recorda que o método oral puro conduz apenas à ignorância, ou seja, lesando duplamente os surdos, pois não lhes dava o acesso ao conhecimento e, por isso, os impedia de assumir um lugar na sociedade. Mas o que pode ser novo na apresentação de Micheloni é a explicitação de que o Abade de l'Épée utilizava um sistema combinado de sinais e fala...

A partir do registro do discurso de Micheloni podemos compreender melhor como este surdo de Roma, alto funcionário do Governo, posicionou-se. Sua crítica ao

método oral puro mostrava que, na Itália, tal forma de se ensinar os surdos não se tornou também, pós-Milão, uma unanimidade⁹⁸; antes, demonstrava-se ineficaz:

A Itália nunca foi indiferente aos gritos de dor dos seus filhos, e as numerosas instituições fundadas nestes últimos trinta anos de liberdade são a prova da previdência e dos sentimentos cordiais de toda a nação. Os pontos que serão discutidos dizem respeito não apenas ao ensino que deve ser dado aos surdos-mudos, mas certamente tendem a melhorar a condição social de toda esta família. Quanto à educação, não há dúvida de que, embora se inspire em considerações (critérios) práticas e racionais, não pode, no entanto, melhorar significativamente a situação atual das pessoas surdas e mudas (GAILLARD, 1898, p. 68, tradução nossa).

A aparente racionalidade de um método, juntamente com todo o arcabouço metodológico com o qual se revestia não seriam suficientes para ofertar aos surdos uma educação que os permitisse viver em condições de igualdade com os demais cidadãos. O método oral puro seria um simulacro a ser confrontado. Os discursos iniciais foram hasteamentos de bandeiras:

As leis que atingem a nossa causa e quase a banem do seio da sociedade civil consideram o surdo-mudo incapaz de cuidar de seus próprios interesses, tanto em seus negócios públicos como privados. Os resultados obtidos pelas instituições dirigidas com o cuidado mais esclarecido se opõem a essas disposições desumanas, e a esses resulta que o surdo-mudo é suscetível de um grau de perfeição capaz de torná-lo apto a realizar todos os necessários atos, até os mais complicados dos empregos públicos. Que uma voz se eleve de entre vós, não desdenhosa, não orgulhosa, para afirmar um sagrado e justo direito que vós mereceis. E que a nossa preocupação constante e zelosa seja conseguir que nos sejam concedidos estes direitos civis e melhorar a educação de todos os nossos irmãos, indicando os métodos e as orientações que respondam melhor aos fins que desejamos [...] (GAILLARD, 1898, p. 69, tradução nossa).

Michelsoni associou educação e legislação, mostrando que os institutos haviam reconhecido os surdos como sujeitos capazes de direitos. O lugar do protagonismo dos surdos foi ressaltado ao final da citação. Era o desejo de um grupo de pessoas que queria definir aquilo que diretamente incidia em suas vidas. Por serem capazes de outras tantas decisões, o seriam para dizer os rumos que a educação que desejavam deveria tomar. A educação que os surdos queriam!

⁹⁸ Tobias Leite, diretor do Instituto dos Surdos-mudos do Rio de Janeiro, em seu relatório de 1886, menciona que na Itália, dos 35 institutos, apenas 01 seguia o método misto e todos os outros o método oral (LEITE, 1887). Tobias Leite não nos informa suas bases para elaboração deste quadro, entretanto, a aproximação com a informação de Michelsoni que trabalhava no setor de estatísticas leva-nos a problematizar se todos os 34 institutos praticavam o método oral puro ou se o afirmavam fazê-lo em função das subvenções destinadas a isso. Mais uma questão que a aproximação de textos nos abre.

Watzulik, cuja participação foi bastante destacada em Chicago, enviou cartas com respostas às questões propostas no programa do Congresso, permitindo-nos compreender o programa de discussões do evento:

Qual é a posição social dos surdos-mudos e se há alguma melhora para eles? (GAILLARD, 1898, p. 53, tradução nossa).

Existe uma maneira e seria necessário que em cada congresso de surdos-mudos após a aprovação das resoluções tomadas, os delegados de cada país e que, de comum acordo com os parlamentares, façam representações aos representantes de suas respectivas nações com o objetivo mesmo de lhes solicitar que transmitam a seus governos as resoluções do Congresso para que as apliquem em seu próprio país (GAILLARD, 1898, p. 55, tradução nossa).

Se o restabelecimento do método de ensino misto nos estabelecimentos dos quais foi excluído seria possível (GAILLARD, 1898, p. 80, tradução nossa).

Se é aconselhável que o alfabeto de dedos seja introduzido para homens plenos de sentidos? (GAILLARD, 1898, p. 81, tradução nossa).

Quando e onde deveria ter lugar o próximo congresso de surdos-mudos (GAILLARD, 1898, p. 85, tradução nossa).

A partir da questão sobre a situação social propunha-se um retorno ao método misto e considerava-se a possibilidade de medidas práticas por parte dos surdos junto aos governos nacionais para implementar as deliberações dos congressos. Desta forma, ia se fortalecendo uma dimensão política dos congressos⁹⁹. O ensino da datilologia para todos também era uma questão que tocava nos ministérios da instrução em cada país. Por fim, a discussão sobre o próximo evento, possivelmente, mais uma vez, era um indicativo de estratégias...

Convém, contudo, a despeito da possível esperança de apoio político, recordar algo que, em *Segurança, território e população*, Foucault analisou:

Como quer que seja, através de todos esses sentidos, há algo que aparece claramente: nunca se governa um Estado, nunca se governa um território ou uma estrutura política. Quem é governado são sempre pessoas, são homens, são indivíduos ou coletividades. Quando se fala da cidade que se governa, que se governa com base nos tecidos, quer dizer que as pessoas tiram sua subsistência, seu alimento, seus recursos, sua riqueza dos tecidos. Não é, portanto, a cidade como estrutura política, mas as pessoas, indivíduos ou coletividade. Os homens é que são governados (FOUCAULT, 2008, p.164).

E, por isso, são esses mesmos homens que podem colocar-se como interlocutores acerca da vida. Watzulik tratou da desigualdade sofrida pelos surdos na sociedade, apontando que apenas 01% dos surdos conseguia uma situação estável, que os outros 99% padeciam sob exploração e eram desrespeitados em relação às

⁹⁹ Acerca da relação entre congressos e política: RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO, 2022c.

suas dignidade e liberdade. Essa situação estaria, segundo Watzulik, estritamente ligada à educação:

O descaso para com os pequenos surdos-mudos por parte dos regentes quanto à preparação para a vida industrial. A esse respeito, muito foi pregado até agora. Na maioria dos estabelecimentos, nenhuma consideração é dada à disposição natural dos surdos-mudos. Na maioria dos casos, os alunos talentosos não eram encorajados de maneira consistente, de modo que, quando saíam da escola, ficavam repentinamente ansiosos; eles levam esse sentimento com eles na vida prática; como resultado, em vez de seguir em frente, eles recuam. Devemos tomar medidas adequadas para fazer melhorias nessa direção. Solicitaremos que os alunos sejam examinados sobre sua aptidão e predileção pela escolha vocacional e que os professores as levem a sério (GAILLARD, 1898, p. 53-54, itálico do autor, tradução nossa).

A escolarização teria papel fundamental na identificação de habilidades e incentivo para que os surdos as desenvolvessem, tendo em vistas a possível inserção na sociedade como um trabalhador. Competiria aos professores colaborar nesse processo. A escola não seria apenas para acúmulo de um conhecimento inútil, mas para contribuir com a empregabilidade dos surdos. Se retomarmos as discussões de Chicago, parece-me, muito claro que a crítica de Watzulik refere-se ao método oral puro, que consumia a maior parte do tempo com técnicas de articulação. O imperativo do pão buscava uma coerência entre vida e educação...

Watzulik manifestou certa descrença no poder político para se efetuar mudanças na educação de surdos e criticou a burocracia dos governos, a qual desconsiderava o *status* de um congresso de surdos e preferia balizar-se pelas opiniões de inspetores escolares ouvintes. Sendo assim, Watzulik sugeriu que a luta deveria ser travada não na arena governamental, mas na arena pública da imprensa e numa batalha mais ofensiva:

Eu recomendaria em primeiro lugar empreender a luta contra os oponentes de uma forma mais controversa do que no passado e não se cansar até que vejamos melhora (ou melhores intenções) nos oponentes. Até o momento pouco fizemos nesse sentido por meio dos jornais, mas é sabido que a opinião pública pode ser mais bem conquistada e da maneira mais segura para nossa causa justamente pela imprensa política. Eu mesmo empreenderei em breve a luta nos jornais políticos e estou convencido de que - é claro - desde que as evidências sejam suficientes - o sucesso estará do meu lado (GAILLARD, 1898, p. 55-56, tradução nossa).

Um relatório de um inspetor era apenas mais um documento a ser arquivado, mas um bom artigo jornalístico poderia ser a bomba necessária para explodir com obstáculos antepostos. Não bastaria fazer isso numa imprensa surda ou destinada apenas aos surdos e seus simpatizantes, era preciso arriscar-se em terrenos mais

potentes, em noticiários que transformassem essa questão em pauta de discussão dos leitores. Delineiam-se pirotecnias quando se captam as fissuras de uma política...

Ressoa em mim, esse apelo à liberdade que num contexto onde há sujeição permanece como elemento vívido na relação com o poder. Foucault o sistematizou assim:

[...] a liberdade aparecerá como condição de existência do poder (ao mesmo tempo sua precondição, uma vez que é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça, e também seu suporte permanente, uma vez que se ela se abstraísse inteiramente do poder que sobre ela se exerce, por isso mesmo desapareceria). [...] A relação de poder e a insubmissão da liberdade não podem, então, ser separadas (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Gaillard mencionou que era preciso garantir a autonomia dos congressos de surdos, tornando-os fecundos nas decisões e encaminhando-as devidamente ao final. Caso contrário, os congressos de surdos continuariam a sofrer da fama de serem eventos de programas de intenções e festejos. Por isso, sugeriu que deveriam ser eventos com ampla participação e com distintos ouvintes convidados (GAILLARD, 1898). Repensar parcerias, mas tendo os surdos como protagonistas...

Uma das ações propostas por Gaillard foi a criação de um comitê internacional que seria responsável por encaminhar as decisões dos congressos de surdos para os diversos países, fazendo isso via contato com os embaixadores ou representantes de cada nação participante do evento (GAILLARD, 1898). O movimento surdo ganharia uma dimensão internacional mais consolidada. Há um idealismo que move a luta de Gaillard. Possivelmente, essa verve de Gaillard foi também importante para que se tornasse uma referência internacional...

Estamos, pois, no campo do poder é necessário saber jogar nesse espaço, reconhecendo-nos livres. Foucault o propõe da seguinte maneira:

[...] quando se define o exercício do poder como um modo de ação sobre a ação dos outros, quando o caracterizamos pelo “governo” dos homens uns sobre os outros – no sentido mais largo do termo – inclui-se, nesse caso, um elemento importante: a liberdade. O poder não se exerce senão sobre “sujeitos livres” e enquanto são “livres” – entendamos por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades no qual muitas condutas, muitas reações e diversos modos de comportamento podem ter lugar. Onde as determinações estão saturadas, não há relações de poder: a escravidão não é uma relação de poder quando o homem está acorrentado (trata-se, então, de uma relação física constrangedora), mas somente quando o homem pode movimentar-se e, no limite, fugir (FOUCAULT, 2005, p. 237-238).

Watzulik mencionou que o ensino de sinais estava sendo retomado, mesmo que de forma “ridícula” em vários institutos, por isso sua resposta positiva à questão do retorno do método misto. Sobre a popularização da datilologia, o surdo alemão pensava que isso passaria por investimentos dos próprios surdos que deveriam fazer publicar o “alfabeto de dedos” e distribuí-lo gratuitamente nos lugares públicos (GAILLARD, 1898). Talvez alguém se recorde de cena similar nos cantões do Brasil das décadas de 1980-1990...

Entramos, pois, nas memórias apresentadas. Jacques Ricca tratou da situação dos surdos na Suíça, atualizando informações apresentadas em Chicago e novamente criticando o método oral. Tocou nas questões profissionais, sugerindo a necessidade dos surdos acompanharem as mudanças na sociedade, exigindo, portanto, mudanças nas oficinas. O mundo determina a escola que determina o mundo...

Apesar de falando sobre um outro tempo — mas a tese se torna lugar onde diferentes tempos podem dialogar —, Aquino comenta acerca da mentalidade educacional que se instaurou entre nós:

Atualizar-se, responsabilizar-se, adaptar-se: eis os predicados para o ingresso e a permanência na dita sociedade do conhecimento. Juntos, eles serão responsáveis por uma atitude calculista ante o porvir; uma atitude não obstante arriscada, dadas a variância e a profusão dos saberes tidos como imprescindíveis em determinado momento e, logo em seguida, ultrapassados, abandonados e para sempre esquecidos. E já que, afinal, nada haveria para ser aprendido que durasse por muito tempo, a esse aprendiz empreendedor restaria render-se a um único e sôfrego desígnio: *o aprender a aprender* (AQUINO, 2019, p. 296, itálico do autor).

Ricca encerrou seu discurso recordando que, apesar da geografia suíça, apresentava-se ali uma obstinada resistência surda:

Não creio que vá longe demais ao dizer que os surdos-mudos suíços não seriam menos hostis do que seus colegas franceses ao puro método oral com o qual lutam indiretamente e com intenção, o que se explica facilmente pelo fato de serem muito espalhados em suas montanhas e vales e desejam ver em suas escolas o restabelecimento do método combinado, que é, como disse acima, preferível para o desenvolvimento mais imediato de suas faculdades intelectuais (GAILLARD, 1898, p. 53, tradução nossa).

A culpabilização do método oral puro pela ignorância dos surdos e o restabelecimento do método combinado como forma de valorizar os aspectos intelectuais dos surdos, torna-se um refrão no congresso. O método está diretamente ligado à compreensão que se tem do surdo e o que se deseja para seu futuro. Como

bem o expressou num dos telegramas o surdo Gerhard Titze: “Livrai-vos desse método de papagaio. Um triplo ‘viva’ ao sistema de instrução combinado” (GAILLARD, 1898, p. 87, tradução nossa). Um refrão a ser ouvido...

O surdo René Desperriers tratou da importância dos professores surdos para o ensino do trabalho manual, partindo do pressuposto que:

Empregar professores surdos-mudos é a maneira mais eficaz de desenvolver as faculdades pessoais e manuais dos surdos-mudos. Foi errado suprimir professores surdos-mudos. [...] Eu sinceramente acho que os surdos-mudos educados por professores surdos-mudos são mais avançados do que aqueles instruídos por professores ouvintes (GAILLARD, 1898, p. 40-41, tradução nossa).

Desperriers sugeriu que o ensino pelos sinais teria uma força moralizante e lançou sobre a formação segundo o método oral a culpa por certa degradação social entre os surdos. Por isso, pediu que o congresso solicitasse ao Ministério da Instrução Pública o retorno dos professores surdos (GAILLARD, 1898). Um método de educação não ensina apenas conteúdos, ensina um modo de “sobre-viver”...

Talvez nos ajude aqui uma pequena distinção feita por Foucault que, parece-me contemplar o movimento desejado por Desperriers:

Penso que, em uma história da moral, é preciso fazer uma distinção entre o código moral e os atos. Os atos ou as condutas são a atitude real dos indivíduos face às prescrições morais que lhe são impostas. Nestes, deve-se distinguir o código que determina quais atos são autorizados ou proibidos e qual o valor positivo ou negativo das diferentes atitudes possíveis. Mas há outro aspecto das prescrições morais que, geralmente, não é isolado como tal, mas que, aparentemente, é muito importante: é a relação consigo mesmo que seria necessário instaurar, relação a si (rapport à soi) que determina como o indivíduo deve constituir-se como sujeito moral de suas próprias ações (FOUCAULT, 1994f, p. 618).

A primeira sessão foi encerrada e ficavam nítidos os confrontos que desejavam travar. São surdos “insur-gentes”, audaciosos, cientes dos direitos a serem assegurados. Não temiam críticas. Vamos compondo uma narrativa outra...

5.4.2 Segunda Sessão: desmascarar Milão e seus seguidores

A sessão do dia 20 de agosto foi iniciada pela entrada da delegação de Berna carregando a bandeira da União dos Surdos-mudos da Suíça. Há um apelo organizacional, há também um apego aos símbolos. A bandeira efusivamente

saudada pelos congressistas representava a união de uma pequena comunidade surda de 12 membros. Louis Fontanellaz-Rochat foi quem nos inseriu nessa situação ao tratar sobre *As relações dos surdos-mudos de língua alemã e francesa*. Ex-aluno de Hugentobler, em Genebra, clandestinamente, aprendeu a sinalizar (GAILLARD, 1898). Línguas de sinais e clandestinidade têm uma longa história...

O quadro geral apresentado por Fontanellaz-Rochat era de que, na Suíça, predominava o método oral apesar do desgosto dos surdos mais velhos que ressentiam os prejuízos nos surdos jovens. Enfatizou que os surdos precisavam da mímica como apoio essencial para o aprendizado geral:

Devo declarar em voz alta aqui que a linguagem mímica associada à fala, longe de ser prejudicial, de alguma forma, tende a desenvolver mais rapidamente e com mais segurança a inteligência do pobre surdo-mudo. Portanto, nunca devemos procurar eliminar tal benefício, pois seria mais criticar a natureza do que agradecê-la. Mas um surdo-mudo com uma mente muito talentosa e bem dirigida, pode tirar proveito de todos os ramos do ensino, ou seja, a linguagem escrita, geografia, história e todas as coisas, mas com a condição formal de explicá-los a ele, simultaneamente por meio da fala e dos sinais. Afirmo-o com todas as forças da minha alma, porque também sinto muito da sua utilidade. O ouvinte-falante, por meio de ouvir as pessoas falar e explicar ao seu redor, entende o significado das palavras e frases por uma combinação de circunstâncias que o surdo-mudo nunca pode ter no início. Portanto, se não explicarmos a ele o que lhe é ensinado falando, ele aprenderá como uma máquina e não saberá quando é apropriado usar tal reflexão pela simples razão de que ele não terá entendido nada, nada sentido e, conseqüentemente, nada retido (GAILLARD, 1898, p. 36, tradução nossa).

Também os alunos ouvintes dependiam de explicações para assimilar os conteúdos ensinados. No caso dos surdos, somente por sinais isso poderia ser feito, pois aquele que estava aprendendo a falar, jamais poderia compreender as explicações que não podia ouvir. Aí estaria uma das grandes falhas do método oral e com uma consequência imediata na consolidação do aprendizado. Por isso, Fontanellaz-Rochat manifestou o desejo pelo retorno ao método misto (GAILLARD, 1898). Críticas bem fundamentadas que ridicularizavam as pretensões oralistas...

No contexto da segunda sessão destacou-se a apresentação de Francesco Guerra, de Nápoles. Guerra recordou o Congresso de Milão como um evento que cometeu o maior crime contra os surdos, ao sugerir a exclusividade do método oral puro. Seu discurso desmascarava a estratégia de Giulio Tarra de convidar para o congresso apenas os seus amigos e os simpatizantes do método oral. Guerra

questionou a ausência de críticos como o Abade Luigi Borselli¹⁰⁰ e Luigi Giaccardi¹⁰¹. Milão permanece como uma mina a ser devidamente penetrada, porão dos porões...

Guerra fez um apelo aos congressistas:

Senhores professores, nós, homens de inteligência e de coração, vós compreendereis que se apenas se aplicar o método oral puro, sem o auxílio da mímica, não podemos desenvolver a inteligência dos surdos-mudos por falta de sentimento [...] E como você poderá educar um aluno pobre, se ele não sente as regras gramaticais, os verbos, os substantivos extraídos, as qualidades intelectuais e morais, a história, a geografia e as diferentes línguas! etc., assim é necessário restabelecer o melhor método, o que é um grande benefício para ser bem entendido, como posso testemunhar (GAILLARD, 1898, p. 63, tradução nossa).

Guerra, como outros, não descartava a possibilidade do aprendizado da fala, mas considerava a mímica imprescindível para a apropriação do conhecimento. Guerra insistiu que o método oral tinha ainda uma consequência que era o alijamento social do surdo:

[...] mas neste momento a Itália chora ao ver muitos desses infelizes surdos-mudos, saindo de escolas, falando como papagaios sem entender e, pelo que dizem, são ridicularizados pelos desumanos que ao ouvi-los falar não podem deixar de rir e desprezá-los e assim vivem na inércia, longe da sociedade! (GAILLARD, 1898, p. 64, tradução nossa).

O método defendido pelos oralistas, como o que melhor integrava o surdo à sociedade, gerava um sofrimento maior, pois ridicularizados, intimidados, os surdos oralizados se isolavam. E Guerra criticou os exames públicos feitos pelos professores oralistas por escolherem apenas os ensurdecidos após 6 ou até 12 anos de audição e fala. Ele comentou sobre os bastidores dessas apresentações:

¹⁰⁰ O abade Borselli foi o sucessor do abade Ottavio Assarotti, usando os sinais metódicos no *Regio Istituto Sordomuti di Genova*. Borselli, tendo se tornado um grande especialista no setor, escreveu textos pedagógicos e metodológicos sobre surdos-mudos, incluindo *Memoria storico-didattica* (1834) e *Nuovi bisogni per l'istruzione dei sordomuti*, bem como um *Appello ai Poteri dello stato in favore dei sordomuti* (1860). Ele tinha "dúvidas razoáveis" sobre a eficácia do método "oralístico" de outros educadores, como Giulio Tarra e Antonio Provolo, estando convencido de que o método de Assarotti era mais válido para a educação de surdos, e argumentando que o método oral não encontrava entusiasmo nos interessados, os surdos-mudos. Cf. <http://www.storiadeisordi.it/2005/10/03/1802-istituto-nazionale-per-i-sordomuti-in-genova/>

¹⁰¹ Roberto Sani comenta acerca de Giaccardi: "professor e advogado, ele é, presumivelmente, também o autor de um monografia que, publicada em 1881 sob as iniciais L.G., representa uma crítica forte e bem argumentada ao método oral puro, não considerado tão eficaz quanto os dados pareciam indicar tirado das estatísticas: em sua opinião, esses números não eram suficientes confiáveis porque foram elaboradas sobre uma amostra pequena e selecionada de sujeitos (em regra, apenas os melhores alunos participavam das redações públicas), alguns dos quais não eram surdos de nascença" (SANI, 2008, p. 108, tradução nossa).

Essas ciências oralistas muito à frente dessa ciência pública, gasta muito tempo e cansaço preparando-as para esse teatro de imbecis fazendo com que se lembrem de coisas repetidas até quantas vezes!! E assim, tudo bem preparado, eles se apresentam para o público dizendo que fizeram milagres ao fazerem os mudos falarem! (Oh! Belo milagre realmente), Esses milagres somente o bom Deus os faz, e o pobre público enganado nessas coisas misteriosas aplaude freneticamente os impostores e charlatães que se escondem sob o manto da caridade e da ciência, e os bajulam com presentes, dando-lhes recompensas e também honrarias! (GAILLARD, 1898, p. 64, tradução nossa).

Guerra atacou diretamente os professores oralistas. Essa atitude indignada sugeria como muitos surdos e professores surdos ou praticantes do método de sinais ou misto sentiam-se diante dos aplausos dados aos oralistas. A farsa dos oralistas, desmontada pelo discurso de Guerra, mostrava ainda que se revestia do apoio da ciência, sob a ideia de conhecimento, e da religião, sob a ideia de caridade. Ciência e caridade quase sempre formam uma dupla traiçoeira...

E nesta luta os surdos se sentiam sozinhos:

Estou dizendo apenas que neste momento ninguém está interessado em nos ajudar e melhorar os surdos-mudos e ninguém está ouvindo nossas justas reclamações e necessidades. Todos são profundamente egoístas, o governo ignora prever isso porque não pode descobrir a verdade, o Estado vê as coisas que dizem respeito aos surdos-mudos, prendendo-se na obscuridade das artes e nos interesses dos falsários oralistas (GAILLARD, 1898, p. 64-65, tradução nossa).

A apresentação de Guerra foi uma denúncia do que ele chamara no início de “crime” contra os surdos. Para Guerra, foi fundamental a iniciativa dos surdos de publicarem revistas e nelas expor as suas demandas. Por fim, sugeriu como alternativa que os surdos tivessem uma associação, formada por “cidadãos ilustres e de alta posição”, com participação de surdos educados, destinada a proteger os surdos, a fiscalizar os institutos e fornecer relatórios ao Ministério da Instrução com vistas a salvaguardar o melhor para essa parcela (GAILLARD, 1898). Sempre resta uma esperança que nasce de dentro, é o que sobrou da caixa de Pandora...

Veiga-Neto, de forma jocosa, tratando sobre pragas que costumam acompanhar a educação do nosso tempo presente, permite-nos pensar sobre a busca do melhor método na educação de surdos:

Se combinarmos *salvacionismo* com *prescritivismo* e *normativismo*, compreenderemos o messianismo do pensamento pedagógico contemporâneo, sempre à espera de uma nova e definitiva teoria, de uma nova ou definitiva fórmula, de um novo ou definitivo método que finalmente deem conta dos males deste mundo cavernoso (VEIGA-NETO, 2004, p. 81, itálicos do autor).

A segunda sessão encerrou-se no calor de uma batalha já iniciada e sem previsão de término. Esta sessão apresentou um surdo italiano crítico a Milão e um discurso que colocava em xeque as argumentações dos defensores do método oral. Os surdos italianos, portanto, não estavam numa letargia...



5.4.3 Terceira Sessão: uma educação para além do que já fora dado

Na tarde do dia 20 de agosto foi iniciada a Terceira Sessão com uma leitura feita por Lagier e interpretada por Eugène Née. Victor Lagier fez referência a um congresso nacional ocorrido no ano anterior e renovou seu pedido para que se discutisse a criação de um colégio nacional para surdos no estilo do *College National* de Washington, Estados Unidos. Era e ainda é necessário pensar numa formação que ultrapasse o nível básico...

Lagier comentou o apoio prometido por Paul Deschanel¹⁰², influente político francês que, tendo amizade com alguns surdos, dentre eles Gaillard, iria sugerir a junção das associações francesas em um comitê com o objetivo de fortalecer as lutas dos surdos. Se, por um lado, havia os surdos que não acreditavam mais no apoio de políticos, por outro, permaneciam aqueles que desejavam essa aproximação e serviam-se dela para alcançar os objetivos da comunidade. Berthier havia deixado essa porta aberta e, certamente, ela ainda não se fechou...

Henri Genis, de Paris, apresentou a memória *A educação e os surdos-mudos*. Sua apresentação girou em torno da necessidade dos sinais na educação de surdos como fator que contribuiria para a moralização da pessoa. Considerou ainda que o ensino da religião nos institutos também era relevante para se alcançar esse objetivo. Por fim, criticou os professores oralistas:

Ah! sim, senhores, os mestres adeptos do método oral percebem muito bem a fragilidade do seu sistema do ponto de vista da moralização, pois são

¹⁰² Paul Deschanel, em 26 de maio de 1896, fez um discurso em um dos banquetes organizados pelos surdos. O eminente político desculpa-se por não tocar nas questões de método, afirmando não ter conhecimento suficiente sobre o tema, mas aventura-se a contribuir com algumas questões ao analisar que na França há três associações de surdos, mas com pequeno número de membros. Diz Deschanel “Parece-me que, no dia em que vossa grande família, esta família de 35.000 membros, concentrasse e convergisse todos os seus esforços, todos os seus desígnios, todas as suas vontades no mesmo ponto, naquele dia, suas forças seriam cêntuplas, e não poderíamos nos livrar de seu destino sem vós”. O discurso pode ser lido na íntegra no site organizado pelo surdo Yann Cantin: <https://noetomalalie.hypotheses.org/290>.

obrigados a usar os sinais em segredo e são estes que obtêm em seus alunos mais deferência, submissão, carinho, e também compreensão, o vínculo supremo do aluno para o professor. Quando não querem ou não podem usar os sinais, os professores recorrem à disciplina dos alunos mais com surras do que com castigos, privação de saída, masmorra. Esse é um jeito ruim. Quando alguém é brutal com ele, o surdo-mudo se torna perverso e vingativo e devolve a César o que é de César. Quando, ao contrário, procedemos com ele de maneira gentil, afetuosa, ele se torna gentil e afetuoso por sua vez. Das naturezas mais rebeldes, bons resultados são obtidos ao fazê-lo (GAILLARD, 1898, p. 50, tradução nossa).

Genis denunciou a questão dos castigos utilizados pelos oralistas com a finalidade de corrigir os surdos que apresentavam comportamentos desviantes. Justamente, pela falta de conhecimento dos sinais por parte dos docentes e pela ausência de um aprendizado, o surdo cometeria transgressões. Há uma pedagogia surda sendo construída pelos surdos...

Gaillard, ao falar do encerramento da sessão, fez o seguinte registro:

Enquanto se lê uma explicação sobre a nova escola de surdos-mudos recentemente fundada em Géronde, que utiliza o método oral puro e cujos representantes estão no congresso, o Sr. Dusuzeau, de Paris, aproveita para demonstrar que sem a ajuda da linguagem de sinais nunca se conseguirá fazer os surdos-mudos compreenderem as ideias abstratas, as verdades da religião, as nuances da língua (GAILLARD, 1898, p. 27, tradução nossa).

Essa ousadia de Dusuzeau é encantadora. Possivelmente, quem estava apresentando o trabalho era Pe. Jaggy. A postura de Dusuzeau diante desses religiosos é forte e, inclusive, sugeria o quanto a religião necessitava dos sinais para se fazer compreendida. Por vezes, é necessário abaixar o microfone dos ouvintes!

5.4.4 Quarta Sessão: surdos educadores a romper com pretensas científicidades

O exemplo de Ligot, um surdo erudito e crítico do método oral, é recordado mais uma vez por Dusuzeau no início da sessão do dia 21 de agosto. A menção a Ligot tinha por finalidade resgatar não só a sua personalidade tão importante, mas o método que o permitiu ser quem foi. Ou seja, ao se mencionar Ligot evocava-se Berthier que o instruiu em sinais. Um nome bem lembrado por ser capaz de fazer perfilar outros tantos e silenciar muitos argumentos...

Genis leu uma memória escrita por Fernand Aymard sobre os trabalhadores surdos, reconhecendo os diversos benefícios legais conquistados pelos cidadãos e

perguntava-se sobre o papel dos surdos neste contexto de transformação social. Aymard criticou a condição do trabalho no capitalismo e mostrou como a industrialização trouxe novas exigências aos trabalhadores e gerava incertezas, quase sempre, aumentando a pobreza. Essa situação justificaria o surgimento de sociedades de apoio mútuo para os surdos. Como bem o recorda Foucault, no capitalismo está em jogo o corpo como força produtiva de uma biopolítica...

Fernand Aymard associou a questão do trabalho à educação dos surdos:

Sejamos acima de tudo práticos, e, se queremos merecer o título nobre de educadores, dêmos aos nossos jovens operários silenciosos, tanto nas escolas especiais como no ingresso no mundo industrial, bons hábitos para que se comportem bem na vida, no que diz respeito aos seus pares e seus chefes; que eles possam exercer uma profissão com inteligência, para que dela possam tirar o máximo proveito e depois possam ganhar o pão da família; ensinemo-los ainda a defender os seus direitos se for necessário e sempre a cumprir os seus deveres: numa palavra, trabalhar com energia e incansavelmente para preparar nos jovens de hoje os homens de amanhã, homens de coração e bom senso que sejam do seu tempo e seu país (GAILLARD, 1898, p. 45, tradução nossa).

Aymard colocou-se sob o título de “educador” e creio que aqui poderíamos problematizar com Alexandre Carvalho acerca dessa função:

O educador, em sua individualidade, sempre está situado numa posição de sujeito. Entretanto, não despreza a inter-relação com a posição de outros sujeitos. Levando em conta a analítica de sua função – a função-educador – lhe é possível, enquanto sujeito, na posição que conduz, forma, governa, criar tensões nas linhas contínuas de forças que remetem às experiências de formação humana, sempre ligadas à formação de subjetividades, ao mesmo lugar. A função-educador se dispõe a tornar possível outras posições para os sujeitos envolvidos no empreendimento da formação, inclusive para si mesmo (CARVALHO, 2011, p. 15).

E Filordi continua:

Por seu intermédio, são reexaminados os privilégios dos sujeitos e os elementos condicionantes envolvidos ali. Por meio da relação de apropriação, atribuição e de criação de descontinuidades, o educador faz operar experiências de libertação de domínios, é preciso enfatizar, a partir de si mesmo. Assim, ele vai ao encontro da constatação de que é fundamental a conjuntura de possibilidades capazes de intermediar uma construção de si mesmo ativa, ou seja, remarcar que a função-educador está disposta num jogo de abertura onde a função-sujeito-educador e a função-sujeito educando não cessam de ser construídas (CARVALHO, 2011, p. 15-16).

Para Aymard, a educação deveria ser uma preparação para o trabalho, independentemente de ser uma escola profissional ou comum. Importante notar que ele insistia na boa relação dos surdos com seus pares, os outros trabalhadores, e com seus chefes. Esboçava-se a necessidade de uma educação que capacitasse também na perspectiva das relações interpessoais:

Observe que se trata muito menos do desenvolvimento da educação puramente científica do que da educação moral, não apenas por preceito, mas por exemplo; porque os jovens do nosso país não conhecem o suficiente as dolorosas provações pelas quais passaram seus irmãos mais velhos, esses idosos que sofreram bem e conquistaram as liberdades francesas. Esta juventude de hoje ignora os perigos que podem ameaçá-la. [...] Mas, como todos sabem, não é do governo que se deve esperar esse cargo, mas sim dos sentimentos de cada um de nossos diretores de escolas para surdos-mudos (GAILLARD, 1898, p.46, tradução nossa).

Escapando de uma retórica que poderia tão somente culpabilizar o governo e dele esperar iniciativas, Aymard falou daquilo que era possível aos professores e diretores. Dessa maneira, a discussão sobre a profissionalização era algo que tocava à formação do surdo desde o início de sua vida na escola. O reconhecimento da experiência dos surdos idosos, das melhorias conquistadas, era fator a impulsionar os mais novos a compreender, de forma mais lúcida, a própria realidade do trabalho a que se submetiam. Trabalhar é forjar-se...

Aymard pensava em sociedades de mecenato em que os surdos bem sucedidos dariam o apoio não só material, mas também moral para que os mais jovens pudessem conquistar o trabalho almejado. Numa comunidade de irmãos somente esse tipo de postura poderia salvaguardar os surdos dos dissabores do desemprego e, conseqüentemente, da situação de dependência ou de uma velhice em asilos. O mundo do trabalho “de-limita” formas de educação, mas os educadores são capazes de pensar outras formas de agir nas brechas...

Foucault, no prefácio a obra *O anti-Édipo* de Deleuze e Guattari, dá algumas sugestões que, acredito, dialogam com o desejado por Aymard:

[...] lembrar que não é preciso ser triste para ser militante, mesmo quando se combate o abominável (a ligação do desejo com a realidade é que possui força revolucionária); não utilizar o pensamento para dar a uma prática política um valor de Verdade nem a ação política para desacreditar um pensamento (como se ele não passasse de pura especulação); utilizar a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política; não exigir da política que ela restabeleça os “direitos” do indivíduo tal como a filosofia os definiu (o indivíduo é produto do poder – é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação e o deslocamento, o agenciamento de combinações diferentes; o grupo não deve ser o liame orgânico que une indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização”); e o conselho final: não se apaixonar pelo poder (FOUCAULT, 1977, p. XIV).

O associativismo surdo era a possibilidade de romper com uma dura lógica, fazendo cada vez mais o exercício de um cuidado de si traduzido como postura ética no mundo, cuidado dos outros. Ai dos surdos se não tivessem outros surdos!

Um trabalho muito aguardado no congresso foi o de Eugène Née sobre “Os surdos-mudos e os antropólogos”. Née afirmou que seu objetivo era contestar as afirmações do Dr. Holger Peter Theodor Mygind (1855-1928) de que “ $\frac{3}{4}$ dos surdos-mudos habitam asilos para loucos” publicadas em seu artigo *Die angeborene Taubheit. Beitrag zur Aetiologie und Pathogenese der Taubstummheit*, de 1890 e no livro *Deaf-mutism*, de 1894. Os surdos eram assunto e “notícia” de possíveis análises desde a antropologia...

Inconformado com o que denominou de criação de um preconceito por parte do Dr. Mygind, Née recordou a condição da maioria de surdos como pessoas trabalhadoras e atuantes na sociedade. Sugeriu que parte da argumentação de Mygind tinha por objetivo justificar o insucesso do método oral puro. O trabalho do Dr. Mygind atualizava um preconceito que já se considerava superado desde a iniciativa do Abade de l'Épée. Mas tal preconceito, segundo Née, tinha sua origem em algo simples: a distância que os especialistas mantinham da língua utilizada pelos surdos. E Berthier é recordado, pois já denunciara esse vício em Itard...

Os especialistas, por não conhecerem a língua dos surdos e por julgá-los desde um idioma falado, acabavam por avaliá-los equivocadamente. Née chama atenção para o convívio com os surdos e o aprendizado de sua língua como forma de verdadeira aproximação que permitiria compreendê-los enquanto pessoas, como quaisquer outras. Sua crítica perpassava a constatação de que, principalmente, nas regiões do interior, os preconceitos disseminados com o aval da medicina e da religião se propagavam (GAILLARD, 1898). Sem dúvidas, a religião gestava corpos obedientes (FOUCAULT, 2014a). Medicina e religião, duas senhoras, corcundas e de joelhos gastos, caminhando tropeadamente e tramando o domínio de corpo e alma dos surdos...

Possivelmente, a reflexão de Foucault acerca da antropologia contribui para problematizarmos mais essa situação. A antropologia só se tornou possível enquanto ciência por ter o homem, ao mesmo tempo, como sujeito e objeto de conhecimento. E isso se deu no quadro da emergência do homem na modernidade. Assim,

Essa questão, como se viu, percorre o pensamento desde o começo do século XIX: é ela que opera, furtiva e previamente, a confusão entre o empírico e o transcendental, cuja distinção, porém, Kant mostrara. Por ela, constituiu-se uma reflexão de nível misto que caracteriza a filosofia moderna. A preocupação que ela tem com o homem e que reivindica não só nos seus discursos como ainda no seu páthos, o cuidado com que tenta defini-lo como ser vivo, indivíduo que trabalha ou sujeito falante, só para as boas almas assinalam o tempo de um reino humano que finalmente retorna; trata-se de fato – o que é mais prosaico e menos moral – de uma reduplicação empírico-crítica pela qual se tenta fazer o homem da natureza, da permuta ou do discurso como fundamento de sua própria finitude (FOUCAULT, 2007, p. 471).

Para o surdo Née, a questão da administração dos institutos era recorrente. Recordando as diversas realizações dos surdos, o congressista provocou os interlocutores com a pergunta se aquelas atitudes seriam de pessoas loucas (GAILLARD, 1898). Uma saída da jurisdição do Ministério do Interior seria um grande passo e que poderia encontrar apoio em políticos como Deschanel. Era necessário recuperar certa crença na política...

A postura de Née é muito semelhante à de Berthier ao refutar os argumentos de Itard que, a partir do contato com o “selvagem de Aveyron”, propunha certa associação entre surdez e idiotia. Berthier respondeu a isso com a obra *Sur l'opinion de feu le Docteur Itard*, publicada em 1852¹⁰³. A cada época esse espírito libertador a combater a presunção da medicina em determinar quem é o surdo desde uma perspectiva tão limitante. Somente a convivência com os surdos poderia derrubar os preconceitos elevados pela medicina e suas terríveis consequências...

Gaillard comentou:

Os médicos que estudam surdos mudos por dissecação e que propagam tantos erros entre surdos-mudos estão muito aquém dos escritores que, estudando a vida, a experiência, observando a realidade de perto, avaliaram muito melhor as capacidades intelectuais dos surdos-mudos. Ele lembra esta bela verdade de Victor Hugo: “O que importa a surdez do ouvido, quando a mente ouve; a única surdez, surdez verdadeira, surdez incurável, é a da inteligência” (GAILLARD, 1898, p. 29, tradução nossa).

Esse apelo à literatura¹⁰⁴, mais uma vez, demonstrava uma forte capacidade argumentativa por parte dos surdos e como estabeleciam contatos diversos com obras

¹⁰³ Acerca desse tema: CÂMARA, 2021, In: SOUZA; RODRIGUES, 2021, p. 63-74. A postura de confrontar os opositores publicamente pode ser percebida também no abaixo-assinado de Berthier e outros professores surdos em oposição à sugestão feita pelo Dr. Bouvier de que os surdos escritores tinham auxílio de ouvintes (cf. VOLQUIN, 1853).

¹⁰⁴ Gaillard ainda citará como exemplo o romance *Pierre et Camille* de Alfred de Musset, publicado em 1844. Nesta obra os protagonistas são surdos.

literárias graças à formação que receberam. Surdos que dominavam o francês escrito, por exemplo, e com isso se muniam de cultura letrada. É a literatura com sua capacidade de dizer o que as ciências, mesmo a educação, nem sempre consegue pronunciar...

Em meio a essas discussões o pedido do surdo Émile Mercier de criação de asilos para surdos idosos e enfermos, acrescentando a isso a solicitação de que nas escolas em que o método oral era praticado não se excluísse a presença de supervisores e funcionários “surdos-mudos” (GAILLARD, 1898). Mercier pensava numa presença de surdos, possivelmente sinalizantes no espaço oralizante. Ao enfatizar a expressão “surdos-mudos”, Mercier os contrapunha aos “surdos-falantes” gestados pelo método oral e, por fim, recordou que em Bolonha era comum na escola de método oral se encontrar “surdos-mudos”. Não creio que tenha sido uma sugestão ingênua ou inocente...

5.4.5 Quinta Sessão: da matemática ao amor ao trabalho

A tarde do dia 21 de agosto, na Quinta Sessão, foi marcada pela reflexão, logo no início, de Ernest Dusuzeau (1846-1917), considerado o primeiro surdo a obter o título de bacharel, tendo se especializado na área de química. Compreendia-se que os surdos estavam em mesmo grau de inteligência que os ouvintes, mas destinados à subalternidade por falta de um estudo aprofundado. Dusuzeau demonstra que o estudo como verniz não basta...

Dusuzeau contemplava a matemática como um aprendizado fundamental aos surdos em vistas de uma melhor condição de trabalho e recusava-se a pensar os surdos relegados ao operariado. Para isso, fazia-se necessário que, nas escolas, professores surdos ou que soubessem datilologia atuassem nessa área junto aos surdos (GAILLARD, 1898). Matemática e surdos como uma área a ser pesquisada...

Dusuzeau, conhecido como o *Gambetta* dos surdos-mudos, assumiu que tinha uma dívida para com aqueles que o auxiliaram a alcançar elevado grau de instrução, ou seja, os professores surdos que o acolheram. Ao tributar sua formação acadêmica ao ensino por mímica, Dusuzeau confrontava a incapacidade do método oral para

conseguir tal feito. O reconhecimento do trabalho de professores surdos do passado a fomentar lutas daquele e do nosso presente...

Gaillard, pintou a cena da recepção dessa apresentação pelos congressistas: “Este discurso muito comovente causou uma profunda emoção e o Sr. Micheloni, de Berna, agradeceu ao Sr. Dusuzeau [...] dando-lhe um abraço fraterno. O Sr. Guerra, de Nápoles, faz o mesmo” (GAILLARD, 1898, p. 31, tradução nossa). Alguns abraços podem nos fazer sentir que as lutas são mais suaves e que existem ombros companheiros pelo caminho. Noutros tempos, nem sempre, os abraços são possíveis...

Victor Lagier retomou a tribuna e falou sobre a Instituição *Saint-Hippolyte-du-Fort*, recordando que, embora trabalhasse com o método oral de Jacob-Rodrigues Pereira, não se proibia o uso de sinais. E sugeriu as deliberações: “1° - Que as instituições de surdos-mudos só tomem como professores de trabalhos manuais os surdos-mudos; 2° - Que estas Instituições abracem sempre este grande dever de ensinar o amor ao trabalho e o horror à mendicância” (GAILLARD, 1898, p. 96, tradução nossa). Educar é uma maneira de se ensinar a amar - o trabalho...

5.5 As deliberações: para que os congressos produzissem efeitos



Detemo-nos agora sobre as deliberações do Congresso de Genebra. A primeira deliberação foi redigida desta forma: “O Congresso, considerando que o sistema combinado de ensino da fala, leitura labial e os sinais, faz com que este ensino avance mais, que desenvolva ainda mais as faculdades intelectuais dos surdos-mudos, expressa o desejo de que o método misto seja preferido ao método oral puro” (GAILLARD, 1898, p. 18-19, tradução nossa). O perigo do “preferível” e “preferencialmente” tão presentes em algumas leis...

Parece-nos estar nesta resolução uma definição do chamado sistema combinado, ou seja, aquele que ensinaria fala, leitura labial e os sinais. Uma definição um tanto vaga, poderíamos pensar, afinal, qual a proporção de cada um destes ensinamentos? O que e quando deveria ser priorizado? Mas, certamente, manifesta-se aí a repulsa à uma exclusividade metodológica que, naquele momento, centrava-se no método oral puro. Preferir o sistema combinado é rejeitar o método oral puro...

A segunda resolução ajuda-nos, talvez, a mensurar um pouco mais da proposta apresentada na primeira:

Considerando que o ensino do desenho é necessário, tendo em conta as aptidões naturais dos surdos-mudos, para lhes proporcionar uma profissão lucrativa e de qualidade e elevá-los ao nível de artesãos, o Congresso entende que o desenho industrial, deve ser ensinado em escolas de surdos-mudos, e por meio de sinais que esclarecem ainda mais as explicações do professor (GAILLARD, 1898, p. 19, tradução nossa).

Pedir para que o ensino de desenho fosse feito em sinais é, possivelmente, uma forma de demonstrar o quanto tal língua não seria apenas um apoio para o ensino da fala, mas sim a língua mesma de instrução para uma profissionalização do surdo. Os sinais são mostrados como a alternativa que melhor responde à relação professor-aluno...

A terceira resolução complementava a anterior ao falar dos professores:

Considerando que os professores surdos-mudos muitas vezes se dão melhor do que os professores ouvintes no ensino de jovens surdos-mudos, o Congresso expressa o desejo que os professores surdos-mudos sejam reintegrados nas escolas onde o método oral puro seja exclusivo, que eles sejam empregados tanto no ensino escolar quanto no ensino manual (GAILLARD, 1898, p. 19, tradução nossa).

A reintegração dos professores foi desejada desde a compreensão de que a presença desses “irmãos mais velhos” era essencial ao aprendizado dos “irmãos mais novos”. Ter a experiência destes professores surdos, mesmo em escolas que seguiam apenas o método oral, era oportunizar aos jovens surdos o acesso à uma tradição que se consubstanciou numa prática docente rejeitada pós-Milão. Não se deseja o retorno dos professores surdos, que foram aposentados compulsoriamente, apenas para comandar oficinas; deseja-se que retornem à função docente. Cava-se dentro da escola, que se guiava pelo método oral puro, um espaço de presença que irrompe com um novo surgido da antiga tradição. Era necessário recuperar aquela docência...

Penso que essa proposição pode ser potencializada se a aproximarmos da ideia de amizade do discípulo com o mestre no pensamento de Epicuro. Foucault a considera assim:

É a parrhesía de seu próprio discurso que colocará o aluno em presença do discurso do mestre primeiro, a saber, Epicuro. Por outro lado, porém, além dessa linha de certo modo vertical, que marca o lugar singular do mestre na série histórica que remonta a Epicuro e que funda sua autoridade sobre todos os alunos, haverá, no grupo, uma série de relações horizontais, relações intensas, densas, fortes, que são relações de amizade e que servirão à

salvação recíproca (FOUCAULT, 2014a, p. 349-350).

A quarta deliberação criava um comitê internacional dos surdos:

Para cumprir as resoluções do Congresso em cada um dos países que aí enviaram representantes e para organizar os próximos congressos internacionais, o Congresso decide que é necessário constituir uma comissão internacional de surdos-mudos assim composta: 1. Pela Suíça: Srs. Salzgeber (Genebra), Ricca (id.), Fontennalaz (Berna), Schafer (Basel), de Buren (Genebra), Secretan (Lausanne). 2. Pela França: Srs. Genis (Paris), Dusuzeau (id.), Gaillard (id.), E. Née (id.) É. Mercier (Reims), Lagier (Nîmes). 3. Pela Itália: Srs. Micheloni (Roma), Guerra (Nápoles), Dancetti (Milão), Viccari (Bolonha), Orengo (Génova), Giaccardi (Turim). 4. Pela Alemanha: Srs. Krieger (Stuttgart), Watzulik (Altenburg), Rump (Berlim), Brehler (Frankfurt), Buchheim (Leipzig), Kleisslanter (Nuremberg). Esta comissão será responsável por encaminhar aos embaixadores em Berna das nações representadas no Congresso as resoluções aprovadas (GAILLARD, 1898, p. 19, tradução nossa).

Nesta resolução demonstra-se certa ciência, por parte dos surdos, de que muito do que discutiam nos congressos permanecia “letra morta”, pois não ganhava implementação via legislações oficiais nos respectivos países. Havia uma forte esperança de que a entrega das deliberações aos embaixadores, no caso do Congresso de Genebra, residentes em Berna, pudesse alavancar as lutas nacionais iniciadas pelos surdos. Não basta um congresso ser internacional, ele precisa também, desde fora, contribuir para as lutas nacionais...

Considero que esta quarta resolução tem ainda uma contribuição para a historiografia dos surdos ao listar os nomes dos componentes dessa primeira comissão. Ela abre pistas para pesquisas sobre surdos suíços, italianos e alemães que são raramente mencionados. O protagonismo surdo francês, muito mais conhecido pelos seus expoentes em Gaillard e Dusuzeau, também é ampliado com os outros nomes. Uma lista fecunda para pesquisadores “c(f)uriosos”...

E qual a relação dessa deliberação com a educação? Parece-me que essa comissão se coloca, praticamente, como uma instância que mediará o que era desejo dos surdos junto às autoridades governamentais. Desta forma, considero que essa deliberação é um encaminhamento em relação ao que fora discutido, mostrando que os surdos compreendiam que a educação desejada não se constituiria como tal desde uma mera elucubração, mas pela ação dos surdos junto aos órgãos competentes. Uma educação que se propõe desde o avesso do sistema...

A quinta resolução tratava da criação de escolas de nível superior destinadas

aos surdos: “O congresso decide que é necessário criar em cada país um colégio nacional de surdos-mudos para onde serão enviados os melhores alunos, escolas regulares preparadas para os estudos superiores, abrindo as portas às carreiras liberais” (GAILLARD, 1898, p. 19-20, tradução nossa). Tal solicitação demonstra como os surdos se compreendiam em igualdade intelectual com os ouvintes, porém, manifestavam a necessidade de um espaço próprio em que a língua de instrução fosse a língua escolhida pelos surdos. Os surdos que concluíram cursos superiores notavam as sérias dificuldades para se acompanhar as aulas em escolas regulares. Ao se pedir uma escola de nível superior para cada país, a comunidade surda afirma que sua contribuição para o mundo intelectual demanda especificidades. Há muito do pensamento e do sentimento dos surdos a contribuir para as ciências...

A sexta deliberação propunha, de forma sucinta, uma reforma do ensino para surdos:

Para combater a proliferação de surdos-mudos vendedores ambulantes, as escolas deverão proporcionar uma educação profissional mais organizada e com ofícios muito melhores do que os que se ministram atualmente (GAILLARD, 1898, p. 20, tradução nossa).

A que tipos de profissão uma determinada forma de educação conduz os sujeitos escolarizados? Na percepção dos surdos em Genebra (1896), o ensino ministrado tendia a fazer com que os egressos das escolas de surdos só conseguissem trabalhar como “caixeiros viajantes”. Expostos a toda instabilidade da profissão, numa condição de incertezas, proliferava-se esse grupo de trabalhadores, pois o que aprendiam nas escolas não permitia alcançar melhores postos de trabalho. À escola cabe parte da responsabilidade sobre a empregabilidade, mas muito sobre o próprio sentido da vida...

Se desejavam diminuir o número de surdos atuando como ambulantes, desejavam também que sob o aspecto moral, os surdos pudessem ser devidamente formados. Assim, a discussão sobre as questões morais acabou sendo consignada na sétima deliberação:

Considerando que por intermédio da linguagem dos sinais se consegue muito melhor moralizar os surdos-mudos e fazê-los compreender as verdades da religião do que pela ajuda da palavra, o congresso é de opinião que é absolutamente necessário usar os sinais para direcionar a educação moral dos surdos-mudos (GAILLARD, 1898, p. 20, tradução nossa).

Educar é também formar o caráter moral. Essa compreensão, tão bem

assumida pelos surdos, só seria alcançada por meio da língua de sinais. Talvez, um aspecto que considero implícito à questão é que, ao definir que é por sinais que o surdo pode compreender as questões morais e verdades da religião, os congressistas estão afirmando a complexidade da língua de sinais para tratar de temas abstratos. Outro ponto importante de se notar é que os congressistas demonstraram que peso deveria ser dado aos sinais quando solicitavam e apoiavam o sistema combinado. Em alguns momentos parece ser preciso deixar levar os anéis para se conservar os dedos...

Entretanto, convém problematizar o que significaria deixar-se moralizar. Foucault nos adverte sobre o funcionamento do poder pastoral:

O poder pastoral introduz, além das tecnologias de exercício de poder tais como a confissão, uma verdadeira economia de circulação, transferência e inversão dos méritos. No cristianismo a virtude da humildade será a máscara da obediência pela obediência. Ser obediente para ser obediente, eis a finalidade da mestria inculcada nessa mecânica de sujeição. Ela demarcará o lugar hierárquico do indivíduo na rede de servidões. Há uma individualização por sujeição; há a produção de uma verdade interior, uma sujeição, uma subjetivação. Identificação analítica, sujeição, subjetivação são procedimentos de individualização utilizados pelo pastorado cristão e suas instituições (OTTAVIANI; FABRA; CHACON, 2012, p. 148).

A oitava deliberação remetia ao cuidado com os surdos idosos e enfermos, muitas vezes empobrecidos em função de uma baixa formação escolar: “O congresso decide que é necessário criar um movimento para se chegar ao estabelecimento de lares de idosos e enfermos surdos-mudos, que os tire do isolamento e dos agravos que apressam o seu fim nos hospícios de ouvintes” (GAILLARD, 1898, p. 20, tradução nossa). Se os sofrimentos da idade e das doenças pesavam sobre a vida de todos, de forma muito mais dura incidiam sobre os surdos que, ao final da vida, encontravam-se em situações de miserabilidade. Uma dada forma de ensino para surdos poderia sempre mais conduzir à “loucura” pessoas que se estivessem com seus pares e no conforto de sua língua seriam tratadas adequadamente. A escola pode ser lugar que aquece, mas que também enlouquece...

A nona resolução parece retomar a terceira: “O congresso é de opinião que apesar do estabelecimento do método oral, é possível proporcionar trabalho aos surdos-mudos reservando-lhes nas escolas os lugares de supervisores e empregados” (GAILLARD, 1898, p. 20, tradução nossa). Insiste-se, novamente, de que o fato de uma escola priorizar o uso do método oral não justificaria a demissão de

surdos. Acredito que os congressistas simpatizantes do sistema combinado queriam mesmo fomentar a presença dos surdos sinalizantes nos diversos lugares, mesmo naqueles em que eram tidos como *personas non gratas*...

A décima resolução sistematizava as questões propostas sobre o ensino de matemática:

Considerando a indiscutível utilidade da geometria elementar e da geometria descritiva para surdos-mudos, o congresso expressa o desejo de que essas ciências sejam ensinadas em todas as escolas de surdos-mudos, sem exceção, e que cursos mútuos sejam realizados nas grandes cidades e administrados por professores surdos-mudos ou por professores falantes que conhecem o alfabeto dos surdos-mudos (GAILLARD, 1898, p. 20, tradução nossa).

Mais uma vez, recuperou-se o lugar dos professores surdos, delineando a capacidade desses para o ensino de questões abstratas. Também a datilologia foi valorizada e colocada como uma segunda opção. A ciência na vida, às vezes, de maneira silenciosa...

A décima primeira deliberação retomava a questão da jurisdição do Ministério do Interior sobre as escolas de surdos. Pedia-se, pois, a transferência das escolas para a jurisdição do Ministério da Instrução:

Considerando que a vinculação das escolas francesas de surdos e mudos ao Ministério do Interior é o que mais prejudica o andamento de sua educação especial, as escolhas e a qualificação do pessoal, e que isso está em contradição com o princípio de ensino gratuito e obrigatório, o congresso expressa o desejo de que as escolas francesas para surdos-mudos sejam vinculadas ao Ministério da Instrução Pública (GAILLARD, 1898, p. 20-21, tradução nossa).

Essa resolução é um pedido para que se dissociasse o surdo do idiota (louco), do insano, do doente. É, talvez, também um pedido para se escapar das garras religiosas, pois o Ministério do Interior era também o de Assuntos Religiosos. Uma luta que retornaria fortemente em Paris (1900). E, em outros tempos, bem mais recentes, a religião também se infiltrou no Ministério da Educação e noutros mi(ni)stérios...

Para além das deliberações há uma discussão sobre a sede do próximo congresso. Fica muito claro como os italianos queriam que o evento fosse realizado em seu país. Dessa discussão se depreende que os surdos estavam, simultaneamente, organizados em vários países:

O Sr. Micheloni propôs que o próximo congresso internacional aconteça em

Torino por ocasião da exposição a ser realizada naquela cidade em 1898. O Sr. Gaillard pede que o próximo congresso seja realizado em Londres em 1897. Sua organização foi decidida pelas sociedades inglesas. Esta proposta é aprovada. Os surdos-mudos da Alemanha assinalam que em 1898 realizarão um congresso nacional em Berlim. Se o Congresso Internacional de Turim ocorrer em data diferente da sua, eles participarão. O Sr. Micheloni promete levar em conta as datas e, a pedido de vários membros, diz que o congresso de 1898 será realizado em Roma. Por intermédio do Sr. Krieger, de Stuttgart, os surdos-mudos alemães vêm declarar que irão em massa ao congresso de Paris em 1900 (GAILLARD, 1898, p. 37-38, tradução nossa).

A citação acima ajuda a perceber como o evento de Dijon (1898) foi organizado de maneira repentina, pois não foi mencionado nas declarações finais de Genebra. Sequer se cogita seu nome para sediar o próximo congresso. O texto de Gaillard mencionou os aplausos que se seguiram a essa discussão sobre o próximo evento. Possivelmente, essa efervescência do movimento surdo contagiava a todos os presentes. O Congresso de Genebra foi encerrado, mas antes, é preciso nos sentarmos para que a comensalidade surda nos sirva mais um apetitoso prato...

5.6 Os banquetes: a vida e seus temperos diferentes

Esse momento, certamente, aguardado, se revestia de todo um significado simbólico. Esses surdos e falantes que, ao comerem também se davam a conhecer, temperavam a vida com especiarias muito próprias, bebiam a alegria do encontro, despertavam pelo olhar o apetite por mudanças. Um restaurante próximo à Exposição Nacional foi escolhido para o banquete (GAILLARD, 1898). Banquetear é um ato político e, por isso, deve ser visível e dizível...

Os lugares de assentos no banquete não são aleatórios, eles fazem parte de um complexo jogo. Jogo de visibilidade, jogo de oportunidades, jogo de articulações, jogo de observações, jogo que sequer sabia-se como terminaria. Por isso, listar os lugares ocupados era, para o relator, indicar também como certa hierarquia, às vezes, mais ou menos diplomática, funcionava. Os lugares são sempre lugares, são escolhas de onde posso falar e também me assentar...

Segundo Gaillard, o momento de discursos se delongou excessivamente, ainda mais quando se considerava o tempo já gasto com os debates nas sessões do congresso. Há um destaque para Dusuzeau por fazer os sinais de forma ampla, clara e harmônica. O banquete é lugar de se evidenciar lideranças, de propiciar que possam

ser reconhecidas (GAILLARD, 1898). E no caso de Dusuzeau isso terá importância quatro anos depois de Genebra...

Após o banquete houve um evento cultural aberto para os demais participantes. Gaillard insiste no número de 500 pessoas falantes e sinalizantes. Fala de mais um baile. E criamos na memória a imagem desses surdos dançantes e o desenho de uma *polka*.

5.7 Retrospectar para prospectar uma última sala

O Congresso Internacional de Genebra, marcadamente europeu, não teve a proporção de seu antecessor, todavia, parece-me constituir-se como uma extensão das discussões do Congresso de Chicago (1893). A aposta no sistema combinado, tão bem defendida e exemplificada pelos americanos, foi discutida e assumida em Genebra. O número de participantes, ainda que reduzido, sugere que havia uma inserção da militância surda nos diversos países. Infeliz a história que narra uma comunidade surda apática e apagada e não contempla esses fogos de artifício que como bombas explodiam as verdades mais sagradas...

Genebra, se quisermos, como certo eco de Chicago, reverbera a questão do trabalho como algo que está vinculado diretamente à educação. As fragilidades do método oral puro para a possível empregabilidade dos surdos são desmascaradas e, nesse aspecto, as informações da delegação italiana deixam-nos embasbacados. Poderíamos, talvez, arriscar que Milão é uma grande “des-verdade” assumida, ao menos no Brasil, com claras consequências para a comunidade surda, hipervalorizando velhas narrativas¹⁰⁵. A educação de surdos estava para além de Milão...

Em Genebra temos uma comunidade surda que discutiu, francamente, inclusive com os poucos ouvintes, uma outra possibilidade de educação, rompendo as brechas que a escolha pelo método oral puro havia deixado. Ao se assumir o sistema combinado, vai-se, pouco a pouco, mostrando que, não interessa aos surdos um aprendizado da fala, mas sim uma educação que fosse suficientemente boa para

¹⁰⁵ RODRIGUES; OLMO; VIEIRA-MACHADO. Revisitar o Congresso de Milão (1880) e colocar (dez)verdades em suspenso (no prelo).

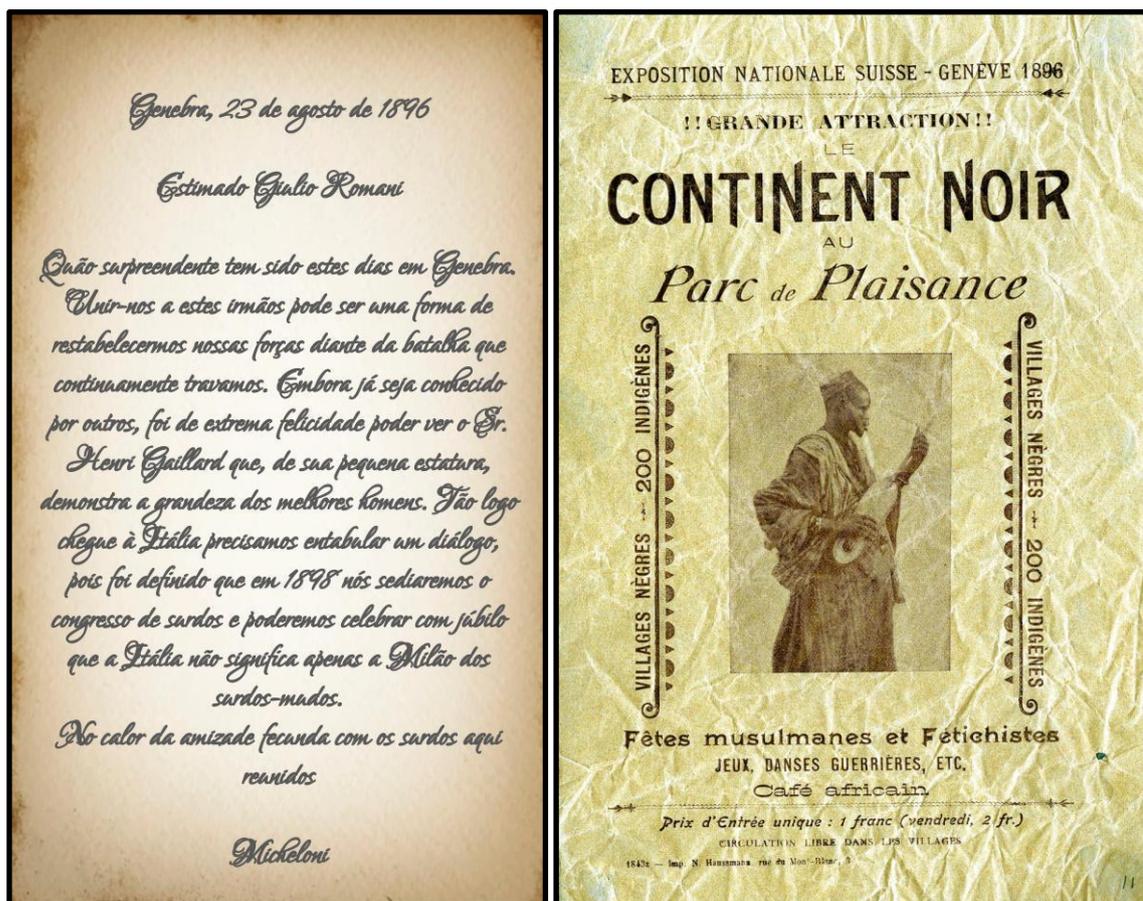
capacitá-los a concorrer com os falantes nos diversos postos de trabalho e capacitá-los para a vida. Uma educação para o trabalho...

A percepção de que uma mudança na educação de surdos perpassaria por outras instâncias, como a das decisões políticas também se anuncia vigorosamente em Genebra. Não são surdos ingênuos a sonhar uma educação, mas cientes de seus direitos como cidadãos, atentos às mudanças sociais de seus países e capazes de sugerir uma reforma educacional que considerasse, acima de tudo, que os surdos necessitavam do uso de sua língua natural para um aprendizado significativo. Não mais cartas de intenções; mexia-se agora com os embaixadores...

A vida dos surdos na sua totalidade é que orientou a discussão sobre educação. Pouco se falou sobre a infância surda, mas foi se esboçando o que se esperava de um surdo adulto: uma pessoa em igualdade de direitos e deveres na sociedade, capaz de se sustentar e não ser mais um dependente da caridade alheia. Há uma emancipação em curso que vai transformando a vida dos surdos. Um fio de emancipação perpassa esses surdos e é segurado firmemente por eles...

Permaneci naquele “des-conforto” da cadeira de três pernas. O fato de equilibrar-me por tanto tempo deixou-me as pernas dormentes. Um corpo cujos membros sinto e não mais domino. Dormência que me domina, que torna-me “ind(s)olente”. Espero sem muita paciência que esse corpo acorde. Os porões são propícios ao sono e aos sonhos, mas não os sabia capazes de me amortecer. Levanto-me arrastando esse corpo, como um prisioneiro que tem os pés atados a uma bola de ferro. Essa agonística percepção da liberdade. Adianto-me para outra porta. Há muitas teias de aranha, fazendo-me ver o interior desde uma embaçada imagem marcada por finas linhas, qual grande véu. Essas aranhas e suas tessituras rendosas e essa história que sai de minhas mãos como teia, permitindo e, ao mesmo tempo, impedindo de ver, mas sempre enredando. Sinto no peito uma chama a mover-me, talvez, refluxo do entusiasmo dos italianos. Retrocedo e, rapidamente, devolvo ao porta-retratos aquela foto que agora desejei colorir. Estou pronto para mais um “in-cômodo” para além das teias que se “des-cortinam”...

Figura 13: Cartaz da Exposição Universal de Genebra adaptado



Fonte: Criação pessoal com base em <https://blog.bge-geneve.ch/le-village-noir-de-lexposition-nationale-de-1896/>

Figura 14: Exposição Nacional de Genebra 1896



Fonte: <https://picclick.fr/Suisse-Gen%C3%A8ve-exposition-Nationale-de-1896-le-palais-372804937193.html#&gid=1&pid=1>

Figura 15: Participantes do Congresso de Genebra - 1896



Fonte:

https://gaislandora.wrlc.org/islandora/object/historicalpanoramas%3A107?solr_nav%5Bid%5D=8b76d5a40ca3214ad532&solr_nav%5Bpage%5D=0&solr_nav%5Boffset%5D=17

Moulbarri, 25 de julho de 1898

Caríssimo Sr. Blesseau

Na qualidade de intérprete perpétuo da Sociedade de Surdos-mudos da Borgonha, como um ouvinte sempre muito atento às necessidades daqueles infelizes que nos unem, venho solicitar-lhe um grandioso obsequio. Comprometi-me em interpretar as sessões do Congresso Internacional de Surdos-mudos que se dará nos dias 27, 28 e 29 do próximo mês em Dijon. Entretanto, fui destacado para uma tarefa militar nestas datas e não poderei contribuir com o anteriormente combinado. Poderíeis, vós que bem sabeis a língua desses desafortunados, servir-lhes de intérprete nas referidas datas?

Considero que será uma tarefa árdua e o que compartilho espero não demovê-lo do convite. Há fortes indícios de que este evento será marcado pelas dissensões entre os surdos Dusuzeau e Chazal. A fim de que estejais a par dos últimos acontecimentos, Dusuzeau recusou presidir o congresso quando soube que Chazal seria seu secretário. Tal celeuma continuou apesar das iniciativas de outros surdos por reconciliar esses irmãos.

Certamente, um dos organizadores irá vos procurar nos próximos dias.

Com a mais sincera expressão de minha gratidão por todo o trabalho no auxílio a este mundo silencioso, despeço-me de vós na firme convicção de que, em nome de nossa amizade, possais acolher positivamente o meu pedido.

Henri Vautrin

Capitão

Delegado da Souvenir Française

Secretário Perpétuo da Sociedade de Surdos-mudos da Borgonha

CAPÍTULO 6

CONGRESSO INTERNACIONAL DE SURDOS-MUDOS

DIJON - 1898

O cheiro forte de vinho deixava o ar contaminado, numa mistura de sujeira, fezes de pequenos roedores, ranço de mofo e madeira envelhecida. Tudo chega às minhas narinas e papilas. Era preciso acostumar-me. No centro da sala eleva-se uma escultura hexagonal formada por homens que se apoiam. Minha vida pregressa faz reconhecer que estão ali retratadas figuras bíblicas: Davi, Jeremias, Isaías, Daniel, Zacarias e, de forma proeminente, Moisés com as tábuas da Lei. Unindo-os pelo alto estão anjos com suas asas abertas. Contorno o monumento várias vezes, detenho-me nos detalhes e, já acostumado ao cheiro daquele lugar, começo a integrá-lo em mim. “Stat Crux dum volvitur orbis”, como o mundo eu giro e a cruz permanece. Um pouco mais atento vou entendendo que se trata de uma antiga fonte demovida de seu lugar, possivelmente, outrora, objeto de romarias por indulgências. Distraio-me, mas, de repente, adentra a sala um homem magro, de olhos fundos, vestindo um terno escuro, o nó da gravata um pouco inclinado para a direita. Deixo-me fitar e até flertar por ele, por seu olhar de angústia. Alguns minutos se passam. Sem palavras, apenas entrega-me um opúsculo e sai rapidamente. Eis-me, sem ser profeta, mas de posse das palavras...

(...) Um pirotécnico é, inicialmente, um geólogo. Ele olha as camadas do terreno, as dobras, as falhas. O que é fácil cavar? O que vai resistir? Observa de que maneira as fortalezas estão implementadas. Perscruta os relevos que podem ser utilizados para esconder-se ou lançar-se de assalto
(FOUCAULT, 2006b, p. 69).

Do porão talhado na rocha no subterrâneo, do subterrâneo à água parada, passamos do mundo construído ao mundo sonhado [...] A casa, o porão, a terra profunda encontram uma totalidade pela profundidade. A casa se transformou num ser da natureza. Está solidária com a montanha e as águas que trabalham a terra. A grande planta de pedra que é a casa crescerá mal se não tivesse as águas dos subterrâneos na sua base. Assim vão os sonhos em sua grandeza sem limite.
(BACHELARD, 2003, p. 212).

6.1 Um evento esquecido, aquecido e incendiário

Como um congresso do interior da França nos põe a pensar internacionalmente a educação de surdos? O Congresso Internacional de Surdos-mudos, realizado na cidade de Dijon, de 27 a 29 de agosto de 1898, é marcado por várias controvérsias. Inicialmente, tal evento ocorreria no ano de 1897 junto com a Exposição Universal.

Como a exposição foi adiada para 1898, também o congresso foi postergado. A história dessas organizações dos congressos é sempre marcada por imprevistos...

Talvez, seja o congresso em que, mais visivelmente, as linhas da costura dessa história dos surdos parecem deixar pontas à mostra. Certamente, é um dos “in-cômodos” do castelo de papel dos congressos, e não é de se estranhar certo silêncio sobre este evento. A sala ainda tem ares de certas brigas, desavenças, ironias...

Na história irônica não há lugar para a dialética e suas sínteses apaziguadoras do conflito, semelhanças finais harmonizando o conflito anterior. [...] A História irônica afirma o grotesco da existência, a convivência, superposição e perpetuação de contrastes, o barroquismo de nossas vidas e de nosso passado. A História é plebéia, humana e carnalizada (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 186).

6.2 O documento: quando os conflitos podem entrar para a história¹⁰⁶

O documento não é um retrato. E, mesmo que ainda o fosse, não nos permitiria acessar a pessoa ou o fato ali retratado, registrado, tragicamente fadado a correr o risco de ser guardado no papel e legado a desconhecidos. O documento é essa peça criada por duas ou mais mãos com um único intuito de tentar frear um verdadeiro haboob, que sufoca com poeira o passado. O documento é uma tentativa...

Virtualmente acessamos as duas versões disponíveis do texto e, novamente, optamos pela mais antiga, registrada no site da Biblioteca Nacional da França. Por vezes, devido a problemas com a imagem, recorria ao texto digitalizado por Marc Renard. Talvez as atas de Dijon sejam mais um texto em que as marcas das intempéries também se mostrem a suscitar-me um espírito salvador de documentos. O salvacionismo pode se revelar de várias formas...

Trata-se de um documento conciso, composto basicamente pela narrativa da preparação do congresso e suas três sessões. Seguem-se alguns anexos com um texto sobre o *Institut Boyer* ou o da *Institution Régionale des Sourds-Muets et des Jeunes Aveugles de Dijon*, lista de participantes e uma prestação de contas. Dijon foi um evento rápido. Pelo registro, parece-nos que, de fato, foi um congresso de um dia,

¹⁰⁶ Sobre essa conflitualidade no Congresso de Dijon veja: RODRIGUES, 2023a.

antecedido por uma recepção e seguido de uma celebração. Mas Dijon nos reserva delícias de uma pesquisa...

O documento final do evento foi compilado por Joseph Chazal (1863-?), secretário do Congresso de Dijon, e é a partir do nosso olhar sobre seu modo de olhar aquele evento que nos aproximamos do texto. A linguagem é bastante clara e fica nítida a diferença em relação ao registro que tínhamos em mãos quando da análise de Genebra. Tal clareza não impedirá Chazal de evidenciar muito de sua ironia e suas críticas a outros surdos...

Afinal, aplicando ao relator parte daquilo que é tarefa do historiador, podemos recordar, aplicando-me a mim mesmo nessa empreitada:

O ofício do historiador mobiliza o uso da linguagem, da narrativa, mobiliza o uso do arquivo, misto de linguagem e materialidade, de linguagem e rastros de gestos e ações, de sofrimentos e peripécias em que se empenharam os corpos, mobiliza o uso do próprio corpo do historiador, sua sensibilidade e sua imaginação, sua memória e sua inteligência. O ofício de historiador implica entregar um passado e entregar-se ao passado de corpo e língua (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 210).

Com uma língua que se deixe ferir e também fira, fazendo com que se criem novas aproximações. O que sabemos sobre os antecedentes do evento é que nos foi legado pelo documento oficial de registro do congresso, língua escrita oficial. Como todo relato, a ele escapam grandes sobras, a parte gorda da vida...

Por ocasião da Exposição Universal de Dijon se programou o congresso. Alguns surdos ligados à *Société des Sourds-Muets de la Bourgogne* se destacam nesse movimento, formando uma comissão inicial: E. Vuillemey, presidente; A. Brost, secretário; A. Seguenot, E. Jovin e M. Gerling. Essa comissão convidou o senador Edme Piot (1828-1929)¹⁰⁷ para que fosse o presidente honorário do Congresso; Dusuzeau, o presidente efetivo, e Jeanvoine, o secretário (CHAZAL, 1899). Tudo parecia promissor, mas o evento começaria a sofrer suas turbulências...

Os organizadores tiveram dificuldades para angariar os fundos necessários para a realização do evento. Apesar de todos os esforços, a alternativa que tinham

¹⁰⁷ Piot, considerado da esquerda democrática, foi senador no período de 1897 a 1909. Proprietário de empresas de obras públicas, demonstrava também preocupação com o despovoamento da França de sua época (JOLLY, 1960). O desejo de certa proximidade com políticos influentes perpassa também os congressos. Nos textos não fica claro qual o objetivo ao se convidar personalidades políticas. Assim, podemos nos perguntar: Interesse nas questões de empregabilidade dos surdos? Desejo que assumam as suas demandas e as conduzam aos espaços legislativos?

era solicitar subvenção à prefeitura de Dijon. Esse pedido foi acolhido e o comitê organizador sentiu-se mais motivado a divulgar o congresso. O secretário Brost despachou cartas para os surdos influentes da França e do exterior, também publicando o convite nos jornais destinados a surdos (*Le messenger de l'Abbé de l'Épée; Journal des Sourds-muets; Le sourd-muet illustré*). Além da imprensa, Brost enviou mais 500 circulares a diversos lugares anunciando o congresso (CHAZAL, 1899). Tempos de outras formas de divulgação...

A circular, datada de 25 de junho de 1898, mencionava o programa do congresso:



Aqui estão as principais questões que serão examinadas: 1° - Da instrução dos surdos-mudos; 2° - O que se deve preferir: método oral, mímico ou misto? 3° - Sociedades de ajuda mútua para surdos-mudos; 4° - Da Federação das sociedades de surdos-mudos da França (CHAZAL, 1899, p. 9, tradução nossa).

Era um programa modesto, mas que se voltava para a questão da educação e dos métodos, sugerindo-nos que, apesar das iniciativas tomadas em Genebra, não se dera nenhuma mudança significativa. A temática da ajuda mútua também era recorrente e a questão da Federação de surdos franceses apontava para divisões internas no movimento. Para muitos surdos talvez não fosse um convite também tão atraente...

Nesta circular, anunciava-se a composição da mesa diretora do congresso e lia-se no lugar de Jeanvoine como secretário, o nome do surdo Joseph Chazal. Ele teria sido o pivô de uma série de acusações ao associativismo surdo parisiense. Tendo fundado um jornal, *Le sourd-muet illustré*, através de uma linguagem satírica, não poupava as três grandes lideranças surdas: Henri Genis, Henri Gaillard e Joseph Cochefer. Chazal criticava as lideranças surdas de tentativa de manipulação dos demais (CANTIN; CANTIN, 2017). O próprio nome do jornal era significativo, pois fazia oposição aos outros jornais de surdos, assumindo-se como uma imprensa iluminada, ou seja, mais atualizada, mais condizente com o uso da racionalidade tão em voga naquela época, livre das influências da religião e também livre de possíveis dominações pelos pares. Professa-se uma fé na Ilustração, mas a “Figura” sempre será uma vela a nos tentar...

Dusuzeau, ao tomar ciência de quem seria o secretário, declinou da presidência, criando um grande mal-estar. Ao fim, os organizadores, por certa amizade com Chazal, depois de frustradas tentativas de aproximação entre Dusuzeau e Chazal, aceitaram a recusa do convite à presidência e mantiveram o secretário (CHAZAL, 1899). Que bom que tais registros foram conservados, dando-nos a conhecer que esses surdos não formavam uma massa homogênea e com uma idealizada unidade. E em qualquer agrupamento humano há conflitos...

As trocas de correspondências entre os envolvidos no conflito, por vezes, publicadas na imprensa, certamente, são um aperitivo para Dijon. Parece ter ocorrido, a partir daí, uma clara campanha contra Chazal. A comissão, ao insistir na permanência de Chazal, recusou-se a acolher as críticas de Graff, Dusuzeau e Gaillard (CHAZAL, 1899). Ah, se esse texto fosse escrito por Gaillard...

Chazal relata os desdobramentos de uma última tentativa de Alfred Boquin (1850-1924) em reconciliar esses “irmãos de infortúnio” que se tornaram rivais públicos. Boquin decidiu passar uma semana em Paris e visitar os envolvidos, mas, segundo Chazal, o único que não quis receber a visita do surdo de Borgonha foi Dusuzeau (CHAZAL, 1899). E, desta forma, o texto vai nos conduzindo a conhecer essa imagem que se escolheu deles gravar para a posteridade. Imagem que nos permite criar um rosto, mas os rostos têm máscaras e quando uma cai outra ocupa seu lugar...

6.3 Os participantes: quando o interior se posiciona

Chazal mencionou que no início de agosto de 1898 havia cerca de 120 inscrições confirmadas para o congresso. Tal número era considerado grandioso devido às dificuldades enfrentadas e à relutância dos surdos parisienses ligados ao grupo de Gaillard, Genis e Cochefer. Segundo Chazal, uma parte da imprensa surda, o *Journal des sourds-muets*, teve uma postura hostil em relação ao evento (CHAZAL, 1899). E no dia 26 de agosto, à noite, foram chegando os participantes...

O relator compôs um quadro de participantes com poucas informações. Nas palavras de Chazal: “Esta lista está muito incompleta, a Comissão só pôde anotar os nomes daqueles que compareceram ao Congresso e ao banquete, para os demais,

entender-se-á que isso era materialmente impossível” (CHAZAL, 1899, p. 91). Ela não totaliza os 120 congressistas citados por Chazal. Embora na primeira sessão ele cite apenas 60 pessoas. Talvez, nem sempre pensamos que uma assinatura pode ser imprescindível no futuro ou que um nome completo será útil a quem se desventurar debruçar-se sobre nós. Sim, somos passíveis de futuras investigações...

Também não é possível saber a origem dos participantes, exceto da delegação inglesa, que é mencionada à parte, e “composta pelos Srs. F.W.G. Gilby; William, Gilby pai; Frank Hodgkins; Laurie; Sounes; Horsley; Doncaster e das senhoras Mary-Eliza Purdue; Harrielt; Silver; Darter” (CHAZAL, 1899, p.91). Não nos foi possível também saber quantos surdos e quantos falantes participaram, pois não foram identificados dessa forma. Uma lista para uma vida ou uma vida por uma lista completa?!

Mas, em meio aos “sobrenomes” dos 96 homens e das 23 mulheres consta H. Genis. A presença deste surdo que representava muito da situação parisiense foi bastante confrontada ao longo do congresso. Enquanto relator também não seria difícil a Chazal desenhar uma imagem vilanesca de Genis para os demais surdos. Na escrita também se desenha caricatamente as personalidades...

O próprio texto foi nos colocando em contato com os participantes e nos permitiu conhecer um pouco mais de suas histórias, dando-nos alguns dos seus prenomes e fazendo mover nossas mãos na costura de novas narrativas. Mais uma vez avulta-se, para mim, o quão pouco sabemos sobre uma infinidade de surdos e surdas. Esses anônimos que compuseram uma história, mas que também com ela acabaram sendo apagados...

6.4 As sessões: os debates acalorados e os pensamentos divergentes

As sessões do Congresso de Dijon foram marcadas por diversos atritos. Um congresso de curta duração, mas em que os ânimos estavam exaltados e as querelas da preparação do evento teimavam em ser reacesas. Em meio à tensão, uma comunidade surda que nos traz outra perspectiva. Não precisamos pensar da mesma forma, mas necessitamos saber debater nossos pontos de vista enquanto vistas de um ponto...

6.4.1 Primeira Sessão: um mau início, um bom tropeço, um olhar do interior

Chazal narra que na manhã do dia 27 de agosto os congressistas se encontraram no Café Padioleau. A tensão dos desentendimentos que antecederam o evento era sentida com a presença de Henri Genis. Ou seja, parece-me que não havia mais nenhum surdo que não soubesse da confusão iniciada com a recusa de Dusuzeau em ser acompanhado por Chazal. Brigas internas que se tornavam públicas e que costumavam ser boas munições nas mãos de opositores ao movimento surdo em geral...

Henri Vanton, de Lyon, foi quem assumiu a presidência do congresso. Cartas de desculpas pela ausência foram lidas e mais uma turbulência se instaurou. Henri Vanton iniciou a sessão afirmando não ser opositor a nenhum método de educação de surdos, mas

preferia dentre todos os sistemas aquele em que se aprende a falar e a ler os lábios, o sistema oral em uma palavra que pode realmente reintegrar os surdos-mudos à sociedade. Por sua vez, lamentou profundamente não ser capaz de se expressar oralmente ou de compreender a linguagem dos ouvintes-falantes (CHAZAL, 1899, p. 20, tradução nossa).

A postura de Vanton surpreendeu a todos e, longamente, o presidente expôs sua opinião, reiterando sua postura. Tão logo encerrou sua apresentação, o Sr. Varenne o confrontou desde uma questão prática: “Como faria para educar um surdo sem auxílio de sinais?” Diante da resposta de Vanton, Auguste Varenne objetou:

que os sinais, eram absolutamente necessários, mais necessários que a palavra e que desejar aplicar o método oral ao ensino de todos os surdos-mudos sem distinção, não era apenas uma quimera que não poderia levar a nada, mas também uma utopia perigosa (CHAZAL, 1899, p. 21, tradução nossa).

O debate entre os dois se prolongou. Vanton, por um lado, contra-argumentava que o método oral era o melhor, pois favorecia o emprego dos surdos, já que muitos patrões não os contratavam pela dificuldade de comunicação. Por outro, Varenne insistia nos limites, afirmando que nem todos os surdos poderiam articular e ler os lábios num nível que permitisse conversar com falantes (CHAZAL, 1899). Este foi, para além do prazer dos vinhos, o clima de Dijon...

Varenne continuou:

os chefes de indústria recusam os surdos-mudos apenas quando falta trabalho; que o método oral sozinho requer muito mais tempo do que os

outros, que ao sair da escola os sujeitos que foram submetidos a este método são em grande parte incapazes de fazer uso dele; que em termos de educação são inferiores aos surdos-mudos educados pelo sistema mímico (CHAZAL, 1899, p. 21, tradução nossa).

Aquilo que parecia ter sido bem encaminhado em Chicago e Genebra acerca do método misto parecia estar em Dijon novamente em pauta. E isso graças à fala inicial do presidente do congresso. Vanton cedeu, por fim, que o método oral seria destinado somente a alguns: “só os surdos-falantes são capazes de aproveitar o sistema oral, mas para os surdos-mudos de nascimento, o sistema mímico é preferível a todos os outros” (CHAZAL, 1899, p. 21, tradução nossa). Era necessário esclarecer posicionamentos...

Mas não seria esse também um trabalho intelectual? Quando se resolve tomar o pensamento e discuti-lo sem reservas, fazendo um uso franco da palavra? Penso como Foucault e releio essas manifestações dos surdos desde um horizonte outro:

O pensamento não é o que se presentifica em uma conduta e lhe dá sentido; é, sobretudo, aquilo que permite tomar uma distância em relação a essa maneira de fazer ou de reagir, e tomá-la como objeto de pensamento e interrogá-la sobre o seu sentido, suas condições e seus fins. O pensamento é liberdade em relação àquilo que se faz, o movimento pelo qual dele nos separamos, constituímos-lo como objetivo e pensamos-lo como problema (FOUCAULT, 2004, p. 231).

Chazal comentou que a discussão ficou ainda mais animada com a entrada de outros debatedores, como Brost, J. Berthet, Salzgeber e ele próprio. Vanton afirmou ainda que somente os professores surdos-mudos lamentavam o desaparecimento dos antigos métodos, provocando a reação de Jules Henry:

Agora, protesto com toda a minha energia contra a acusação, feita ainda há pouco em relação aos professores surdos-mudos. Pertenci durante 17 anos, como professor e supervisor geral, às instituições de Besançon e Lyon, por isso posso falar em nome dos meus colegas ausentes e declarar aqui que seríamos os primeiros a acolher a introdução do método oral puro no ensino surdos-mudos, se a excelência desse método nos fosse demonstrada (CHAZAL, 1899, p. 22, tradução nossa).

A postura de Jules Henry sugeria algo que se manifestou também nos congressos anteriores. Os surdos defensores do método misto ou que pediam o retorno do uso de sinais na educação não se mostravam pura e simplesmente contra o método oral. Eles tinham argumentos que se relacionavam à qualidade do ensino experienciado com o método oral puro. Ao mesmo tempo, Henry afirmava que haveria, por parte dos surdos, acolhida ao método, caso se comprovasse sua eficácia. Isso,

talvez, nos ajude a compreender porque também entre os surdos havia simpatizantes ao método oral. Alguns eram convencidos de tal eficácia e dela se serviam...

Jules Henry complementou seu pensamento mostrando os resultados imediatos do método oral puro:

Até agora procurávamos em vão provas dos bons resultados deste método: longe de ser útil, é prejudicial para a maioria dos surdos-mudos, cuja instrução atrasa consideravelmente. Tenho, portanto, o direito, tanto em meu nome quanto no dos ausentes, de protestar contra o uso abusivo do método oral, cujo primeiro resultado foi a destruição da carreira de um grande número de surdos-mudos de elite: professores, tutores ou supervisores gerais que, pelo fato do método em questão, foram jogados durante a noite na calçada e reduzidos às piores condições (CHAZAL, 1899, p. 22-23, tradução nossa).

Um apelo mais pessoal se apresentou quando Jules Henry narrou sua história de demissão dos institutos e sua saga em busca de uma indenização pelos anos trabalhados. A questão da mudança de método era compreendida como uma prática injusta, assumida legalmente pelos governos que apoiaram o método oral puro. O legal/institucionalizado também pode ser injusto e imoral...

Joseph Berthet (1868-1904)¹⁰⁸, surdo de Paris, se pronunciou a favor do método misto:

Compreendo perfeitamente a utilidade da palavra porque falo bastante bem e também leio lábios; mas só me ajuda com pessoas que conheço; com os outros prefiro escrever porque é mais seguro. Concluo que fala e leitura labial não são suficientes para integrar os surdos-mudos na sociedade e que eles devem acima de tudo ser ensinados a escrever. Porém, para a compreensão de palavras e frases, os sinais me parecem absolutamente necessários: portanto, dou preferência ao método misto de ensino de surdos-mudos (CHAZAL, 1899, p. 23-24, tradução nossa).

Destaque-se na fala de Berthet o fato de mencionar que utilizava da fala para conversar com algumas pessoas. Este dado parece-nos importante por ajudar a compor a situação dos surdos franceses desde uma diversidade surda, não identitária e nem somente ligada aos sinais. Berthet mostrava-se como um surdo que transitava por espaços e neles se comunicava. Há uma ênfase no aprendizado da escrita como meio mais prático de comunicação com quem não sabia a linguagem de sinais. Todavia, só seria possível ensinar o surdo a ler e a escrever com a mediação dos

¹⁰⁸ Jules Moiroux, em *Le cimetière du Père-Lachaise*, menciona Marie-Joseph-Joachim Berthet (1868-1904) como presidente da Union française des Sourds-muets (MOIROUX, 1909).

sinais. Há surdos sinalizantes, surdos-falantes, surdos-mudos. Eles não se deixavam aprisionar por nenhuma forma a não ser a de que eram surdos de diversas formas...

A participação do surdocego, Alfred Boquin, desde a condição de alguém que dependia dos sinais e dos “toques” feitos pela esposa para acompanhar os debates, remetia mais uma vez à necessidade dos sinais na educação de surdos. Diante disso, Salzgeber, que fora educado pelo método oral, comentou a tendência à universalização do uso do método oral desde Alemanha, Itália e Suíça. Chazal propôs, então, fazer um teste público com Salzgeber. O surdo de Genebra concordou, mas afirmou que só falava fluentemente o Alemão. Diante dessa ressalva, Chazal desistiu do teste (CHAZAL, 1899). Eram surdos que dominavam mais de uma modalidade. Mas que constantemente eram “ex-postos” aos testes, aos exames ou exposições públicas...

Delineou-se no debate que não seria somente Henri Vanton a defender o método oral, mas também Jules Salzgeber. Chazal retomou “os Berthier, os Théobald, os Chambellan”, já citados por Boquin como pessoas que, além de terem se sobressaído graças à mímica, abriram caminhos para outros. E acrescentou, provocando Salzgeber que não apresentara nomes de expoentes surdos educados pelo método oral:

Suponho que ele também conheça Benjamin Dubois, Dusuzeau, Cochefer, Gaillard, Née, Jeanvoine, Olivier, Ligot, etc. Bem, aqueles e outros de quem estou esquecendo foram educados com o bom e velho método do Abade de l'Épée; temos, portanto, o direito de preferi-lo a todos os outros cujos bons resultados são mais do que questionáveis (CHAZAL, 1899, p. 26, tradução nossa).

Elencar esses nomes era dar testemunho da eficácia de um determinado uso de sinais. A referência a l'Épée, além de sugestão de um método, era referência a uma proposta de inserção dos surdos na sociedade, uma imagem de uma libertação alcançada pela educação. Possivelmente, os surdos ali presentes sabiam dos limites da prática de l'Épée, mas sua figura como “Pai dos surdos” permanecia ideal para os debates. Talvez precisássemos voltar a l'Épée e sobre o que ele costumamos afirmar...

Chazal mencionou que o método oral puro estaria sendo implementado com rigor na França há dez anos, ou seja, por volta de 1888. Isso nos ajuda a compreender, que as deliberações de Milão não se disseminaram tão imediatamente quanto

costumamos supor. Além disso, Chazal nos ajudou a compreender a realidade dos Estados Unidos, mostrando a complexidade dos métodos:

Não importa o que aconteça, pelo que vemos na França pensamos que mais cedo ou mais tarde seremos obrigados a desistir da aplicação exclusiva do método oral puro para retornar a um sistema mais racional. Foi o que aconteceu na América onde, após trinta anos de experiência, o método oral teve que ser definitivamente abandonado nas instituições públicas (CHAZAL, 1899, p. 26, tradução nossa).

Chazal deu-nos mais uma pista para ulteriores investigações acerca do uso do método oral. Sua argumentação permitiu-nos também retomar que o método oral não foi uma criação de Milão, mas um método que ali foi “batizado” e ganhou o adjetivo “puro”, porém já praticado não só na Europa. Recorde-se que Adolphe Franck tinha avaliado tal método no relatório de 1861¹⁰⁹. Ondas de longe, muitas vezes, tidas como marolas, se agigantam em alguns momentos...

6.4.2 Segunda Sessão: um pedido pelo método oral puro

A sessão vespertina se iniciou com novas cartas de desculpas pela ausência no evento. Chazal retomou a discussão e refutou o argumento de que os surdos eram rejeitados pelos patrões devido ao seu infortúnio. Para Chazal, o motivo da rejeição de contratação de surdos era que muitos necessitavam de uma melhor qualificação que passava pelo bom aprendizado da leitura e da escrita (CHAZAL, 1899). Ler e escrever são habilidades essenciais a descortinar o mundo...

Chazal leu uma memória sobre os métodos, fazendo uma retomada histórica desde l'Épée e recordando que parte do insucesso da educação de surdos se devia ao fato de que, passados cem anos, permanecia a discussão sobre os métodos. Provavelmente, Chazal fazia referência ao embate de l'Épée no julgamento de Zurique (1776). Outro ponto controverso era o de que a legislação francesa propunha a obrigatoriedade do ensino para os falantes e não exigia o mesmo para surdos e cegos, permitindo que nos estabelecimentos destinados a eles não se aprofundasse um

¹⁰⁹ Adolphe Franck, a pedido do Ministro do Interior e de Assuntos Religiosos, no ano de 1858, iniciou uma avaliação dos métodos utilizados nas escolas francesas e, em 1861, deu parecer contrário ao uso exclusivo do método oral nas instituições (Cf. FRANCK, 1861). Acerca da participação de Franck no evento italiano: RODRIGUES; OLMO; VIEIRA-MACHADO, 2021.

aprendizado, gerando pessoas que mal sabiam ler um pequeno jornal (CHAZAL, 1899). Algumas situações parecem-nos mais próximas do que deviam...

A ênfase na leitura e escrita fez com que Chazal sugerisse certa organização dos conteúdos escolares:

É acima de tudo o que devemos nos aplicar nas escolas, e para isso acreditamos que devemos deixar de lado a geografia e a história, incluindo nomes e datas que são difíceis de aprender e entender, perdendo muito tempo sem muito proveito, pois na vida cotidiana, dificilmente falamos de geografia ou história retrospectiva. Também devem ser evitadas complicações gramaticais que, como vimos muitas vezes, torturam os alunos. Além disso, sempre se poderia retomar esses assuntos quando o surdo-mudo pudesse ler e escrever mais ou menos bem. Porque, afinal, o que se espera de um sujeito na vida, tão cheio de história ou geografia, mas incapaz de escrever a carta mais insignificante? (CHAZAL, 1899, p. 32, tradução nossa).

Chazal afirmou a inconveniência do método oral puro para os surdos e reafirmou sua defesa da necessidade de sinais na educação de surdos:

Supondo que os mudos desde o nascimento consigam se articular bem, o que dificilmente é visível, o que nos diz que esses mudos desmutizados não são simples papagaios que repetem automaticamente frases que se teve uma dificuldade infinita de inserir neles na cabeça e incrustar na garganta? Não, para tornar qualquer assunto compreensível para surdos-mudos, os sinais são absolutamente necessários (CHAZAL, 1899, p. 32, tradução nossa).

A ironia, que parece ter sido uma marca de Chazal, brinca com as palavras. “Mudos desmutizados” que são apenas “papagaios”, repetidores que desconhecem o que dizem. Também é forte a imagem de “inserir” e “incrustar”. Chazal sugeria a ausência de liberdade por parte do surdo. Para fazer frente a uma educação que automatizava, somente uma proposta que possibilitasse o estudar como experiência significativa. Papagaios, papagaios, aves que apenas quando domesticadas aprendem a falar, fazendo novos usos da siringe...

Mencionando o método de André Valade-Gabel, Chazal sugeriu que o ensino dos surdos de nascença fosse baseado num criterioso aprendizado da escrita e dos sinais e que o método oral fosse usado somente com os surdos capazes de falar (CHAZAL, 1899). Haveria aí uma concordância com o pensamento de Chambellan (1884) e outros. É o momento em que Chazal também falou de si, apresentando-se como surdo-falante e sugerindo a correta aplicação do método oral puro:

Quanto aos surdos-falantes, bastante numerosos nas escolas de surdos-mudos, devemos tentar com eles o uso exclusivo do oral puro: nós próprios, surdos-falantes, temos plena consciência de que a palavra falada é o grande meio de comunicação entre os homens, todos aqueles dentre nós que o

método oral tiver permitido conversar verbalmente com os ouvintes, seremos devolvidos à sociedade. Não somos, portanto, de forma alguma oponentes do método oral puro, apenas pedimos que este método seja aplicado com muita cautela, ou seja, com os únicos sujeitos capazes de tirar proveito dele (CHAZAL, 1899, p. 33, tradução nossa).

Chazal considerou que não se podia pensar num único método para os surdos, fosse ele oral ou manual. Dessa forma, sugeriu que se aplicasse o método oral para os surdos capazes de falar e o método da escrita e sinais para os de nascença. Como medida prática surgida dessa percepção, sugeria a necessidade de separação das turmas:

A separação dos alunos de nossas escolas em duas categorias não é apenas necessária para o perfeito sucesso dos métodos e o bem dos alunos, mas também é imposta pela mais simples justiça: não é injusto, de fato, estudar e competir juntos sujeitos que, alguns dos quais perderam a audição em idade mais ou menos avançada e nunca ficaram mudos com aqueles que sempre foram privados de ouvir e falar? (CHAZAL, 1899, p. 34, tradução nossa).

E, encaminhando uma proposta de resolução, Chazal mencionava os nomes dos debatedores, os argumentos considerados e finalizou:

[...] os membros do Congresso Internacional de Surdos-mudos expressam unanimemente os seguintes desejos: 1º - O método oral puro, atualmente em uso nas escolas de surdos-mudos, será mantido, mas apenas aplicado a surdos-falantes capazes de tirar proveito dele. 2º - Para o ensino de surdos-mudos de nascença, deve-se recorrer a um sistema que participe tanto da escrita como dos sinais, sem prejuízo das aulas de articulação e leitura labial, que podemos compartilhar com os melhores sujeitos desta última categoria (CHAZAL, 1899, p. 35, tradução nossa).

Essa resolução foi votada. Ela se contrapunha à proposta do sistema combinado ou do método misto votada nos congressos anteriores, cedia oficialmente um lugar ao método oral puro e confirmava certa gradação entre os surdos. Não era uma simples concessão ao método oral, mas sim ao “puro”. Por outro lado, ela considerava que não seria possível educar todos os surdos com um único método, mesmo que fosse o misto. A postura de Chazal, aparentemente diplomática, encontrou eco no texto enviado por Smith ao Congresso Internacional de Paris, em 1900¹¹⁰, que pedia a não condenação dos surdos à cruz de um único método. Chazal fez questão de afirmar que suas deliberações foram aceitas e publicadas nos principais jornais de Borgonha e de Paris. E publicar tais decisões em Paris era abertamente se contrapor à “elite surda”. Impossível pensar num único método para tão variada quantidade de surdos e surdas...

¹¹⁰ Acerca do discurso de Smith ver: RODRIGUES; OLMO; VIEIRA-MACHADO, 2019.

Considerando encerradas as discussões sobre o primeiro e o segundo temas, o Sr. Vanton abriu a discussão sobre o terceiro tópico do programa, emitindo sua opinião sobre as sociedades de ajuda mútua para surdos-mudos. Vanton e outros congressistas trataram da relevância de tais associações, principalmente para assegurar aos surdos uma forma de sustento em caso de acidentes ou doenças. Mas também era comum encontrar como função das associações o mecenato e apoio aos surdos mais jovens para que conseguissem trabalho (CHAZAL, 1899). Novamente a fala de Chazal instaurou certo mal-estar ao comentar sobre a *Société d'Appui Fraternel*, fundada por Joseph Cochefer. Enalteceu suas intenções de ajuda aos surdos aposentados, mas concluiu que tal entidade “passou por momentos muito críticos devido ao mau espírito do seu fundador que, desde o início, visou sobretudo o desaparecimento da *Association Amicale*” (CHAZAL, 1899, p. 39, tradução nossa). Era Chazal espalhando cizânia. É o Congresso de Dijon mantendo sua atmosfera beligerante...

Da parte das apresentações sobre as associações parece importante notar como os surdos estavam se organizando, apesar de todas as dificuldades e até desentendimentos entre eles. São mencionadas informações sobre cada associação, seus objetivos e ano de fundação. Essa força associativa pode ser rapidamente contemplada aqui: *Amilié des Sourds-Muets de Lyon* (1897); *Association Amicale*, antiga *Société Universelle* (1838); *Association des Sourds-Muets de la Seine et de Seine-et-Oise*; *Société d'Appui fraternel* (1880); *Société des Sourds-Muets de la Bourgogne* (1890); *Association fraternelle des Sourds-Muets de la Normandie* (1891); *L'Association amicale des Sourds-Muets de la Champagne* (1894); *Association humanitaire des Sourds-Muets de Provence* (1895); *Union française des Sourds-Muets* (1895); *Alliance silencieuse de Paris* (1895). Seria improvável que, com tantas associações, não se multiplicassem também alguns antigos conflitos...

Contudo, recorremos a Orlandi (2009) para refletir sobre esse associativismo enquanto um campo propagador de forças:

A questão ética que se coloca nesse duplo combate - de um lado, o combate de resistência contra o intolerável que identificamos em nossa exterioridade e, por outro lado, o combate que se passa entre forças e afetos de nós mesmos somos portadores - é a questão das alianças com forças que recriem, em cada um de nós, múltiplos pontos de recepção e de replicação de uma potente coexistência de bons encontros (ORLANDI, 2009, p. 208).

Henri Genis foi convidado a explicar as razões para a criação da *Fédération des Sociétés Françaises de Sourds-Muets*. A criação da Federação exigia que cada sociedade assumisse em seus estatutos determinados pontos em comum. Isso foi interpretado como perda de autonomia das associações. Uma longa discussão se iniciou, pois alguns entendiam que a argumentação de Henri Genis não era coerente com a última ata da Federação. Estamos novamente em mais um impasse:

O Sr. Genis teve de admitir que nem tudo corria bem na boa cidade de Paris; mas ele disse ao mesmo tempo que não tinha nada a ver com esta situação, que sua presença no Congresso de Dijon demonstrava suficientemente seu desejo de chegar a uma união geral e que a outros se deveria incumbir a maior parte da responsabilidade do mal que havia sido feito antes e em conexão com o Congresso de Dijon. O Sr. Genis confessou, ademais, que ele próprio fora vítima dos procedimentos do diretor do *Journal* durante os últimos meses em que permaneceu Presidente da *Association Amicale de Paris* (CHAZAL, 1899, p. 46, tradução nossa).

Considero que essa narrativa está, sim, associada à luta dos surdos europeus por educação. Possivelmente, essa fragmentação de associações que se recusam a fazer parte de uma federação contribuiu para que não se alcançassem alguns objetivos propostos nos congressos. Por outro lado, é uma região do interior da França posicionando-se internacionalmente e afirmando aquilo que era mais conveniente a alguns surdos. Era por demais evidente a divisão entre os surdos franceses...

Vanton agradeceu aos participantes e declarou encerrado o congresso. Todavia, o Congresso de Dijon reservava ainda mais uma cena bélica. Chazal, Brost, Vuillemeij e Berthet reuniram-se para fazer uma síntese destinada aos jornais de Dijon. À noite, quando os surdos estavam reunidos em um café, generosamente, foi-lhes distribuído alguns exemplares de um artigo de Gaillard. Os congressistas ao perceberem do que se tratava começaram a jogar fora o panfleto ou, discretamente, guardá-lo (CHAZAL, 1899). Seu conteúdo supostamente tratava de argumentações contrárias ao que fora decidido em Dijon. Chazal encerrou o relato do dia:

Assim terminou o dia 27 de agosto em Dijon. A manobra de Gaillard e outros contra Berthet, Chazal e Varenne, os três delegados da *Union Française des Sourds-Muets* ao Congresso de Dijon não teve outro resultado a não ser atrair novas simpatias para nós e torná-los mais odiosos. Miseráveis foliculares do *Journal* e do *Pilori* onde eles estão pregados para sempre (CHAZAL, 1899, p. 47, tradução nossa).

A referência ao *Journal* era associada a Henri Gaillard e ao *Pilori*, possivelmente, também a Gaillard, pois, durante os brindes do banquete, Chazal mencionou que os dois jornais eram editados pelo mesmo Gaillard (CHAZAL, 1899).

Mesmo a distância, os surdos de Paris que haviam se recusado a participar do evento de Dijon, tentaram intrometer-se nele. Como Dijon foi um congresso de basicamente um dia, o panfleto parece-me ter chegado tarde demais...



6.5 A cerimônia religiosa, a fotografia e o passeio pelo museu

O dia 28 de agosto, segundo dia do evento, foi marcado por um ato religioso na Igreja de São Benigno. Antes da celebração, o encontro de surdos no Café La Concorde caracterizou-se pela chegada de mais surdos, e o tema das conversas eram os atritos do dia anterior. O Abade Rieffel, que presidiria a celebração, questionou sobre a impossibilidade de acordo entre os congressistas e o grupo de Paris e obteve como resposta a narrativa da última ação de Gaillard para impor suas ideias. No sermão da celebração não se poderia aguardar de Rieffel, tão elogiado por bem conhecer a língua materna dos surdos, outra exortação:

Exortou-nos sobretudo a amar-nos uns aos outros, a estar sempre unidos, porque a união é a força. Para nos fazer compreender melhor a necessidade de união, o Padre Rieffel encerrou seu sermão contando-nos, com muitos comentários: *O velho e seus filhos*, a bela fábula do bom La Fontaine. Além disso, durante todo o tempo que esteve em contacto conosco em Dijon, o famoso missionário dos surdos-mudos não deixou de nos recomendar a paz, a harmonia e a união (CHAZAL, 1899, p. 49, tradução nossa).

Conforme relato das atas, Gaillard e outros não pouparam censuras à disponibilidade do Abade Rieffel em estar com os congressistas de Dijon. Nem sempre as tentativas de conciliação também são bem compreendidas...

Os congressistas, devido ao mau tempo, só puderam fazer a foto do evento no início da tarde. Seguiu-se a visita à estátua de l'Épée. Tratava-se de uma réplica da estátua colocada no jardim do Instituto de Surdos de Paris. Diante da estátua foram pronunciados pequenos discursos e com eles sempre a possibilidade de novos ataques. Chazal elogiou os borgonheses por terem erigido uma estátua em honra a l'Épée. Isso foi o suficiente para que Henri Genis asseverasse: “a melhor maneira de agradecer ao Abade de l'Épée era nos reunir a todos e esquecer nossas divisões que devem ter entristecido muito o bom e venerável pai dos surdos-mudos” (CHAZAL, 1899, p. 52, tradução nossa). E parece que suas palavras motivaram boas intenções em surdos como Berthet...

6.6. O banquete: os brindes como ocasião de proclamar os desejos

Chazal sintetizou a pompa e circunstância do banquete. Novamente é dada muita atenção aos lugares para cada participante e os lugares de honra aos surdos importantes, como presidentes de associações. E sobre o cardápio: “É supérfluo dizer que da sopa à sobremesa, o banquete decorreu da melhor maneira: de uma ponta à outra da sala, eram apenas gestos faiscantes de alegria e trocas de versos alegres” (CHAZAL, 1899, p. 55, tradução nossa). Come-se e bebe-se enquanto as mãos se agitam...

Os costumeiros brindes foram feitos e vários recordando a importância da unidade dos filhos de l'Épée. Chazal também fez um brinde e novamente nos encontramos diante de uma artilharia bem montada:

Se eu elogiar muito o Comitê de Dijon, não o é, acredite, porque ele me nomeou Secretário do Congresso do qual participamos ontem; não, cem vezes não, é porque quem demonstrou iniciativa e uma independência que é raro encontrar no nosso pequeno mundo, onde os surdos-mudos muitas vezes se deixam conduzir por pessoas cujo desinteresse é mais do que duvidoso (CHAZAL, 1899, p. 58, tradução nossa).

E continuou seus disparos:

Que o Sr. Vuillemey, Presidente do Comitê, seu secretário, o Sr. Brost, bem como o Sr. Jovin, Gerling e Seguenot se dignam portanto a aceitar, mais uma vez, as minhas felicitações e os meus sinceros agradecimentos por terem mantido a sua confiança em mim, apesar das vil manobras de certos surdos-mudos de Paris, que se autodenominam a elite da França silenciosa e que, nesta constância, só conseguiram mostrar a estreiteza de seus pontos de vista e a baixa de sua alma (CHAZAL, 1899, p. 58, tradução nossa).

Ainda comentou sobre os preparativos do Congresso de Paris (1900) e das constantes investidas do grupo parisiense para atrapalhar o Congresso de Dijon:

Vós tereis, portanto, o direito de responsabilizá-los quando, por sua vez, eles vos convidarem para a manifestação que estão preparando para o final deste século. Porque, não contentes em recusar qualquer acordo no interesse deste Congresso, tentaram abortá-lo e, não o tendo podido, chegam no último momento para tentar criar desordem (CHAZAL, 1899, p. 59, tradução nossa).

Ao se recordar de como fora criticado pelos jornais de Paris, concluiu:

Vamos parar, deixar Paris e sua Geena e, em vez disso, nos ocuparmos com o espetáculo reconfortante que todos nós oferecemos neste banquete fraterno. Aqui, como ontem no Congresso, vejo alguém que não é nosso amigo e, no entanto, não deixamos de caminhar lado a lado e de viver em harmonia. Estejais bem persuadidos de que teria sido o mesmo com todos os nossos adversários, se eles tivessem seguido o exemplo dado pelo Sr. Genis, e talvez o Congresso de Dijon teria visto a reconciliação geral de todos os surdos-mudos em Paris! (CHAZAL, 1899, p. 60-61, tradução nossa).

Chazal apresentou, de forma realista, que os congressistas não deveriam criar ilusões acerca dos resultados do Congresso de Dijon, pois, como nos anteriores, outros elementos estavam em jogo, como a necessidade de se convencer políticos sobre as demandas dos surdos. Mas Chazal retomou a polêmica com Paris e afirmou que o melhor resultado de Dijon foi os surdos de Borgonha assumirem-se independentes em relação à elite surda parisiense (CHAZAL, 1899). Um franco atirador... E Ramager, um dos surdos criticados por Gaillard, queimou em público o folheto distribuído no dia anterior. Dijon foi um evento pirotécnico...

Seguiu-se uma apresentação cultural em cujo repertório havia a peça *Mes deux Rivaux*, que tratava de três personagens e cujo tema era bastante arriscado para a ocasião. Entretanto, Chazal afirma que o surdo Varenne, com a devida habilidade, foi capaz de fazer a mímica, sabendo agradar a todos. E outras apresentações foram feitas, permitindo que se fechasse a noite com certa parcimônia e alegria...

6.7 A visita à Exposição Universal de Dijon

Estava programado para o último dia uma visita à Exposição Universal. Para os surdos, a parte mais interessante foi a da Instituição de Surdos-mudos e cegos de Dijon. Chazal dedicou parte dos anexos para relatar como essa instituição funcionava, seus regimentos, etc, fornecendo um exemplo de uma prática. A visita à “escola” assemelha-se muito à estratégia de Milão e pode ter influenciado na deliberação favorável ao método oral puro também praticado naquela escola do interior da França. Mais uma escola a se conhecer para “des-conhecer”...

Ao final deste dia a comissão organizadora do congresso reuniu-se para deliberar sobre a publicação das atas, concluindo que se serviriam do jornal administrado por Berthet. E, de repente, um novo pacote enviado por Gaillard com folhetos do jornal *Pirolis* chegou. Mais uma vez, tarde demais, mas o suficiente para irritar Ramager...

Um jantar de despedida fechou o evento com o compromisso dos congressistas, que brindaram: “Adeus ou melhor, até mais: porque todos aqueles que estiveram em Dijon nos dias 27, 28 e 29 de agosto esperam se reunir novamente em

Paris, em 1900, no Congresso ou em outro lugar!” (CHAZAL, 1899, p. 87, tradução nossa). Os surdos reunidos em Dijon estavam dispostos a enfrentar Paris...

Chazal, na condição de secretário e de organizador da publicação do relatório, encerrou seu registro de forma muito particular, assinando as atas finais em 20 de dezembro de 1898. É mais uma vez Chazal mostrando-se Chazal:

Certas passagens deste relatório vão levantar queixas entre aqueles que já tentaram de tudo contra o Congresso de Dijon. Mas nesta circunstância, como em todas as outras, eu simplesmente relatei os fatos como eles aconteceram. Se esses fatos não são uma honra para algumas personalidades de nosso pequeno mundo, de quem é a culpa? Sem dúvida, nada teria sido mais fácil do que escorregar sobre todas essas misérias; mas então teria sido necessário encobrir a verdade e isso não está em meus hábitos. Então, por que teria eu passado em silêncio esses grandes fatos, ou melhor, essas pequenas manobras, já que seus autores fizeram glória em seus jornais antes e depois do Congresso? Se a exibição de nossas divisões é lamentável para todos nós, deixo isso para aqueles que afirmam ser os campeões desinteressados dos surdos-mudos da França quando demonstraram o contrário neste Congresso. [...] Jamais esquecerei e, aconteça o que acontecer, pertenço para sempre aos surdos-mudos da Borgonha (CHAZAL, 1899, p. 94, tradução nossa).

Há na expressão de Chazal uma sugestão de como também compreende a historiografia como uma escrita da verdade. Ele mostra-se no texto com aquilo que é, talvez ensinando-me a também colocar-me na narrativa. Chazal não temeu expor as divisões entre os surdos e, possivelmente, ao fazê-lo, legou-nos algo extremamente original e que rompe com narrativas idealizadas, idílicas sobre a comunidade surda. Dijon falou sobre o que escapa às grandes unidades e como toda e qualquer associação é incapaz de representar a totalidade de um grupo. Dijon é uma resistência à pseudounidade dos surdos de Paris. É um movimento do interior a convidar para que contemplássemos outras linhas de fuga. Chazal me proporcionou muitos risos ao longo da leitura. Quisera ter a ousadia deste surdo...

6.8 Para se deixar acender com Dijon

O Congresso Internacional de Dijon, conforme os registros de Chazal, foi um evento que nos permitiu olhar para a comunidade surda francesa desde uma outra perspectiva, desde as margens, desde o espaço mais rural, contemplando seus limites enquanto organização ou movimento social. Neste congresso de apenas um dia de debates, muito rapidamente, parece-me, rompe-se a ênfase no método misto e volta-

se a uma compreensão da necessária distinção de surdos aptos a falar e aqueles impossibilitados da fala. As seleções parecem sempre nos perseguir quando pensamos escolarmente...

O fato de separar os estudantes não seria, em si mesmo, negativo, porém, considerando-se como os surdos não aptos à fala costumavam ser qualificados de idiotas e, por vezes, destinados aos hospícios; a deliberação de Dijon parece ser, no mínimo, mais perigosa que suas linhas o sugerem. Recorde-se que a maioria dos institutos ficavam no interior. Adicione-se a isso o fato de que havia uma presença de defensores do método oral bastante explícita no evento. O fato de não termos informações sobre a quantidade de surdos e de falantes também nos impediu de avançar em algumas problematizações. Quem seriam os professores ouvintes presentes? Quem seriam os outros surdos-falantes presentes? Quantos outros surdos preferiam o método oral? O texto de Chazal não nos permite desbastar tantas questões...

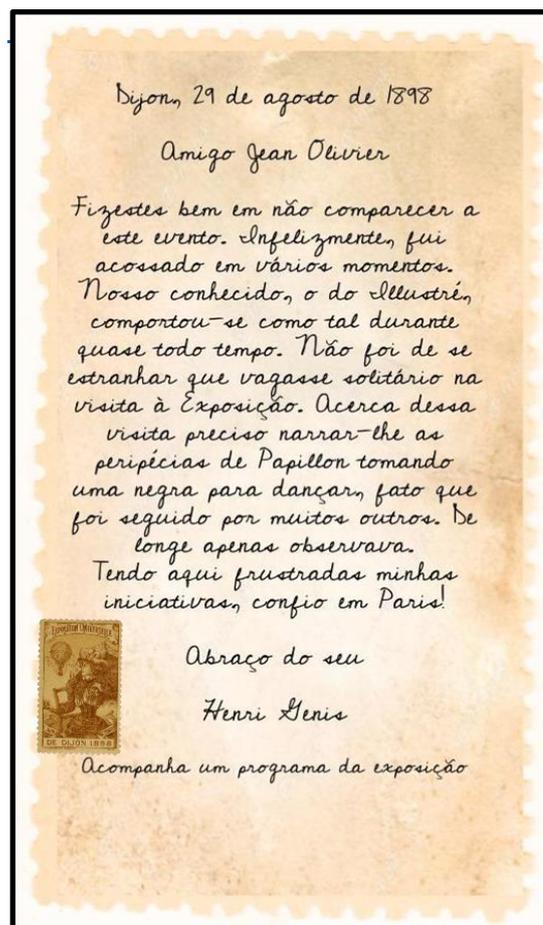
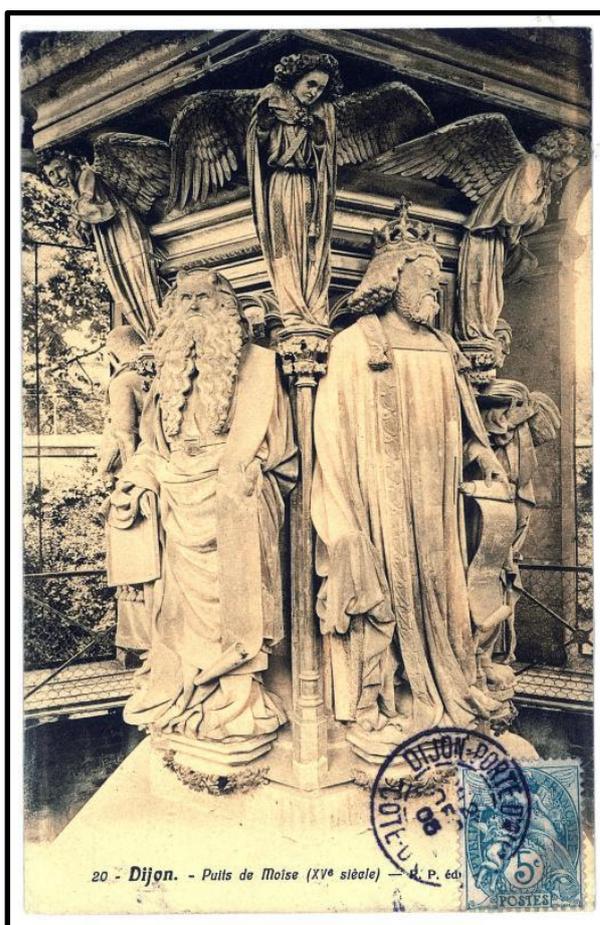
Dijon foi um congresso, do início ao fim, caracterizado pela polêmica entre os surdos parisienses. Chazal, Varenne e Berthet tinham posturas distintas do grupo majoritário de Paris e liderado por Gaillard. Foram tempos complexos para a comunidade surda. A opção do trio parisiense da *Union Française des Sourds-Muets* em participar e apoiar os surdos da Borgonha na realização de um congresso tinha um caráter muito sério de dissidência. Foram extremamente corajosos, se considerarmos a popularidade que um Gaillard gozava para além da França...

Também são surpreendentes os registros das investidas de Gaillard. De acordo com os registros de Chazal, suas artimanhas para prejudicar a realização de Dijon foram contínuas. Infelizmente, não tivemos acesso aos jornais publicados por Gaillard e Chazal que, possivelmente, nos permitiriam aprofundar a reflexão. Esses jornais poderiam chegar até nós ou, quem sabe, nós a eles... Dijon foi um congresso para nos incendiar...

Num misto de riso e angústia deposito na Fonte de Moisés o relatório que li. Essas páginas que herdaram de nós e que, como filhas pródigas, depois nos esbanjam e, talvez, nem mais nos reconheçam. Essas palavras do passado que “per-duram” e

“per-passam” sendo capazes de queimar certezas. Queria apenas gargalhar, numa insana alegria dos profetas que tudo “des-conhecem”. Mas contemplando um dos anjos que parece amparar o rosto com sua mão, resta-me a irônica alegria do perceber que tudo permanece inacabado, que o vinho pode azedar-se, que o mofo pode destruir, que a fonte pode secar e deslocar-se, que os vírus podem nos matar. A minha vontade era de deitar-me e sorver, qual criança amamentando, uma garrafa de vinho tinto seco e depois visitar a Exposição de Dijon e, quem sabe, encontrar-me com aquele homem melancólico que confiou-me suas palavras. E, talvez, na junção da angústia romântica dos dois, dos desejos de verdade que nos “co-abitam”, num novo flerte ousar um gesto, um encontro de mãos e com ele gargalhar dos infortúnios que o caos, cognominado vida, é capaz de criar. Abstêmio, sinto-me embriagado pelo que li e escrevi. Olho com desdém essa coisa que de mim brotou. Não porque a deprecie, mas porque sei que ela poderá perdurar e eu não...

Figura 16: Postal Fonte de Moisés adaptado



Fonte: Criação pessoal com base em <https://www.mahj.org/fr/decouvrir-collections-betsale/le-puits-de-moise-53871>

Figura 17: Programa da Exposição de Dijon

EXPOSITION
UNIVERSELLE & INTERNATIONALE DE DIJON
JUIN-OCTOBRE 1898

Beaux-Arts - Industrie - Commerce

14 Sections réparties dans de vastes Pavillons
et comprenant :

Beaux-Arts ; Economie sociale ; Hygiène ; Sauvetage ; Arts industriels et décoratifs ; Arts libéraux ; Sciences, Eclairage, Chauffage, Ventilation ; Electricité, Traction ; Art militaire ; Fabrication industrielle, Matériel, Procédés, Produits ; Matériel de sport ; Exercices, Jeux populaires ; Concours temporaires d'agriculture et d'horticulture ; Enseignement pratique, Institutions économiques et travail manuel de la femme, Commerce, Colonies.

JARDINS D'AGRÈMENT
CONCERTS SYMPHONIQUES ET AUTRES
ATTRACTIONS

Village noir (150 Soudanais), Couveuses d'enfants avec bébés vivants, Palais mauresque, Cinématographe, Rayons X et fontaines lumineuses.

Eclairage électrique, Fêtes de jour et de nuit, Retraite aux flambeaux par les noirs.

ENTRÉE A L'EXPOSITION ET AU VILLAGE NOIR

<small>PENDANT LA JOURNÉE</small>	<small>A PARTIR DE 8 H. DU SOIR</small>
Prix : 1 fr. <small>Enfants, Militaires et Etudiants</small> 0,50	Prix unique 0,50

Les mardis, jeudis, samedis et dimanches l'Exposition est ouverte jusqu'à 10 h. 1/2 et éclairée à la lumière électrique. **Garage de bicyclettes**

Fonte: <https://cinemaeldorado.wordpress.com/la-lettre/la-lettre-darchimede-98/capsule-temporelle-1/>

Vitória, 14 de dezembro de 2022

Aos surdos e surdas do Brasil

A vocês que são muitas e de tantos jeitos diferentes quanto as estrelas do céu. Nessa infinidade de possibilidades quero abraçá-los. Trago notícias de outros surdos e surdas, daqueles que estavam, talvez, hibernando em alguns documentos ou que foram ali silenciados, apagados. Eles e elas são encantadores e guardam muitas semelhanças com vocês. Em vários momentos tinha a sensação de que estava no presente, mas aí a linguagem, os nomes, algumas datas, faziam-me recordar que eu habitava ali, aquele passado.

Eles e elas me disseram de lutas antigas e como puderam se posicionar, resistir, viver desde uma conduta, para que seus irmãos e irmãs, independente do lugar em que estejam no mundo, sintam-se numa família. Família que encontra na defesa de suas demandas, dentre elas a do direito à educação, uma forma clara e inequívoca de assegurar o direito à vida em dignidade, não permitindo que seja esmagada em função de diferenças culturais.

Ah, pediram para dizer que não os deixemos mais no passado. Que sempre que houver uma oportunidade os visitemos. E, assim de apagados eles serão mais conhecidos. Disseram mais. Recordaram que muito do que é vivido pela comunidade surda de hoje deita heranças longínquas nas lutas que enfrentaram. Mais uma vez: convidem-os para conversas e preparem-se para ver faíscas saindo de mãos tão aquecidas.

Abraço

José

CAPÍTULO 7

**DISCURSIVIDADES EDUCACIONAIS DOS CONGRESSOS DE SURDOS:
RETICÊNCIAS, COINCIDÊNCIAS, INCIDÊNCIAS, REEXISTÊNCIAS**

Refeito de meu porre congressista, precisava voltar ao andar intermediário. No corpo, experimento uma mistura de sensações. Se, por um lado, as pernas e costas demonstram-se cansadas pelos movimentos das descidas aos porões; por outro, sinto uma angustiante alegria de findar-se uma etapa. Minhas mãos e roupas estão impregnadas de pó. Sinto que também as narinas acumularam daquele ar rarefeito, do cheiro de antigo que me fazia suspirar. Aproximo-me, novamente, da escada e lanço um olhar de apego àquele espaço. Fui domesticado por ele, ao mesmo tempo que o tornei meu. Mais do que isso, a impressão que carrego é que os documentos que vivi estão agora presentificados em mim. Sou um receptáculo, coisa que carrega consigo as coisas com as quais lida, fazendo delas uma segunda casa, uma segunda capa, uma segunda carne. Como um caracol encontrei ali uma casa. Respiro na paixão, numa sofreguidão de quem se enlouquece e se consome no desejo. Minha mão direita apoiada no corrimão da escada deixa ali minhas digitais. O atrevimento me acomete e tiro do bolso um pequeno canivete e faço ali uma inscrição: “A quem ousar descer, desejo que o pó penetre até as vísceras. Ao subir não serás mais o mesmo. Morre aqui uma pessoa para que muitos mortos nasçam! Viverão em ti, falarão por ti, deixar-se-ão transformar por ti ao te transformares por eles!”

Todas as lutas atuais giram em torno da mesma questão: quem somos? As lutas são uma recusa destas abstrações, uma recusa da violência exercida pelo Estado econômico e ideológico, que ignora quem somos individualmente, e também uma recusa da inquisição científica ou administrativa que determina nossa identidade (FOUCAULT, 1994, p. 227).

A casa, como o fogo, como a água, nos permitirá evocar no prosseguimento de nossa obra, luzes fugidias de devaneio que clareiam a síntese do memorial e da lembrança (BACHELARD, 2003, p. 200).

7.1 Discursividades educacionais: uma constelação temática

A que reflexões esse percurso nos levou? O conjunto dos documentos acerca dos congressos internacionais organizados por surdos no período de 1889 a 1900 possibilitou-nos uma reflexão sobre as discursividades educacionais enquanto manifestação do desejo dos surdos. Consideramos que os eventos em que essas

discursividades circularam foram ocasião de fomento de uma resistência surda à educação que era proposta pelos professores ouvintes sob a chancela dos governos nacionais; ao mesmo tempo, permitindo contracondutas surdas que foram encontrando formas de se reexistir em meio ao que não era passível de mudanças imediatas em determinadas situações. Os surdos sempre atuaram muito além do que pensávamos!

Mas o que consideramos como “educação” nas discursividades dos congressistas surdos? Temos aqui uma questão complexa, posto que, ao longo dos documentos analisados, compreendeu-se que os surdos elaboraram uma proposição educacional com diversas referências, multitemática, ou, se preferirmos, que tinha na educação um *leitmotiv* que se compunha de diferentes elementos. Como um motivo musical que se repetia e, a cada recorrência, agregava em torno de si algo novo. Falou-se sempre sobre educação ou desde esse prisma, mas sempre ampliando-a como um horizonte que incidia integralmente na vida dos surdos. Educação é algo elástico, flexível, fluido...

A educação desejada pelos surdos não se circunscrevia ao direito à educação obrigatória ofertada pelo Estado, seja na forma regular ou em institutos especializados para surdos. Talvez possamos pensar que a educação obrigatória era já um pressuposto sobre o qual se articularam os outros elementos, conduzindo à percepção que somente aquela educação ofertada era — e permanece sendo — insuficiente. E até hoje o que é oferecido aos surdos é insuficiente...

Os surdos — organizados, inicialmente, em associações, e, posteriormente, fortalecidos quer seja pela imprensa surda ou por meio de uma internacional surda que se configura via congressos internacionais — tinham, na educação que lhes fora ofertada pré e pós-Milão, uma baliza que permitia avaliar o vivido desde a condição de uma experiência e propor alterações, gerando um campo discursivo extremamente fecundo. Tem-se, portanto, uma discursividade que despontando desde a perspectiva educacional escolar ganha contornos outros, englobando a totalidade da vida. Porque a vida também nos educa...

A formulação de Ludwig Neubauer, no Congresso de Paris (1900), parece sistematizar aquilo que era o desejo dos surdos ao longo dos congressos, desde o primeiro em Paris (1889): “Educar para a vida e não para a escola deve ser o objetivo

de toda educação, tanto dos surdos-mudos como de todos os outros” (GAILLARD; JEANVOINE, 1900, p. 322, tradução nossa). Dessa assertiva, imediatamente ocorrem-nos que há um princípio de igualdade proposto pelos surdos. Consideram que o que desejam em relação à educação não se distancia da realidade de qualquer outra pessoa ou sujeito educável. Em relação à educação os surdos têm os mesmos direitos que as outras pessoas...

Toda educação deveria ter como premissa e fundamento que sua existência só se justifica se for algo que dialoga, corresponde, “inter-fere” e transforma qualitativamente a vida dos sujeitos nela envolvidos, permitindo-lhes galgar outros patamares superiores aos que se encontravam, conduzindo-os a uma condição humana digna que repercuta numa vivência em sociedade também digna, alicerçada sobre uma ética que perpassa o sujeito e atinge o social. Uma educação para surdos precisa dialogar com as vidas dos surdos...



Estamos, pois, pensando desde uma educação institucionalizada naquilo que denominamos escola moderna e que, no final do século XIX, popularizava-se como organização que visava também ao disciplinamento e controle das populações. Justamente, por essa fisiologia da escola de instrumento disciplinar, não raro essa instituição padece de um grande mal que é o educar-se para si mesma, ou seja, um conformar os sujeitos educáveis em sujeitos que se deixem escolarizar, acolhendo as práticas nela propostas, consumindo os conteúdos ofertados, permitindo-se verificar e avaliar desde pressupostos escolares distantes da realidade dos educandos. Uma escola que educa apenas para si gera o seu próprio extermínio...

Não só para os surdos, a escola foi — e pode ainda ser — o espaço de uma conformação da vida à estrutura espaciotemporal de transmissão de um saber historicamente acumulado, transmitido com herança cujo destino não se sabe ao certo qual será ou em que se poderá gastar. Dessa forma, a escola parece nutrir-se a si mesma, retroalimentando-se por anos e alimentando os seus frequentadores para que, ao final de uma etapa de vida, sejam devolvidos e deglutidos pela sociedade e o mercado de trabalho. Não desejamos aqui nos deixar tomar pela praga do denunciamento (VEIGA-NETO, 2012), mas apenas sinalizar como esse porão visitado abre-se para questões que dizem respeito à educação escolar como um todo. O saber sabido por outros necessita ser compartilhado, recebido como herança...

Entretanto, parece-nos que, no caso dos surdos, especificamente em relação ao período estudado, tínhamos um agravante. Assim, chegamos a uma segunda questão provocada pela formulação sintética de Neubauer. Diferente das escolas comuns, ofertadas à população em geral, os estabelecimentos destinados aos surdos e surdas, no contexto pós-Milão (1880), retroalimentavam-se de uma perniciosa prática que tinha por objetivo primeiro treinar os surdos pela articulação para, posteriormente e concomitantemente, ofertar os conteúdos escolares. O treino destinado ao exibicionismo das apresentações públicas...

A ênfase no treino articulatório consumia o tempo destinado aos conteúdos escolares. Dessa forma, aquilo que se vivia era uma escola cuja educação não tinha outra finalidade senão a própria escola, ofertando um produto que seria consumido apenas internamente, não permitindo aos surdos um acesso ao saber historicamente acumulado e validado cientificamente. Recorde-se que, estando sob os auspícios do Ministério do Interior e de Assuntos Religiosos, os estabelecimentos, facilmente, deixavam-se conduzir mais pelos saberes religiosos de cunho cristão. E quanto mais cristão talvez mais dócil e menos sábio...

A cada congresso internacional, os surdos — particularmente, aqueles que experienciaram uma outra escola, em que os conteúdos escolares tinham por finalidade não a manutenção da escola, mas o acesso ao conhecimento — procuraram desconstruir a proposta escolar pós-Milão e retomar uma perspectiva que tivesse a vida surda com toda sua diversidade e complexidade cultural como parâmetro. Uma perspectiva educacional pautada em práticas que respeitavam as línguas de sinais foi constantemente evocada como única possibilidade de se resgatar um sentido para o espaço-tempo escola. Desconstruir projetos pode ser o único projeto válido de uma geração...

Neubauer explicita o pensamento de uma comunidade surda que, apesar de suas divergências e distintas formas de compreender a própria razão de ser da escola, reage ao imposto, posiciona-se criticamente, procura brechas legais, disputa resistente por outras formas de se educar uma parcela da população. Procuraremos retomar a seguir aspectos que consideramos importantes para que a proposição de Neubauer possa ser considerada como síntese do desejo da comunidade surda. Uma síntese que me fez rever desde essa perspectiva os outros congressos...

7.1.1 A questão dos métodos para além das oposições

Conforme pudemos compreender desde a leitura dos documentos, a coexistência de métodos parece ter sido uma realidade na educação de surdos desde o seu nascedouro. A linguagem utilizada por surdos e assumida, posteriormente, pelo Abade de l'Épée — apesar de ter nele o fundador da educação de surdos pelos sinais e o arquétipo da língua de sinais — passou por diferentes nomenclaturas, como por exemplo mimetismo, linguagem mímica, gozando, no período estudado, do nome língua/linguagem de sinais ou de gestos, ou ainda simplesmente “os gestos”. No período que antecedeu o Congresso de Milão, outras práticas metodológicas eram utilizadas e o treino articulatório já era uma realidade presente em diversos estabelecimentos. Milão começou muitos anos antes de Milão...

Nos congressos internacionais, os surdos posicionam-se a favor de uma preservação do uso dos sinais da educação, permitindo-nos considerar que tal petição fundamentava-se no fato de que, pós-Milão (1880), a verdade acerca do método oral puro como única metodologia na educação de surdos constituía-se paulatinamente, sendo assumida e patrocinada pelo Estado. Reiteramos que tal metodologia não surge em Milão, mas encontra no congresso de professores de surdos um forte impulso com vínculos com determinado ideal de nação que tinha como elemento agregador a língua nacional. Dessa forma, o treino articulatório promovido no final do século XIX consignava-se como parte de uma estratégia mais ampla do Estado-Nação. Ninguém escapa ao desejo de nação...

As línguas de sinais — e o plural aqui se faz necessário, pois não se tinha apenas uma língua uniforme e organizada, mas diferentes línguas de sinais — estiveram presentes mesmo após as deliberações de Milão e sobreviveram no interior dos institutos ainda que preteridas na prática educacional. De acordo com os textos lidos, em alguns institutos não chegou a ser uma língua clandestina, mas sim uma outra linguagem, por vezes, utilizada como mediação para que os exercícios articulatórios pudessem se desenvolver. Outrossim, é preciso dizer que, em alguns estabelecimentos, ao se priorizar o método oral puro, houve certa exclusão dos sinais e controle das práticas dos estudantes. As línguas de sinais habitavam as vidas e os corpos, escapando pelos poros, pelos ares...

Em relação à questão dos métodos, parece ser unânime nos congressos a percepção de que o método oral puro só seria adequado aos ensurdecidos, não se constituindo como adequado para os surdos de nascença. Para esses últimos, os sinais permaneciam como essenciais na compreensão, inclusive, de lições do método oral puro. Além desse primeiro ponto sobre os destinatários do método, parece ter sido comum entre os surdos a percepção de que o método oral puro demandava muito tempo dos professores, esforços inúteis por grande parte dos surdos, gastos vultosos na formação e manutenção de professores. Com relação aos professores, o método oral puro transformou-se numa nova área de atuação para pessoas ouvintes com consequente desemprego dos antigos professores surdos, tidos como inadequados para a nova metodologia. Um método que exigia uma metodologia para que se pudesse ser metodologicamente aplicado...

Ainda sobre o método oral puro, os documentos nos possibilitam pensar numa grande propaganda acerca dos sucessos de tal investimento, geralmente com apresentações públicas marcadas por omissões dos fracassos e limitações dessa prática. Toda essa propaganda do método oral puro sustentava-se sob a argumentação de ser a metodologia que reintegrar o surdo à sociedade graças ao uso da palavra falada/articulada e leitura labial como meio privilegiado de comunicação com os falantes. Em relação a essa propaganda, os surdos sempre insistem no limitado vocabulário adquirido, o uso desconexo deste, a pouca ou nenhuma aplicabilidade e a inutilidade de tal aprendizado para a vivência fora da escola. Ou seja, o surdo-falante constituía-se como um surdo incomunicável, cada vez mais segregado socialmente, por não se fazer compreender pela língua oral dominante no território. E muito se investiu para forçar a falar aqueles que sempre quiseram sinalizar...

Havia por parte dos surdos congressistas um desejo de que a restauração do uso de sinais no ambiente escolar permitisse e favorecesse uma melhor apreensão dos conteúdos escolares e, após a saída da escola, em empregabilidade mais qualificada e com remuneração mais adequada. Portanto, havia também, por parte dos congressistas, não só uma postura de resistência ao método oral puro, mas também uma possível aceitação do mesmo como metodologia que poderia ser utilizada com alguns surdos. É preciso ainda considerar que algumas das lideranças

eram surdos bilíngues, dominando tanto a língua de sinais de seu território como a língua articulada. Só se aprende numa língua que permita o acesso ao sentido...

Tendo em vista essa reflexão, é possível problematizar desde os textos que o desejo dos surdos não era de uma inflexão em que se abandonasse o método oral puro, mas sim o de que se escolhesse o mais adequado a cada pessoa, evitando-se a formulação de um único método como “cama de Procusto” dos surdos (SMITH *apud* GAILLARD, 1900). As falácias da propaganda do método oral puro foram bem desmascaradas por ocasião do Congresso Internacional de Genebra (1896). Tal evento, em comunhão com o anterior, propunha a emergência do sistema combinado como a melhor forma de se atender às necessidades educacionais dos surdos. Acerca do sistema combinado, convém recordar que os textos não chegam a sistematizar sua formulação, existindo questões passíveis de esclarecimentos. Tal sistema, colocado em prática, principalmente nos EUA, não pode ser imediatamente compreendido como o “método misto” proposto no ambiente europeu. E há espaços para outras descidas aos porões...

Como vimos, a questão da metodologia a ser utilizada na escola de surdos diz respeito à uma forma mesma de se entender a educação, pois não poderia ser algo que consumisse infrutiferamente o tempo investido pelos estudantes e professores. Abria-se também aqui uma perspectiva em relação ao papel dos professores surdos...

7.1.2 Professores surdos: os luminares do passado para reacender um presente

Perpassa a discussão dos congressos uma preocupação com a situação dos professores surdos demitidos ou aposentados pós-Milão. Muitos desses profissionais passaram a viver em condições precárias ou de empobrecimento extremo, não sendo devidamente indenizados. Contudo, a denúncia de tal atitude, decorrente da crescente implementação do método oral, tornou-se oportunidade para se recuperar um bastião de professores surdos, educados pelos sinais e usuários dessa língua nas suas práticas escolares. Uma constelação de homens e mulheres louváveis...

A retomada de nomes — como Berthier, Chambellan e Ligot — resgatava uma situação escolar tida como ideal em função dos resultados alcançados, como, por exemplo, a capacitação de outros surdos em diversas áreas de conhecimento, a

empregabilidade dos surdos pós-escola, a interação na comunidade surda. Os professores surdos que foram responsáveis pela geração de surdos protagonistas dos congressos eram lembrados com frequência e constituídos como testemunhos de uma educação possível desde o uso de sinais ou com a participação deles. Gerações se formaram pelas mãos que sinalizavam...

Devota-se a formação desses professores a certa filiação ao Abade de l'Épée, colocando-os como sucessores imediatos ou herdeiros em primeiro grau do Pai dos surdos. François Waquet nos recorda que “a relação mestre/discípulo funciona ao modo da cadeia de gerações biológicas ligando para além do tempo os membros de uma família. [...] O que não deixa de induzir, além de profunda continuidade, sentimento de imortalidade” (WAQUET, 2010, p. 207). Portanto, a ênfase sobre os professores surdos do passado retrocederia à pessoa mesma daquele que era considerado como o salvador dos surdos e o verdadeiro integrador dos surdos à sociedade. Filhos de um mesmo Pai, irmãos de infortúnio...

Os professores surdos do passado serviam de inspiração também por serem considerados aqueles que melhor compreendiam as necessidades dos estudantes surdos. Há, portanto, uma presença do pressuposto de que uma língua natural dos surdos seria elemento fundamental para assegurar um ensino de qualidade. Os possíveis vínculos entre os pares eram valorizados, ao mesmo tempo em que se insistia sobre a formação daqueles professores desde uma perspectiva humana. Dessa maneira, a presença de professores surdos na educação de surdos seria também um componente de formação de caráter, ligada à questão moral. Um surdo formaria o novo surdo...

Pode-se ainda recordar que tal valorização dos surdos do passado gera um movimento de solidariedade para com os professores surdos daquela época, como, por exemplo, Claudius Forestier, Chambellan, Léopold Balestie e Ernest Dusuzeau. Os congressos internacionais tornavam-se, assim, espaços de ativismo dos surdos. Como luminares, esses surdos professores eram propulsores de esperanças para os surdos das novas gerações. Os surdos não pensavam apenas na realidade de seu tempo. Os surdos contemplavam o futuro dos mais jovens...

O espaço conquistado por esses surdos professores reluzia como um testemunho cabal de que os surdos jamais poderiam ser considerados como idiotas

ou destinados aos asilos, mas que, sim, mereciam oportunidades de avanço nos estudos que os conduzissem a altos postos na sociedade. Os surdos não estavam fadados às funções de menor remuneração. Os surdos poderiam estar onde desejassem...

7.1.3 Os conteúdos escolares: um currículo para além da escola

É da natureza da escola moderna ser o lugar da preservação do saber e sua transmissão de determinados conteúdos. A seleção desses conteúdos obedece a regras nem sempre muito explícitas, mas, geralmente, associadas a um conjunto de valores ou saberes tidos como necessários à pessoa, particularmente, considerada desde a condição de cidadania, pertencimento a uma nação ou empregabilidade. Na escola tudo é selecionado e selecionável...

Os debates feitos nos congressos de surdos expunham um quadro curricular em que o apreço pelo desenvolvimento do método impedia o desenvolvimento dos conteúdos. Entretanto, os surdos também se mostravam críticos em relação aos poucos conteúdos ofertados nos institutos, explicitando tratarem-se de aprendizados que não se aplicavam à vida do surdo após a saída da escola. E só existe escola para o momento de saída dela!

Uma das práticas curriculares presentes nos estabelecimentos relacionava-se com o aprendizado nas oficinas. Distantes das transformações vivenciadas pela sociedade, as oficinas promoviam um aprendizado profissional que correspondia às demandas do mercado de trabalho em amplo processo de industrialização. Talvez a coincidência dos congressos por ocasião das exposições universais tenha contribuído para se perceber a disparidade entre o que os surdos aprendiam para uma futura vida profissional e aquilo que já se estava sendo praticado e aprendido pelos outros em ambientes fora dos institutos. Desvincular as oficinas do aprendizado obrigatório era assegurar outras possibilidades profissionais...

Os surdos reconheciam o valor do ensino profissional, pois tinham nele certa esperança de que as novas gerações pudessem ser integradas à sociedade. Porém, um ensino defasado só contribuiria para um maior alijamento dos surdos. Consideravam também que o tempo de aprendizado nas oficinas excedia por demais

àquele necessário, negligenciando outros aprendizados de base comum de conhecimentos que permitiriam aos surdos uma melhor interação com todos. Dessa forma, a sugestão dos surdos de oficinas em espaços externos aos dos internatos ou com tempos que não furtasse dos surdos aprendizados de conteúdos escolares. O tempo como realidade tão preciosa e que nem sempre permite simultaneidades...

Nesse aspecto, os surdos também se contrapunham a um ensino que, além de não permitir ao surdo o aprendizado em sua língua natural, não permitia um ler e escrever fluentes que os tornassem aptos para outras profissões que não aquelas estritamente manuais ou com ênfase na força física. É nesse espaço-tempo escola que os surdos desejaram que conteúdos, como arte, literatura e desenho industrial, pudessem ser trabalhados tendo em vista a formação integral dos surdos. As críticas dos surdos em relação aos conteúdos escolares afastados da realidade eram também uma forma de se exigir uma educação contextualizada e que operasse desde um saber acessível aos surdos e considerasse os surdos como pessoas com potencial para desenvolver qualquer tipo de conhecimento. Desde a vida para as vidas...



Penso que a questão dos currículos trabalhados nos institutos de surdos durante as duas últimas décadas do século XIX ainda pode ser aprofundada e seus vínculos com a questão de um ensino profissional permite problematizar como os surdos foram considerados como mão de obra barata, fadada a subempregos. O protagonismo de Henri Gaillard em relação a essa questão profissional abre-nos uma perspectiva da resistência surda e de sua contraconduta diante do que a escola desejava fazer com os surdos. E os surdos souberam também reagir e agir...

Um currículo surdo se impunha não como uma excrescência, mas como algo que incorporasse o que era ensinado aos falantes nas escolas regulares, considerando-se o futuro na sociedade. A questão da empregabilidade, por mais que nos posicionamos contra essa captura da escola para essa finalidade, demonstrava-se também como uma realidade a ser enfrentada pelos surdos. A partir de considerações muito concretas, os surdos pediam um saber que assegurasse a autonomia dos surdos e a conquista do pão por meio de um trabalho digno e bem remunerado. Mais uma vez, a preocupação encontrava-se num estudo que não se

devotasse tão somente ao microuniverso da escola. E essa recordação deveria nos acompanhar...

7.1.4 As famílias, os casamentos entre surdos: a educação em outros espaços

Enquanto povo que experimentava constantes críticas e temores por parte de pesquisas infundadas que sugeriam o surgimento de uma “raça surda”, os surdos nos congressos declararam-se favoráveis à formação de famílias por parte dos surdos, assegurando que casamentos entre surdos não comprovaram supostas pesquisas estatísticas, trazendo inúmeros benefícios aos surdos. Os debates em torno da temática familiar apontavam para uma percepção de que o surdo necessitava de um apoio especial desde o início de sua vida, para que, assumindo-se na condição de surdo, pudesse conquistar autonomia e responsabilidades na convivência social. Era o surdo podendo ser gente...

Parece-nos que, para os congressistas, competiria aos pais, independente de serem surdos ou falantes, a obrigação primeira de cuidado com a formação dos surdos, promovendo com eles um processo de formação de valores morais, de práticas laborais, de vivência religiosa. O afastamento dos surdos para a formação escolar nos institutos não poderia significar, quando do retorno ao lar, em uma segregação dentro de casa. Por isso, a posição defendida nos congressos era de que a língua de sinais fosse valorizada para a convivência também no cotidiano e, considerando-se que nas famílias os falantes não teriam paciência para manter os infundáveis exercícios de articulação, que se procurasse desenvolver com os surdos os meios mais aptos para as relações sociais. E por que somente os surdos deveriam aprender a língua dos falantes? Por que não o inverso?

A compreensão dos congressistas sobre o futuro dos surdos na vida familiar rompia também com certo ideário que os considerava numa constante dependência dos pais falantes ou de outras pessoas. Ao proporem os casamentos entre surdos como uma realidade possível, os surdos reafirmaram a necessidade de serem tratados fora de uma perspectiva tutelar. As reflexões acerca da vida familiar dos surdos sugeriam também certa vivência de uma solidariedade surda. Aqueles homens

e mulheres sabiam-se e podiam se dar em casamentos, em afetos, em divórcios, em formas possíveis de amar...

7.1.5 O associativismo surdo: quando a língua nos une

Os congressos internacionais demonstram que o associativismo surdo foi uma das maneiras encontradas por essa parcela da população para se proteger, organizar suas lutas, promover a autonomia dos surdos, assegurar plena integração na sociedade. As múltiplas associações, com objetivos nem sempre tão coesos, nos colocam diante do embate dos surdos na vida pós-escola. Unidos, eles eram mais fortes...

Associar-se era, para os surdos, como possibilidade de desenvolver-se na sociedade, inteirar-se com seus pares, fomentar e agregar elementos de superação de algumas mazelas vividas. Ao se considerar as necessidades dos surdos, as associações atuaram diretamente sobre problemas como as questões pecuniárias, o empobrecimento diante do desemprego, os tratamentos de saúde, muitas das vezes em decorrência de acidentes de trabalho, o adoecimento e velhice. Unidos, eles se protegiam contra as intempéries da vida...

Notamos que, ao longo dos congressos, os temas acima mencionados vão criando uma rede discursiva que fala sobre o cuidado dos surdos em relação aos seus “irmãos de infortúnio”. Desprovidas, quase sempre, de apoio governamental, as associações se sustentavam por meio de caixas comuns que acabavam por sanar imediatamente os problemas vivenciados. O associar-se, praticamente, tornava-se uma necessidade para surdo em decorrência do pensar o seu envelhecimento. Unidos, eles também se viam envelhecer...

Mas tais associações também se constituíram como espaços privilegiados de debates regionalizados sobre a realidade dos surdos. Dessa forma, as discussões sobre elas apresentadas nos congressos terminavam por socializar o que os surdos, em diversas partes do mundo, experimentavam. O associativismo surdo também favorecia a um intercâmbio de saberes, sendo um espaço propício para que, na

convivência, forjassem-se formas de ser surdo na sociedade. Unidos, eles aprendiam sobre si e sobre o mundo...

O vínculo com a temática maior da educação parece-nos recair no fato de que o associativismo surdo funcionou como “termômetro” para muito do que se experimentava nas escolas e institutos de surdos. Não só eram espaços em que se privilegiava o uso de sinais, podendo ser considerados como reações de resistência explícita às conjecturas educacionais pós-Milão, mas também como posturas de contraconduta desde o que lhes era permitido viver em associação, forçando o aparato político e legal, questionando os modos com que se operava uma formação sobre o surdo, subjetivando determinadas posturas. E subjetivando nos falantes dadas compreensões sobre os surdos. Unidos, também afirmaram modos de ser surdo...

A ênfase dada por mim às reflexões sobre o associativismo surdo tinha por objetivo exemplificar que, independente da proposta educacional oficial — que não mais valorizava os sinais —, os surdos foram protagonistas de processos muito vivos, jamais cedendo passivamente ao que lhes era apresentado nos diversos âmbitos da sociedade. Dessa maneira, um protagonismo surdo não pode ser pensado apenas a partir de nosso presente, mas deve ser recuperado como forma de se também reavivar as histórias de surdos e surdas que, no passado, agiram para que algumas demandas fossem acolhidas, fortaleceram seus companheiros, transmitiram uma língua viva aos seus, proporcionaram o rompimento de barreiras sociais e propiciaram a inserção dos surdos em debates cruciais. Unidos, eles forjaram uma integração.

Numa trama muito bem articulada, os surdos manifestaram aquilo que compreendiam como a educação ideal. Tal compreensão ainda não representava a totalidade do desejo da comunidade surda. Houve um progressivo movimento em que os surdos pautaram suas vontades desde uma perspectiva de liberdade e igualdade frente aos outros cidadãos, tomando suas vidas como uma responsabilidade que não competiria nunca a outros tutelar. Importa ainda considerar que a educação perpassa as diversas temáticas — ou a elas está agregada enquanto elemento deflagrador de atitudes ao longo da vida do sujeito surdo. Unidos, percebiam-se múltiplos...

O mapa conceitual a seguir quer nos provocar acerca das rizomáticas relações propiciadas sobre as discursividades educacionais. Na aparente escuridão dos porões talvez existam mais estrelas que nas densas noites de lua nova.

Figura 18: Mapa conceitual



Fonte: Elaborado pelo autor com base no texto da tese

7.2 Os congressos internacionais de surdos: quando o presente encontra vínculos com o passado educacional

Nossa reflexão, nesta tese, partiu de problematizações do tempo presente em relação àquilo que se considerava como um passado dos surdos. A leitura e análise dos textos dos congressos internacionais colocou-nos em contato com muitas informações desconhecidas em solo brasileiro, abrindo novas perspectivas de diálogo, de estudo, de pesquisa. Abriu-se um campo de pesquisa...

Não raro, ao ler os textos dos congressos internacionais, tinha a impressão de que poderiam ser textos datados do dia de ontem, de pleno século XXI. Afora a linguagem e alguns elementos muito típicos de uma época, as questões sobre a educação desejada pelos surdos parecem ser uma discursividade que, como um fluxo subterrâneo de águas, mantém um forte vínculo entre passado e presente. Talvez também o futuro sofra desses influxos. Os porões, na metáfora de Bachelard, são esses espaços em que águas subterrâneas emergem, umidificam as paredes, fazem brotar borbulhas que explodem bolhas aparentemente sedimentadas. Há muita umidade nesses textos...

A síntese expressa por Neubauer parece-me extremamente atual para nossos contextos. Os surdos do passado, desde as suas discursividades nos congressos internacionais, desejavam uma educação que servisse à vida do surdo. Ao estabelecerem críticas em relação aos métodos, conteúdos, práticas, ensino profissionalizante, etc, os surdos nos convidam a pensar também sobre o que temos vivenciado com o ensino que ofertamos aos surdos na atualidade. E seria muito oportuno ouvir os surdos de hoje acerca de muitas de suas preocupações até mesmo com aquilo que se propugna como educação bilíngue. A educação permanece em debate...

A educação, enquanto processo social que forma e transforma o sujeito educável, é uma realidade marcada por inúmeras contradições típicas do modelo que ainda vigora e que tem raízes muito profundas em práticas que denunciam nossas deturpações acerca das compreensões sobre o humano, a sociedade, o mundo. Ao proporem uma educação para a vida, os surdos sistematizaram uma proposta de projeto educacional que, apesar dos anos, ainda tem muito a contribuir para nossas discussões. Não que o que eles propuseram se aplique à atualidade de forma acrítica

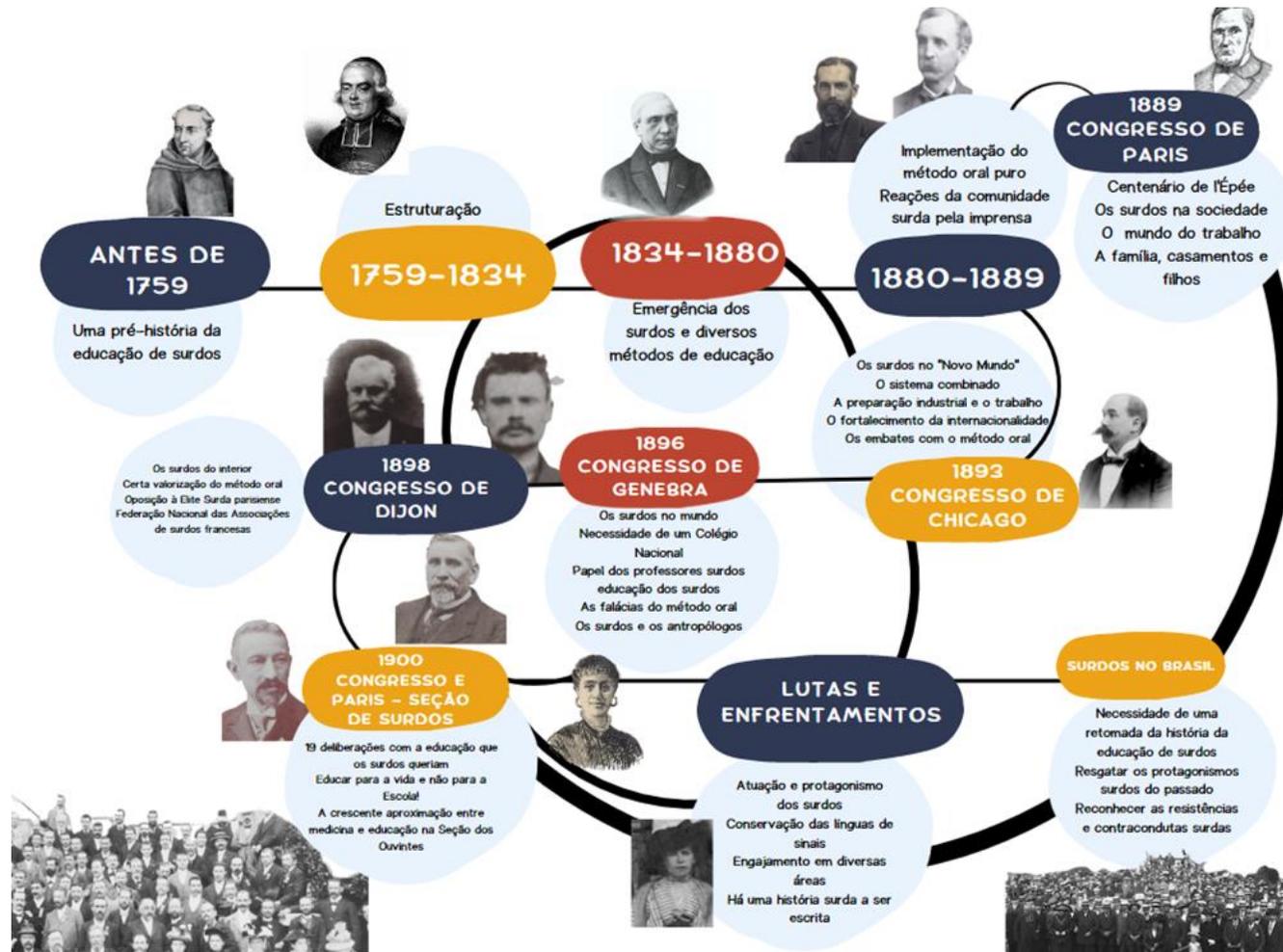
e favorecendo a anacronismos. Ao contrário, a atualidade de algumas discursividades faz ressaltar o quanto o desejo não foi acolhido, respeitado e como os protagonismos surdos foram combatidos e negados até mesmo por determinadas perspectivas de história da educação de surdos. Mas, é preciso reafirmar, eles sempre existiram!

Talvez aqui pudéssemos recordar que o passado convida o nosso presente ao diálogo. Não o intuito de se sacralizar também essa outra narrativa, mas por considerar que uma reflexão acerca desse passado exposto nos congressos internacionais pode alimentar novos impulsos nas lutas dos surdos e surdas da atualidade, evitando uma repetição de uma história mesma que não mais condiz com os desafios do presente. Na provisoriedade da pesquisa, consideramos que essa nossa descida aos porões permite à comunidade surda servir-se de um rico material para novos debates sobre velhos temas e velhos debates com temas novos. Os textos lidos e aqui compartilhados não pertencem ao passado; eles são um presente!

Educar para a vida é também deixar-se questionar pelas pesquisas históricas e saborear desse vinho antigo que a comensalidade surda nos ensinou a apreciar com brindes diversos. E que essa reflexão promova outras discursividades, fomentando pensamentos que escapem à mesmidade também do pensar. Nesse sentido, conforme mencionado na revisão de literatura, gostaria de propor uma linha cronológica da história da educação de surdos que compreendesse também os elementos discutidos nos congressos internacionais. Tomo como referência a proposta por Yann Cantin e nela acrescento o que considero relevante da atual tese...

Linhas do tempo são um esforço para tornar visível aquilo que não mais podemos tocar. São um ensejo a pensar que há mais rotas alteradas que retilíneas. Por questões didáticas elas são apresentadas horizontalmente, mas a vida se dá sempre de forma diversa, em múltiplas aspirais, hélices, recuos, desvios. Possivelmente, essa tese também signifique um pouco desse exercício de tentar colocar no papel aquilo que não mais podemos visualizar, a não ser por nossas conjecturas e costuras...

Figura 19: Linha cronológica da história da educação de surdos



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos textos analisado

Subo a escada. Tenho minha vida no andar intermediário. Os movimentos que dele percebo pedem-me o retorno. Empurro o alçapão com uma das mãos. Forço o corpo para retornar ao presente. A claridade da sala me obscurece a visão. Muito tempo acostumado aos porões, sinto o incômodo da luz. Transpasso esse umbral horizontal. Ergo-me na minha vida, deixando-me consumir pelas preocupações imediatas, pelo cotidiano que me toma, pelas vicissitudes de “ser-sendo” no mundo. Encontro conhecidos e entabulo os primeiros diálogos com os vivos e, muito rapidamente, percebo que desejo falar sobre os mortos. Essa consubstancialidade que criei com eles faz-me dizer muito de mim ao falar deles. E conto sobre minhas descidas ao porão, sobre o quanto experimentei saber-me não sabente. Narro minha paixão por folhas, papeis, rascunhos, desenhos, e nos meus olhos transpareço ter sido tomado por muitas vidas e desejar outras tantas, apesar de saber-me mais próximo daqueles de lá que dos de cá. Sinto algo em meu bolso. Apalpo e resolvo verificar. Talvez, empapelado, não tenha me dado conta ou, quem sabe, o tenha feito furtivamente: trouxe comigo a gravata daquele surdo de Dijon...

POR SE CHEGAR AO FIM, DÁ-SE NOVO INÍCIO: OUTRAS JANELAS SE ABREM DESDE O SÓTÃO...

A pesquisa da proveniência não funda, muito pelo contrário: ela agita o que se percebia imóvel, ela fragmenta o que se pensava unido; ela mostra a heterogeneidade do que se imaginava em conformidade consigo mesmo (FOUCAULT, 2008c, p. 21).

Para que serviria, por exemplo, dar a planta do aposento que foi realmente o meu quarto, descrever o pequeno quarto no fundo de um sótão, dizer que da janela, através de um buraco no teto, via-se a colina? Só eu, nas minhas lembranças de outro século, posso abrir o armário que guarda ainda, só para mim, o cheiro único, o cheiro das uvas que secam sobre a sebe. O cheiro das uvas! Cheiro-limite, é preciso muita imaginação para senti-lo (BACHELARD, 2003, p. 206).

Toda pesquisa precisa ser finalizada justamente para anunciar-se em novo início. A provisoriedade da pesquisa acadêmica pede-nos esse “fim inicial”. Tendo no capítulo anterior retomado as principais ideias que compõem essa tese, desejo aqui recompor um trajeto, dar pistas do que fiz, avaliar também o que me escapou, deixar linhas soltas para que outros comecem novos romances e enredem futuros leitores. Outros pesquisadores precisam vir...

Essa tese foi iniciada durante um tempo drástico de pandemia, agravado por desgovernos que nos deixavam sobressaltados ao se perceber como coisas consideradas impensáveis e indizíveis eram pronunciadas com naturalidade e troça. Esse texto é também um protesto contra todos os desmandos feitos por alguém inominável. Essa tese vem a público num período incerto. Mas quando foi que o futuro pareceu-nos certo? Há que se cuidar do broto...

A morte, essa companheira que, a qualquer dia, poderá nos abraçar foi uma presença constante na escrita. Das páginas que acessava brotavam os meus mortos e as minhas mortas, surdos e surdas de um tempo passado, deixando-se revolver pelos meus dedos, fazendo-me com eles e elas dialogar. E como falam esses mortos!!!

Tendo muito ouvido e visto, divido essas considerações finais em dois movimentos: uma autoavaliação do percurso feito e uma prospecção para mim e para outros...

a) Autoavaliação do percurso de pesquisa

A pesquisa que realizei só foi possível com o auxílio do aparato tecnológico, particularmente, o uso da rede mundial de computadores. As centenas de documentos disponibilizados abriram muitas possibilidades de trabalho, fazendo-me escolher aquela parte que compôs minha série de análise: os congressos internacionais organizados por surdos entre 1889 e 1900. Assim pude estar em Paris desde a minha casa...

Por reconhecer que, apesar da disponibilidade, esses materiais encontram-se em outra língua, por vezes, dificultando o acesso ou mesmo o interesse, optei por fazer muitas citações, produzindo materiais para outros. Além disso, ao tocar nesses documentos virtuais foi possível perceber que, mesmo fora do Brasil, havia poucas pesquisas que trabalharam sobre essas fontes. Certa repetição de temáticas, talvez incômoda aos leitores distantes da educação de surdos, foi proposital como maneira de evidenciar em cada um dos eventos como a regularidade discursiva que eu procurava foi se delineando. Além disso, intencionava que os leitores pudessem acompanhar comigo — em alguns momentos, estupefactos — o quanto os surdos e surdas do passado protagonizaram processos essenciais. Repetir, em muitas situações, é também resistir...

Essa tese foi também um exercício tradutório, marcado por uma série de escolhas, atravessado por diversos fatores, mas, acima de tudo por um desejo incontido de traduzir, de colocar em Português aquilo que lia em Francês e Inglês. Em um dos primeiros períodos do doutorado realizei, sob supervisão da professora Lucyenne Matos da C. Vieira-Machado, a tradução completa do Congresso de Paris - 1889. Material que se abre agora a inúmeros outros pesquisadores para que juntos possamos pensar esse exercício de traduzir e de seduzir desde outras escritas...

Procurei apresentar a materialidade sobre a qual operei por reconhecer a grandeza desses documentos enquanto vestígios de processos tão vívidos e, ao mesmo tempo, tão apagados pela historiografia acerca da educação de surdos. Confesso que fiquei apaixonado por essas fontes. Um mal abominável segundo alguns historiadores. O objeto tem força. Ilude-se que pensa a total distinção nesse processo de pesquisa a ponto de que não sejamos afetados por aquilo que também nos sonda, capta, filtra, delimita, fatia. A cada escolha que fiz, seja ela metodológica,

de uma citação, de uma lembrança, de um detalhe, estavam em jogo esse movimento de que debruçado sobre o texto sinto também que o texto me observa, solicita, suscita. Houve uma paixão...

Os baluartes da pesquisa histórica, certamente, censuram minha postura. Eu apenas penso/sinto desde esse lugar de quem conta uma história e sente que seus olhos brilham quando repete tal trecho, que o coração palpita quando capta correlações com o presente. O narrar tem, em alguns momentos, essa coisa da resenha, do resumo, mas também nisso me faço presente. Assim, também, dou-me, mesmo que laconicamente, como presente ao leitor...

Impressionava-me a comensalidade surda expressa nos banquetes de cada congresso. Gostaria muito de podermos partilhar essa pesquisa como uma refeição, regada a boa bebida. Eu coloquei a mesa, servi aí os pratos que cozinhei a partir do meu modo de amar. Alimentei-me muito daqueles textos e sei que ainda ficaram muitas sobras. Minha fome era tanta que no início do doutorado pensava em abarcar o conjunto que iria até 1937, com o Congresso de Paris, último antes da Segunda Grande Guerra. Contive-me com o que pude consumir e consumi-me naquilo que não me continha. Eu era a fome...

A abordagem foucaultiana acompanhava-me discretamente. Certamente, a leitura prévia daqueles documentos, desde as lentes que escolhi, também conduziam minha forma de mexer com aqueles dados, jogá-los a meu favor, torcer para que pudessem sempre me dizer, condicionando meu olhar. Sem ser cleromante, vi nos documentos um passado que fala ao presente no nosso agora. E, quem sabe, também se comunique com o imprevisível futuro. A presença de Foucault, esse outro morto, também me acompanha como incentivo a desconfiar, desalojar, deslocar, desnaturalizar. Sou suspeito para falar justamente porque me fiz a tudo suspeitar...

A história que enredei e que, talvez, nada tenha de novo, pois sempre esteve ali aos nossos olhos, diz de um tempo fecundo em que os surdos se constituíram resistência diante do que lhes era exigido em relação à educação. Constituíram-se também como sujeitos de contraconduta, ora aqui, ora ali, fazendo pequenas concessões para se assegurarem de que uma educação lhes fosse ofertada a partir de um horizonte que ultrapassasse os limites da escola. Nada foi gratuito...

E por estar em escola, em alguns momentos dessa escrita a trabalhar em dois horários, sei que muito do que vi nos documentos questiona as práticas que ainda se dão. Não só para os surdos, mas particularmente para eles, faz-se necessário pensar numa educação que os abrace integralmente. Abraço não no sentido meramente afetivo, mas que no calor do ensino que fere, incruste-se nas pessoas um desejo pelo ensinar-aprender que não se restrinja ao repetir, ao copiar, ao se contentar com o pouco. Abraço como retenção temporária para depois deixar sair com liberdade e autonomia e assumir no mundo o que desejarem ser. E uma educação bilíngue talvez mereça se desdobrar sobre esse abraçar...

b) Prospecções desde o sótão da casa

Os congressos anteriores ao período de 1889 e 1900, embora tenham uma natureza mais reduzida no que diz respeito à participação internacional, permanecem como textos a serem analisados. Particularmente, quando recordamos que sete anos antes de Milão, os surdos já estavam fazendo seus congressos, num claro movimento de que a educação que desejavam não era exatamente aquela que estavam recebendo ou sendo oferecida às gerações mais novas. Esse período merece outras descidas aos porões...

No período que se segue ao Congresso de Paris (1900) aconteceram outros congressos organizados pelos surdos: Saint-Louis (1904), Paris (1912), Argélia (1930), Paris (1931), Paris (1937). Ao mesmo tempo que ocorreram congressos organizados por ouvintes que atuavam como educadores de surdos: três dos congressos foram realizados na cidade de Liège (1905, 1924 e 1930) e um em Paris (1933). Os documentos destes eventos, inclusive, o mais raro que é de 1937, encontram-se para ulteriores pesquisas, partilhas, desdobramentos de diálogos. Talvez sejam textos que possam nos ajudar a compreender melhor os desejos dos surdos no início do século XX. Permaneceria a mesma compreensão de “educação para a vida”? Como se fizeram resistentes diante da maciça implantação do método oral puro nas escolas? Acreditamos que aconteceram muitas resistências. Afirmamos isso por termos nos dedicado, por uma outra perspectiva, a refletir sobre a proposta

de preservação da língua de sinais organizada por George Veditz¹¹¹. E muitos surdos e surdos aguardam-nos nesses textos...

A partir de 1951 os eventos internacionais passaram a ser coordenados pela World Federation of the Deaf. Mais próximos de nós, cronologicamente, não estariam aí também materiais a nos fazer repensar o que os surdos fizeram e desejaram após a Segunda Guerra Mundial? Que discussões estabeleceram? Que temáticas pautaram? Como isso incidiu e ainda incide no Brasil? E mais possibilidades de pesquisa se abrem...

Entretanto, se, por um lado, sobeja material sobre os congressos, inclusive os organizados por professores de surdos, em hipótese alguma pensamos que os documentos dos congressos de 1889 a 1900 tenham sido esgotados com a presente tese. Considero que parte de meu trabalho, consistiu tão somente em fazer levantar a poeira que estava depositada sobre alguns temas. Se tomei tais documentos desde uma abordagem mais ampla, permanece para outros — e também para mim — a possibilidade por enveredar em algumas das portinholas ou janelas apenas vislumbrei. E, felicita-me já saber que Daniel Carvalho se coloca ali a acompanhar/problematizar práticas de subjetividade de professores surdos. E, outros que se debruçarão sobre o Sistema Combinado, como Márcio Borges, e a literatura surda já assumida por Gislene Rodrigues. E Katiuscia Olmo que, talvez, também encontre nesses textos coisas novas sobre o antigo e des-conhecido Milão...

Não me atrevi a refletir sobre as questões do ensino profissional. Mas, para a pesquisadora Aline Lage, os textos podem ajudar a compreender como no final do século XIX, na Europa e Estados Unidos da América, foi se produzindo um desejo de determinado êxodo das oficinas presentes no interior dos institutos para outras práticas de aprendizado profissional em ambientes externos. Também como se configurou certo patronato e mecenato surdos. Outro quinhão nesse mesmo tema é a questão da industrialização e seus impactos diretos na educação de surdos. Há coisas a se desbastar, ou se preferir, a maquinar...

¹¹¹ Veditz, servindo-se do cinema nascente, elabora um projeto para filmar surdos e falantes usuários dos sinais como forma de se preservar essa língua. Acerca disso, veja-se: RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO, 2022.

A temática do associativismo surdo permanece como algo pertinente de futuros aprofundamentos. As diversas associações formaram um rico mosaico de resistência surda e cada qual, ao seu modo, ensinou formas comunitárias e colaborativas para se viver o cuidado dos surdos. O contemplar esse associativismo surdo do exterior, talvez, possa nos ajudar a perceber elementos transnacionais dessas lutas e suas incidências no contexto brasileiro. Como verdadeiras fortalezas a enfrentar os constantes ataques, as associações foram espaços de rica partilha da vida surda. E, tal partilha ocorreu de diversos modos, como pela valorização dos esportes, dos encontros-amizade...

Muito próxima à questão do associativismo, considero que estão os elementos relacionados à situação de desenvolvimento das línguas de sinais nos diversos países. De forma dispersa pelas apresentações, os congressos contêm muitos dados sobre essa questão, possibilitando aos interessados até mesmo fazer pequenos exercícios de estudo comparado. Do desejo de uma língua universal se traduz nos textos, a existência de várias línguas de sinais com elementos comuns, mas também com outros que eram próprios a cada nacionalidade ou região. Evidência disso era a proposta de J. Hirn, na 18ª resolução da Seção dos Surdos em Paris (1900), que sugeria certa unificação. Somente pode se unificar o que é diverso. Mas o diverso rejeita unificações que o anulem...

Justamente por se tratarem de eventos com afluência de várias línguas, mas especificamente com a presença de surdos e ouvintes, perpassam quase todos os documentos questões relacionadas à interpretação e tradução. Os congressos foram sempre eventos de muitas línguas em movimento. Nesse contexto, algumas menções ao fato de termos surdos que interpretaram ou traduziram apresentações, abre-nos uma perspectiva que contempla a questão do profissional intérprete/tradutor, mas, de modo muito especial, o desse profissional surdo. Talvez, sejam pequenos detalhes a nos convidar para análises mais apuradas, fazendo-nos contemplar algo que está exposto, mas que nossa luminosidade não permite acessar...



A imprensa surda, mesmo que pouco presente em meu texto, esteve vivamente ligada aos debates sobre educação de surdos. A dificuldade de acesso aos periódicos criados e gerenciados por surdos contrapõem ao muito material internacional de publicações dos institutos. Uma aproximação entre esses materiais, no caso os da

imprensa surda com os dos institutos, poderia nos fazer compreender também os movimentos de resistências presentes naquilo que era uma das profissões mais comuns entre os surdos, o trabalho em tipografias. Em cada tipo, chapa, tinta havia também sinais de resistência...

Os participantes dos congressos, muitas vezes aqui listados, constituem-se numa proposta ousada de pesquisa. Quem são essas pessoas? O que suas vidas nos fazem dizer sobre a educação de surdos? Como as biografias desses surdos podem nos auxiliar a perceber que há uma gigantesca constelação de surdos protagonistas? Muitas de minhas investidas pelas biografias desses surdos não obtiveram sucesso. Alguns surdos, parece-me, têm os seus nomes registrados apenas nas atas que folheei. Nem sempre foi fácil encontrar informações sobre aquelas pessoas, nem distinguir os nomes abreviados por iniciais. Nem sempre foi possível escrever tais nomes por extenso, dando mais pistas para outros. Nem sempre foi possível encontrar o mínimo de datas sobre eles, como nascimento e morte. Eles existiram, mas o que restou deles para além do nome inscrito a atravessar séculos? E, justamente, por perceber esses surdos de grande vulto, quem sabe, a partir deles, surge o apelo a também se deter naqueles surdos que foram esquecidos, cujos nomes ficaram no anonimato, numa massa amorfa surda. Alguém deveria se propor a pensar a história dos surdos infames¹¹²...

Perpassa também pelos congressos, e muito associada à questão educacional, a filiação dos surdos a l'Épée. Embora seja uma "verdade" já assumida e reproduzida inveteradamente, talvez pudesse ser algo a se aprofundar, considerando-os os diversos elementos na formação dessa filiação. L'Épée, parece-me ser um vulto francês nobilíssimo, mas que merece ser problematizado para que sob o pretexto de sua paternidade não se afirme também certa orfandade. Não haveria alguém dentre os surdos que pudesse assumir tal paternidade? Como podemos pensar certa genealogia que parte de l'Épée a gerar um sentido de imortalidade? Arriscar-se a romper com certa paternidade...

É recorrente nas atas a participação de surdos ligados às artes. Os famosos salões silenciosos em que os surdos expunham seus trabalhos é um dado a ser melhor conhecido. Apesar de alguns terem alcançado renome e serem conhecidos,

¹¹² Uma pensata sobre o tema foi elaborada: RODRIGUES, 2023b.

uma pesquisa sobre surdos e arte no século XIX também contribuiria para mostrar protagonismos surdos emergentes e como suas artes questionavam ou não o já instituído. A arte é uma das formas mais perenes de resistência e contraconduta, até mesmo antecipando muito daquilo que as ciências demoram para perceber. Uma arte surda a nos provocar...

Outro veio que apenas tangenciei foi o das fotografias dos congressos. Há muito material disponível no acervo da *Gallaudet University*, acessível pelo site *gaislandora.wrlc.org*. Seria possível uma historiografia surda que nascesse das imagens? Que outras investigações a ela se associariam e qual o poder dessas imagens para corroborar um outro imaginário acerca da história da educação de surdos que contemple seus protagonismos? A força de algumas fotografias é intraduzível...

Ao longo desses anos, graças ao Gabriel Nascimento acabei me aproximando de outro conjunto de materiais que também espera pesquisadores. São os livretos dos congressos organizados por gays e lésbicas surdos por meio da *Rainbow Alliance of the Deaf*¹¹³. Desde 1978 aconteceram congressos, inicialmente nacionais, que foram ganhando visibilidade e oferecem pistas para problematizarmos uma questão nem sempre colocada. Quem são os surdos protagonistas gays e lésbicas? Há surdos que resistem e agem em contraconduta a partir da diversidade sexual...

E, se pensamos no público LGBTQIA+, também seria oportuno uma frente de trabalho que tomasse documentos dos EUA acerca da escolarização de surdos pretos. O que sabemos sobre essa temática? E o que um saber sobre ela pode nos tocar? Berthier, já em 1836, estava impactado com notícias de surdos negros de Nova Iorque. E, novamente, podemos nos questionar: quem são os surdos protagonistas pretos? Por que essas histórias também foram apagadas? Essa temática também nos questiona no Brasil...

Meu texto foi, por muitas vezes, um texto reticente. Quisera que os leitores pudessem ir compartilhando comigo de alguns pensamentos, de algumas reações que os textos me suscitaram. É também um texto reticente no aspecto de que ficam abertas muitas outras possibilidades de pesquisa tendo por base elementos que fiz vir

¹¹³ Sobre: NASCIMENTO; RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO; MARTINS, 2022.

à superfície do andar intermediário. A outras e outros caberá remexer nesses materiais...

Há muito por se fazer com o intuito de proliferar outras narrativas...

Considero que “Educar para a vida e não para a escola: a educação desejada nos congressos de surdos entre 1889 e 1900” seja mais uma vez tão somente uma porta que se abre, deixando entrever outras tantas portas e janelas para aqueles que gostam de mergulhar na luminosa escuridão dos porões. A luz do andar intermediário, tão cara às nossas pesquisas, talvez não dê conta do quanto somos mais que aquilo que produzimos academicamente e o quanto um texto é apenas uma amostra daquilo que uma pesquisa nos afetou. A tese é apenas uma parte...

Durante a escrita dessa tese temi que o malgrado sucesso de algo que considerávamos morto pudesse ressurgir com tamanha força. Inúmeras posturas de extrema direita têm se apresentado, não só no cenário nacional, fazendo-nos ficar alertas sobre as lutas de ontem e de hoje, convidando-nos a remexer nos porões antes que eles se tornem uma realidade para muitos. Uma batalha vencemos no ano de 2022, mas há um longo caminho a ser percorrido para que tantos monstros que ameaçam a dignidade humana não se materializem nos próximos anos. Em 2018, encerrei minha dissertação de mestrado chorando ao ouvir o “pronunciamento” do inominável. Concluo essa tese, também desidratado ao acompanhar a posse do terceiro mandato do Presidente Lula. É bom respirar ares de esperança de que outros ventos soprem em nosso presente, fortalecendo nossas empreitadas por uma educação de surdos que atenda aos clamores dessa parcela da população. E, num mundo marcado por símbolos e solenidades, foi maravilhoso sentir-me representado por aqueles que, em nome do povo brasileiro, colocaram a faixa presidencial em Lula. O “Brasil do futuro” já começou no nosso ontem e com a certeza de que “se a gente quiser a gente pode” reescrever outras histórias, um novo tempo. “Amanhã, mesmo que uns não queiram, será de outros que esperam ver o dia raiar” (GUILHERME ARANTES, 1977). E, mesmo que a “Resistência” seja apenas uma simples cadela que adentra os espaços e neles descobre possíveis modos de ser, de fazer barulho, de perturbar; com ela temos a certeza de que nada será uma mera repetição. E, talvez, seja necessário recuperar o mais cínico em nós para reagirmos ao retrógrado e

golpista, fazendo-nos redescobrir formas resistentes diante daqueles que desejam retrocessos. A democracia sobreviveu...

Nesta tese evoquei, com minhas palavras, muitos mortos. Homens que estavam sepultados em páginas, na sua maioria, pessoas desconhecidas. Convivi com eles vendo-me também naquilo que é perecedouro. A morte, essa amiga-irmã-companheira que parece assentar-se sobre os nossos ombros, foi parte de meu olhar sobre o passado, mas também sobre o presente quando tantos brasileiros experimentaram o findar-se em decorrência da COVID-19. Mas, ao pensar nos inúmeros militantes surdos que conheci na tese, preciso dizer que esse texto é também um compromisso com Clarissa Fernandes das Dores, mineira, surda professora, pesquisadora da história da educação de surdos, que um trágico acidente no dia 02 de setembro de 2022 a projetou desse mundo, fazendo-a mais uma morta. Na pessoa de Clarissa, o meu reconhecimento por todos os surdos e surdas protagonistas, militantes, que, ao longo da história fizeram e fazem de suas vidas forças de resistência e contraconduta. Vocês foram um presente para nós...

Não me demorei no andar intermediário. Tomei a escada para o sótão. Quis sentir a estrutura daquela casa. Aproximei-me de uma das janelas. Engraçado que, naquela casa, as janelas pareciam olhos a discretamente tudo acompanhar. Abro a janela e deixo ar renovar o ambiente. Solto o olhar antes preso a algumas telas. O horizonte descansa, refrigera a alma. Lá de cima podia ver as crianças a passar, os trabalhadores na lavoura, as árvores mais distantes, as nuvens brincando de formar objetos, animais, rostos. E “detenho-me” nas montanhas que se formavam à minha frente. Como um corpo a descansar sobre a terra, consigo ver na natureza as partes de quem já passou por essa história. Alguns montículos formam os mamilos. Outras escarpas parecem uma face. O conjunto de arbustos nas pedras recordam-me os pelos. Tudo se forma em mim. E vejo, então, os contornos dos membros superiores e inferiores. Contemplo do alto o humano ali prostrado e entendo que tudo o que fiz me transforma em mais nele e me assegura o privilégio de poder ter mexido com tantas vidas. Reparo pelo foco de luz da janela um álbum depositado sobre o criado. Abro e passo lentamente aquelas imagens. Contemplo rostos agora conhecidos. Faço breve retrospectiva sobre o que fiz, não sabia ao certo o que escreveria nem o que me

inscreveria. Deixo a janela aberta para que, afinal, floresça o mais que humano em nós. Arranco uma foto do álbum. Meu último ato furtivo. Rio de mim com um deboche que só eu me permito e desço as escadas, balançando aquela foto nas mãos, como se menino fosse e ainda tivesse uma vida inteira a me esperar...

Figura 20: Graduados e ex-alunos do *College Gallaudet* no Congresso Internacional de 1904



Fonte: <https://veditzsite.wordpress.com/pix-2/>

REFERÊNCIAS

a) Fontes primárias

BEALE, H. B. "Dumb". **British Deaf Monthly**, 1897, 6 (70), 231-232.

BERTHIER, F. **Histoire et statistique de l'éducation des sourds-muets**. Paris: Chez l'Auteur, 1836.

_____. **Le Code Napoléon**: Code Civil de l'Empire Français mis à la portée des Souds-Muets, de leurs familles et des parlants en rapport journalier avec eux. Paris: Petit Journal, 1868.

BÉLANGER, Adolphe. Congrès International des Sourds-muets de 1889. **Revue Française de l'Éducation des Sourds-muets**, 6^{me} Anée, N° 8, p. 215-219, Novembre 1890.

BELL, Alexander G. **Memoir upon the formation of a deaf variety of the human race**. New Haven: National Academy of Sciences, 1883.

BLANCHET, A. **La surdi-mutité, traité philosophique et medical**. Tome Deuxième. Chez Labé: Paris, 1852.

CHAMBELLAN, V-G. **Congrès International des sourds-muets de 1889**. Compte rendu. Paris: Association Amicale des ssourds-muets de France, 1890. Fac-símile organizada pela Edition du Fox, domínio público disponível para download em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>.

CHAMBELLAN, V.-G. **De l'importance incontestable du langage mimique dans l'enseignement des sourds-muets de naissance**. Paris: Chez L'Auteur, 1884.

CHAZAL, J. **Le Congrès International des Sourds-muets - Dijon - 1898**. Fac-símile organizada pela Edition du Fox, domínio público disponível para download em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>.

DE CHAPPOTIN; LELLOUCHE, P.; CAPPIELLO, D. **Congrès International des Sourds-Muets**. Organisé à Alges du 14 au 21 Juin 1930. Alger: Imp. Solal, s.d.

DELTOUR, F. l'Institution Nationale des Sourds-Muets de Paris. **Revue Des Deux Mondes** (1829-1971), vol. 111, n° 1, 1892, pp. 174–207. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/44761316?seq=1#metadata_info_tab_contents. Acesso em: out. 2021.

DRAPER, Amos G. **Report of Professor Draper on the International Congress of Deaf Mutes at Paris**. Washington: Government Printing Office, 1890.

DUILHÉ DE SAINT-PROJET. **Apologie scientifique de la foi chrétienne**. Librairie de la Société Bibliographique/Privat: Paris/Toulouse, 1885.

FRANK, Adolphe. De l'instruction des sourds-muets. **Revue Européenne**, Typographie E. Panckhoucke et Cie: Bruxelles/Leipzig, 3e année, t. XVI, 1861, p. 258-294.

FORESTIER, Claudius. **Lettre de M. Forestier, directeur de l'École des sourds-muets de Lyon, à M. le ministre de l'Intérieur et des cultes au sujet du rapport de M. Claveau, ... sur l'enseignement de la parole dans les institutions de sourds-muets**. Lyon: Pitrat Ainé, 1881.

FOX, Thomas F.; HANSON, Olof; MCGREGOR, Robert P. **Proceedings of the World's Congress of the Deaf and the Report of the Fourth Convention of the National Association of the Deaf**. [s.n.]: Chicago, 1893.

FOX, Thomas F.; HANSON, Olof; MCGREGOR, Robert P. **Souvenir of the Worlds Congress of Representative Deaf-mutes**. Levey Bro's & Co.: Indianapolis, 1893.

GAILLARD, H. **Le Second Congrès International des Sourds-muets - Chicago - 1893**. Fac-símile organizada pela Edition du Fox, domínio público disponível para download em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>.

_____. **Troisième Congrès International des Sourds-muets - Genève - 1896**. Fac-símile organizada pela Edition du Fox, domínio público disponível para download em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>.

_____. **Congrès International pour l'Etude des Questions d'Assistance et d'Education des Sourds-Muets**. Compte rendu des débats e relations diverses. Paris: Imprimerie d'ouvriers sourds-muets, 1900. Disponível em: [Source gallica.bnf.fr/Bibliothèque Nationale de France](http://gallica.bnf.fr/Bibliothèque Nationale de France).

_____. **3e Congrès International des sourds-muets**. Tenu a la Sorbonne, à Paris, les 1er et 2 Août 1912. Paris: Foyer des Sourds-Muets, 1912.

GALLAHER, James E. **Representative Deaf Persons of the United States of America**. Containing Portraits and Character Sketches Prominent Deaf Persons (Commonly called "Deaf Mutes") ... who are Engaged in the Higher Pursuits of Life. Chicago: James E. Gallaher, 1898.

GALLAUDET, Edward M. President Gallaudet's mission to the deaf and their friends in europe. **American Annals of the Deaf**, V. 42, N° 5, September, 1897, pp. 282-299.

GALLAUDET, Thomas. Letter from the Rev. Thos. Gallaudet, D. D. **American Annals of the Deaf**, V. 34, N°. 4, October, 1889, p. 286-289.

GORDON, Joseph C. **Education of deaf children**: evidence of Edward Miner Gallaudet and Alexander Graham Bell, presented to the Royal Commission of the United Kingdom of the condition of the blind, the deaf and dumb etc, accompaning papers, postcripts, and a index. Waschington: Volta Bureau, 1892.

GREAT BRITAIN. **Royal Commission on the Condition of the Blind, the Deaf, and the Dumb in the United Kingdom**. London: Printed for H.M.S.O. by Eyre and Spottiswoode, 1889.

LE MATIN. La France Silencieuse: Un congrès des sourds-muets, Interview mimé, Le programme des silecieux. Paris, 27 février 1893. p. 2.

LEITE, Tobias Rabello. Instituto dos surdos-mudos. *In*: BRASIL. MINISTÉRIO DO IMPÉRIO. **Relatório do anno de 1886 apresentado á Assembléa Geral Legislativa na Segunda Sessão da Vigésima Legislatura pelo Ministro e Secretário de Estado de Negócios do Império Barão de Mamoré**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional 1887. p. 61-66. Disponível: <http://memoria.bn.br/DocReader/720968/19192>. Acesso em 01 nov. 2021.

LIMOSIN, Lucien. Les vautours du Prométhée des sourds-muets. **La Défense des Sourds-muets**, n° 24, dez. 1886, p. 127-129.

Miscellaneous. **American Annals of the Deaf and Dumb**, Vol. 20, No. 3 (JULY, 1875), pp. 187-196. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44401454>. Acesso em: 30 out. 2021.

MYGIND, Holger. **Die angeborene Taubheit. Beitrag zur Aetiologie und Pathogenese der Taubstummheit.** Berlin: Verlag von August Hirschwald, 1890.

PROCEEDINGS OF THE WORLD'S CONGRESS OF THE DEAF and the Report of the Fourth Convention of the National Association of the Deaf by ; Le Second Congrès International des Sourds-Muets [The Second International Congress of Deaf-Mutes] by Henri Gaillard, Henry Gaillard, Joseph Chazal and Henri Genis Review by: E. A. F. Source: **American Annals of the Deaf**, v. 40, n. 1, jan. 1895, p. 77-78

SOCIÉTÉ CENTRALE DES SOURDS-MUETS DE PARIS. **Banquets des sourds-muets, réunis pour fêter les anniversaires de la naissance de l'abbé de l'Épée.** Chez Jacques Ledoyen: Paris, 1842.

SOCIÉTÉ JACOB RODRIGUES PEREIRE. Bulletin de la Société J. R. Pereire. Enseignement Primaire, Enseignement des Sourds-Muets. Geneve, n. 1, jun. 1877.

ROGERS, Harriet B. Clarke Institution for Deaf-mutes. *In*: **Thirty-Third Annual Report of the Board Education, together with the Thirty-Third Annual Report of the Secretary of the Board.** Boston: Wright & Potter, State Printers, 1870.

SOCIÉTÉ JACOB RODRIGUE PEREIRE. **Bulletin de la Société Jacob Rodrigue Pereire.** Enseignement primaire. Enseignement des sourds muets. Genève: Imprimerie Taponier et Studer, n. 1, juin 1877-06.

VEDITZ, G. W.; FOX, T. F.; SMITH, J. L. **Proceedings of the World's Congress of the Deaf and the report of the seventh convention of the national association of the Deaf - Saint-Louis.** Missouri-August 20-27, 1904.

VILLIERS, Alexandre; UN COLLECTIF D'AVOCATS; CHAMPAGNAC, Jean-Baptiste J. **La sourde et la mule et autres chroniques judiciaires.** Editions du Fox. Disponível em: file:///C:/Users/HP/Downloads/Chroniques%20judiciaires%20(1)%20(1).pdf

VOLQUIN, Hector. **Surdi-mutité:** exposé de quelques faits relatifs à la question pendante devant l'Académie impériale de médecine. Paris: J.-B. Chalvet, 1853.

WESTERVELT, Z. F. American Association to Promote the Teaching of Speech to the Deaf. **American Annals of the Deaf**, Vol. 36, N° 3, June 1891, pp. 222- 224.

WILKINSON, Warring. European notes. **American Annals of the Deaf**, Vol. 38, N° 1, January, 1893, pp. 33-44. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44463792>. Acesso em 20 out. 2021.

b) Outras obras

AGAMBEN, G. A vida nua e a vacina. **Revista IHU on-line**, São Leopoldo, 20 abr. 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/608523-a-vida-nua-e-a-vacina-artigo-de-giorgio-agamben>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **História:** a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007. (Coleção História)

_____. **O tecelão dos tempos:** novos ensaios de teoria da história. São Paulo: Intermeios, 2019.

_____. A loucura da história: ciência, ética e política no pensamento de Michel Foucault. *In*: RESENDE, Haroldo de. **Michel Foucault: transversais entre educação, filosofia e história**. Belo Horizonte, 2011. (Estudos Foucaultianos), p. 65-76.

AQUINO, Julio Groppa. **Educação pelo arquivo: ensinar, pesquisar, escrever com Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2019.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARNOUD, Sabine. Fashioning a Role for Medicine: Alexandre-Louis-Paul Blanchet and the Care of the Deaf in Mid-nineteenth-century France. **Social History of Medicine**, Oxford: Society for the Social History of Medicine, pp. 1-20, 2014.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. *In*: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v. 4, p.211-61, jan./dez. 1996.

BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. **Pro Patria Laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)**. Editora EDUSF: Bragança Paulista, 2002.

BEHRENS, Marilda Aparecida; OLIARI, Anadir Luiza Thomé. A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional a complexidade. *In*: **Diálogos Educ. Curitiba**, v. 7. n. 22, set./dez. 2007.

BENVENUTO, Andrea; SÉGUILLON, D. Primeiros banquetes dos surdos-mudos no surgimento do esporte silencioso 1834-1924: por uma história política das mobilizações coletivas dos surdos. **Revista Moara**, Ed. 45, pp. 60-78, jan./jun. 2016.

BERNARD, Y. **L'esprit des sourds: les signes de l'Antiquité au XIXe siècle**. Paris: Éditions du Fox, s.d. DVD.

BERTIN, Fabrice. **Auguste Bébian et les Sourds: le chemin de l'émancipation**. Thèse Histoire. Poitiers: Université de Poitiers, 2015.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BIROLI, Flávia. História, discurso e poder em Michel Foucault. *In*: RAGO, Margareth; VEIGANETO, A. (Orgs.). **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Estudos Foucaultianos) pp.119-126.

BODÉ, Gérard; VÈNES, Hubert. **Les établissements d'enseignement technique en France 1789-1940**. Tome 1: La Corrèze. [s.l.]: Service d'histoire de l'éducation Institut national de recherche pédagogique. 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Departamento de Atenção Hospitalar, Domiciliar e de Urgência. **Protocolo de tratamento do novo coronavírus (2019 n-Cov)**. Brasília: 2020.

BRILL, Richard G. **International congresses on Education of the deaf: an analytical history 1878-1980**. Washington: Gallaudet College Press, 1984.

CANDIOTTO, Cesar. Verdade e diferença no pensamento de Michel Foucault. **Kriterion**, Belo Horizonte, nº 115, Jun. 2007, p. 203-217.

_____. Ética e política em Michel Foucault. **Trans/Form/Ação**, Marília, v.33, n.2, p.157-176, 2010.

CANTIN, Y.; CANTIN, Angélique. **Dictionnaire biographique des grands sourds en France: les silencieux de France (1450-1920)**. Paris: Archives & Culture, 2017.

CANTIN, Y. **Les Sourds-Muets de la Belle Epoque, une communauté en mutation**. Thèse (Doctorat en Histoire). 395 f. École de Hautes Etudes en Sciences Sociales. École doctorale de sciences sociale (ED). Centre de Recherches Historiques (UMR 8558). Paris, 2014.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CAETANO VELOSO. **O estrangeiro**. [Rio de Janeiro]: Polygram, 1989.

CÂMARA, L. C. **A invenção da educação dos surdos: escolarização e governo dos surdos na França de meados do século XVIII a meados do século XIX**. 315 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-graduação em Educação, Campinas, 2018.

CANGUILHEM, G. **Formation du concept de reflexe, aux XVII e XVIII siècles**. Paris: Vrin, 1994.

CARVALHO, Alexandre F. Função-educador: em busca de uma noção intercessora a favor de experiências de subjetividades ativas. *In*: RESENDE, Haroldo de. **Michel Foucault: transversais entre educação, filosofia e história**. Belo Horizonte, 2011. (Estudos Foucaultianos), p. 9-23.

CARVALHO, Daniel J. **Não basta ser surdo para ser professor: as práticas que constituem o ser professor surdo no espaço da inclusão**. 149 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória, 2016.

COUTO-LENZI, Álpia. Cinquenta anos: uma parte da história da educação de surdos. Vitória: AIPEDA, 2004.

DE HAERNE, D. Twp spanish painters: "El Mudo" and "El Sordillo". **American Annals of the Deaf and Dumb**, Vol. 26, No. 3 (JULY, 1881), pp. 179-183. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44460989>. Acesso em: 31 out. 2021.

DORES, Clarissa F. das. **A escolarização de surdos e o congresso de Milão** [manuscrito]: eclosão da normalização para oralidade. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Mariana, 2017.

DUARTE, André. Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Estudos Foucaultianos) pp.45-55.

ENCREVÉ, Florence. **Sourds et société française au XIXe siècle**. Thèse (Doctorat d'histoire). École doctorale — Pratiques et théories du sensll. 595 f. Université Paris. Saint Denis, 2008a.

FENEIS. **Nota de apoio e esclarecimento sobre o decreto da Política Nacional de Educação Especial**. Disponível em: <https://www.idea.ufscar.br/arquivos/politicas-eesp/feneis.pdf>. Acesso em 05 dez. 2020.

FISCHER, Rosa M. B. A paixão de trabalhar com Foucault. *In*: COSTA, Marisa V. **Caminhos investigativos I**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007a.

_____. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. *In*: COSTA, Marisa V. **Caminhos investigativos II**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007b.

_____. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FONTAINE, Mathieu. **Michel Foucault: une pensée de la résistance**. (Thèse Philosophie) Université de Bourgogne Franche-Comté, UFR Lettres et Philosophie École Doctorale SEPT «Société, Espaces, Pratiques, Temps», 569 f., Centre Georges Chevrier. Bourgogne, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. Entrevista ao Le Monde, (fev. 1975). *In*: ERIBON, Didier. **Michel Foucault**: uma biografia. São Paulo : Cia das Letras. 1990. p.220.

_____. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. **Bulletin de la Société française de philosophie**, Vol. 82, nº 2, pp. 35-63, avr/juin 1990b.

_____. **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994. 4v.

_____. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Org.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1995, p. 231-249.

_____. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **História da sexualidade**. V. 1. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 1999a.

_____. **Vigiar e Punir**: o nascimento da prisão. 20. ed. São Paulo: Vozes, 1999b.

_____. Crescer e multiplicar. *In*: _____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000c.

_____. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a.

_____. Nietzsche, A Genealogia, A História. *In*: MOTTA, M. B. DA (Ed.). **Ditos & Escritos** (vol. 2) – Arqueologia Das Ciências E História Dos Sistemas De Pensamento.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b. p. 260–281.

FOUCAULT, M. O que é a crítica? **Cadernos da FFC**, Marília, v. 9, n. 1, p. 169-189, 2000c.

_____. Preface. *In*: Gilles Deleuze e Félix Guattari. **Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia**. New York: Viking Press, 1977. pp. XI-XIV.

_____. O que é um autor? *In*: _____. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. **Ditos & escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b. p. 264-298.

_____. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

_____. **Poder e saber**. Estratégia, poder, saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. Verdade, Poder e Si Mesmo. *In*: MOTTA, M. B. DA (Ed.). **Ditos e escritos V - Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 294–300.

_____. A tecnologia política dos indivíduos. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos V – ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. p.301-318

_____. Gerir os ilegalismos. *In*: DROIT, R.-P. (Ed.). **Michel Foucault**: entrevistas a Roger Pol-Droit. São Paulo: Graal, 2006a. p.41-52.

_____. Eu Sou um Pirotecnico. *In*: DROIT, R.-P. (Ed.). **Michel Foucault**: entrevistas a Roger Pol-Droit. São Paulo: Graal, 2006b. p. 67–102.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **O nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008c.

_____. **Estética: literatura e pintura, Musica e cinema. Ditos e Escritos III**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2009.

_____. Conversa com Michel Foucault. *In*: _____. **Repensar a política**: Ditos & escritos VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. p. 289-347.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

_____. **A Coragem da Verdade**: o governo de si e dos outros II. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

_____. Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. **Ditos & Escritos VII**. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2011b.

_____. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014a.

_____. O jogo de Michel Foucault. *In*: **Ditos e escritos IX**: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

_____. **Em defesa da sociedade**. curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2016a.

_____. **O belo perigo**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2016b.

GAMBOA, Silvio Sanchez. **Pesquisa em educação**: métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2007.

GICQUEL, Patrice. **Once upon a time... The French Deaf**. The men and women, the places and the events that made our history. Paris: Books on Demand, 2019.

GROSCHKEK, Iris. **Unterwegs in eine Welt des Verstehens**: Gehörlosenbildung in Hamburg vom 18. Jahrhundert bis in die Gegenwart. Hamburg: Hamburg University Press, Verlag der Staats und Universitäts bibliothek Hamburg Carl von Ossietzky University Press, 2008.

GUEDES, Renato Celestino. **Debate entre caridade e ensino no Congresso de surdos de Paris de 1900 e seus desdobramentos no Brasil no ano de 1920**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2019.

GUILHERME ARANTES. **Amanhã**. Som Livre, 1977.

JOLLY, Jean (Dir.). **Dicionário de parlamentares franceses**: notas biográficas sobre ministros, senadores e deputados franceses de 1889 a 1940. PUF: Paris, 1960.

LAGE, Aline L. da S. **Professores surdos na casa dos surdos**: “Demorou muito, mas voltaram”. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2019.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. (Repertórios)

KESSLER, Carol F. **Daring to dream**: utopian fiction by United States women before 1950. New York: Syracuse University Press, 1984.

MASSCHELEIN, Jan. O aluno e a infância: a propósito do pedagógico. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 82, p. 281-288, abril 2003.

MILÃO, **Atas do congresso de - 1880**. Rio de Janeiro: INES, 2011. (Histórica, vol. 2)

MIRZOEFF, Nicholas. **Silent Poetry**: Deafness, Sign, and Visual Culture in Modern France. Princeton: Princeton University Press, 1995.

MOIROUX, Jules. **Le Cimetière du Père-Lachaise**. s.l: s.e., 1909. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6423517n/f25.item.textelimage>. Acesso em 15 nov. 2021.

MOREIRA, H.; CALEFF, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MURRAY, Joseph J. **"One touch of nature makes the whole world kin"**: the transnational lives of deaf Americans, 1870-1924. Thesis (Doctor of Philosophy degree in History). University of Iowa. Iowa, 2007.

NASCIMENTO, Gabriel S. X.; RODRIGUES, José R.; VIEIRA-MACHADO, Lucyenne M. da C.; MARTINS, Vanessa R. de O. “Além de surdo é bicha?” e, olhe a outra, “além de surda, sapatão!”: por uma historiografia de surdos gays e lésbicas a partir dos congressos da Rainbow Alliance of the Deaf. **Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, Cuiabá, v. 9, n. 21, p. 95-109, set./dez. 2022.

NETO, J. L. F. Pesquisa e metodologia em Michel Foucault. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 411-420, jul./set. 2015.

NIETZSCHE, F.W. **Assim falou Zaratustra**. Tradução: Mário da Silva. São Paulo: Linoart, 1992.

_____. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2003. (Conexões)

ORLANDI, L. B. L. Combater na imanência. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Para uma vida não-facista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. pp. 201-208

OTTAVIANI, Edelcio; FABRA, André L.; CHACON, Jerry A. Entre o assujeitamento e a constituição de si: pastoral cristã à luz de Michel Foucault. *In*: CANDIOTTO, Cesar; SOUZA, Pedro de (Orgs.). **Foucault e o cristianismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Estudos Foucaultianos), pp. 147-156.

Padden, Carol A. Language in Society, vol. 15, no. 1, 1986, pp. 120–122. **JSTOR**, www.jstor.org/stable/4167722. Accessed 17 Apr. 2021.

RASMUSSEN, Anne. Les Congrès internationaux liés aux Expositions universelles de Paris (1867-1900). In: **Mil neuf cent**, n°7, 1989. Les congrès lieux de l'échange intellectuel 1850-1914. pp. 23-44

REZENDE, Haroldo de. Notas sobre modernidade, pedagogia e infância a partir de Michel Foucault. **ETD – Educ. Tem. Dig.**, Campinas, v.12, n.1, p.242-255,jul./dez. 2010.

RICOUER, Paul. **Sobre a tradução**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, José R. **As seções de surdos e de ouvintes no Congresso de Paris (1900):** problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo - Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória, 2018.

_____; VIEIRA-MACHADO, Lucylene M. da C. A participação da Sociedade de Formação de Professores para Surdos e Difusão do Sistema “Alemão” no Congresso de Milão (1880). In: VIEIRA-MACHADO, L. M. da C.; BARBOZA, F. V.; MARTINS, V. R. O. **Pesquisas em educação de surdos, tradução, interpretação e linguística de línguas de sinais:** tecendo redes de amizade e problematizando as questões do nosso tempo. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018.

_____; OLMO, Katiúscia G. B; VIEIRA-MACHADO, Lucylene M. da C. Os surdos na cama de Procusto ou na cruz...: os (des)assujeitamentos do "eu" em uma leitura de James-Lewis Smith. In: ARAÚJO, M. P. M.; FERNANDES, Hedlamar; PINEL, H. **Educação Inclusiva: Perspectivas e Práticas Pedagógicas**. São Carlos: Pedro & João, 2019.

_____; OLMO, Katiúscia G. B; VIEIRA-MACHADO, Lucylene M. da C. Revisitar o Congresso de Milão (1880) e colocar (dez)verdades em suspenso (no prelo). *Revista de Educação Pública*, Cuiabá (no prelo).

_____; VIEIRA-MACHADO, Lucylene M. da C.; SOUZA, Regina M. Análise dois discursos de Henri Gaillard nos Congressos de Chicago (1893) e Paris (1900): quando ou como ir para o trabalho depende da língua em que é ouvido. **Revista Digital de Políticas Linguísticas**. Año 13, Volumen 14, nov. 2021.

_____; OLMO, Katiúscia G. B; VIEIRA-MACHADO, Lucylene M. da C. O Congresso de Milão segundo Adolphe Franck: um relatório desconhecido sobre uma conversão ao método oral “puro”? **1º Encontro de Pesquisas do Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDI)**. Educação e diferenças em diálogo na pandemia do Covid-19. São Carlos: UFSCAR, 23-25 de jun. de 2021. Disponível em <https://gpesdi2021.faiufscar.com/anais#/>

_____; VIEIRA-MACHADO, Lucylene M. da C. Primeiro Congresso Nacional para o melhoramento das condições dos surdos-mudos. **Revista História da Educação (Online)**, pp. 1-25, 2019, v. 23.

_____; VIEIRA-MACHADO, Lucylene M. da C. Medicina e pedagogia na educação de surdos: a Seção de Ouvintes do Congresso de Paris (1900). **I Seminário Discente: diversidade e desafios na produção científica**. Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência. Guarulhos, 10-12 de ago. de 2021a.

_____; VIEIRA-MACHADO, Lucienne M. da C.; NASCIMENTO, Gabriel S. X. Impressões sobre o Congresso de Milão. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 10, n. 3, p. 310-319, 2021b. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1934/1627>

_____; VIEIRA-MACHADO, Lucienne M. da C. A preservação da língua de sinais pelo cinema: a aposta de George Veditz no cinema como resistência. *In*: RODRIGUES, José R.; OLMO, Katiúscia G. B.; VIEIRA-MACHADO, Lucienne M. da C. **Os surdos e a sétima arte: representações, perspectivas, problematizações desde outras flutuações**. Itapiranga: Editora Schreiben, 2022.

_____; VIEIRA-MACHADO, Lucienne M. da C. Olhar novamente para o Congresso Internacional de Educação para Surdos em Milão (1880): um desafio historiográfico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 22 (1), p. 1-26, 2022b. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e202>

_____; VIEIRA-MACHADO, Lucienne M. da C. A educação de surdos como questão política nos congressos organizados por surdos no século XIX. **Revista Pontes**, Paranaíba, v. 18, p. 49-61, 2022c.

_____; VIEIRA-MACHADO, Lucienne M. da C. Por um álbum de resistências e protagonismos surdos: as fotografias dos congressos internacionais de surdos como uma experiência historiográfica. *In*: MUZARDO, Fabiane T; MAYER, Leandro; ANTONIO, Mariana Dias. **A história através das câmeras**. Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 25-41.

_____. O Congresso Internacional de Surdos-Mudos, Dijon (1898): as multifacetadas resistências surdas e suas pirotecnias. *In*: RODRIGUES, José R.; VIEIRA-MACHADO, Lucienne M. da C.; MARTINS, Vanessa R. de O. **Análise do discurso, história e subjetividade em Foucault: relações de saber/poder e a contraconduta como ativismo e resistência**. 2023a (no prelo)

_____. A vida dos surdos infames? *In*: RODRIGUES, José R.; VIEIRA-MACHADO, Lucienne M. da C.; MARTINS, Vanessa R. de O. **Análise do discurso, história e subjetividade em Foucault: relações de saber/poder e a contraconduta como ativismo e resistência**. 2023b (no prelo)

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. *In*: _____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.

SANI, Roberto. **L'educazione dei sordomuti nell'Italia dell'800**: Istituzioni, metodi, proposte formative. Torino: SEI - Società Editrice Internazionale, 2008.

SILVA, Josué R. da. **Resistências surdas**: quando as narrativas dos tradutores e intérpretes de Libras e Português nos contam as histórias. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo - Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória, 2018.

SILVA, Rosane N. *et al.* "Anormais escolares": a psiquiatria para além dos hospitais psiquiátricos. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.14, n.33, p.401-10, abr./jun. 2010.

SOARES, Carmen L. Pedagogias do corpo: higiene, ginásticas, esporte. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Estudos Foucaultianos) pp. 75-85.

STILES, H. D. W. **The Reverend F. W. G. Gilby**, O.B.E. Disponível em: <https://blogs.ucl.ac.uk/library-rnid/2011/11/25/the-reverend-f-w-g-gilby-o-b-e/>. Acesso em: 13 nov. 2021.

STATENS OFFENTLIGA UTREDNINGAR. kommitténs för partiellt arbetsföra betänkande II. **Förslag angående yrkesvägledning och yrkesutbildning för partiellt arbetsföra m. m.** Stockholm: Katalog och tidskriftstryck, 1947.

TOZONI-REIS, Marília F. de C. **Metodologia da Pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo J. Michel Foucault e educação: há algo de novo sob o sol? *In*: VEIGA-NETO, Alfredo J. (Org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 9-56.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (Pensadores & Educação, 5)

_____. Incluir para saber. Saber para excluir. **Pro-posições**, v. 12, n. 2-3 (35-36), pp. 22-31, jul.-nov. 2001.

_____. Algumas raízes da Pedagogia moderna. *In*: ZORZO, Cacilda; SILVA, Lauraci; POLENZ, Tamara (Orgs.). **Pedagogia em conexão**. Canoas: Editora da ULBRA, 2004.

VEYNE, Paul. Coma se escreve a história; Foucault revoluciona a história. Trad. de Alda Baltar e Maria A. Kneipp. 4. ed. - Brasília: Editora Universidade de Brasília,, 1998.

_____. **Foucault, o pensamento, a pessoa**. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

VIEIRA, Eliane T. de B; RODRIGUES, J. R.; OLMO, Katiuscia G. B.; MACHADO, Lucyenne M. da C. Vieira. Paul Bertrand um coda na Seção dos Surdos do Congresso de Paris (1900) e sua experiência como intérprete. *In*: Santana, Wilder K. F. de; SILVEIRA, Éderson L. (Orgs.). **Educação, Linguagens e Ensino: saberes Interconstitutivos**. Vol. 2. São Carlos: Pedro& João Editores, 2021.

VIEIRA, Eliane T. de B; RODRIGUES, J. R.; TEIXEIRA, Keila C. Berthier e a história da educação de seus "irmãos de infortúnio": a constituição de l'Épée como pai dos surdos. *In*: SOUZA, Regina M.; RODRIGUES, J. R. (Orgs.) **Ferdinand Berthier (1803-1886): erudito, professor, ativista surdo e suas contribuições para o nosso presente**. Curitiba: Editora CRV, 2021. (A história é a de quem conta: narrativas de autores surdos esquecidos pela história, 2), pp. 95-116.

VIEIRA, Eliane T. de B. **Práticas pedagógicas na educação de surdos: circuitos de transnacionalização entre documentos-monumentos, regularidades discursivas e contracondutas em questão**. 328 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Vitória, 2022.

WAQUET, François. **Os filhos de Sócrates: filiação intelectual e transmissão do saber do século XVII ao XXI**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.



ANEXO

ROTEIRO DE ANÁLISE DA SEGUNDA LEITURA DOS DOCUMENTOS	
Nível Técnico	Como a fonte foi coletada?
	Onde se encontram os originais?
	Que acesso é possível a eles?
	Como os contatos no Brasil e no exterior viabilizaram o acesso?
	Como o texto está organizado?
	A que outras fontes se refere?
	Como o evento foi organizado?
Nível metodológico	Como a fonte foi conhecida?
	Quais os critérios de seleção de dados desta fonte?
	Como foi realizado o processo tradutório?
	Que dificuldades encontradas na leitura e tradução dos trechos selecionados?
Nível teórico	Que teorias guiam a minha análise dos dados?
	Que teorias guiavam os congressistas?
	Que autores são explicitados nas atas?
	Que autores estão implícitos nas atas?
	Com que autores eu trabalho e como poderiam dialogar?
	Qual a pretensão de criticidade presente nos textos?
	E qual a minha pretensão de criticidade diante daquela ali manifesta?
	Que estudos são propostos acerca da realidade dos surdos?
	Que mudanças eram sugeridas pelos congressistas?
	Que mudanças os textos podem nos sugerir?

Nível epistemológico	Qual concepção de ciência se apresenta nos documentos?
	Como essa concepção de ciência interfere na ideia de educação?
	Que concepção de ciência me orienta?
	A educação é compreendida como ciência?
	Que outras ciências incidem sobre a educação?
	Qual episteme se apresenta nos discursos?
Pressupostos gnosiológicos	Quem são os autores das atas?
	Que classificações são feitas ao longo dos textos?
	Que ênfases dadas sugerem valorização/depreciação de alguns aspectos?
	Como generalizações são feitas?
	O que se deseja evidenciar nas atas?
	Que intencionalidade motiva essas evidenciações?
	Existem modelos em jogo?
	Como o real e o abstrato/idealizado são propostos nos textos?
	Como se dá nas atas a relação sujeito-objeto?
	O que a lista de participantes nos informa?
Pressupostos ontológicos	Qual a compreensão de humano?
	Quais as compreensões de pessoas surdas presente nas atas?
	Quais as compreensões de ouvintes?
	Qual a concepção de sociedade presente nas atas?
	O que essa concepção incidiria sobre uma educação de surdos?
	Como a concepção de sociedade se vinculava aos contextos da época?
	De que forma o aparato religioso influenciava na compreensão de humano, de sociedade, de educação e de educação de surdos?

	Qual concepção de educação em geral perpassa o texto das atas?
	Qual a concepção de educação de surdos era praticada?
	Qual a concepção de educação de surdos era desejada pelos surdos?
	Como essa concepção foi absorvida nas deliberações do evento?
	Qual a concepção de escola presente nas atas?
Síntese	Em que personagens/protagonistas os congressos de surdos se apoiaram para conceber um ideal de educação?
	Que protagonistas surdos emergem das páginas dos congressos?
	Como a concepção de educação proposta pelos surdos se constitui como uma resistência/contraconduta?
	O que dos atuais protagonismos surdos pode ser colocado em xeque com a leitura e análise dos congressos?